

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

LUÍZA ÁLVARES DIAS

**IRONIA E OUTROS MECANISMOS DE DESCREDIBILIZAÇÃO DO
PROPONENTE, À LUZ DO MODELO DIALOGAL DA ARGUMENTAÇÃO, EM
CRÔNICAS DE CARMEN DOLORES**

GOIÂNIA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Luíza Álvares Dias

3. Título do trabalho

Ironia e outros mecanismos de credibilização do Proponente, à luz do Modelo Dialogal da Argumentação, em crônicas de Carmen Dolores

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luíza Álvares Dias, Discente**, em 16/04/2026, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 17/04/2026, às 07:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6134839** e o código CRC **E100F771**.

Referência: Processo nº 23070.003599/2026-52

SEI nº 6134839

LUÍZA ÁLVARES DIAS

**IRONIA E OUTROS MECANISMOS DE DESCREDIBILIZAÇÃO DO
PROPONENTE, À LUZ DO MODELO DIALOGAL DA ARGUMENTAÇÃO, EM
CRÔNICAS DE CARMEN DOLORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Texto e Discurso

Orientação: Prof. Dr. Rubens Damasceno-Morais

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Dias, Luíza Álvares
Ironia e outros mecanismos de descrédibilização do Proponente, à luz do Modelo Dialogal da Argumentação, em crônicas de Carmen Dolores [manuscrito] / Luíza Álvares Dias. - 2026.
194 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Rubens Damasceno-Morais
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2026.
Anexo.
Inclui: siglas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Carmen Dolores. 2. Ironia. 3. Valores. 4. Modelo Dialogal da Argumentação. 5. Crônica.

I. Damasceno-Morais, Rubens, orient. II. Título.

CDU 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 6 da sessão de Defesa de Dissertação de Luíza Álvares Dias que confere o título de Mestra em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos cinco dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, a partir das 9h via Google Meet, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “Ironia e outros mecanismos de descrédibilização do Proponente, à luz do Modelo Dialogal da Argumentação, em crônicas de Carmen Dolores”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Rubens Damasceno Moraes (PPGLLL/FL/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Ana Cristina Carmelino (UFSPU/UNIFESP) membro titular externo; Professora Doutora Isabel Cristina Michelan de Azevedo (PPGL/UFS), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Rubens Damasceno Moraes, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos cinco dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 05/03/2026, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carmelino, Usuário Externo**, em 05/03/2026, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabel Cristina Michelan de Azevedo, Usuário Externo**, em 05/03/2026, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5970939** e o código CRC **D05EA905**.

AGRADECIMENTOS

São muitas as mentes que fizeram parte desta dissertação, mesmo que nem tenham conhecimento disso. Agradeço a todas as professoras e a todos os professores que contribuíram com a minha formação. Principalmente no superior, etapa na qual fui imediatamente atraída para a Linguística, primeiro pela Análise do Discurso, antes de ser “cooptada” (gentilmente) pela Argumentação. Meu mais sincero agradecimento aos professores de Literatura, principalmente àqueles e àquelas que me fizeram rever minha formação literária e perceber a necessidade de ler mais mulheres. Sou grata à formação integral que recebi da Faculdade de Letras, que tanto auxiliou meu desenvolvimento como ser humano.

Agradeço aos meus amigos da graduação (Letícia, Daniela, Gabriel, Jackelline, Maria Beatriz, Tarcílio e Thalita) por terem, de diferentes formas, apoiado esse processo. Também sou grata por ter tido a companhia das amigas da pós-graduação (e companheiras de viagens para congressos): Letícia, Tatiane, Iara e Bruna.

Não posso deixar de citar a importância da minha família, sobretudo da minha mãe, do meu pai e do meu irmão, que acompanharam esse processo, ao mesmo tempo angustiante e recompensador. Aos meus professores de idiomas (Lucas e Jéssica), que sempre me perguntavam sobre meu andamento e me confortavam. Igualmente, reconheço a importância de ter tido o apoio da minha psicóloga para não enlouquecer durante esse período de pesquisa, conciliando-o com o trabalho. Finalmente, está terminado todo esse período de pura ansiedade — pelo menos até que eu invente outro.

Agradeço às professoras que me auxiliaram nesta pesquisa: Ida Lucia Machado, pela leitura do projeto de pesquisa e pelas dicas sempre muito pertinentes e bem-humoradas; Ana Cristina Carmelino, pela leitura minuciosa e por todas as orientações em torno da ironia e do humor; e Isabel Cristina Michelan de Azevedo, pela leitura do texto de qualificação, pelas dicas e pela empolgação com meu trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Rubens Damasceno-Morais, por todos esses anos de orientação e cuidado para que esse “tomatinho” amadurecesse nesse universo acadêmico.

Por fim, e não menos importante, não posso deixar de agradecer a Carmen Dolores, uma mulher de seu tempo que ajudou a pavimentar o caminho que percorremos hoje. Ler suas crônicas foi um alívio em tempos tão difíceis: suas palavras, suas ironias, seu “jeitinho” são encantadores e nos mostram a importante participação de mulheres como ela para nossa história. Esta dissertação é uma tentativa de driblar seu memoricídio. Espero que eu tenha alcançado este objetivo, minimamente ao menos.

“Não estamos todas de mãos atadas. Algumas temos pequenos lugares ou momentos de escape para nos encontrar entre nós, falar, escrever ou refletir. Quer dizer que alguém, muitas outras, resistiram para, ao menos, umas quantas de nós possamos estar pensando que ainda é possível resistir e, quem sabe, mudar a ordem das coisas. Não significa que sejamos livres – estamos também em cativeiro –, mas temos a marca que nos chegou daquelas que vêm se opondo ao horror há 12 mil anos, e isso possibilita semear outras resistências e tentar acompanhar e nos acompanhar nas horas ruins.”

Patricia Karina Vergara Sánchez

“A mulher que ri significa uma ameaça ao narcisismo masculino receoso de ser ridicularizado, enquanto o homem representa uma ameaça à própria vida da mulher.”

Marcia Tiburi

RESUMO

Carmen Dolores consolidou-se como uma grande escritora brasileira no início do século XX, a partir da publicação de suas crônicas em jornais de ampla circulação da época. Com a motivação de investigar uma proeminente escritora, esquecida pela historiografia literária, além de estudá-la sob um domínio distinto do literário, isto é, o domínio da linguística e da argumentação, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar de que forma, por meio da ironia, além de outros mecanismos que denominamos de descridibilização do Proponente, ela realça seu papel argumentativo de Oponente (Plantin, 2018). Para isso, nesta pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, identificamos, nas seis crônicas selecionadas a partir do levantamento realizado por Maria Risolet Hellmann (2015) e da coleta feita na Hemeroteca Digital, os trechos irônicos, tendo como base as condições do enunciado irônico de Tindale e Gough (1987), Brait (2008) e Ducrot (2020), para elaborar nossas próprias condições de trabalho com esse corpus específico. A partir da identificação das ocorrências da ironia nas crônicas, foi possível verificar quais valores (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) Carmen Dolores e os demais autores que ela evoca defendem, para, em seguida, inferir qual a função comunicativo-retórica (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969) de cada uso da ironia identificado na primeira etapa: ridicularização, refutação ou reforço. Destacamos ainda o uso, pela escritora, de mecanismos como elogios, perguntas retóricas e momentos de zombaria, que, de alguma forma, vinculavam-se à ironia por compartilharem determinadas características intrínsecas a ela. Por fim, a partir desse percurso, demonstramos como a escritora se posiciona como Oponente (Plantin, 2018) com o uso da ironia e desses outros mecanismos. Concluímos, então, que, embora a ironia pareça um recurso que dissimula a real intenção do ironista, ao ser associada a esses outros mecanismos, Carmen Dolores evidenciava-se como uma voz dissonante e ferrenha diante de uma sociedade patriarcal e, sem dúvidas, ocupava o papel argumentativo de Oponente.

Palavras-chave: Carmen Dolores; ironia; valores; Modelo Dialogal da Argumentação; crônica.

ABSTRACT

Carmen Dolores established herself as a major Brazilian writer early in the 20th century through the publication of her chronicles in widely circulated newspapers of the time. Motivated to study a prominent writer forgotten by literary historiography—and approaching her work within a domain distinct from the literary, namely linguistics and argumentation—this research aimed primarily to analyze how, through irony and other mechanisms we term “discrediting the Proponent”, she emphasizes her argumentative role of Opponent (Platin, 2018). To this end, in this qualitative and bibliographic study, we identified—in six chronicles selected from the survey conducted by Maria Risolette Hellmann (2015) and from the collection in the Hemeroteca Digital—ironic excerpts, based on the conditions of ironical utterance by Tindale and Gough (1987), Brait (2008) and Ducrot (2020) to elaborate our own conditions to work with this specific corpus. After identifying occurrences of irony in the chronicles, we identified which values (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) Carmen Dolores and other authors she evokes defend, in order to subsequently infer the communicative-rhetorical function (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969) of each use of irony identified in the first stage: ridicule, refutation, or reinforcement. We also highlight the writer’s use of mechanisms such as praise, rhetorical questions, and moments of mockery, which were somehow linked to irony by sharing certain intrinsic characteristics. Finally, through this process, we demonstrated how the writer positions herself as an Opponent (Plantin, 2018) using irony and these other mechanisms. We concluded, therefore, that, although irony seem like a resource that conceals the ironist’s true intention, by adding these other mechanisms, Carmen Dolores revealed herself as a dissonant and fierce voice in the face of a patriarchal society and undoubtedly occupied the argumentative role of Opponent.

Keywords: Carmen Dolores; irony; values; Dialogical Model of Argumentation; chronicle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do tempo de Carmen Dolores	16
Figura 2 – Encarte sobre Carmen Dolores na exposição <i>As mensageiras</i>	51
Figura 3 – Texto sobre Carmen Dolores no encarte <i>As mensageiras</i>	52
Figura 4 – Captura de tela de excerto da crônica “Ideias que esvoaçam”, publicada no jornal <i>Correio da Manhã</i>	56
Figura 5 – Captura de tela da abertura do concurso feminino “Qual a melhor carreira?”, publicada no jornal <i>Correio da Manhã</i>	95
Figura 6 – Captura de tela do resultado das votações do Concurso feminino, no dia 29 de maio.....	105
Figura 7 – Representação do embate interdiscursivo Proponente-Oponente.....	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais conceitos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA).....	31
Quadro 2 – Síntese das principais discussões em torno da ironia neste capítulo	49
Quadro 3 – Relação de crônicas	58
Quadro 4 – Excerto 1, C1	71
Quadro 5 – Excerto 2, C1	73
Quadro 6 – Excerto 3, C1	74
Quadro 7 – Excerto 4, C1	76
Quadro 8 – Excerto 5, C2	77
Quadro 9 – Excerto 6, C2	77
Quadro 10 – Excerto 6, C2	78
Quadro 11 – Excerto 7, C2	79
Quadro 12 – Excerto 8, C3	81
Quadro 13 – Excerto 9, C3	82
Quadro 14 – Excerto 10, C3	83
Quadro 15 – Excerto 11, C3	83
Quadro 16 – Excerto 12, C3	84
Quadro 17 – Excerto 13, C4	86
Quadro 18 – Excerto 14, C4	86
Quadro 19 – Excerto 15, C4	89
Quadro 20 – Excerto 16, C4	90
Quadro 21 – Excerto 17, C4	91
Quadro 22 – Excerto 18, C3	92
Quadro 23 – Excerto 19, C3	92
Quadro 24 – Excerto 20, C5	94
Quadro 25 – Excerto 21	96
Quadro 26 – Excerto 22	96
Quadro 27 – Excerto 23, C5	98
Quadro 28 – Excerto 24, C5	100
Quadro 29 – Excerto 25, C5	100
Quadro 30 – Excerto 26, C5	102
Quadro 31 – Excerto 27	106
Quadro 32 – Excerto 28, C6	106

Quadro 33 — Excerto 29, C6	107
Quadro 34 — Excerto 30, C6	109
Quadro 35 — Excerto 31, C6	110
Quadro 36 — Excerto 32, C6	110
Quadro 37 — Excerto 33, C6	111
Quadro 38 — Excerto 34	112
Quadro 39 — Excerto 35	112
Quadro 40 — Excerto 36, C6	113
Quadro 41 — Excerto 37, C6	113
Quadro 42 — Excerto 38, C6	114
Quadro 43 — Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C1	118
Quadro 44 — Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C3	121
Quadro 45 — Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C4	122
Quadro 46 — Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C5	124
Quadro 47 — Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C6	127
Quadro 48 — Síntese dos mecanismos de descridibilização do Proponente	141
Quadro 49 — Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C1	145
Quadro 50 — Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C5	148
Quadro 51 — Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C6	151
Quadro 52 — Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C3 e C4	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do discurso
ALED	Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso
IC	Iniciação científica
MDA	Modelo Dialogal da Argumentação
SE	Sujeito empírico
TAL	Teoria da Argumentação na Língua
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	MODELO DIALOGAL DA ARGUMENTAÇÃO	26
3	IRONIA: UM PERCURSO HISTÓRICO, LITERÁRIO E LINGUÍSTICO	33
3.1	Na Antiguidade	33
3.2	Na literatura.....	35
3.3	Na linguística.....	37
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
4.1	Gênese da pesquisa	51
4.2	Seleção do corpus.....	55
4.3	Atravessamentos teóricos no corpus: ironia, Modelo Dialogal da Argumentação e valores.....	59
4.4	Procedimentos para a análise da ironia nas crônicas de Carmen Dolores	67
5	IDENTIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DA IRONIA E DAS CATEGORIAS DO MODELO DIALOGAL	69
5.1	Identificação da ironia nas crônicas de Carmen Dolores	70
5.1.1	Contexto e identificação da ironia na C1	70
5.1.2	Contexto e identificação da ironia na C2	77
5.1.3	Contexto e identificação da ironia na C3	80
5.1.4	Contexto e identificação da ironia na C4	87
5.1.5	Contexto e identificação da ironia na C5	94
5.1.6	Contexto e identificação da ironia na C6	103
5.2	Síntese das questões argumentativas, da estase e dos papéis argumentativos das crônicas.....	115
5.3	Categorização das funções comunicativo-retóricas das ocorrências da ironia	117
5.3.1	Categorização da função-retórica da ironia na C1.....	118
5.3.2	Categorização da função-retórica da ironia na C3.....	120
5.3.3	Categorização da função-retórica da ironia na C4.....	122
5.3.4	Categorização da função-retórica da ironia na C5.....	124
5.3.5	Categorização da função-retórica da ironia na C6.....	126
6	A CONSTRUÇÃO DO PAPEL ARGUMENTATIVO DE Oponente PELA IRONIA E POR OUTROS MECANISMOS	130
6.1	Outros mecanismos de descredibilização do Proponente, além da ironia.....	132

6.1.1 Elogios	133
6.1.2 Perguntas retóricas.....	136
6.1.3 Zombaria	138
6.2 Construção da interação interdiscursiva Proponente-Oponente com o uso da ironia e dos mecanismos de descredibilização do Proponente	142
6.2.1 A ocorrência da ironia em crônicas que propõem a discussão do trabalho e dignidade como valores.....	144
6.2.2 A ocorrência da ironia em crônicas que propõem a discussão da igualdade como valor	152
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS.....	160
ANEXO A – CRÔNICAS ANALISADAS DE CARMEN DOLORES.....	168
ANEXO B – TEXTOS MENCIONADOS NAS CRÔNICAS C5 E C6.....	189

1 INTRODUÇÃO

A motivação pessoal desta pesquisa surgiu a partir do interesse de unir estudos linguísticos e literários, em especial a argumentação e a literatura escrita por mulheres no Brasil. Sei que esse intento não é algo novo, a exemplo de Bárbara Amaral da Silva (2020), que analisou ensaios de Nísia Floresta sob a ótica da Problematologia de Michel Meyer. Contudo, ainda na ocasião da escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC), encontrei um espaço de diálogo para as duas áreas. Aquele trabalho nasceu de uma provocação: o crítico literário Agripino Grieco, em *Evolução da prosa brasileira*, publicado em 1933, denominou a escritora Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, de “argumentadora máscula” (Grieco, 1933). Como estudava as teorias da argumentação desde o início da graduação, a classificação da autora como “argumentadora” e, sobretudo, como “máscula” motivou-me. Afinal, eu me perguntava: como seria possível identificar marcas relativas ao gênero na escrita?

Em razão desse interesse e dessa provocação, no trabalho final da graduação, centrei-me na investigação de características “másculas” na escrita de Carmen Dolores a partir de duas categorias de análise: a noção de *valor* da Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) e a de *ethos* discursivo (Maingueneau, 2009). Por meio dessas categorias e da análise de crônicas da autora, verificou-se que nem os valores (relacionados a suas crenças e opiniões), nos quais ela se apoiava, nem a imagem discursiva (*ethos*), que ela expressava, indicavam uma “masculinidade”. Muito pelo contrário, ela se expressava, em seus textos, como mulher e defendia valores ligados ao universo feminino naquela época, como o trabalho — no caso, o trabalho fora da esfera doméstica — e o antipatriarcalismo, divulgando a ideia de que as mulheres não eram inferiores aos homens, visto que a inferioridade física e mental da mulher era amplamente divulgada naquele tempo com base em supostas evidências científicas.

Concluiu-se, no TCC, que a caracterização como “máscula” adveio do fato de que, naquele período, com a existência de poucas mulheres com as quais Carmen Dolores pudesse ser comparada, ela foi equiparada ao sexo masculino, já que, historicamente, em uma sociedade patriarcal — ainda mais poderosa à época, quando os papéis de gênero eram rigorosamente seguidos —, era ao homem que era dado o poder de voz e da escrita, inclusive em veículos jornalísticos nos quais ela publicava suas crônicas de teor argumentativo. Os resultados do TCC, juntamente a reflexões posteriores a essa pesquisa, resultaram em um artigo publicado (Dias;

Damasceno-Morais, 2024)¹, no qual sintetizamos a pesquisa empreendida na conclusão do curso, apresentando os principais resultados.

A análise dos textos cronísticos da escritora mostrou-se profícua. Ao final do trabalho, o objetivo era verticalizar as investigações a respeito de sua suposta imagem de “masculinidade” na escrita, mas, julgando que recairíamos em essencialismos de gênero e em algo que os estudos de gênero na literatura julgam não ser proveitoso — a suposta distinção das escritas feminina e masculina —, identificamos outro objeto de pesquisa nas crônicas de Carmen Dolores que poderia ser ainda mais instigante: a ironia, categoria de análise central neste trabalho.

Antes de adentrar em um breve estado da arte deste conceito, é interessante apresentarmos, brevemente, Carmen Dolores, pois ela foi uma escritora que, junto com muitas outras, permaneceu fora dos holofotes por um tempo considerável. Ela nasceu Emília Moncorvo Bandeira de Mello em 11 de março de 1852, no Rio de Janeiro². Durante o Império, como bem aponta Hellmann (2015) a partir de fontes primárias, a família de Emília fez parte da aristocracia brasileira. Ela teve uma boa educação, acima do esperado para uma moça naquela época. É difícil precisar fielmente a sua formação, por falta de documentos que a comprovem, mas, pelas referências literárias (francesas e portuguesas, principalmente) e pelas citações em inglês e francês que faz ao longo de suas crônicas, supõe-se que Emília tenha sido proficiente nos dois idiomas, muito provavelmente em razão do acesso a uma biblioteca rica em obras literárias na versão original, nos dois idiomas, além de ter estudado latim. Em sua carreira literária, em uma de suas crônicas, Emília Moncorvo, já com o codinome Carmen Dolores, cita, ela mesma, que sua formação se diferiu de outras meninas na época, e o faz com certo tom de irreverência:

Que culpa tenho, afinal, se me não educaram pela cartilha dos conventos ou das instituições religiosas, aprendendo a preparar doces e biscoitos, nos primeiros e nas outras a fazer bem a reverência nos *parloirs* amáveis, a recitar fábulas em francês e a conhecer o exato valor da hipocrisia social e da reza nas capelas floridas, como governa a vida? (Dolores, 1908a, p. 1).

É difícil determinar, também, quando ela começou a escrever. No entanto, antes de comentar sobre suas obras e sua inserção no meio literário, é necessário discorrer brevemente a respeito de um fato que mudaria sua vida: o casamento.

¹ Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/17431>. Acesso em: 26 jun. 2025.

² As informações ora apresentadas tomam por fonte principal a extensa pesquisa biográfica de Risolette Maria Hellmann (2015) acerca da vida e obra da escritora carioca, assim como publicações posteriores da autora (Hellmann, 2013, 2021).

Ela casou-se aos 15 anos, em 1867, com Jeronymo Bandeira de Mello, 14 anos mais velho do que ela. O casal teve seis filhos, entre eles a sua filha mais velha, a também escritora Maria Cecília Bandeira de Melo Vasconcelos, cujo pseudônimo era Chrysanthème. Em 1886, Jeronymo falece, deixando Emília viúva aos 34 anos. Em algum momento entre a morte do marido e a inserção de Emília nas letras nacionais, um dos filhos dela também faleceria, como relata em uma de suas crônicas. Possivelmente, apesar de ter outros filhos, a perda desse filho que a ajudava a sustentar financeiramente a casa fez com que ela começasse a trabalhar, algo pelo que mais tarde ela se orgulharia:

Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como **diletante** muito oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias. Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa, discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me vi sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher (Dolores, 1907a, p. 1).

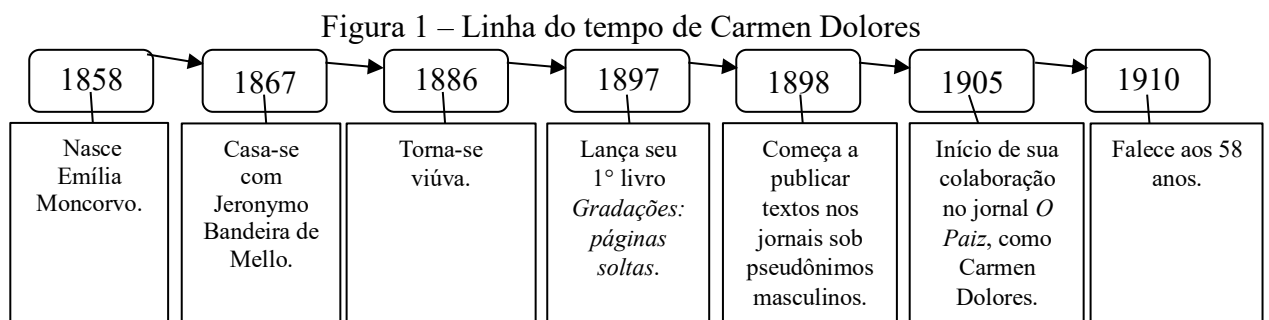
Em 1897, aos 45 anos, os biógrafos indicam ser o ano de sua primeira obra publicada: *Gradações: páginas soltas*, um livro de contos, já apresentado ao público sob o pseudônimo de Carmen Dolores. A obra contou com uma recepção tímida, praticamente nula. Os biógrafos deixam patente que Emília se apresentou e brincou com o público sob vários pseudônimos, em uma atitude versátil com mil faces, lembrando um pouco o que Fernando Pessoa fizera em sua trajetória literária, quando assinou suas poesias com diversos nomes diferentes. Aqui, é interessante destacar que a autora se apresentou também adotando pseudônimos masculinos, possivelmente uma forma de publicar, de forma facilitada, seus textos, já que à época não era comum que mulheres os publicassem em periódicos, por exemplo (Hellmann, 2015).

Em 1898 (ano seguinte ao da publicação de *Gradações: páginas soltas*), ela começa a publicar, sob o pseudônimo de Júlio de Castro, crônicas, contos, ensaios e textos críticos nos jornais *O Paiz* e *Gazeta de Petrópolis*. Em 1902, sob o nome de Mario Villar, publica um conto na *Gazeta de Petrópolis*. Ela escreve como Júlio de Castro até 1903, quando altera seu nome para Leonel Sampaio com a publicação de contos em jornais de Pernambuco, do Maranhão, do Rio de Janeiro e da Bahia. Como Celia Marcia, único pseudônimo feminino além de Carmen Dolores, escreve, durante quase um ano, entre 1904 e 1905, cartas escritas em francês no jornal *L'étoile du Sud* (RJ).

A partir de 1905 até 1910, ano de sua morte, começa a publicar no jornal *O Paiz*, no qual contribuiu com 287 crônicas, segundo levantamento de Hellmann (2015), com o nome

Carmen Dolores. Ela continua a escrever e a divulgar seus textos com os pseudônimos Leonel Sampaio e Mario Villar (este apenas duas vezes, em 1899 e 1906, com contos curtos) em jornais variados até 1906. A partir de então, publica exclusivamente como Carmen Dolores, tanto crônicas (em jornais além de *O Paiz*) quanto livros (*Um drama na roça*, 1907; *Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças*, 1908). Em 1908 e 1909, há registros, em jornais, de encenações de uma peça de sua autoria, intitulada *Desencontros*, embora do texto não tenhamos o registro (Hellmann, 2015).

Emília Moncorvo Bandeira de Mello, eternizada como Carmen Dolores, faleceu em 16 de agosto de 1910, de peritonite aguda, aos 58 anos. Na época, diversos cronistas lamentaram sua morte, exaltando a potente escritora que ela foi. Postumamente, foram publicados *A luta* (1911), veiculado em folhetim em 1909, *Ao esvoaçar da ideia* (1910), um compilado feito pela autora de suas crônicas veiculadas n’*O Paiz* e n’*O Correio da Manhã*, e *Almas complexas* (1933), organizado e prefaciado por sua filha Maria Cecília Bandeira de Melo Vasconcelos. Para resumir, apresentamos uma linha do tempo com os principais fatos da vida da autora:



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados de Hellmann (2015).

Como foi evidenciado, sua produção mais acentuada foi a de crônicas divulgadas em jornais de ampla circulação da época. Ela era uma colunista fixa, ou seja, publicava semanalmente seus textos com comentários de acontecimentos daquele período nos jornais *O Paiz* e *Correio da Manhã*. A crônica é um gênero textual proveniente do *feuilleton* (folhetim) francês. Em um lugar muito preciso, na primeira página, o folhetim localizava-se no rodapé e era destinado ao entretenimento dos leitores. Na França, servia “como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica” (Meyer, 1992, p. 96). Já no Brasil, influenciado pelas modas francesas, o folhetim foi facilmente absorvido, servindo para abrigar romances que faziam sucesso no exterior, traduzidos assim que chegavam os pacotes, bem como para publicar resenhas e crônicas, anônimas ou não, de assuntos tratados com leveza.

Presente no espaço dos folhetins, a crônica focava (e foca, já que ainda é um gênero textual utilizado) no circunstancial e possuía comentários de acontecimentos reais ou do imaginário do cronista, “tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real” (Sá, 1985, p. 9). Nesse gênero textual, a linguagem deve ser utilizada para captar o leitor, e a escrita, sobre e para o cotidiano moderno, adequa-se a tempos cada vez mais velozes, por ser simples e comunicativa, parecendo um bate-papo entre amigos e tratando as minúcias do dia a dia, as quais são, muitas vezes, preenchidas por uma linguagem poética (Arriguci Júnior, 1987).

Um gênero moderno e rápido para se ajustar àqueles tempos era escrito com semelhante rapidez. Os excessos eram polidos a fim de ajustar-se ao espaço determinado pelos editores do jornal, por isso o tamanho diminuto (Sá, 1985). A efemeridade do meio de comunicação, o jornal, também é algo a se considerar, pois, em periódicos diários, o volume do dia anterior já é atualizado no seguinte, com novas notícias. Mesmo que foque no circunstancial, alguns temas retratados neste gênero são muito atuais. Um exemplo disso são os pontos evocados por Carmen Dolores em suas crônicas, publicadas no início do século XX, em que temas como feminicídio (evocando um termo mais contemporâneo) eram comentados por ela, assim como a desigualdade social, a desigualdade de gênero e os problemas advindos da modernização das cidades, como atropelamentos e enxurradas. Podemos pensar que esse foi seu trunfo à época — comentar acontecimentos recentes com muita criticidade —, mas, ao mesmo tempo, também é um dos motivos pelos quais não teve seu nome entre os autores canônicos brasileiros, pois, como sua produção mais expressiva foi a de crônicas e o principal veículo de disseminação delas eram os jornais, que, por sua vez, também focam no circunstancial, nos acontecimentos de determinado dia, ela não pôde gravar propriamente seu nome na eternidade (Hellmann, 2015).

Na época de Emília Moncorvo/Carmen Dolores, o jornal — apesar de atualmente já ter sido substituído pelo digital e, sobretudo, pelas redes sociais — era um importante veiculador de opiniões, inclusive de ideias que, atualmente, são consideradas machistas e misóginas. A mentalidade brasileira era proveniente de séculos de influência cristã e, no século XIX, de discursos científicos que atestavam a divisão de papéis de gênero. Por exemplo, foi no século XIX que o italiano Cesare Lombroso, psiquiatra e criminologista, em livros como *O homem delinquente* (1876), defendia que era possível identificar criminosos por meio de seus traços faciais e compleições corporais (Lombroso, 2010).

No que tange às mulheres, n’*A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal* (1893), escrito por Lombroso e Guglielmo Ferrero, a partir de um aparente discurso científico,

os autores afirmavam que, biologicamente, as mulheres eram inferiores ao homem (Lombroso; Ferrero, 2022). Mais do que isso, consideravam que mulheres que possuíam “erotismo intenso e forte inteligência eram despidas do sentimento de maternidade” (Soihet, 2009, p. 40) e poderiam tornar-se criminosas, loucas ou prostitutas, cabendo como única solução afastá-las do convívio social, uma espécie de caça às bruxas moderna.

Com isso, caracterizavam-se como biológicos aspectos considerados femininos, como a fragilidade, o recato, a sobrevalorização do sentimento em detrimento da razão e até mesmo a subordinação sexual. Por outro lado, o homem era biologicamente dotado de razão, de autoridade e de uma sexualidade avassaladora. Coincidentemente, tais ideias, sustentadas por uma aparente cientificidade, confirmavam e mantinham o *status quo* de dominação do homem sobre a mulher.

Compreender a mentalidade dessa época é imprescindível para esta pesquisa, em especial os valores defendidos pelos expoentes desses discursos considerados científicos, aos quais Carmen Dolores se opõe frequentemente, sobretudo nas crônicas que foram analisadas aqui. Os valores são uma categoria retórica, retomada na contemporaneidade pela Nova Retórica, que, junto aos fatos, verdades e presunções, são objetos de acordo para que se crie, em uma situação argumentativa, um campo de discussão razoável, visando à adesão dos espíritos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). A Nova Retórica interessa-se “pela maneira como se argumenta com os valores em vista do preferível” (Guerrini, 2022, p. 34, tradução nossa) e, como objeto de acordo do preferível, o valor é um dos meios para fazer com que se adira a uma opinião em detrimento de outra.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) explicam o conceito apresentando como exemplo a oposição entre classicismo e romantismo. Enquanto o primeiro estabelecia valores como racionalidade, eternidade e estabilidade (lugares de quantidade, segundo a Nova Retórica, pois valoriza algo por razões quantitativas), o segundo pregava valores como a genialidade, a unicidade e a originalidade (lugares da qualidade, superiores à quantidade, pois valoriza-se o que é único).

Ademais, o *Tratado de argumentação: a Nova Retórica* (1958) é uma obra que busca a lógica dos juízos de valores, isto é, o fornecimento de parâmetros objetivos e universais para aferir valores. Com isso, ela distingue os valores abstratos dos concretos. Os abstratos são ligados a conceitos substanciais, como a justiça e a verdade; já os concretos relacionam-se com instituições, tais como o Estado e a Igreja (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Como foi dito, esses valores estão atrelados à sociedade, predominando de acordo com uma época ou outra. Em síntese, os valores abstratos são constituídos de ideias abstratas, mas muito consolidadas

socialmente, enquanto os valores concretos são representados por instituições, igualmente consolidadas na sociedade.

Os valores só existem considerando a existência de diversos grupos sociais, pois cada um defende valores diferentes. A esses grupos sociais, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) atribuem o nome de auditório, aqueles que ocupam o lugar de ouvintes na relação com um orador. Se são um auditório geral, com pessoas pertencentes a diferentes grupos, são denominados auditórios universais. Caso sejam compostos por grupos de indivíduos específicos, com funções e características sociais específicas, são auditórios particulares. Por isso, é importante que um orador saiba com quem se comunicará a fim de que adeque os objetos de acordo com seu auditório, incluindo os valores.

Se pudermos exemplificar um auditório universal e um particular na época de Carmen Dolores, levaríamos em conta jornais como *O Paiz* e *O Correio da Manhã*, que, por abarcarem temas mais gerais, tinham a escritora como colunista, mas também outros jornalistas que defendiam ideias variadas. Portanto, esses jornais visariam a um auditório universal. Por outro lado, como atesta o levantamento de Constância Lima Duarte (2017), havia muitos jornais editados por mulheres, que lutavam por direitos iguais aos homens, além de denunciar comportamentos machistas e chamar outras mulheres à luta. Alguns exemplos são: *O Sexo Feminino* (1873–1889), lançado por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, *A Família* (1888–1897), de Josephina Álvares de Azevedo, e *A Mensageira* (1897–1900), de Presciliana Duarte. Logo, o público-alvo desses jornais seriam mulheres e demais pessoas que defendiam os mesmos ideais, constituindo, portanto, auditórios particulares.

Em relação às crônicas de Carmen Dolores, ela evoca temas variados, muitos deles relacionados à figura da mulher. Com isso, estabelece um diálogo com o público feminino, mas não apenas com ele, já que constantemente refere ideias com as quais não concorda para se opor a elas. Em razão disso, será importante analisar quais valores ela mobiliza para se opor a outros valores.

Acreditamos que esses valores podem ser ainda mais destacados com o uso de um recurso que, em seu estado da arte, ora foi considerado apenas estilístico ora estratégico: a ironia. Muito utilizada por ela em seus textos, a ironia é um recurso cujas primeiras abordagens teóricas datam da Antiguidade — crê-se que sua primeira menção veio de Platão, no século IV a. C., a partir dos ensinamentos de Sócrates, e foi retomada por Aristóteles (Muecke, 2020). Em razão disso, o conjunto de estudos acerca de discursos irônicos é vasto e possui diversos meandros, já que figurou em diferentes tempos históricos e foi estudado em outros campos além da Linguística, como nos estudos clássicos (Brait, 2008; Eggs, 2009; Muecke, 2020; Rabatel,

2012), no Romantismo alemão (Brait, 2008; Duarte, 1994), na Pragmática (Gibbs Jr.; O'Brien, 1991; Grice, 1975; Kerbrat-Orecchioni, 1978; Searle, 1979), na Análise do Discurso (Brait, 2008; Hutcheon, 2000) e na Argumentação (Anscombre; Ducrot, 1983; Ducrot, 2020; Kaufer, 1977; Kaufer; Neuwirth, 1982; Machado, 1995; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014; Tindale; Gough, 1987).

O uso da ironia, interesse da nossa pesquisa, parece ser muito mais do que apenas um recurso estilístico, uma figura de linguagem. Hellmann (2015) destaca as características de ousadia e irreverência de Carmen Dolores, e podemos entender que essa caracterização se dá, inclusive, pelo uso da ironia pela escritora.

A ironia, por muito tempo, foi considerada como a expressão do contrário do que, de fato, enuncia-se. Por isso, para Eni Orlandi (2012, p. 10), ela é o desencontro entre dito e significação: “[...] o que o locutor diz literalmente e o que ele fala metaforicamente diferem. Em outras palavras: o que ele significa é diferente do que ele diz”. Deve-se tratar com parcimônia, porém, a definição mais comum de ironia — dar a entender o contrário do que se diz (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) —, que é proveniente de manuais retóricos, como os de Quintiliano (Rabatel, 2012), visto que nem sempre a ironia será caracterizada dessa forma. Exploraremos este ponto na seção 3, referente à ironia.

Lélia Parreira Duarte (1994) traça um panorama histórico, indo do uso retórico ao romântico da ironia na literatura, e ela, assim como outros teóricos (Machado, 1995; Muecke, 1969; Orlandi, 2012), chega à conclusão de que esse recurso está intrinsecamente ligado ao processo comunicativo, dado que o escritor não é o único intérprete da ironia, mas o leitor é igualmente importante no processo de compreensão dela. A tríade escritor-texto-leitor, então, deve ser estabelecida para que haja o pleno entendimento do caráter irônico de um enunciado. Isso, porque, segundo Catherine Kerbrat-Orecchioni (1978), ele configura incerteza para o receptor.

Ida Lucia Machado (1995, 2014) também destaca o fenômeno comunicativo da ironia nesses termos (estabelecimento de uma relação entre três partes: escritor-texto-leitor), assim como apresenta o viés argumentativo desse recurso. Para isso, ela destaca a noção de argumentação de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014) no *Tratado de argumentação* — uso de estratégias que possuem o objetivo de promover a comunhão dos espíritos, isto é, a adesão a uma determinada tese. Para Machado (1995) — e até mesmo para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), que a veem como uma forma de argumentação pelo ridículo —, a ironia é uma estratégia argumentativa, visto que pode ser encarada como um “jogo” entre aqueles que participam de um processo comunicativo:

O sujeito-irônico prefere – por uma razão ou outra – enunciar algo por meio de uma não-verdade que o protegerá, sem dúvida, das sanções que um enunciado muito agressivo ou direto poderia provocar. Quando inserida na comunicação, a ironia faz parte de um jogo lúdico, jogo de gato e rato – por vezes cruel – entre os sujeitos da comunicação. A partir desse raciocínio acreditamos poder incluí-la no vasto mundo da argumentação (Machado, 1995, p. 117).

Muecke (1969, p. 232-233, tradução nossa) destaca, ainda, as três funções comunicativo-retóricas da ironia: “reforçar o que alguém quer significar”, “atacar um ponto de vista ou expor a tolice, a hipocrisia ou a vaidade” de alguém e “levar os leitores a verem que as coisas não são tão simples quanto parecem ser”. A partir disso, Kaufer e Neuwirth (1982) denominam essas três funções como, respectivamente: reforçar, ridicularizar e refutar.

Nas crônicas de Carmen Dolores, vemos, recorrentemente, o uso da ironia, como no exemplo abaixo, retirado de uma das crônicas que constituiu o escopo do TCC. No texto, a escritora relata o assassinato de uma mulher por seu companheiro, ironizando o fato de que os jornais destacaram as motivações do assassino: defender a própria honra, algo muito usual e penalmente previsto na época.

A frase, porém, levantou da vulgaridade essa vítima dos zelos de um romântico. Enobreceu-a. Fez da pobre negra, voltando da sua pândega, uma heroína. Ele a feriu, ele, o Otelo porque muito a amava! E quem não desejaria esse destino cavalheiresco de ser apunhalado em pleno seio por paixão e por ciúme? Quem, sobretudo, não desejaria ter como epitáfio, a vibrar solenemente sobre o seu corpo ainda quente, uma dessas frases que os jornais recolhem, que aureolam de poesia um assassino, que celebrizam como um gesto feito a tempo e com nobreza, que salvam e que até recomendam, favorecem e protegem? (Dolores, 1906, p. 1).

Ao destacar as motivações dele, ocorre uma exaltação do assassino pela sociedade, como se o crime fosse um ato muito nobre. Por isso, as perguntas retóricas e irônicas (“E quem não desejaria esse destino cavalheiresco de ser apunhalado em pleno seio por paixão e por ciúme?”) revelam uma crítica ao pensamento social daquela época. Afinal, ninguém desejaria morrer de forma tão trágica. Além disso, Carmen Dolores também ironiza, no seguinte trecho, o enunciado proferido pelo homicida (feminicida em termos contemporâneos) após matar sua companheira: “Feria-a porque a amava!” (Dolores, 1906, p. 1), destacando o absurdo dessa frase e da reação social.

Não somente para os autores supraditos (Machado, 1995; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014), a ironia é vista como uma estratégia argumentativa. Anscombe e Ducrot desenvolveram, a partir de 1983, com a publicação de *L'argumentation dans la langue*, a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), a qual encara que a língua é argumentativa e o sentido, por

sua vez, encontra-se no encadeamento argumentativo (Anscombre; Ducrot, 1983; Rocha, 2008). É uma teoria que investiga o nível intralinguístico da língua, como o estudo de operadores argumentativos que geram esse encadeamento e orientam um discurso. Dessa forma, ela não se ocupa, por exemplo, das condições de produção de um enunciado, isto é, o extralinguístico.

Entre as contribuições da TAL, encontra-se a transposição da noção de polifonia para os estudos linguísticos. Proveniente de Mikhail Bakhtin, que a pensa, especificamente, para a literatura, a polifonia:

[...] se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço do romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo (Bezerra, 2014, p. 194-195).

Anscombre e Ducrot (*apud* Bastos; Nascimento, 2023, p. 288) inserem a noção de polifonia na linguística para contradizer a noção de unicidade do sujeito, já que a Teoria Polifônica da Enunciação, um dos ramos da TAL, visa “mostrar que um enunciado pode conter várias vozes”.

Os teóricos da TAL distinguem dois tipos de polifonia: a polifonia dos locutores e a polifonia dos enunciadore. A ironia é um dos exemplos de enunciado presente na polifonia dos enunciadore, dado que o enunciadore — diferente do locutor, que é responsável pelo enunciado — responsabiliza-se pelos pontos de vista que se manifestam no enunciado. Desse modo, quando há pontos de vista distintos inseridos em uma enunciação pelo locutor, ocorre a polifonia de enunciadore (Ducrot, 2020). Por conter pontos de vista outros que não apenas aquele do locutor, a ironia é considerada polifônica e argumentativa, segundo a TAL, por ser uma entre as várias opções de escolha de um determinado falante e por orientar um discurso a determinada conclusão.

Ducrot (2020) oferece três condições para se considerar um enunciado irônico, condições que nos guiaram para o estabelecimento dos enunciados de Carmen Dolores como irônicos:

1. entre os pontos de vista apresentados, pelo menos um deve ser absurdo, insustentável em si mesmo ou no contexto;
2. o ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor;
3. no enunciado não há expresso nenhum ponto de vista contrário ao ponto de vista absurdo que não é retificado por nenhum enunciadore (Bastos; Nascimento, 2023, p. 294).

Intrigou-nos nessas condições a menção a um ponto de vista absurdo que não é retificado por nenhum enunciador. Entendemos, a princípio e em nosso corpus, que o “absurdo” pode advir de uma crença ou opinião com que Carmen Dolores não concorda e a qual ela evoca para ironizar. Em razão disso, é necessário decidir se aquele enunciado faz sentido considerando as crenças e o conhecimento sobre a escritora (Roy, 1981; Tindale; Gough, 1987). Ademais, para destacar os enunciados irônicos nas crônicas da autora — como fizemos partindo das condições para identificação da ironia de Brait (2008), Ducrot (2020), Hutcheon (2000) e Tindale e Gough (1987) —, depreendemos também os valores que ela evoca por meio do recurso irônico a fim de reforçar, ridicularizar ou refutar (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969) certas opiniões que eram amplamente veiculadas naquela época.

Acreditamos que ela utiliza a ironia para realizar essas oposições, esse jogo entre crenças. Após identificar os valores evocados por Dolores e o que os enunciadores que ela evoca defendem, categorizamos as funções comunicativo-retóricas da ironia (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969) — refutação, ridicularização e reforço — em cada um dos enunciados irônicos identificados. Com a leitura e a análise das crônicas, também identificamos outros mecanismos que auxiliam a ironia, no intuito de demarcar a oposição da escritora, mecanismos esses que intitulamos *mecanismos de descredibilização do Proponente*.

Enfim, após identificar a ironia e os valores defendidos, categorizar as ocorrências irônicas e destacar outros mecanismos, valemo-nos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA). Para Plantin (2008a, 2008b, 2018) e Damasceno-Morais (2020, 2023a, 2023b), a argumentação consiste em uma interação problematizante orientada por uma questão argumentativa — que marca a oposição de dois pontos de vista ligados a determinados valores — que culminará em um conflito, denominado *estase*. São estáticas as situações argumentativas que deflagram pontos de vista opostos. Geralmente, tais situações envolvem assuntos polêmicos, que abarcam visões de mundo e valores extremamente opostos. Assuntos polêmicos variam de tempos em tempos. Por exemplo, na época de Carmen Dolores, a pauta polêmica era o direito ao divórcio, assunto que fazia emergir dois grupos com posicionamentos totalmente dissonantes, porque defendiam valores distintos. Atualmente, debate-se a respeito, por exemplo, da descriminalização do aborto ou da legalização das drogas, assuntos que encontram divergência entre grupos com valores diferentes.

Todavia, não apenas de polêmicas vive o MDA. Essa abordagem argumentativa propõe-se a analisar quaisquer situações em que emerge a estase, o que parece consistir muitas das interações atualmente, em um mundo polarizado. Como a perspectiva é interacional, ou seja, ocorre em situações interativas, em que há pelo menos dois pontos de vista, os atores — como

são denominados os indivíduos que participam da situação argumentativa, ou melhor, estática — podem ocupar papéis argumentativos. São eles: Proponente, que incita a argumentação, propõe a questão argumentativa; Oponente, que se opõe ao posicionamento do Proponente; e Terceiro, a quem cabe a dúvida e quem estimula a estase. Entendemos que os Proponentes são aqueles que pautam o assunto a ser debatido, como a posição submissa que a mulher deve ocupar na sociedade. Como Carmen Dolores se opõe a esse ponto de vista, é, portanto, a Oponente. Analisamos, sobretudo, a ironia como principal mecanismo que a faz ocupar esse papel, mas também observamos a existência de outros mecanismos que, além de defini-la como Oponente, descredibilizam as ideias propagadas pelos Proponentes. Sendo assim, nosso **objetivo principal** é *analisar como, com o uso da ironia e de outros mecanismos, Carmen Dolores assume o papel de Oponente*.

Para isso, seguiremos os seguintes **objetivos específicos**:

1. Identificar a ocorrência do uso da ironia em seis crônicas de Carmen Dolores;
2. Distinguir os valores evocados pela escritora e pelos Proponentes que ela evoca;
3. Identificar a função de cada uso da ironia (reforço, ridicularização ou refutação) nas crônicas selecionadas;
4. Observar se, porventura, há outros mecanismos, além da ironia, atuando como mecanismos de descredibilização do Proponente.

Esta pesquisa, portanto, dará continuidade aos estudos acerca da mesma escritora estudada no TCC, mas com um diferente objeto de análise: a ironia como recurso argumentativo. Esperamos, com este trabalho, resgatar a memória de apenas uma entre as várias escritoras que passaram por um processo de memoricídio (Duarte, 2022) e, também, analisar as crônicas de Carmen Dolores sob a luz dos estudos da argumentação, dando a ela mais visibilidade na área acadêmica.

Mostra-se, pois, relevante o fato de analisarmos as estratégias utilizadas por uma escritora do século passado para defender seus posicionamentos em uma sociedade patriarcal, que, na verdade, nunca deixou de existir. Para isso, utilizar-nos-emos do Modelo Dialogal da Argumentação, relacionando-o aos estudos da ironia, o que revela um percurso, acreditamos, original. Com isso, esperamos contribuir para a área dos estudos argumentativos, de forma a incentivar outras pesquisadoras e outros pesquisadores a empreenderem análises linguísticas com textos de outras mulheres de outros tempos, mas que, ainda hoje, têm muito a nos dizer.

Nas duas seções subsequentes, apresentamos a base teórica desta pesquisa. Primeiramente, abordamos o Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), explicando seus principais conceitos, dentre eles o de questão argumentativa, estase e papéis argumentativos.

Do MDA, a terminologia mais pertinente a esta pesquisa é a de Oponente — aquele que se opõe ao Proponente — e, no caso de nossa pesquisa, demonstramos que é ocupado por Carmen Dolores na segunda seção analítica. No entanto, apresentamos todos os conceitos relativos ao MDA, não apenas o de Oponente, já que termos como questão argumentativa e papéis argumentativos foram usados na análise dos dados. Em seguida, apresentamos um esquemático percurso do conceito da ironia em diferentes domínios e épocas, da Antiguidade, passando pelo Romantismo alemão até chegar aos domínios da Linguística, com a apresentação do conceito para os domínios da Pragmática, da Análise do Discurso e da Argumentação e Retórica. Este conceito é a categoria central da pesquisa, utilizado pela escritora carioca como recurso argumentativo em suas crônicas.

2 MODELO DIALOGAL DA ARGUMENTAÇÃO

Levando em consideração os estudos interacionistas em contextos linguísticos (Kerbrat-Orecchioni, 2006) e os estudos dialogais que consideravam a lógica do diálogo, o Modelo Dialogal da Argumentação foi desenvolvido por Christian Plantin (2008a, 2008b, 2018) com o intento de transcender a insatisfação de abordagens puramente monológicas da argumentação e que, portanto, não analisavam, de fato, a interação.

Além da proximidade com os estudos interacionistas e demais estudos dialogais, como uma teoria da argumentação, inevitavelmente, o Modelo Dialogal da Argumentação (MDA) tem raízes na retórica e na dialética clássicas. Enquanto esta (dialética) é a arte do “bem dialogar” e preocupa-se em desvendar as contradições na fala para o desenvolvimento do conhecimento, aquela (retórica), a arte do “bem falar”, visa a persuasão. Plantin munuiu-se tanto dos conceitos e estudos acima expostos quanto dos estudos clássicos da retórica e da dialética para delinear um modelo que avaliasse situações argumentativas em que, a partir da dúvida proveniente de um ponto de vista, são delineados posicionamentos distintos entre os interactantes, culminando em um conflito, ou melhor, nos termos do MDA, uma estase.

Ao nos depararmos com uma dentre as várias teorias ou abordagens da argumentação — para citar algumas, temos: as diversas lógicas informais, cada qual teorizada por um ou mais autores, como Douglas Walton (2012) e Anthony Blair e Ralph Johnson (1987); a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), previamente citada; a Pragmadiálética, de Van Eemeren e Grootendorst (2004); e a Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot (2020) —, é importante esclarecer, primeiramente, o conceito de argumentação para aquela abordagem. Para o MDA, a argumentação é uma atividade interacional, denominada situação argumentativa, “definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma pergunta. Em tal situação, têm valor argumentativo todos os elementos semióticos articulados em torno dessa pergunta” (Plantin, 2008b, p. 64-65). Nessa breve definição, delineiam-se alguns conceitos essenciais para o MDA, os quais apresentaremos a seguir, a saber: questão argumentativa, estase e papéis de atuação.

A partir de uma situação em que há discursos dissonantes que “coexistem e se medem” (Plantin, 2009), há uma questão argumentativa, a qual surge em razão da dúvida (Damasceno-Morais, 2020) suscitada por um determinado assunto. A dúvida, sob a ótica da Psicologia, está associada ao desconforto e à apreensão. De certo modo, em uma situação argumentativa e interacional, também há desconforto e apreensão, visto que isso significa que determinado assunto suscitou indagações e pode, por consequência, resultar em posicionamentos contrários,

que devem, por sua vez, ser sustentados e justificados. Na perspectiva dialogal, a dúvida está ligada ao papel argumentativo de Terceiro, como será visto adiante.

Já o conceito de questão argumentativa é proveniente da noção de “pergunta argumentativa”, da argumentação retórica, sobretudo da interação judiciária. Em *Retórica a Herênio*, Cícero defende que a pergunta é um ponto essencial nesse tipo de interação, visto que, por meio dela, define-se a causa. A pergunta argumentativa é o ponto no qual se sustenta o julgamento e constrói-se a partir tanto da resposta do defensor quanto da acusação do acusador (Plantin, 2008b).

Já para o MDA, a questão argumentativa advém da dúvida suscitada por determinado assunto e é interdependente do conceito de situação argumentativa, já que, para que esta (situação argumentativa) exista, é necessário que seja pautada, isto é, topicalizada e ratificada por um participante, por meio de uma questão argumentativa. Essa questão precisa ser permeada por discursos dissonantes, o que não acontece em interações como:

A: Você gostou da palestra?

B: Sim.

A: Também gostei.

Mas a dissonância pode estar presente em outras situações. Pensando no uso desse conceito em nosso corpus, por exemplo, em determinado momento da História, as mulheres de classe média e classe média alta no Brasil vislumbraram a possibilidade de trabalhar de forma remunerada. Com isso, suscitaram-se debates em torno do ingresso da mulher no mercado de trabalho, e, enquanto alguns eram favoráveis a essa possibilidade, como Carmen Dolores, outros — a grande maioria, em uma sociedade estruturalmente patriarcal — eram desfavoráveis. A dúvida em torno dessa questão gerou a questão argumentativa — *As mulheres podem trabalhar?* —, pois havia, naquele contexto, naquela época, dois discursos dissonantes, ligados a valores distintos.

Cabe lembrar, ainda, que o MDA considera discursos, e não vozes (Bakhtin, 1981), o que não dispensa o fato de que esses discursos não possam ser dialógicos, isto é, relacionar-se com outros enunciados previamente produzidos (Moirand, 2020). Veremos, nas crônicas analisadas, que havia sempre uma questão argumentativa em pauta, mesmo que de modo implícito, e Dolores, embora escrevendo em um gênero textual monologal, estava em constante diálogo com outros discursos, principalmente aqueles proferidos e defendidos por homens.

A esse respeito, é importante distinguir dialógico (expresso acima) de dialogal. O aspecto dialogal evocado pelo MDA consiste na interação — em falas nem sempre meticulosamente alternadas — entre papéis argumentativos — Proponente, Oponente e

Terceiro, como veremos a seguir —; por isso se fala em Modelo Dialogal, pois, a partir da interação entre actantes que possuem pontos de vista divergentes, será possível entender — objetivo do MDA — como um argumento se constrói. O MDA preocupa-se, então, não em avaliar argumentos, como as lógicas informais, ou com a regulação do diálogo, como a Pragmadiálética, mas em analisar a interação em uma situação conflituosa.

De forma prototípica, o diálogo é, de fato, face a face, linguagem oral e presença física dos interlocutores; contudo, Plantin (2008b) ressalta que pode haver a dissonância entre discursos em textos monológicos — em que não há a existência de um interlocutor —, o que é pertinente para nosso corpus que consiste em crônicas, textos escritos. Isso porque, tanto em interações face a face quanto em monólogos há diferentes vozes (polifonia) e diferentes textos (intertextualidade) circundando-os, o que faz com que haja argumentação e contra-argumentação e com que se sustente o aspecto biface da argumentação, pois ela percorre, ao mesmo tempo, os planos enunciativo e interacional (Plantin, 2008a, 2008b). Logo, no MDA prioriza-se a relação entre discursos dissonantes, e não simplesmente a dissonância em uma interação face a face.

Como enuncia Plantin (2008b):

[...] falaremos de ‘modelo dialogal’ da argumentação para cobrir, ao mesmo tempo, o dialogal propriamente dito, o polifônico e o intertextual, a fim de insistir em um aspecto fundamental da argumentação, o da articulação de dois discursos contraditórios. [...] esse modelo integra, ordena e ilumina as aquisições das concepções monológicas da argumentação (Plantin, 2008b, p. 66).

Nesse momento, também ressaltamos a diferenciação entre dialogismo interlocutivo e interdiscursivo (Damasceno-Morais, 2023b; Emediato, 2022; Emediato; Damasceno-Morais, 2022). Denomina-se dialogismo interlocutivo uma interação verbal em que há troca de turnos de fala entre interlocutores e a deflagração de um contradiscurso que culmina em uma situação argumentativa, que, por sua vez, gira em torno de uma questão argumentativa. São exemplos desse tipo de dialogismo os debates políticos e as trocas conversacionais triviais. Enquanto isso, o dialogismo interdiscursivo é um conceito que interessa mais a esta pesquisa, pois não tem, diferentemente do interlocutivo, interações face a face. O dialogismo interdiscursivo, por sua vez, leva em consideração o dialogismo como proposto por Bakhtin (1981), pois é uma relação entre o Eu que enuncia e o Outro (ou melhor, Outros) que está subentendido em um discurso e representa opiniões, crenças e formações discursivas distintas que circulam quando há um entrelace entre discursos, quando há uma situação de comunicação. A diferença é que, na perspectiva dialogal, há uma situação de confrontação discursiva, não propriamente face a face,

mas ao menos entre discursos, constituída de respostas antagônicas para questões argumentativas em comum. Nessa interação, confrontam-se um discurso e um contradiscurso que tem como orientação uma mesma questão argumentativa, que é desenvolvida a partir de diferentes valores, sendo compartilhados ou não.

Voltando à noção de *questão argumentativa*, ela apenas se define quando há uma dúvida. Com isso, para que ela se desenvolva, será necessário que sejam elencados argumentos que sustentem cada um dos discursos dissonantes, o que origina a *estase*, o conflito propriamente dito ou “a catalisadora de pontos de vista antagônicos e que atuará como rotor da interação” (Damasceno-Morais, 2020, p. 153-154).

A palavra *stasis* é proveniente do grego, com o primeiro uso sistemático encontrado em Hermágoras, e em latim foi traduzida como *quaestio*. No entanto, foi com Hermógenes que o conceito se tornou mais conhecido, sobretudo em seu tratado *Sobre a estase*, que reflete a respeito da viabilidade de uma discussão. Ele distingue perguntas equivocadas, como perguntas cujas respostas eram óbvias ou difíceis de serem decididas, segundo as quais era difícil discutir e, conseqüentemente, constituir a estase; de perguntas bem-concebidas, que poderiam ser racionalmente debatidas (Plantin, 2018). Percebe-se, assim, a proximidade e a produtividade das noções questão argumentativa e estase do MDA para a análise de dados, como explicaremos neste trabalho.

O conceito de estase permeia, ainda, outras áreas do conhecimento, como a medicina, para a qual a estase é o bloqueio da circulação de fluidos orgânicos, e a física, “quando duas linhas de força e em movimento colidem num determinado ponto, alterando a direção de cada uma das respectivas linhas de força” (Grácio, 2013, p. 108). O dicionário Michaelis on-line também apresenta a definição desse conceito para a psicanálise: “[...] tensão emocional constante, de longa duração, caracterizada por uma mescla de sentimentos de prazer e atitudes violentas” (Estase, 2015)³. Todos esses conceitos dizem respeito a fenômenos em que palavras como bloqueio, colisão (de duas linhas de força) e tensão, de forma figurada, caracterizam o conflito ao qual o MDA se refere. A estase, portanto, é como “um choque de discursos e o problema ou as questões que levanta estarão na base da especificação das exigências segundo as quais se poderão tematizar e desenvolver os argumentos apropriados” (Grácio, 2013, p. 122). Em síntese, a estase marca o bloqueio do diálogo consensual (Oliveira, 2022). A partir dessa divergência, desse bloqueio, em uma situação argumentativa, serão formulados argumentos com a intenção de observar de perto a estase, verificando se sua presença numa interação —

³ Conteúdo on-line não paginado. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estase>. Acesso em 21 abr. 2025.

interdiscursiva ou interlocutiva (Damasceno-Morais, 2023; Emediato, 2022; Emediato; Damasceno-Morais, 2022) — atuará como combustível do conflito ou uma espécie de barreira para a sua continuação.

Por sua vez, os papéis argumentativos (também denominados papéis de atuação) compreendem aqueles envolvidos em uma situação argumentativa em que há a divergência de pontos de vista e na qual se constitui uma estase. A partir do processo expresso — surgimento da dúvida, seguido da questão argumentativa e, enfim, da estase —, os três papéis argumentativos também são constituídos. O Proponente é o primeiro papel a surgir, pois é ele quem propõe determinado ponto de vista que incita outro atuante — o Oponente — a argumentar. É aquele papel (Proponente) responsável pelo ônus da prova, a sustentação do seu ponto de vista, já que ele é o primeiro a reagir (Damasceno-Morais, 2023a). Já o Oponente, evidentemente, é aquele que se opõe ao apresentado pelo Proponente, isto é, o Oponente compreende aqueles dispostos a defender um “tipo de discurso negativo com relação à proposição” (Plantin, 2008b, p. 69). A função desse papel argumentativo é demonstrar a falta de sustentação dos argumentos do Proponente. Por fim, o último componente do tríptico é o Terceiro. A ele é atribuída a dúvida. Isso significa que ele não concorda nem com o Oponente nem com o Proponente, permanecendo, então, “em cima do muro”, mas em constante avaliação do desenrolar argumentativo de ambos os lados. É o Terceiro que mantém acesa a fogueira do conflito, quem se posiciona como árbitro, pedindo reformulações, avaliando os argumentos ou simplesmente incitando a estase (Damasceno-Morais, 2023a). Tem-se, então, o tríptico argumentativo. Já em nossa pesquisa, como Dolores se posicionará contra outros discursos, será mais pertinente avaliar a construção da interação interdiscursiva entre Proponente-Oponente. Não avaliaremos, portanto, o Terceiro.⁴

É importante mencionar que os papéis argumentativos não são imutáveis. Ao longo da situação estática (Damasceno-Morais, 2023b; Figueiredo; Damasceno-Morais, 2024), eles podem variar entre os participantes, por exemplo, um Proponente pode posicionar-se como Terceiro ou o Terceiro pode, até mesmo, ocupar a posição de Oponente. Em júris simulados, esses papéis podem ser (e são incentivados a ser) estáveis, mas, diante de conflitos não simulados, não se percebe essa imutabilidade na ocupação de papéis de atuação. Por isso, diferentemente da vertente holandesa dos estudos linguísticos, a Pragmadiálética, que regra uma discussão — denominando falácias os momentos em que o participante desobedece às regras —, o MDA não se propõe a coroar um vencedor. Importa a esse modelo analisar o

⁴ Acerca do Terceiro, Damasceno-Morais (2022) indica a complexidade do termo em artigo publicado na *Revista de Letras*. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81086>. Acesso em: 30 jun. 2025.

processo de desenvolvimento de um conflito a partir, por exemplo, da identificação de recursos argumentativos, dos efeitos de atos perlocutórios, de que forma se chega a um acordo, como determinadas intervenções podem mudar (ou não) o curso de uma situação argumentativa. Tal abordagem mostra-se interessante por não classificar argumentos como “válidos” ou “inválidos”, mas sim mostrar o percurso argumentativo.

Como Damasceno-Morais (2020) argumenta, o MDA:

[...] poderá contribuir para a formação de alunos/leitores mais críticos e questionadores dos modos de produção de textos cotidianos, dando pistas de como as pessoas interagem, imbricam-se em situações de conflito de opiniões. Nesse sentido, a própria questão da cidadania vem à tona, uma vez que pensar a linguagem pressupõe examinar como se cumprem direitos e deveres, fundamentais no panorama social em que estamos inseridos, no Brasil contemporâneo, quando é fundamental sabermos (ou tentarmos) diferenciar meras estratégias retóricas de argumentos bem construídos. Nossa preocupação aqui é, de fato, a identificação de recursos empreendidos no fio das trocas realizadas em situações argumentativas diversas (Damasceno-Morais, 2020, p. 146).

Julgamos pertinente, ao final desta seção, esquematizar e recapitular conceitos fundamentais do MDA que, inevitavelmente, utilizaremos nas seções seguintes desta pesquisa:

Quadro 1 – Principais conceitos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA)

Conceito	Definição
Dúvida	Indagações iniciais em torno de um assunto
Questão argumentativa	Pergunta orientadora de uma situação argumentativa
Estase	Conflito propriamente dito
Proponente	Primeiro papel de atuação, responsável por propor determinado ponto de vista orientado por uma questão argumentativa
Oponente	Segundo papel de atuação, responsável por refutar os argumentos do Proponente
Terceiro	Terceiro papel de atuação, a ele cabe o papel de duvidar, regular, avaliar e incitar a situação estática

Fonte: elaboração própria, a partir de Plantin (2008a, 2008b, 2018) e Damasceno-Morais (2020, 2023a, 2023b).

Nesta seção, foram apresentados os conceitos do MDA que serão retomados na parte analítica deste trabalho: questão argumentativa, estase e papéis argumentativos (sobretudo a interação interdiscursiva entre Proponente e Oponente). Tais noções foram fundamentais pois, mesmo que os textos que formam o corpus não sejam interações face a face, há um diálogo entre discursos em que permeiam valores (ou formações discursivas) opostos, o que é denominado dialogismo interdiscursivo. Por fim, vale lembrar que o objetivo principal deste trabalho está relacionado à categoria de Oponente, já que temos a intenção de analisar como, a partir do uso da ironia, Carmen Dolores assume o papel de Oponente.

Na próxima seção, que complementa a fundamentação teórica aqui delineada, apresentaremos um estado da arte da ironia, nossa categoria de análise central, cujas primeiras elaborações teóricas são provenientes da Antiguidade. Para contextualizá-la, será necessário passar pela Grécia Antiga até chegar aos dias atuais.

3 IRONIA: UM PERCURSO HISTÓRICO, LITERÁRIO E LINGUÍSTICO

Por ser um recurso que instigou esta pesquisa, julgamos necessário e pertinente termos a ironia como categoria central da dissertação. Ela resultou em inúmeras inquietações, afinal, principalmente na escrita, que nem sempre possui alguma marca diferencial — diferentemente da fala, em que ela pode ser marcada pelo tom de voz —, a ironia é de difícil análise. Por isso, foi necessário recorrer aos estudos feitos ao longo do tempo — de séculos, aliás — para conseguirmos compreender o conceito, assim como de que forma o distinguir na materialidade textual (em razão disso, serão de grande valia as condições para a identificação da ironia posteriormente apresentadas). Nas crônicas da escritora carioca, compreendemos que a ironia possui um valor argumentativo, termo consoante ao que propõe Plantin (2008b), já que, para esse autor, todos os elementos semióticos articulados em uma situação argumentativa, motivados por uma questão argumentativa, possuem valor argumentativo — e a ironia é um desses elementos que está presente nas crônicas da autora.

No entanto, embrenhar-nos nos domínios da ironia não é uma tarefa simples. As diferentes áreas nas quais esse recurso foi estudado — filosofia, psicanálise, sociologia, retórica, literatura, estilística, pragmática, entre outras — fazem com que seja uma missão intrincada sintetizar os trabalhos a respeito dela. Por isso, focaremos, nesta seção, em apresentar um breve percurso histórico a partir da Antiguidade, em especial Grécia e Roma, passando pela literatura, com o Romantismo alemão, e, em seguida, adentrando a linguística para percorrer o que os estudos pragmáticos, discursivos e argumentativo-retóricos teorizaram acerca da ironia.

3.1 Na Antiguidade

É importante mencionar que, nos textos antigos, não propriamente se abordava a ironia como conceito, mas as traduções dos textos aristotélicos, platônicos e dos retóricos que foram feitas ao longo dos séculos utilizaram esse conceito quando ele era pertinente à noção que se queria mencionar. Pelo que se sabe, a primeira menção ao termo “ironia” data o século IV a. C., em Platão, embora já fosse conhecido na dramaturgia grega (Muecke, 2020). Platão é o responsável por mencionar, pela primeira vez, a noção de ironia a partir do registro que ele realiza dos ensinamentos socráticos. Beth Brait (2008), inclusive, defende o fato de que, por Platão construir o locutor Sócrates em sua obra e atribuir a ele a ideia que se tem de “ironia socrática”, a ironia não é proveniente da atitude de um indivíduo chamado Sócrates, mas de um locutor Sócrates instituído pelo enunciador Platão.

Para Platão/Sócrates, então, a ironia é um método que consiste em perguntas que se fazem ao interlocutor, mas, ao mesmo tempo que as faz, o locutor finge não saber a resposta delas. Esse percurso é permeado de malícia, e não necessariamente de ignorância. Com essas perguntas, é visada a obtenção de uma verdade, extraída do afastamento da doxa (opinião) até a aproximação da episteme (conhecimento). Desse modo, a ironia socrática pode ser entendida como uma prática pedagógica subversiva que objetiva a correção de erros e preconceitos (Rabatel, 2012). Mesmo que seja uma atitude, ela não se separa da linguagem, pois, como menciona Brait (2008):

A ironia socrática pode ser considerada a partir da distinção entre ironia como atitude e ironia como linguagem. Quando se fala filosoficamente das atitudes irônicas, a linguagem é a única dimensão que possibilita a apreensão e a compreensão desse procedimento (Brait, 2008, p. 29).

Aristóteles também aborda essa noção diversas vezes em suas obras. Em *Ética a Nicômano* e na *Poética*, a ironia é percebida como uma atitude ou até mesmo parte estética de uma obra. Na *Retórica*, por sua vez, associa-se o termo ao cômico para integrá-los a uma “teoria da degradação”, ou melhor, da autodegradação, já que a ironia é vista como uma forma de zombar de si mesmo (Brait, 2008). No entanto, Muecke (2020) é cauteloso ao afirmar que o termo “ironia” figura em algumas traduções da *Poética* como “peripeteia” (peripécia) aristotélica, que significa súbita inversão das circunstâncias e possui mais relação com a ironia dramática, proveniente dos textos épicos e dramáticos, a exemplo das epopeias homéricas e das tragédias de Ésquilo.

É no Livro III da *Retórica* em que se trabalha a construção do enunciado e estratégias de organização do discurso e que se tem uma reflexão sucinta da ironia como interrogação, o que nos leva novamente ao conceito platônico/socrático. Aristóteles entende a ironia como uma espécie de ridículo quando situada em um debate, mas a discussão não é aprofundada, já que ele discute esse conceito na *Poética* e, nela, apenas considera a ironia mais adequada ao escárnio, ou seja, a ironia estrutura o riso e o ridículo no próprio enunciador (Marques, 2016).

Posteriormente, no Império Romano, com a sistematização de recursos oratórios, foi Quintiliano, nas *Instituições Oratórias*, quem inseriu a ironia como uma estratégia oratória. Como bem lembra Eggs (2009), a retórica clássica não diferencia claramente palavra, frase e texto, isto é, os diferentes níveis de organização do discurso, mesmo assim Quintiliano distingue duas formas de ironia de acordo com estratégias para compor o discurso: ironia-figura e ironia-tropo. A concepção geral de tropo ocorre quando se muda o significado de uma palavra por

outro e ele ainda difere duas espécies de tropo: de significação e de adorno. A ironia se encaixaria como tropo de adorno, pois, nesse tipo de estratégia, ela só serviria como enfeite, e não para atribuir mais força ao discurso. Além disso, por dizer respeito à significação, a ironia-tropo está no nível da palavra (Eggs, 2009), já que, nessa espécie, define-se como dizer o contrário do que se pretende (Marques, 2016), uma definição que atravessará séculos.

Já as figuras, para Quintiliano, são um modo de falar distante do usual, embora as palavras sejam ordenadas comumente. O que se difere é que, mesmo dentro de uma estrutura comum, elabora-se o discurso com arte. A ironia-figura deve ser entendida dentro de um esquema, de uma frase (Eggs, 2009), em que se quer que se entenda o que de fato se diz, mas na forma de uma mensagem oculta cabível à interpretação do ouvinte (Marques, 2016). Para ele, esse recurso pode ser utilizado em determinadas ocasiões: “1º quando é arriscado dizer abertamente o que queremos; 2º quando não convém; 3º apenas por adorno” (Quintiliano, 2010, p. 194 *apud* Marques, 2016, p. 31). Como veremos adiante, essa noção de ironia como figura encontrará desdobramentos férteis em teorias contemporâneas.

3.2 Na literatura

Com os manuais retóricos sob domínio da Igreja Católica, a ironia só foi mais veiculada socialmente, em especial na literatura, a partir do Romantismo alemão. Nesse período, a literatura absorvia os movimentos sociais cujos pressupostos eram a liberdade, o liberalismo, a igualdade e:

[...] a revolta do indivíduo contra um aparelho ideológico que o ignora na sua subjetividade e na sua individualidade, condenando-o a reprimir seus desejos e emoções, em nome de valores morais absolutos baseados em Verdade e Bem, previamente estabelecidos por governo, Igreja ou família (Duarte, 1994, p. 59).

Como tentativa de sair desse domínio, havia uma supervalorização do indivíduo. Por isso, a voz narrativa assumida pelo autor rebelava-se contra a objetividade, instituindo a subjetividade nas obras, por ser autoconsciente de sua presença no mundo. A ironia fez parte desse intento de inserção do subjetivo, já que é um artifício que institui um “tu” receptor, complementar em relação a um “eu” consciente de si. Desse modo, é inserida uma estrutura comunicativa do texto. Nisso, abarca-se a ironia, pois ela não existe instituída apenas por um “eu”, ela só se torna real quando se está em relação a um “tu”, que se encarrega de interpretar determinada mensagem como irônica (Duarte, 1994). Ademais, o uso desse recurso marca a

liberdade de espírito do poeta (Brait, 2008) contra a dominação dos agentes sociais supramencionados — governo, Igreja, família.

Ao mesmo tempo, essa valorização do indivíduo é paradoxal, porque, à medida que existe o desejo absoluto, isto é, a supervalorização de si, ele também se conscientiza a respeito de sua própria transitoriedade e relatividade e, assim, entende que seu desejo, embora pareça infinito, é finito como a vida (Duarte, 1994). A ironia é inserida nesse contexto por demonstrar a crise da literatura no que tange à representação e/ou à crítica da realidade, pois busca responder a questões existenciais na tentativa de alcançar o absoluto. Entretanto, de certo modo, o autor toma as rédeas desse paradoxo, pois a ironia o coloca como “o veiculador de um código mimético que a poética de certa forma impusera” (Duarte, 1994, p. 60), que só poderá existir a partir da comunicação, do estabelecimento de um “tu”. Valoriza-se, pois, o outro.

Nessa acepção romântica da ironia, tanto as narrativas quanto o sujeito podem ser irônicos, em especial o sujeito no que diz respeito à “atitude ironicamente crítica em relação ao mundo, a si próprio e ao que cria” (Duarte, 1994, p. 61). Em busca do absoluto, o escritor (re)conhece o outro por meio da ironia, que faz com que esse sujeito-escritor não se isole na autoconsciência que limita o sujeito. Ao instituir a ironia, conseqüentemente, ele é capaz de rir de si mesmo, ao mesmo tempo que reconhece a impossibilidade de alcançar o “divino e o absoluto, mas pode encontrar, no exercício artístico da linguagem e na comunicação com o outro, uma ilusão momentânea de plenitude, satisfação e, principalmente, de liberdade” (Duarte, 1994, p. 61).

Ainda segundo Duarte (1994), um ponto de encontro entre a ironia romântica e a ironia da retórica clássica é que, ao dizer o contrário do que se pretende, esconde-se o posicionamento do locutor, reforçando o do adversário em um jogo de enganos. Além disso, aproxima-se da ironia socrática ao tentar levar conhecimento ao interlocutor ao destruir opiniões rígidas, principalmente para aquelas perguntas cuja resposta é inexistente, levando em consideração que a falta de absolutismo para as questões humanas é preponderante para o Romantismo. No entanto, a ironia do Romantismo vai além ao “manter a ambigüidade para demonstrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo” (Duarte, 1994, p. 62) e, nessa impossibilidade, abre espaço para que outro sujeito intervenha, o interlocutor, o “tu”, e preencha esse espaço com alguma significação. É interessante perceber o quanto, em um mundo fragmentado, incerto e incongruente, tudo se volta à necessidade do estabelecimento de uma relação com o outro. Em suma, “a ironia romântica exhibe, portanto, o caráter de representação do texto: uma representação cuja produção fica evidente diante do leitor ou do espectador” (Duarte, 1994, p. 63).

Brait (2008) destaca a diferença entre a ironia romântica e a ironia-tropo, sendo que a primeira (ironia romântica) se alinha a uma postura poética e filosófica, como visto na discussão acima, do idealismo alemão. Como vimos com Quintiliano, a ironia-tropo, por sua vez, reside na palavra, na significação, considerada apenas um adorno, o que parece ser um entendimento parco para um recurso tão plural em estudos. Por outro lado, no Romantismo alemão, a ironia é um elemento constitutivo do movimento, tão importante que sintetiza as elucubrações e eventos pelos quais passavam os poetas daquele período. Por isso, deve-se situar a discussão da ironia de acordo com a época. De fato, esse conceito tem um poder metamórfico, aparentemente de difícil apreensão, mas cabe ao analista sempre definir de acordo com qual conceito e de acordo com qual área se deseja estudá-lo. Pensando nisso, passemos à linguística, área na qual reside nosso interesse.

3.3 Na linguística

Nesta subseção, percorreremos três subáreas da linguística, respectivamente: a Pragmática, a Análise do Discurso e os estudos contemporâneos de Argumentação e Retórica para compendiar as principais reflexões feitas nesses âmbitos. Neste ponto, aproximamo-nos mais da forma que entenderemos a ironia neste trabalho, ainda que, como será visto, as reflexões linguísticas em torno deste conceito não desconsiderem o que foi discutido nas duas últimas subseções.

A noção de implicatura, importante para se entender a ironia na perspectiva pragmática, advém de Paul Grice (1975), para quem é fundamental distinguir “dito” do “implícitado”, isto é, aquilo que está implícito em um enunciado. As implicaturas, portanto, estão relacionadas aos aspectos não-vericonditionais, não-lógicos, não presentes no enunciado de fato (Emediato, 2022). Para Grice (1975), pode-se classificar as implicaturas em dois grupos: 1) as produzidas por uma expressão linguística (implicaturas convencionais); e 2) as produzidas por princípios comunicativos e racionais (implicaturas não convencionais) (Emediato, 2022).

Interessa-nos, especificamente, a desobediência a uma implicatura convencional denominada máxima da qualidade, que diz respeito ao fato de que, em uma conversação, é esperado que o locutor não afirme o que ele crê ser falso. A ironia seria uma forma de não seguir essa máxima, pois o locutor afirma algo que, no plano de sua crença, é falso. Se ele tem alguma (ou algumas) motivação, isso pode ser discutido. Afinal, a pragmática também se mobiliza para entender o uso desse recurso contextualmente. Por exemplo, John Searle (1979), outro linguista

da área, vê a ironia como uma assunção oposta ao enunciado literal e é possível percebê-la quando se entende o sentido literal do enunciado irônico como contextualmente inadequado.

Estudos posteriores aos desses dois autores contestam o entendimento de que a ironia é sempre o contrário do que se quer dizer. Como menciona Kerbrat-Orecchioni (1978), na ironia, L diz A, pensa não-A e quer que o interlocutor entenda não-A. Na prática, no entanto, reconhece-se o cuidado necessário com essa afirmação. A exemplo disso, pode-se citar, consoante a Gibbs Jr. e O'Brien (1991), uma situação em que uma mãe, diante da bagunça no quarto de seu filho, diz, de forma irônica: “Eu amo crianças que arrumam o quarto”. Se for considerado o contrário dessa sentença apenas na primeira oração (“Eu não amo crianças que arrumam o quarto”, por exemplo), não é conferida a veracidade da asserção, afinal ela não *odeia* crianças que não arrumam o quarto. Na verdade, ela ama seu filho mesmo que ele faça bagunça, mas o que ela quer, nesse contexto, é que seu filho arrume o próprio quarto. Logo, “apesar de o enunciado ser literalmente verdadeiro (*i.e.*, a mãe gosta quando os filhos mantêm seus quartos organizados), a mãe está utilizando o enunciado ironicamente” (p. 525, tradução nossa), já que o filho não arruma o próprio quarto e ela gostaria que ele arrumasse. Os estudos pragmáticos indicam, portanto, o quanto é imprescindível analisar o contexto, e não apenas o nível linguístico do enunciado irônico.

Enfim, ainda segundo Kerbrat-Orecchioni (1978), a ironia possui uma natureza ilocucionária e outra propriamente linguística. Ilocucionária no sentido de o falante introduzir uma intenção de realizar um objetivo comunicativo. Essa ilocução estaria presente no constrangimento que é gerado no interlocutor pelo uso da ironia — tanto entendê-la quanto não a entender podem constranger alguém. Ainda, um enunciado irônico é “fundamentalmente desvalorizante” e “investe em termos que são intrínseca ou ocasionalmente axiológicos” (Kerbrat-Orecchioni, 1978, p. 12, tradução nossa). A axiologia, que é o estudo filosófico de valores, é um ponto interessante para mobilizarmos nesta pesquisa, já que ironia e valor parecem termos imbricados (no exemplo acima, desvaloriza-se crianças que não arrumam o próprio quarto e, pelo contrário, valoriza-se a organização). No entanto, os estudos pragmáticos, especificamente de Kerbrat-Orecchioni (1978), não focalizam esse aspecto axiológico.

Além do entendimento da Pragmática sobre a ironia, apresentamos a seguir as considerações sobre esse recurso feitas pela Análise do Discurso (AD), pela Retórica e pela Argumentação. No que tange à AD, julgamos pertinente aproximar o trabalho de duas teóricas que mencionam, em suas obras, o aspecto interacionista da ironia (Marques, 2016). Enquanto Beth Brait (2008), em *Ironia em uma perspectiva polifônica* (1996), aproxima esse conceito do interdiscurso, Linda Hutcheon (2000) o aproxima da noção de acontecimento e, sendo crítica

literária, relaciona-o à teoria da recepção, defendendo que a ironia só pode ser compreendida quando há a interação entre o ironista e seu público, que capta a intenção de um enunciado irônico, o que foi mencionado anteriormente quando citamos Duarte (1994) e Machado (1995, 2014).

A ironia, pois, é um acontecimento, já que, segundo Hutcheon (2000), o ironista, o interpretador e o texto possuem uma complexa relação interacional, que se materializa em um enunciado único, irreduzível, cabível a determinado contexto e a determinada situação. Caso contrário, não se compreende, de fato, a ironia. Por ser um processo triádico — envolve três componentes: ironista, interpretador e texto — e por haver possibilidades de interpretações distintas entre os componentes, Hutcheon (2000, p. 155) considera a ironia “um processo de comunicação que implica dois ou mais significados sendo jogados um contra o outro”.

Para justificar a presença de Hutcheon no interior dos estudos discursivos da ironia, deve-se mencionar que ela associa esse conceito à noção de formação discursiva. A autora defende que a ironia é depreensível apenas quando ironista e interpretador fazem parte da mesma formação discursiva, isto é, “todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa” (Maingueneau, 2014, p. 242). Por isso, grupos distintos podem não compreender as “piadas internas” de outros. O mesmo fenômeno ocorre com a ironia, o que é ressaltado por Kaufer (1977), como veremos adiante, quando opõe vítimas a confederados, isto é, aqueles que não captam a ironia e, mais do que isso, são ridicularizados/atacados por ela e os que a entendem, respectivamente.

Por sua vez, Brait (2008, p. 138-139) também destaca o aspecto interacionista da ironia: “[...] a dupla leitura mobilizada por um enunciado irônico envolve formas de interação entre os sujeitos, bem como a relação com o objeto da ironia e com as estratégias lingüístico-discursivas que põem em movimento o processo”. Para ela, ainda, apenas com a adesão do enunciatário — a quem Hutcheon denomina interpretador — a ironia pode ser efetivada. Isso significa que o enunciatário/interpretador precisa codificar os sinais, mesmo que sutis, do produtor do enunciado irônico. Esses sinais trocados entre as partes instauram a intersubjetividade, que compreende conhecimentos, pontos de vista e valores compartilhados. Brait (2008), assim como Hutcheon (2000), também vincula a interpretação da ironia à formação discursiva.

Como vimos, no contexto literário do Romantismo, recorria-se à ironia para a oposição e, sobretudo, a ridicularização de valores clássicos, declarando os valores ligados ao contexto romântico como corretos, o que, segundo Brait (2008), ocorre com a ironia utilizada ainda hoje. Mesmo que possa ter outras funções comunicativas — Hutcheon, por exemplo, elenca nove

principais⁵ a partir de uma compilação de estudos sobre o termo —, acreditamos que, associadas aos valores que se quer defender, a ironia possa ter relação com essa subversão a valores vigentes.

No que tange ao interdiscurso, Brait (2008) o incorpora ao processo irônico mencionando que as relações entre discursos podem ocorrer de diferentes formas, como a repetição:

[...] a citação explícita, a alusão indireta, a possibilidade de diferentes traduções de um mesmo texto, a citação sem tradução, a citação entre aspas sem referência precisa, a paráfrase e a pseudoparáfrase, a paródia, o trocadilho, o estereótipo, o clichê, o provérbio, o pastiche e mesmo o plágio (Brait, 2008, p. 141).

Porém, a ironia não serve — como vimos nas teorias clássicas — como simples ornamento ou como simples invocação de um argumento de autoridade. O que ocorre nesse processo é a *contestação* a autoridades, a subversão de valores por intermédio do recurso da interdiscursividade — o que Hutcheon caracteriza como jogo entre significados —, ou seja, as relações que diferentes discursos mantêm uns com os outros. Com isso, devem ser apreendidos dois planos de enunciação, contraditórios, por isso, Brait (2008) defende que a ironia não pode ser entendida apenas em nível da frase — como ornamento —, mas, sim, em nível textual e contextual.

Em síntese, para Brait (2008), há duas condições para que um enunciado irônico seja compreendido, o que será retomado posteriormente, na metodologia, em nossa pesquisa:

A palavra, por sua vez, é uma unidade de discurso que participa de uma dimensão significativa diferente, na medida em que, contextualizada, atualiza de maneira particular o signo, exigindo do receptor a competência interpretativa, a compreensão, e não simplesmente a identificação. O mesmo se dá com as diferentes formas de recuperação do já-dito que, pertencendo a um determinado sistema, a uma determinada formação discursiva, a um universo de valores, vai ser identificado por um receptor que conhece esse sistema de referência (primeira condição para que a ironia possa se realizar) e que, além disso, compreende e interpreta sua presença num outro contexto, num outro discurso (segunda condição para a realização do efeito irônico) (Brait, 2008, p. 146).

Já as teorias contemporâneas da argumentação e da retórica resvalam em alguns momentos na ironia, mas não necessariamente a constituem como categoria central. De qualquer forma, em textos que retratam o uso da ironia em contextos argumentativos, seu uso é destacado como estratégico, ou seja, tem um objetivo específico em cada interação

⁵ Elencadas por Hutcheon (2000), as nove funções comunicativas da ironia são: agregadora, atacante, de oposição, provisória, autoprotetora, distanciadora, lúdica, complicadora e reforçadora.

comunicativa. Ida Lúcia Machado (1995, 2014) defende essa ideia. Para a pesquisadora, a ironia tem um aspecto denominado por ela como comunicativo — ideia semelhante à perspectiva interacionista, como denomina Marques (2016) a partir da leitura de Brait e Hutcheon —, já que estabelece uma relação entre três partes: escritor-texto-leitor. Além do viés comunicativo, apresenta-se o viés argumentativo desse recurso.

Para fazer essa relação, Machado (1995) recorre ao conceito de argumentação presente no *Tratado de argumentação* (1966), escrito por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, que compreende o uso de estratégias que possuem o objetivo de promover a comunhão dos espíritos, isto é, a adesão a uma determinada tese (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Para Machado (1995), a ironia seria um “jogo” entre aqueles que participam de um processo comunicativo. A escolha por esse recurso possui alguma intenção — imaginamos que, por isso, Machado (1995) a associe à noção de argumentação do *Tratado de argumentação* —, sobretudo de proteção do sujeito-irônico, em razão do risco que um enunciado direto ou agressivo poderia causar. Por isso, escondem-se as intenções atrás da ironia, como se os participantes de uma interação estivessem nas figuras de um jogo de gato e rato.

Mesmo no contexto literário, Muecke (2020) contribui com essa questão de uso estratégico da ironia ao destacar as três funções comunicativo-retóricas da ironia. Consideramos essas funções proveitosas em nível analítico, em especial para um corpus composto por textos autorais, com um considerável viés argumentativo, por isso, um dos objetivos específicos desta pesquisa é classificar os enunciados irônicos de acordo com essas três funções, que são destrinchadas no ensaio *Foregrounding norms and ironic communication* (Kaufer; Neuwirth, 1982).

Kaufer e Neuwirth (1982) partem, nesse ensaio, de teóricos da crítica literária, da pragmática e da retórica, tais como Wayne Booth, Alice Myers e Perelman e Olbrechts-Tyteca, para delinear considerações a respeito de um questionamento que atravessa o estado da arte dessa figura: quais funções ela teria em um texto? Eles partem, sobretudo, de Muecke, para quem a ironia teria três usos:

A ironia pode ser utilizada como um dispositivo retórico para reforçar o que alguém quer significar. Pode ser usada [...] como um dispositivo satírico para atacar o ponto de vista ou para expor a tolice, a hipocrisia ou a vaidade. Pode ser usada como um dispositivo heurístico para levar os leitores a verem que as coisas não são tão simples ou não tão certas quanto parecem, ou talvez não tão complexas ou incertas quanto parecem. É provável que a maior parte das ironias seja retórica, satírica ou humorística. Nesses casos, é o fim que deve justificar os meios (Muecke, 1969, p. 232-233, tradução nossa).

Em síntese, portanto, as três funções comunicativo-retóricas da ironia, para esse autor, seriam: “reforçar o que alguém quer significar”, “atacar um ponto de vista ou expor a tolice, a hipocrisia ou a vaidade” de alguém e “levar os leitores a verem que as coisas não são tão simples quanto parecem ser” (Muecke, 1969, p. 232-233, tradução nossa), o que Kaufer e Neuwirth (1982) condensam em: reforçar, ridicularizar e refutar, em ordem de apresentação. Muecke (1969) afirma também que os fins justificam os meios, isto é, o objetivo do ironista pode explicar por que ele se utilizou da ironia e sob qual função.

Kaufer e Neuwirth (1982) exploram mais essa reflexão de Muecke, primeiramente considerando as normas que devem ser colocadas *em primeiro plano* (*foregrounding norms*) quando estamos diante da interpretação de uma afirmação irônica. Para isso, partem de uma asserção cujos sujeitos são difíceis de recuperar: “*Yesterday a black dog bit a little girl. It got away and we are still trying to find it. She was scared but she wasn't really hurt*”⁶ (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 29). O referente de “she”, no caso “a little girl”, pode ser difícil de se recuperar se, anteriormente, o foco estava no cachorro. Ao contrário, enunciados como o seguinte são mais fáceis de compreender, pois referentes colocados em primeiro plano seguem nesse mesmo plano: “*Yesterday I saw a little girl get bitten by a dog. I tried to catch the dog but it ran away. The little girl was scared but she wasn't hurt*”⁷ (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 29). Nesse exemplo, os referentes *I*, *little girl* e *black dog* são mais fáceis de serem recuperados para que se tenha um enunciado coerente e para que ele seja interpretado mais facilmente.

Contudo, quando estamos diante da ironia, o que é colocado em *primeiro plano* (*foregrounding*) não é tão fácil de ser compreendido quanto os enunciados do cachorro e da garotinha no parágrafo anterior, porque os ironistas deixam implícito o que querem *destacar*, colocar *em primeiro plano*. Disso, resulta a importância da “inferência da relação entre o que o ironista diz e o que está em primeiro plano” (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 30, tradução nossa), além do fato de que cabe ao interpretador da ironia, como o denomina Hutcheon (2000), descobrir essa relação, enquanto o ironista deve fornecer pistas para que sua ironia seja interpretada como tal.

Dessa maneira, o *primeiro plano* acerca da ironia não se refere a sujeitos e a seus referentes, como em afirmações literais, mas às *normas* que são cumpridas (*applied*) ou violadas (*violated*), normas essas que possuem ligação com regras sociais, mas também com a

⁶ Em tradução do inglês: “Ontem, um cachorro preto mordeu uma garotinha. Ele escapou e ainda estamos tentando encontrá-lo. Ela estava assustada, mas não se machucou de verdade” (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 29, tradução nossa).

⁷ Em tradução do inglês: “Ontem vi uma menina ser mordida por um cachorro. Tentei pegar o cachorro, mas ele fugiu. A menina estava assustada, mas não se machucou” (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 29, tradução nossa).

coerência. Se digo que li um bom ou um mau livro, então estou *destacando*, inserindo *em primeiro plano*, certas normas que configuram um bom livro/mau livro, determinando o *cumprimento de regras* estabelecidas. Enquanto isso, *normas violadas* são, como o próprio nome já implica, regras que são estabelecidas, mas descumpridas, como fumar dentro de um restaurante. Se um garçom chama a atenção de um cliente que está praticando esse ato, ele está invocando certas *normas* que deveriam ser *cumpridas*. A ironia, então, seria uma forma, para esses autores, de colocar *em primeiro plano* ambas as normas: cumpridas e violadas, algo que o próprio ironista intenciona.

Além disso, os autores fazem uma distinção entre as *normas*. Existem as normas concretas, que oferecem diretrizes positivas: vire à esquerda, escove seus dentes; e as formais, diretrizes que avaliam sistemas normativos e não formativos, a exemplo de normas de coerência, de consistência, etc. As ironias, cujas funções comunicativo-retóricas são o reforço e a ridicularização, *destacam* as normas concretas, embora, nas de reforço, essas normas sejam compartilhadas e, nas de ridicularização, não. Por outro lado, as ironias de refutação *destacam* normas formais compartilhadas. O que nos importa para esta pesquisa é entender como diferenciar cada uma das funções, para melhor compreendermos as ocorrências desse recurso nas crônicas de Carmen Dolores, o que apresentamos a seguir, conforme os autores do ensaio.

Entre os exemplos e as explicações de cada uma das funções, tem-se a de ironia com a função de *reforço*, cujas normas concretas são colocadas em primeiro plano e compartilhadas. No enunciado “Que lindo dia!” proferido pelo locutor A, em contraste com um dia chuvoso, o interlocutor B deve compreender a violação da norma concreta em razão de compartilhar com A a opinião de que um dia chuvoso não é agradável.

Já a função de *ridicularização* dessa figura também está ligada às normas concretas em primeiro plano, ainda que, diferentemente da anterior, não sejam compartilhadas entre locutor e interlocutor. Essa função da ironia é mais recorrente na “discussão de controvérsias em que surgem sistemas de valores distintos” (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 33, tradução nossa) e pode surgir em duas situações: (1) quando ironistas ridicularizam seus interlocutores que se adequam, mas não se conformam com regras comumente aceitas; (2) quando ironistas ridicularizam seus interlocutores ou terceiros que não compartilham seus valores. Nessa última situação, ocorre determinada hierarquia entre valores, aqueles que, de fato, pertencem ao ironista (*applied values*) e aqueles que ele finge ter (*pretended values*): “Então, a hierarquia de valores implícita associada à colocação em primeiro plano irônico das normas pode ser expressa desta forma: um ironista pressupõe que seus valores aplicados substituem os valores pretendidos” (Kaufer;

Neuwirth, 1982, p. 34, tradução nossa). Caso esses valores pertencentes ao ironista não sejam compartilhados com o interlocutor, este não compreende a ironia como tal.

Enfim, a ironia *refutativa* coloca em *primeiro plano* normas formais compartilhadas. Nessa função, o ironista aplica normas que anulariam as normas do oponente, quando em uma discussão, mas, diferentemente da ironia que ridiculariza e aplica normas concretas, a refutativa aplica as formais. A exemplo disso, apresenta-se a seguinte situação:

Considere um ironista que, falando entre pessoas que defendem a legalização do aborto, expressa um “medo” de que aqueles que são contra o aborto não tenham demonstrado preocupação suficiente com a “vida humana”. O ironista pode então apresentar uma série de detalhes sobre a insensibilidade dos antiabortos em relação à vida das mulheres (forçadas a recorrer a abortos ilegais), bem como em relação à vida de crianças indesejadas. No entanto, com tudo isso, o principal objetivo do ironista pode ser justamente destacar a norma “proteção da vida humana” como a principal vantagem para avaliar a questão (Kaufer; Neuwirth, 1982, p. 35, tradução nossa).

Nessa circunstância, o objetivo da ironia refutativa seria provocar o auditório pró-aborto a repensar essa posição de “proteção da vida humana” (uma norma formal) mais criticamente, com o objetivo de alterar os próprios argumentos desse auditório, isto é, fazê-lo repensar, de modo mais cuidadoso, a distinção que ele traça entre a vida humana e a vida do feto. Como a própria descrição e a explicação deixam claras, essa função da ironia não é ridicularizar, e sim fazer com que o interlocutor pense mais criticamente, o que beneficiaria tanto o ironista quanto os seus interlocutores.

Com isso, gostaríamos de estabelecer, para a análise do corpus, uma breve distinção. Kaufer e Neuwirth (1982) falam de normas, o que estendemos, nesse caso, para os valores. Apesar de Kaufer e Neuwirth (1982) fazerem a distinção entre normas concretas e formais, não gostaríamos de considerá-las para a identificação da função da ironia. Isso porque os conceitos, com os poucos exemplos que foram apresentados, parecem-nos obscuros diante do que já apresentamos como fundamentação teórica e, no próprio ensaio, não são tão explorados. Cabe ressaltar que os autores não desenvolveram, em outros artigos, desdobramentos dessa reflexão. Utilizaremos, pois, o conceito *valor*, como o entende a Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014), além das outras características que determinam cada uma das funções. Voltaremos a esse ponto na seção metodológica.

Já para a Teoria da Argumentação na Língua (TAL)⁸, a ironia está relacionada à diferenciação entre locutores e enunciadores. A partir da publicação de *L’argumentation dans*

⁸ Ducrot foi um pesquisador que contribuiu imensamente com os estudos da argumentação e, por isso, seus estudos na TAL compreendem duas partes, a Forma *Standard*, que abarca as fases do Descritivismo Radical, do Descritivismo Pressuposicional, da Argumentação como Constituinte da Significação e da Argumentatividade

la langue, em 1983, em coautoria com Jean-Claude Anscombre e, posteriormente, com o lançamento de livros como *O dizer e o dito*, em 1984, Oswald Ducrot contesta um dos fundamentos da linguística: a unicidade do sujeito, ou seja, a ideia de que há apenas um único autor responsável pelo enunciado (Anscombre; Ducrot, 1983; Ducrot, 2020). A proposição de Ducrot contrasta com a de Bakhtin (1981), por exemplo, que pensa na noção de polifonia aplicada a sequências de enunciados, isto é, textos. O que o teórico francês propõe, por outro lado, é a refutação da noção de unicidade do sujeito a partir da consideração de enunciados. Para Ducrot, mesmo em um único enunciado, é possível coexistir mais de uma voz.

Para corroborar seu ponto de pesquisa, Ducrot retoma o conceito de Émile Benveniste (2005, 2006), para quem o enunciado é um acontecimento histórico, único, irrepetível, pois ele é sempre produzido em um contexto que nunca será o mesmo novamente. Já a aparição momentânea do enunciado é denominada enunciação e é constitutiva do sentido (valor semântico do enunciado) dos enunciados. A noção de sentido, para o pesquisador, significa tanto significação quanto direção, isto é, a orientação dada no discurso. Para ele, a língua é essencialmente argumentativa e as diferentes possibilidades argumentativas na língua são determinadas pelas formas linguísticas, “que impõem certas orientações discursivas e impedem outras” (Bastos; Nascimento, 2023, p. 287), e não apenas pelos fatos. Por isso, a TAL é considerada uma teoria intralinguística, visto que se detém na materialidade linguística.

O sentido de um enunciado também tem relação tanto com os pontos de vista que dele emergem quanto com a origem desses pontos de vista. Nesse ponto, está presente a contestação do autor à concepção tradicional de unicidade do sujeito, pois o sentido do enunciado, segundo ele, emprestando o termo de Bakhtin, é polifônico. A fim de defender essa ideia, ele distingue as noções de sujeito, de locutor e de enunciator.

O sujeito empírico (SE) é o produtor de um enunciado, o autor efetivo. O locutor, por sua vez, distingue-se em locutor enquanto tal (L), que é a pessoa responsável pela enunciação do enunciado, e locutor enquanto ser no mundo (λ), uma pessoa completa, cuja principal propriedade é ser a origem do enunciado. Por fim, o enunciator é materializado pelos pontos de vista atribuídos a outra instância.

Interessa-nos, aqui, não a subdivisão de locutores, mas a ideia geral desse conceito. Ducrot (2020, p. 205-206) apresenta que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem deve imputar as responsabilidades do enunciado”. Ele pode ser depreendido a partir de marcas de primeira

Radial, além da Teoria dos Blocos Semânticos, desenvolvida com Marion Carel. Neste trabalho, nossa intenção não é adentrar profundamente nos trabalhos ducrotianos, mas ressaltar como ele compreende a ironia.

pessoa. O locutor pode ser distinto do sujeito empírico, por exemplo, em uma encenação ou até com o uso de pseudônimo. Já os enunciadores se expressam por intermédio da enunciação; são vozes que podem aparecer direta ou indiretamente em um enunciado, mas se manifestam principalmente por meio de seus pontos de vista e atitudes, e não necessariamente por meio de suas palavras.

Com essas noções explicitadas, Ducrot (2020) desenvolve a polifonia dos enunciadores na denominada negação polêmica — na qual não focaremos nesta pesquisa — e na ironia. Ao delinear o processo pelo qual a ironia ocorre, Ducrot refuta a tese de Sperber e Wilson (1981) para quem a ironia é sempre uma menção a outro discurso, que seria insustentável, absurdo para aquele que o mencionou. O pesquisador francês refuta dizendo que apenas a menção ao discurso absurdo não é o suficiente para se categorizar um enunciado como irônico. Para distinguir as diferentes vozes e posições — locutor e enunciador — presentes na ironia e definir esse conceito com mais precisão, ele narra uma pequena anedota:

Em um restaurante de luxo, um freguês sentou-se à mesa tendo como única companhia seu cachorro, um pequeno teckel. O gerente vem estabelecer uma conversação e elogia a qualidade do restaurante:

— O senhor sabia que nosso mestre é o antigo cozinheiro do rei Farouk?

— Muito bem! – diz simplesmente o freguês.

O gerente, sem desanimar:

— E o nosso despenseiro é o antigo despenseiro da corte da Inglaterra... Quanto a nosso pasteleiro, nós o trouxemos do imperador Bao-Dai.

Diante do mutismo do freguês o gerente muda de conversa:

— O senhor tem aí um belo teckel.

Ao que o freguês responde:

— Meu teckel, senhor, é um antigo São-Bernardo (Ducrot, 2020, p. 225).

Nessa situação, o freguês é o locutor L, que retoma o enunciado do enunciador (gerente do restaurante) ao mencionar o passado do cão. Para compreender o enunciado, deve-se levar em consideração essa retomada do freguês da fala do gerente, ou seja, deve-se assimilar que, no enunciado do locutor, há duas vozes diferentes: o locutor da enunciação e o enunciador que se expressa nessa enunciação.

Conforme Ducrot (2020, p. 223), em um enunciado irônico, deve desaparecer qualquer marca de relato a um discurso outro, fazendo com que aquele enunciado seja sustentado na própria enunciação: “[...] esta é a ideia que procuro deixar dizendo que o locutor ‘faz ouvir’ um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como o discurso de um outro, como um discurso distanciado”. Por isso, a tese de Sperber e Wilson (1981) é reformulada por ele a partir da distinção entre locutor e enunciadores. A ironia é apresentada por L, que manifesta, em sua enunciação, a posição de um enunciador. A responsabilidade dessa posição, no entanto, não é a

de L, que a considera absurda. Aparecem, então, duas diferentes vozes em um mesmo enunciado, contestando o preceito linguístico da unicidade do sujeito.

Embora não estenda muito essa ideia, Ducrot (2020, p. 224) menciona marcas que podem identificar a ironia: “[...] se L deve marcar que é distinto de E, é de uma maneira totalmente diferente, recorrendo, por exemplo, a uma evidência situacional, a entonações particulares, e também a certos torneios especializados na ironia como ‘Que ótimo!’ etc.”.

Por fim, Bastos e Nascimento (2023, p. 294) sintetizam o percurso proposto por Ducrot (2020), pelo qual se deve analisar um enunciado irônico:

1. entre os pontos de vista apresentados, pelo menos um deve ser absurdo, insustentável em si mesmo ou no contexto;
2. o ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor;
3. no enunciado não há expresso nenhum ponto de vista contrário ao ponto de vista absurdo que não é retificado por nenhum enunciador.

Utilizamos essas condições para construir nossas premissas para a identificação do uso da ironia nas crônicas que compõem o corpus desta pesquisa, aproveitando-nos dos conceitos do MDA. Particularmente, acreditamos ser produtivo considerar como uma das condições para o enunciado irônico o ponto de vista absurdo. Com ele, lembramo-nos do que é apresentado na Nova Retórica, por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), de que a ironia é uma forma de argumentação pelo ridículo. Para esses autores, a ironia é considerada uma figura — inclusive, retomam a definição de Quintiliano de ironia-tropo, ou seja, para o retórico romano, a ironia é significar o contrário do que se diz. Seu uso também é configurado como argumentação indireta, pois a ironia tem uma utilidade no argumentar, mas, para utilizá-la, e apesar de seu uso ser possível em todas as situações argumentativas, deve-se partir de um acordo prévio entre orador e auditório. Por isso, “a ironia não pode ser utilizada nos casos em que pairam dúvidas acerca das opiniões do orador” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 236).

A ironia depende de conhecimentos complementares tanto do próprio orador quanto de seu auditório, daí vem a noção de acordo, assim como é possível, desse modo, traçar a correlação com o Romantismo alemão que instaura a importância do “tu” receptor — é importante que o entendimento da ironia passe pela interpretação do outro. Esses conhecimentos, certamente, também podem ser relacionados aos implícitos discutidos por Grice (1975), porque a interpretação da ironia depende do interpretante, seja ouvinte, seja interlocutor, leitor. Esses entrançamentos entre noções distintas a depender do tempo são interessantes para se entender que, embora cada época e cada lugar utilize a ironia de uma

determinada forma ou a entenda e até mesmo a signifique de certa maneira, está-se falando sobre o mesmo fenômeno, que possui diversas faces, ou melhor, particularidades.

Voltando ao campo argumentativo, Tindale e Gough (1987) explicam de que forma a Lógica Informal — que analisa a validade dos argumentos e os classifica em categorias e raciocínios falaciosos — observa a ironia. Para essa vertente teórica, como a ironia encobre o absurdo de um argumento, ela é vista como uma forma de *reductio ad absurdum*. Os autores também citam o artigo de Kaufer (1977), para quem o recurso da ironia cria e contrasta dois grupos ou auditórios, esta última acepção em termos da Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014): as vítimas — aqueles que “sofrem” o “ataque” irônico por entenderem apenas o sentido literal — e os confederados — aqueles que conseguem entender a ironia.

Pensando nessa ambiguidade de sentidos, Tindale e Gough (1987), como lógicos informais, questionam o porquê de alguém usar a ironia como argumento, já que pode ser mal compreendido, algo que, na Lógica Informal, pode dificultar o andamento de uma situação argumentativa. Por isso, retomam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), para quem é importante que haja um acordo e informações suplementares compartilhadas entre orador e auditório, conforme conceitos da Nova Retórica, para haver a compreensão da ironia e, nos termos de Kaufer (1977), a separação entre dois grupos — as vítimas e os confederados. A partir disso, Tindale e Gough (1987) reconhecem o poder persuasivo da ironia. Podemos entender, ainda, que essa compreensão a partir de informações suplementares compartilhadas também inclui os valores (Brait, 2008; Hutcheon, 2000) compartilhados por esses grupos, algo que Kerbrat-Orecchioni (1978), mencionada na subseção anterior, aponta ao abordar o viés axiológico da ironia, mas não se aprofunda.

Ainda a respeito do artigo dos lógicos informais, Tindale e Gough (1987) sugerem um caminho para interpretar um enunciado irônico:

(1) Inicialmente, julgue se quaisquer afirmações são absurdas, ridículas ou contraditórias, dado o contexto e as crenças aparentes do autor. (2) Em seguida, decida se as condições do *reductio* são preenchidas e, se sim, lide com o argumento nesse nível. (3) Depois, decida se o argumento é falaciosamente inconsistente, nesse caso, pode ser simplesmente avaliado como tal. (4) Enfim, avalie o tom do argumento para ver se um significado alternativo da ironia é sugerido (Tindale; Gough, 1987, p. 13-14, tradução nossa).

Quanto ao tom do argumento, refere-se ao argumento como um todo, ao verificar se ele pode ser considerado, por exemplo, zombeteiro. Esses também são critérios interessantes para se identificar a ironia no interior de um texto. Certamente, tanto esse percurso quanto as condições do enunciado irônico da Argumentação na Língua, além de todo o panorama a

respeito da ironia nesta seção, auxiliaram-nos a definir o percurso a ser utilizado nessa pesquisa. Nas crônicas analisadas, foi um desafio destacar as partes irônicas, pois, como visto nesta subseção, a ironia é um conceito fugidio, com muitas faces, cujas elucubrações remontam à Antiguidade.

Não podemos deixar de fazer breves considerações a respeito da interseção entre ironia e gênero. Pesquisadoras como Olga Kempinska (2014) e Martinez Lozano (2022) fazem considerações pertinentes a respeito disso. Para Kempinska (2014, p. 468), por exemplo, há, por parte das mulheres, com a utilização da ironia, um “prazer de se apropriar, por fingimento, das palavras do discurso masculino paternalista que, ao mesmo tempo, se está negando com violência”, sendo que o prazer vem dessa negação. Martinez Lozano (2022) destaca não somente a ironia, mas também o humor em geral como uma forma de recuperar a memória tirada pelo patriarcado e constituir novamente a história das mulheres. Não podemos assegurar o prazer sentido por Dolores ao escrever afirmações irônicas, mas podemos considerar, por meio de nossa análise, a força do uso desse recurso por uma mulher, ainda mais quando ela o utiliza para defender o que acredita, defesa essa que é contrária ao *status quo* daquela época.

Entender profundamente a ironia foi relevante para o seguimento dessa análise, pois, como veremos, Carmen Dolores a utiliza, de forma muito consciente, em crônicas que versam a respeito do papel da mulher na sociedade brasileira do início do século XX. Antes de explicarmos, na próxima seção, de teor metodológico, o percurso dessa pesquisa — desde as primeiras reflexões pós-TCC, passando pela coleta de dados até a justificativa das categorias analíticas e como as crônicas serão analisadas —, julgamos fundamental sintetizar as principais reflexões sobre a ironia desta seção teórica, o que se mostra um desafio considerando a extensão dos estudos desta figura. Ainda no quadro abaixo, devemos esclarecer que, sobretudo as reflexões teóricas resumidas na parte “Na linguística”, ajudaram-nos a definir a composição de critérios de identificação dessa figura, separando-as entre as divisões nas quais foram discutidas (estudos na Antiguidade, na literatura e na linguística).

Quadro 2 – Síntese das principais discussões em torno da ironia neste capítulo

Na Antiguidade	
▪	Ironia socrática (Platão/Sócrates): prática pedagógica que consiste em perguntas, cuja resposta o locutor simula não conhecer, dirigidas ao interlocutor com a finalidade de alcançar o conhecimento (Brait, 2008; Rabatel, 2012);
	Quintiliano: ironia como estratégia retórica; distinção entre ironia-tropo (ironia como adorno) e ironia-figura (mensagem oculta em uma frase cabível à interpretação do ouvinte); esse último tipo (ironia-figura) pode ser utilizado quando é arriscado dizer o que era pretendido (Marques, 2016).
Na literatura (Romantismo alemão)	
▪	Ironia como forma de estabelecer a comunicação com o outro, de rir de si mesmo e de contestar, de forma subversiva, o que era estabelecido pelo governo, pela Igreja e pela família; esconde-se o

posicionamento do locutor e se reforça o do adversário, levando à destruição de opiniões rígidas do interlocutor (Brait, 2008; Duarte, 1994).

Na linguística

- Pragmática: a ironia desobedece à máxima da qualidade, pois o locutor afirma algo que crê ser falso (Grice, 1975); o sentido de um enunciado irônico é contextualmente inadequado (Searle, 1979); teor desvalorizante e axiológico da ironia (Kerbrat-Orecchioni, 1978);
- Análise do discurso: ironia como um enunciado único, irredutível, cabível a determinado contexto e a determinada situação, sua interpretação depende da formação discursiva do ironista e do interpretador, contestação a autoridades pela subversão de valores por intermédio da interdiscursividade, jogo entre significados (Brait, 2008; Hutcheon, 2000);
- Retórica e argumentação: uso estratégico da ironia, visando a determinado objetivo, como a proteção do sujeito-irônico (Machado, 1995); percurso para identificação da ironia (Ducrot, 2000); ironia como forma de argumentação indireta e necessidade de acordo com o auditório (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014); divisão entre vítimas e confederados (Kaufer, 1977); funções comunicativo-retóricas da ironia (Kaufer; Neuwirth, 1982); caminhos para identificar um enunciado irônico (Tindale; Gough, 1987).

Fonte: elaboração própria, a partir de Brait (2008), Duarte (1994), Ducrot (2000), Grice (1975), Hutcheon (2000), Kaufer (1977), Kaufer e Neuwirth (1982), Kerbrat-Orecchioni (1978), Machado (1995), Marques (2016), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Rabatel (2012), Searle (1979) e Tindale e Gough (1987).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Gênese da pesquisa

Mostra-se pertinente, antes de adentrar na temática desta pesquisa, relatar como o nome de Carmen Dolores chegou a mim. Como foi mencionado no início desta dissertação, estudei-a previamente no TCC. No segundo ano de graduação, deparei-me com o nome de Carmen Dolores em um artigo acadêmico sobre escritoras do século XIX e início do século XX. Pesquisando sobre ela e outras escritoras, encontrei um encarte da Câmara Federal, disponível on-line, da exposição *As mensageiras: primeiras escritoras do Brasil*, cujos painéis ficaram expostos em 2018, nos corredores da Câmara dos Deputados. Foi nesse encarte que tive o primeiro contato com a expressão “argumentadora máscula” para se referir à Carmen Dolores.

Figura 2 – Encarte sobre Carmen Dolores na exposição *As mensageiras*



Fonte: Brasil (2018).

Figura 3 – Texto sobre Carmen Dolores no encarte *As mensageiras*

Carmem Dolores é o pseudônimo mais conhecido de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (Rio de Janeiro, 1852 – 1910). Romancista, contista, cronista, crítica literária, conferencista e jornalista. Começou publicando contos no jornal *O País* – periódico matutino que por muito tempo teve a maior tiragem da América do Sul – e chegou às crônicas ocupando um espaço privilegiado: duas colunas inteiras na primeira página à esquerda, todos os domingos, entre 1905 e 1910, até sua morte. Gilberto Amado, que a substituiu em seguida, afirma que os maiores nomes das letras escreviam para *O País*, sendo Carmem “a mais bem paga [...] recebia mais que o jornalista Carlos de Laet”.

O crítico literário Agripino Grieco a considerou “uma argumentadora máscula”. O historiador Brito Broca lembrou a necessidade de Carmem Dolores “desdobrar-se em colaboração permanente em jornais e revistas”, destacando, ainda, seu espírito reivindicatório em favor de um novo lugar para a mulher, através de crônicas e outros textos em que o tema predominante era o divórcio.

O País dedicou uma matéria à memória de sua colaboradora no dia seguinte a sua morte, destacando a originalidade e a força de sua obra. O cronista João do Rio afirmou que “Carmem Dolores era dos poucos escritores que representavam bem o nosso grande momento de transformação [...] As suas crônicas são o mais exato documento do momento [...] Certo era bem mulher. A sua extraordinária suscetibilidade, a sua *coquetterie*, a leve irritação em questão de detalhe mundano provam-no bem [...] mas na mulher fulgurava um talento másculo, um observador, uma segurança de análise de fatos e das almas verdadeiramente excepcionais e uma coragem espantosa”.

Publicou alguns livros, como *Um drama na roça* (1907) e *A Luta* (1911), e deixou numerosos escritos esparsos na imprensa e inéditos.

Sua filha primogênita, Cecília Bandeira de Mello Rebelo de Vasconcelos (Rio de Janeiro, 1870 – 1948), mais conhecida como **Chrysanthème**, também estreou cedo nas letras, incentivada pela mãe, tendo publicado contos e crônicas em jornais e revistas do Rio de Janeiro, além de romances, literatura infantil e ficção histórica.

Fonte: Brasil (2018).

A inquietação pelas reflexões acerca do sentido de “argumentação máscula” viria após a finalização da pesquisa de Iniciação Científica (IC), em que analisei o uso de um meme em uma interação argumentativa no meio virtual. Ao chegar ao nome de Dolores, porém, foi necessário mudar as investigações no digital para os arquivos de jornais. Arquivos de periódicos armazenados digitalmente, claro, mas um corpus com características distintas, pois não investigaria mais o século XXI, e sim o século XX, outro contexto, analisando uma sociedade com ideias, aparentemente, distantes da nossa contemporaneidade. Anteriormente, no início

desta pesquisa, foi mencionado o percurso feito pelo TCC, em que investiguei se a denominação “argumentadora máscula”, de Grieco (1933), era cabível a Carmen Dolores, levando em consideração as categorias de análise *ethos* discursivo e valor. Ao final daquele trabalho, a intenção inicial foi continuar investigando a acepção “argumentadora máscula” a partir da diferenciação de marcas linguísticas — assim como de estratégias argumentativas — da escrita de mulheres e de homens.

Durante as primeiras reflexões para a elaboração do pré-projeto para o mestrado, em um período em que avaliava se, de fato, continuaria a pesquisar os textos de Carmen Dolores, deparei-me com um artigo a respeito de Francisca Júlia (Samyn, 2019), poeta paulista contemporânea a Dolores. O autor do artigo analisou a fortuna crítica de Francisca e ressaltou que os críticos, além de ressaltarem a beleza física da poeta, também a nomeavam “máscula”, o que, de certa forma, corroborou as considerações finais do TCC, já que, assim como Samyn (2019), verificamos um teor pejorativo nessa nomenclatura. No artigo, o autor compara a recepção de Francisca com a de Inês Sabino, que também foi denominada “máscula” por não ter atributos femininos considerados “normais” e, sobretudo, por ter veiculado textos considerados panfletários em favor dos direitos das mulheres.

Por outro lado, não se tem evidências de textos políticos de Francisca que poderiam descredibilizá-la diante dos críticos, mas a crítica inicial recebida por ela acreditou que, apesar de ela ter publicado seu primeiro poema com o próprio nome em um jornal, em razão do seu domínio na arte da versificação, tratava-se de um poema escrito por homem. Por esse motivo, foi chamada de “máscula”. No entanto, mesmo denominadas “homens”, Samyn (2019), ao analisar a crítica recebida por Francisca Júlia, assim como Dias e Damasceno-Morais (2024), que analisaram crônicas de Carmen Dolores, atestam o teor pejorativo dessa nomenclatura. Isso porque, apesar de Carmen Dolores, Francisca Júlia e Inês Sabino terem sido chamadas de “másculas” por seus pares masculinos, tal denominação não foi suficiente para que figurassem entre o seletto grupo de escritores (homens) cujos textos chegaram à posteridade.

O artigo de Samyn (2019) renovou o interesse de se pensar, de forma mais aprofundada, o termo “máscula”, mas foi com Nascimento (2015) que a intenção inicial de investigar uma suposta “escrita feminina” em Carmen Dolores foi percebida como algo insustentável. Seria desafiador, em uma pesquisa em nível de mestrado, identificar marcas relativas a gênero nos textos de Dolores sem recair em estereótipos. Analisar essa categoria (estereótipos) em nível textual e, ainda, pensá-la na argumentação de Dolores é certamente proveitoso, pois se trata de um conceito ligado, inclusive, aos valores que permeiam uma época. No XI Colóquio da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED Brasil), apresentamos um

trabalho que associava a “argumentadora máscula” Carmen Dolores ao conceito discursivo de estereótipo (Dias, 2024), relacionando-o ao *ethos* discursivo (Maingueneau, 2009).

No entanto, a crítica literária não vê, de forma positiva, investigações do que seria uma “escrita feminina” e como ela se diferenciaria de uma “escrita masculina”. Pelo contrário, pesquisas desse gênero podem recair no binarismo — a separação incontestável entre os dois gêneros — quando temos maior consciência da generificação em nosso século, que não se limita à existência de características estanques de dois gêneros, muito menos à existência de apenas dois gêneros (Nascimento, 2015).

Não tendo mais a perspectiva de investigar a suposta “escrita máscula” de Dolores, voltei-me às pesquisas sobre a autora. A tese de Hellmann (2015) compilou a transcrição de todas as crônicas do jornal carioca *O Paiz*, mas não do jornal *Correio da Manhã*, cujas poucas referências às crônicas deste jornal também foram encontradas em Soihet (2009). Com a intenção de ter um escopo diferente das demais pesquisas sobre a autora, julguei positiva a procura ao nome dela no *Correio da Manhã*. Para isso, procurei por referências a ela na Hemeroteca Digital⁹, a partir da pesquisa do periódico — *Correio da Manhã* (RJ) —, no recorte temporal de 1900 a 1909 (período delimitado pelo próprio site), utilizando aspas para haver precisão na busca do termo “Carmen Dolores”, sabendo que as colunas semanais publicadas em periódicos eram assinadas por seu célebre pseudônimo.

Por meio dessa busca inicial, encontrei uma das crônicas que faz parte do corpus desta pesquisa. Publicada no dia 26 de novembro de 1908 (edição nº 2691), a crônica intitulada “Enrico Ferri” fazia menção a um mesmo evento de uma crônica publicada no jornal *O Paiz*, que, inclusive, compôs o corpus do TCC (Dolores, 1908c). Todavia, de modo distinto a essa crônica previamente analisada, a crônica de Dolores publicada no *Correio da Manhã* soou ainda mais ácida, com uma frase de encerramento que, em uma primeira leitura, pareceu-nos extremamente irônica. Lembrei-me, desse modo, das considerações finais do TCC em que destaquei o uso da ironia como uma possível categoria analítica para verticalizar os estudos dos textos cronísticos da escritora. Assim, foi iniciada uma busca por outras crônicas no jornal *Correio da Manhã* em que me parecia possível — mesmo que de forma ainda incipiente, pois ainda não havia me aprofundado nas leituras teóricas para entender as várias nuances desse conceito — destacar o uso da ironia.

Julguei imprescindível realizar essa breve contextualização para relatar os tortuosos caminhos para a consolidação de um projeto de pesquisa para o mestrado. Embora tenha

⁹ De acesso público, a Hemeroteca Digital pode ser consultada em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

narrado de forma objetiva, os acontecimentos não foram tão lineares. Houve muitas incertezas e aparentes certezas até decidir pela continuidade dos estudos com Dolores e o que investigar nas crônicas dela. Na próxima subseção (4.2), descrevo a seleção e a delimitação do corpus, apresentando brevemente as crônicas escolhidas. Quanto à forma com que os dados foram selecionados e à forma com que pensamos as categorias de análise — para lembrar: ironia, Oponente e valor —, apresento-as na subseção posterior (4.3).

4.2 Seleção do *corpus*

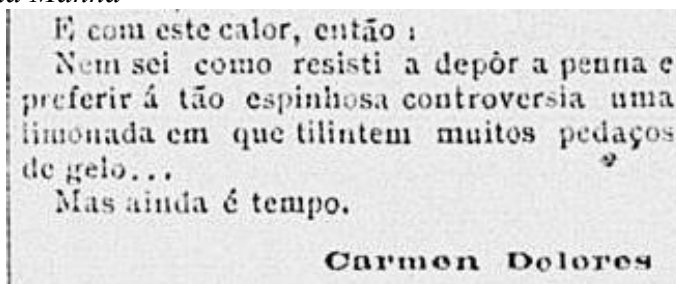
O nosso banco de dados é gestado desde o TCC, sendo composto pelas 282 crônicas transcritas por Hellmann (2015), dentre as quais selecionamos oito para análise no TCC; por artigos sobre a autora, que utilizamos como referências para esta pesquisa (Hellmann, 2013, 2015, 2021; Soihet, 2009); e pelo encarte da Câmara Federal, mencionado na seção anterior (Brasil, 2018). As crônicas transcritas por Hellmann (2015) foram essenciais para a composição de alguns trechos desta pesquisa, principalmente aquelas em que Carmen Dolores pincelava fatos biográficos. A esse banco foram adicionadas outras crônicas e textos, como explicamos, de forma pormenorizada, a seguir.

Deve-se deixar claro que não lemos as 282 crônicas de Hellmann (2015). Na época do TCC, foram selecionadas primeiramente 23 crônicas cujos temas eram a defesa pelo divórcio e a posição social da mulher naquele período. Em seguida, dessas 23, selecionamos apenas 8 para compor o corpus do TCC. Como mostramos a seguir, duas dessas crônicas analisadas naquele trabalho compuseram o corpus desta dissertação.

No entanto, julguei que precisava de uma seleção maior de textos cronísticos para avaliar, de forma mais detida e mais completa possível para uma pesquisa de mestrado, o uso da ironia pela escritora. O jornal carioca *Correio da Manhã* mostrou-se uma fonte rica de novas crônicas a que eu não tive acesso até então. Foi o momento de coletar novos materiais por intermédio da Hemeroteca Digital. Pesquisei, no site, o acervo de periódicos com os seguintes comandos: em “periódico”, selecionei *Correio da Manhã* (RJ), entre o período de 1900–1909 (um dos períodos delimitados pelo próprio site) e, para facilitar a precisão das buscas, procurei entre aspas a ocorrência de “Carmen Dolores”, já que, desse modo, seria mais fácil encontrar as colunas semanais que ela assinava (a colocação entre aspas para pesquisas com maior precisão é recomendada pela própria Hemeroteca Digital). A partir disso, foi o momento de selecionar as ocorrências de seu nome, conferindo se não se tratava de menções ao seu nome em notícias ou por outros colaboradores.

Primeiramente, limitei-me à ocorrência de seu nome apenas como assinatura das crônicas, como o exemplo abaixo:

Figura 4 – Captura de tela de excerto da crônica “Ideias que esvoaçam”, publicada no jornal *Correio da Manhã*



Fonte: Dolores (1907b).

Com essa busca, selecionei outras duas crônicas, tirando capturas de telas delas, via computador, para analisá-las detidamente e, se fosse o caso, transcrevê-las. Além da crônica selecionada do *Correio da Manhã*, nomeada “Enrico Ferri”, citada na subseção anterior, foram pré-selecionados os textos “Comparemos” (edição nº 2369) e “Ideias que esvoaçam” (edição nº 2328), dos quais apenas selecionamos para composição do corpus a última crônica “Ideias que esvoaçam” (Dolores, 1907b, 1908b, 1908c). Vale lembrar que a procura foi por crônicas que contivessem, em algum momento, o que julgamos ser ironia e, além disso, temas mais polêmicos (pelo menos naquela época) e relevantes para Carmen Dolores. O tema selecionado das crônicas que compõem o corpus desta pesquisa foi a posição social da mulher, tema extremamente caro à cronista e recorrente em suas produções. “Comparemos”, portanto, não foi selecionado porque, embora abordasse um tema interessante, discorria especificamente acerca da situação de escritoras na Europa e no Brasil.

Nessa etapa da pesquisa, as primeiras leituras sobre o termo começaram a ser feitas e seria necessário efetivar mais leituras a respeito da ironia e muitas mais das crônicas para selecionar quais se utilizavam da ironia, cujos critérios para verificação desse recurso foram explicados na subseção 4.3. Posteriormente, contudo, começaram a surgir referências ao nome de Dolores em outras partes do jornal, além das crônicas que ela assinava. Encontramos, particularmente, menções ao nome dela por leitoras em um denominado “concurso feminino”¹⁰. Buscando pela origem desse concurso, encontramos a publicação da chamada dele, a partir da

¹⁰ Por ser parte do contexto de produção de duas das crônicas que serão analisadas, a saber “Conversando” e “Amiguinhas anônimas”, não relatamos nesta parte os pormenores do denominado concurso feminino. Na seção 5, apresentamos devidamente o contexto.

pesquisa pelo mesmo jornal, no mesmo período, mas com a expressão “concurso feminino” presente na busca para encontrar, com precisão, o termo.

Na edição nº 2855, do dia 10 de maio de 1909, foi aberto um concurso de cartas nos quais as mulheres pudessem manifestar a escolha da melhor carreira profissional para a mulher (Concurso [...], 1909a). Foi na edição do dia 29 de maio de 1909 que encontrei a resposta de uma leitora do jornal que citou não apenas o nome de Carmen Dolores, como também fez referência a uma crônica dela, publicada em uma das edições anteriores daquele mesmo jornal. Foi dessa forma, então, que foram encontradas as duas últimas crônicas selecionadas do *Correio da Manhã* para compor o corpus desta dissertação: “Conversando...” (edição nº 2872) e “Amiguinhas anônimas” (edição nº 2879) (Dolores, 1909a, 1909b). De ambas, foi tirada a captura de tela para transcrição posteriormente. A primeira crônica fazia referência ao texto do jornalista Theotônio Filho (1909), também publicado no *Correio da Manhã*; e a segunda crônica referia-se a uma notícia publicada no jornal *A notícia*, veiculado no Rio de Janeiro, edição nº 121. Para entender melhor os acontecimentos relatados por Carmen Dolores nessas duas crônicas, foi necessário buscar esses outros textos, o que fizemos. Relatamos o conteúdo deles na primeira seção analítica, assim como os inserimos nos anexos (Anexo B) desta pesquisa.

Foram coletadas, então, quatro crônicas do jornal *Correio da Manhã* e, em seguida, todas foram transcritas atualizando a ortografia conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009. Essa atualização mostrou-se necessária em razão do distanciamento temporal das normas ortográficas vigentes entre 1907 e 1909 e as atuais. Para gerar uma proximidade com o leitor contemporâneo e para se adequar à norma culta empregada nesta dissertação, optamos pela atualização. Porém, ressaltamos a possibilidade de conferir a grafia original nos acervos da Hemeroteca Digital.

Cabe ressaltar que, pela condição da digitalização de alguns periódicos, algumas partes estavam borradas e algumas palavras, pouco legíveis. Isso definiu a nossa escolha por crônicas que pudessem ser majoritariamente transcritas. Aquelas que estavam muito comprometidas por intempéries, por mais interessantes que parecessem e tivessem o que identificamos como ironia, foram descartadas na seleção. Por isso, na transcrição das crônicas, presentes no Anexo A deste documento, há algumas ocorrências da seguinte forma: “[ilegível]”. Essas marcações referem-se apenas a algumas palavras que não foram possíveis de ser compreendidas, mas que, de certo modo, não comprometem o entendimento global do texto. Também anexamos, ao final do documento, os textos mencionados por Carmen Dolores nas crônicas “Conversando...” e “Amiguinhas anônimas” (Anexo B).

Com as quatro crônicas do *Correio da Manhã* selecionadas, aproveitei-me para recorrer ao TCC e selecionar outras duas, do periódico *O Paiz*, em que também foi identificada, em uma breve análise, a ocorrência da ironia. Esses textos foram coletados da tese de Hellmann (2015) e analisados no TCC, portanto já estavam transcritos e com a ortografia atualizada. As crônicas publicadas no *O Paiz*, jornal carioca, não possuem título específico. Como eram publicadas na disputada coluna “A semana”, difundida aos domingos, tinham apenas como título o nome da coluna. Por isso, atribuímos a elas os nomes dos homens contra os quais Dolores argumenta. A primeira denominamos “Carlos de Laet”, retirada da edição nº 8305 (Dolores, 1907a), e a segunda chamamos “Enrico Ferri”, que relata o mesmo acontecimento do texto cronístico publicado no *Correio da Manhã*, mas que n’*O Paiz* foi publicado na edição nº 8823 (Dolores, 1908b). Essas crônicas encontram-se no quadro abaixo (Quadro 3) e pospostas com um asterisco (*) após o título, utilizado para indicar que os títulos foram atribuídos por nós. A escolha por voltar a crônicas desse trabalho prévio se deu em razão de já terem sido analisadas, embora não focando na ironia como categoria de análise, mas nas quais me lembrava que era um recurso presente.

Ao nosso banco de dados então, para esta pesquisa, foram adicionadas mais cinco crônicas do *Correio da Manhã*, sendo que selecionamos quatro para compor o corpus. Além disso, também fazem parte da pesquisa e, conseqüentemente, do banco de dados quatro textos relacionados às crônicas das edições nº 2872 e nº 2879 (Dolores, 1909a, 1909b), são eles: o texto de Theotonio Filho publicado no jornal *Correio da Manhã* (edição nº 2866), na coluna De relance; a resposta da leitora *Borboleta dos Amores* no concurso feminino, na edição nº 2874, e de outras leitoras (edição nº 2875), do *Correio da Manhã*; e uma notícia publicada no jornal carioca *A Notícia* (edição nº 121), na coluna *Pequenos Echos* (Concurso [...], 1909b, 1909c; Pequenos [...], 1909; Theotonio Filho, 1909).

No total, foram selecionadas duas crônicas do jornal *O Paiz* e quatro crônicas do *Correio da Manhã*. Abaixo, sintetizamos em um quadro a relação de crônicas, com a edição, os títulos segundo os quais elas serão analisadas e o código conforme o qual nos referiremos a elas, em ordem de análise, além da data de publicação de cada uma delas:

Quadro 3 – Relação de crônicas

Data de publicação	Edição (nº)	Veículo jornalístico	Título da crônica	Código da crônica
30 jun. 1907	8305	<i>O Paiz</i>	Carlos de Laet*	C1
23 nov. 1907	2328	<i>Correio da Manhã</i>	Ideias que esvoaçam	C2
26 nov. 1908	2691	<i>Correio da Manhã</i>	Enrico Ferri	C3
29 nov. 1908	8823	<i>O Paiz</i>	Enrico Ferri*	C4

27 maio 1909	2872	<i>Correio da Manhã</i>	Conversando...	C5
03 jun. 1909	2879	<i>Correio da Manhã</i>	Amiguinhas anônimas!	C6

Fonte: elaboração própria (2025).

Selecionamos seis crônicas, pois foram as que julgamos conter ironia, em uma primeira análise, antes da composição efetiva da fundamentação teórica. Ademais, acreditamos ser um número suficiente para conhecer melhor a escrita de Carmen Dolores, além dos temas que ela evoca e da forma como defende suas ideias, aspectos que tornaram a análise mais clara.

Na subseção seguinte, foram justificadas as escolhas das categorias de análise, a saber: ironia, papel argumentativo de Oponente (Plantin, 2018) e valor. Essas categorias foram decididas levando em consideração, primeiramente, o corpus, no qual, como mencionado, interessamo-nos pelo uso da ironia. Por meio da leitura das crônicas e de leituras teóricas a respeito da ironia, identificamos que esses conceitos poderiam ser utilizados para alcançar o objetivo principal: analisar como Carmen Dolores assume o papel de Oponente com a utilização desse recurso argumentativo.

4.3 Atravessamentos teóricos no *corpus*: ironia, Modelo Dialogal da Argumentação e valores

Desde o TCC, uma das figuras utilizadas por Carmen Dolores — além da metáfora e da hipérbole, apenas para citar alguns exemplos — que nos chamou a atenção foi a ironia. Por já ter trabalhado brevemente com o conceito durante a IC e por saber que ele tinha várias nuances, achei pertinente fazer da ironia a categoria de análise principal da dissertação. A ela, precisariam ser relacionadas outras categorias para vincular a pesquisa aos domínios da argumentação e haver algo considerável para analisar. Investigando o corpus, cuja seleção foi descrita na subseção anterior, percebi que, apesar de não ser a única estratégia, adicionando-se a ela outros mecanismos, os quais denominamos *mecanismos de descredibilização do Proponente*, a utilização da ironia fazia com que Dolores se opusesse aos seus adversários, criando, inclusive, certas ambiguidades, pois constantemente me indagava se ela estaria de fato argumentando contra seus opositores ou, pelo contrário, concordando com eles. Isso porque esse recurso era acompanhado por elogios, ao mesmo tempo que criticava negativamente os seus interlocutores — em sua maioria, homens —, o que denominamos “morde e assopra” em um artigo prévio (Dias; Damasceno-Morais, 2024).

Em razão de se opor aos valores patriarcais vigentes naquela época, entendemos que, de acordo com os termos do Modelo Dialogal de Argumentação, ela ocuparia o papel

argumentativo de Oponente, utilizando a ironia como recurso argumentativo para evidenciar sua oposição, que parece ficar mais clara quando classificamos as afirmações irônicas em suas determinadas funções comunicativo-retóricas (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969). Aliando o conceito dialogal de Oponente à ironia, o **objetivo principal** foi sintetizado com mais clareza: *analisar como, por meio da ironia, Carmen Dolores assume o papel de Oponente*.

Relembramos, igualmente e para introduzir o tópico dessa subseção, os **objetivos específicos**:

1. Identificar a ocorrência do uso da ironia em seis crônicas de Carmen Dolores;
2. Distinguir os valores evocados pela escritora e pelos Proponentes que ela evoca;
3. Inferir qual a função de cada uso da ironia (reforço e/ou ridicularização e/ou refutação) nas crônicas selecionadas;
4. Observar se, porventura, há outros mecanismos, além da ironia, atuando como mecanismos de descredibilização do Proponente.

Ciente de que são os dados que decidem a teoria que utilizaremos, recorri à teoria sempre com os dados em mente. Ao mencionar a teoria, refiro-me tanto a que diz respeito à ironia quanto aos valores e ao MDA. Por já estar envolta nos estudos argumentativos desde a graduação, as pesquisas sobre os valores e o MDA foram realizadas sem muitos percalços.

Por outro lado, estudar a ironia mostrou-se um desafio: eram inúmeras as referências a esse conceito, afinal há menções a ele desde a Antiguidade. Foi desafiador, pois, delimitar e dialogar com as pesquisas. Era necessário, claro, fazer um bom panorama do conceito, o que foi feito considerando seu percurso histórico (Brait, 2008; Eggs, 2009; Muecke, 2020; Rabatel, 2012) e literário (Brait, 2008; Duarte, 1994). Nos estudos linguísticos, a Pragmática (Gibbs Jr.; O'Brien, 1991; Grice, 1975; Kerbrat-Orecchioni, 1978; Searle, 1979) ofereceu-nos caminhos interessantes para a reflexão, assim como a Análise do Discurso (Brait, 2008; Hutcheon, 2000) e a Argumentação (Anscombre; Ducrot, 1983; Ducrot, 2020; Kaufer, 1977; Kaufer; Neuwirth, 1982; Machado, 1995; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014; Tindale; Gough, 1987). Na parte inicial desta subseção, apresentei de que forma entrelaçamos as categorias — ironia, Oponente e valor — para analisar o corpus composto por crônicas escritas por Carmen Dolores e alcançar os objetivos, e principalmente apresentei o entendimento que esta pesquisa terá sobre a ironia.

Para chegar ao objetivo, foi essencial delinear qual entendimento sobre a ironia considerei para a análise das crônicas de Carmen Dolores. Proveniente de manuais retóricos, a definição clássica da ironia é dar a entender o contrário do que se diz, mas assim também pode se categorizar a mentira. Para isso, Kerbrat-Orecchioni (1978) diferencia a *mentira* da *ironia* de forma linguística: na ironia, L diz A, pensa não-A e quer que o interlocutor entenda não-A;

enquanto a mentira se fundamenta por L dizer A, pensar não-A e querer que o interlocutor entenda A. Além disso, a autora ressalta que a ironia sempre tem um teor desvalorizante.

Posso dizer que um competidor de uma maratona é tão rápido quanto uma tartaruga — a ironia encontra-se no fato de a tartaruga ser um animal lento e, em uma competição desse gênero, a característica principal dos competidores deveria ser a rapidez. Nesse exemplo, também reside o fato de que é desvalorizante, em nossa sociedade, ser chamado de “tartaruga”, de lento. De forma distinta, a mentira não é desvalorizante e, mais do que isso, não se quer fazer entender o contrário do que se diz, e sim o que, de fato, foi dito. Posso mentir a alguém e dizer que li *A Ilíada* três vezes, ou que foi meu irmão quem quebrou o vaso de porcelana de minha mãe. Com isso, quero que o interlocutor entenda exatamente o que eu disse, e não o contrário.

Além do fator da desvalorização, façamos um breve comentário a respeito da noção de interlocutor. Assim como diz o ditado: se “a maldade está nos olhos de quem vê”, a ironia está não apenas nos olhos (na intenção) do locutor, mas também nos olhos (na recepção) do interlocutor. Essa leitura está no uso desse recurso durante o Romantismo alemão, bem como em Kaufer (1977) quando menciona que, em uma relação interpretativa em que está presente a ironia, delineiam-se as vítimas (aqueles que a compreendem em seu sentido literal e são, geralmente, os alvos da ironia) e os confederados (aqueles que a compreendem como ironia). Também está em Brait (2008), a qual afirma que cabe ao enunciatário decodificar os sinais do produtor do enunciado irônico. Hutcheon (2000), em *Teoria e política da ironia*, defende, ao longo de todo o livro, o papel fundamental do receptor, a quem ela chama interpretador da ironia. Da mesma forma, Duarte (1994) e Machado (1995) ressaltam a importância dele.

Entendemos que, no que se refere às crônicas de Dolores, o papel de interlocutor — em termos perelmanianos, auditório (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) — é ocupado principalmente por nós, leitores do século XXI. Com a exceção de uma crônica entre as que serão analisadas na parte analítica, não tivemos acesso às reações e às interpretações dos leitores do período em que Dolores escreveu. Por isso, precisávamos mais, para analisar os dados, do que o entendimento de que a ironia, para assim ser caracterizada, necessita da relação leitor, autor e texto (Machado, 1995; Muecke, 1969; Orlandi, 2012). Afinal, seria muito subjetivo — e, portanto, pouco objetivo — analisarmos as crônicas da autora com enunciados que *julgamos* ser irônicos.

Em razão disso, além de compreender o fator desvalorizante da ironia e do importante papel do interlocutor, foi imprescindível ter um percurso mais claro para a identificação de enunciados irônicos. Logo, é pertinente retomar as condições para a consideração de um enunciado irônico de Ducrot:

1. entre os pontos de vista apresentados, pelo menos um deve ser absurdo, insustentável em si mesmo ou no contexto;
2. o ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor;
3. no enunciado não há expresso nenhum ponto de vista contrário ao ponto de vista absurdo que não é retificado por nenhum enunciador (Ducrot, 2020 *apud* Bastos; Nascimento, 2023, p. 294).

Como mencionado na fundamentação teórica, Ducrot (2020) faz uma distinção entre *locutor* e *enunciador*, o que lhe serviu para compreender a ironia como um fenômeno da polifonia de enunciadores, já que, em um enunciado irônico, deve-se distinguir locutor e enunciador para entender a retomada, pelo locutor, de um enunciado proferido pelo enunciador. Em primeiro lugar, gostaríamos de reforçar que não utilizamos, de forma integral, o percurso pelo qual Ducrot estipula as condições do enunciado irônico, embora partamos dele para definir as nossas. Isso porque não é nossa intenção utilizar as noções de locutor e de enunciador, e sim, consoante o MDA, as de Proponente e Oponente, para distinguir quem “fala” nos textos de Carmen Dolores. Também defenderemos, posteriormente, nosso interesse em investigar as condições de produção, e não apenas o nível intralinguístico, foco de Ducrot e de sua Teoria da Argumentação na Língua.

A respeito dos papéis de atuação teorizados pelo MDA, defendemos que a escritora se opõe (papel argumentativo de Oponente e, como é ela a responsável pelo enunciado, haveria a aproximação com o conceito de locutor de Ducrot) aos Proponentes, aqueles, em sua maioria homens, com os quais ela discorda e que não são os responsáveis pela enunciação, e sim por pontos de vista expressos direta ou indiretamente no enunciado, como será visto na análise. Também consideramos que estamos diante de um corpus que pauta o dialogismo interdiscursivo, isto é, a interação entre diferentes (e antagônicos) discursos. Portanto, por uma escolha teórico-metodológica, neste trabalho, em vez de locutor, falaremos em Oponente; e, em vez de enunciador, falaremos de Proponente. Tal mudança se justifica levando em consideração o diálogo da pesquisa em termos do MDA. Cabe ressaltar que intencionamos analisar a forma como Carmen sustenta o papel argumentativo de Oponente; logo, já estamos pressupondo que ela o ocupa.

Além dessa nuance a respeito das noções de locutor e de enunciador, é imprescindível que determinemos o que é “absurdo”. Essa palavra pode ser vaga ou parcialmente entendida, por isso é necessário defini-la melhor. Para começar a traçar um caminho para a reflexão, voltemos ao raciocínio de que o absurdo é algo “insustentável em si mesmo ou no contexto” (Bastos; Nascimento, 2023, p. 294). Mencionada na fundamentação teórica, a anedota do

Teckel, apresentada por Ducrot (2020), é irônica, pois o locutor (freguês do restaurante) menciona um enunciado do gerente do restaurante, que, no enunciado do freguês, torna-se enunciadador. O enunciado é absurdo — insustentável em si mesmo e no contexto — e, portanto, irônico, visto que as raças Teckel e São-bernardo são muito distintas (principalmente em tamanho). Desse modo, o absurdo reside no fato de que, de forma alguma, um Teckel poderia ter sido um dia um São-bernardo, como enunciou o freguês. Essa anedota apenas faz sentido se os leitores/ouvintes dela entenderem que, primeiramente, o gerente do restaurante resgata o passado glorioso dos colaboradores do local para dar a entender (ou seja, o freguês inferiu, mesma habilidade que o leitor deve ter) que era uma honra se alimentar naquele restaurante e, em seguida, a diferença entre essas duas raças de cachorro (o conhecimento compartilhado). Para que haja a compreensão de um texto, dois fatores de coerência, entre os oito elencados¹¹ por Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2018), são necessários: a inferência e o conhecimento compartilhado. Esses dois fatores também são essenciais para o entendimento da ironia presente na anedota.

Mas o que, afinal, poderíamos classificar como absurdo? Contrário à razão e ao bom senso; algo que foge das regras estabelecidas; o que é tolo, ingênuo. Essas são algumas definições do termo presentes no dicionário on-line Michaelis (Absurdo, 2015). Absurdo era como os indivíduos contrários ao divórcio viam a defesa da separação em uma sociedade predominantemente cristã, como a que viveu Carmen Dolores — a separação legal de um casal não era aceita socialmente. Atualmente, embora ainda haja grupos que não aceitem a separação civil, não é algo que foge às regras estabelecidas, contrário à razão, tolo. Temos, então, o fator sócio-histórico para demonstrar que o absurdo depende do tempo, do espaço e da cultura. Mas também é algo extremamente subjetivo, pois, mesmo na época de Dolores, ela não achava, como alguns de seus colegas, absurdo defender a possibilidade de um casal se divorciar. Estamos diante de uma questão de juízo de valor ou, simplesmente, de valores, em termos da Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014).

Ducrot (2020), ocupando-se do nível intralinguístico, não perscrutou o extralinguístico. Por isso, nossas pesquisas centraram-se não em uma definição do absurdo, mas de formas de percebê-lo nas crônicas de Carmen Dolores. Para isso, tivemos o auxílio das reflexões de alguns

¹¹ São eles: conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, inferências, fatores de contextualização, situacionalidade, intertextualidade, consistência e relevância. Ao ressaltar apenas dois (conhecimento compartilhado e inferências), não queremos dizer que os outros também não são importantes para o entendimento da ironia, mas, nesse momento, apresentamos esses dois para sustentar a defesa pela forma com a qual trataremos a ironia (Koch; Elias, 2018).

teóricos, entre eles Tindale e Gough (1987), os quais fornecem um caminho para a interpretação da ironia:

(1) Inicialmente julgue se quaisquer afirmações são absurdas, ridículas ou contraditórias dado o contexto e as crenças aparentes do autor. (2) Em seguida decida se as condições do *reductio* são preenchidas e, se sim, lide com o argumento nesse nível. (3) Depois, decida se o argumento é falaciosamente inconsistente, nesse caso pode ser simplesmente avaliado como tal. (4) Enfim, avalie o tom do argumento para ver se um significado alternativo da ironia é sugerido (Tindale; Gough, 1987, p. 13-14, tradução nossa).

Interessa-nos a menção dos autores ao absurdo em “afirmações absurdas, ridículas ou contraditórias”, mas com o diferencial, em comparação a Ducrot (2020), de não apenas citar o contexto, mas as *crenças* do autor, algo externo ao nível puramente linguístico. Novamente, estamos diante de um aspecto subjetivo e podemos aproximá-lo dos valores — noção da Nova Retórica que diz respeito ao juízo de valor —, critérios que orientam as ações humanas e estão impregnados na subjetividade. Eles são determinados por uma época, por um local, por uma cultura. Essas crenças, segundo Tindale e Gough (1987), são do autor, ou seja, isso implica o fato de que, ao conhecer melhor o autor, entendemos se ele é irônico. Ao ler as crônicas de Carmen Dolores, por exemplo, compreendemos melhor quais são os temas mais frequentes e captamos padrões estilísticos que podem nos ser valiosos para a identificação de ocorrências da ironia.

Voltemos à importância do papel do interpretador da ironia (Hutcheon, 2000), mencionada anteriormente. Kaufer (1977) separa o grupo que compreende a afirmação absurda, que, nesse caso, leva à ironia, em confederados; enquanto são vítimas aqueles que não entendem e são, conseqüentemente, alvos da ironia. Nessa mesma ideia, entende-se a separação entre grupos, que, como defende Hutcheon (2000) e Brait (2008), são diferenciados pela formação discursiva em que estão inseridos. Esse conceito refere-se a “todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa” (Maingueneau, 2014, p. 242).

Em outras palavras, só é possível interpretar um enunciado ou uma situação como irônica se o indivíduo estiver em um grupo inserido em determinada formação discursiva. A exemplo disso, os interlocutores/leitores de Dolores poderiam entender a ironia de seus textos se estivessem inseridos em uma formação discursiva alinhada ao que ela acreditava. Além disso, o que Brait (2008) e Hutcheon (2000) defendem é o fato de que a ironia pode não ser apenas em nível do enunciado (Ducrot, 2020) ou de afirmações (Tindale; Gough, 1987), mas também em nível textual e contextual, considerações que também aplicamos ao nosso corpus.

No entanto, embora Hutcheon (2000) e Brait (2008) falem de formação discursiva e Tindale e Gough (1987) mencionem crenças, decidimos nos referir à noção retórica de valor, levando em consideração a inserção desta dissertação no domínio argumentativo. Nossa intenção não é fazer uma equivalência entre os termos, pois entendemos as diferenças entre eles, apenas estamos fazendo uma ressalva para o que julgamos melhor dialogar com esta pesquisa.

Em linhas gerais, o absurdo está em determinadas afirmações (Tindale; Gough, 1987) ou enunciados (Ducrot, 2020) insustentáveis em si mesmos, no contexto ou, ainda, relativos às crenças do autor. Ademais, Tindale e Gough (1987, p. 13-14) também consideram afirmações contraditórias “dado o contexto e as crenças do autor”, fator que precisamos levar em consideração. Em especial, relembremos a definição de ironia para Hutcheon (2000, p. 155), para quem esse recurso é definido como “um processo de comunicação que implica dois ou mais significados sendo jogados um contra o outro”. A contradição é definida pela incoerência, pela afirmação do contrário do que foi dito (Contradição, 2015), o que coloca o leitor em um impasse interpretativo: deve-se acreditar em qual dos sentidos? Tal aspecto — a contradição — também nos será valioso para a consideração das afirmações irônicas.

Antes de sintetizarmos de que forma destacamos a ironia nas crônicas de Dolores, ressaltamos, em último lugar, o que Brait (2008) considera como condições para a realização da ironia: (1) recuperação do já-dito, pertencente a determinada formação discursiva, reconhecível por um receptor; (2) compreensão e interpretação, pelo receptor, da ironia em outro contexto. Nesse sentido, estamos diante, ainda que não nos mesmos termos, das condições do enunciado irônico por Ducrot (2020), pois o “já-dito”, mencionado por Brait (2008), refere-se àquilo que é enunciado por um enunciador, isto é, a pontos de vista expressos direta ou indiretamente em um enunciado. O “já-dito”, como será visto, foi fundamental para a identificação da ironia em algumas das crônicas da escritora carioca.

Por fim, levando todas essas reflexões em consideração, traçamos o seguinte percurso metodológico para identificar o recurso da ironia nas crônicas de Carmen Dolores:

- a) Entre as afirmações apresentadas, há alguma absurda ou contraditória no texto, ou algum posicionamento distinto do esperado, considerando os valores defendidos pela escritora. Diante disso, deve-se avaliar a afirmação considerando um desses dois casos:
 - Se há uma afirmação absurda, ela não é atribuída ao Oponente (Carmen Dolores), e sim ao Proponente (adversários que ela evoca);

- Se há uma afirmação contraditória, deve-se verificar a coexistência de dois ou mais sentidos em embate no texto;
- b) A afirmação possivelmente irônica tem algum aspecto desvalorizante em relação ao Proponente.

Tendo essas condições definidas — que utilizamos para *destacar a ironia nas crônicas da autora*, nosso primeiro objetivo específico —, devemos lembrar que o segundo objetivo específico é *distinguir os valores evocados pela escritora e demais autores que ela evoca*, o que foi feito com base na conceituação do termo feita por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Esclarecendo os valores defendidos por Carmen Dolores e seus opositores, é possível cumprir o próximo objetivo específico. Afinal, para entender a função da ironia em cada uso, deve-se entender contra quem Dolores argumenta, assim como quais valores ela e seus adversários estão defendendo.

Em seguida, tendo destacado os momentos em que Dolores se utiliza da ironia e os valores ressaltados, pudemos *identificar qual a função de cada uso da ironia* (terceiro objetivo específico) em termos definidos por Muecke (1969, p. 232-233, tradução nossa): “reforçar o que alguém quer significar”, “atacar um ponto de vista ou expor a tolice, a hipocrisia ou a vaidade” de alguém e “levar os leitores a verem que as coisas não são tão simples quanto parecem ser”. Essas funções comunicativo-retóricas foram sintetizadas por Kaufer e Neuwirth (1982) como, respectivamente: reforçar, ridicularizar e refutar. As reflexões desses autores foi exposta na seção teórica e, para destacar cada uma das funções, também elaboramos um percurso para identificá-las (na subseção 3.3):

- a) Se a função comunicativo-retórica for de *reforço*, os valores colocados em primeiro plano devem ser compartilhados pelos componentes em interação;
- b) Se a função comunicativo-retórica for de *ridicularização*, os valores em primeiro plano não são compartilhados e o ironista finge ter determinados valores;
- c) Se a função comunicativo-retórica for a de *refutação*, os valores em primeiro plano são compartilhados; o ironista aplica valores ou ideias que anulariam as do adversário; e ainda faz com que o adversário repense seu posicionamento.

Formulamos, com isso, a hipótese de que, com o uso da ironia, Carmen Dolores tende a ridicularizar, isto é, atacar um ponto de vista, de forma a expor a tolice e a hipocrisia das pessoas contra as quais ela argumenta. Disso resultaria o aspecto desvalorizante (Kerbrat-Orecchioni, 1978) da ironia. Logo, a função predominante da ironia nas crônicas pode ser a ridicularização, mas, como estamos diante de um corpus com uma quantidade considerável de crônicas e de situações estásticas (Damasceno-Morais, 2023b; Figueiredo; Damasceno-Morais, 2024),

estamos cientes de que podemos atestar outras funções. Enfim, o último objetivo específico é *observar se, porventura, há outros mecanismos, além da ironia, atuando para descredibilizar o Proponente*. Se atestados, esses mecanismos podem realçar a ironia, ajudando Carmen Dolores a sustentar com ainda mais efetividade seu papel como Oponente.

Na próxima e última subseção da metodologia, destacamos a divisão das crônicas para análise. Como expusemos a forma com que foi feita a seleção das crônicas da subseção anterior e, nesta, explicamos o procedimento que seguimos para identificar a ironia, foi necessário descrever, em mais uma parte, o modo como identificamos a ironia em cada uma das seis crônicas, além de como elas foram analisadas a partir da seção 5.

4.4 Procedimentos para a análise da ironia nas crônicas de Carmen Dolores

Com o aporte teórico necessário para entender a ironia, assim como o entendimento do caminho que optamos por seguir para ressaltá-la nas crônicas, foi feita diversas vezes a leitura atenta dos seis textos cronísticos que compõem o *corpus*. Separamos, assim, a parte analítica em duas seções, sendo a primeira com três subseções. A primeira subseção da primeira parte analítica consiste na descrição do conteúdo das crônicas, inclusive o contexto de produção delas, além da identificação das ocorrências da ironia nas seis crônicas da autora, seguindo as condições próprias que anunciamos na subseção anterior (4.3). A maioria dos trechos a que nos referimos para constituir o contexto das crônicas foi disposta em quadros, com referência à crônica e às linhas dos anexos. Alguns trechos, porém, não presentes nos quadros, foram referidos apenas para que explicássemos o contexto. Nesses casos, colocamos no rodapé o anexo (A ou B) no qual eles constam, assim como o número da página desta dissertação em que o leitor pode encontrá-los.

Nessa parte, também destacamos outros mecanismos vinculados à ironia, melhor explorados posteriormente. Enquanto isso, na segunda subseção, sintetizamos as questões argumentativas, as situações estáticas e os papéis argumentativos ressaltados nas crônicas, de acordo com o proposto pelo MDA, algo que nos ajudou a compor a próxima seção. Em seguida, a partir de Muecke (1969) e Kaufer e Neuwirth (1982), em 5.3, identificamos a função comunicativo-retórica de cada ocorrência da ironia destacada em 5.1.

Nessa primeira seção analítica, também delimitamos os valores (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) defendidos tanto por Dolores quanto por seus opositores, o que foi importante para identificar a ironia e categorizar as funções que ela exerce em cada um dos textos. Nessas crônicas, analisamos que a ironia pode se encontrar em nível do enunciado (Ducrot, 2020) ou

de asserções (Tindale; Gough, 1987), assim como em nível textual e contextual (Brait, 2008; Hutcheon, 2000). Relembramos apenas que retomamos as elocubrações desses autores porque partimos deles para constituir nossas próprias condições para a identificação da ironia.

Na segunda seção analítica, após a identificação na ironia nos textos cronísticos e a síntese do conteúdo delas consoante às terminologias do MDA, foi apresentada a forma com que, por meio do uso da ironia, Carmen Dolores assume o papel de Oponente. Por isso, nessa seção, retomamos, primeiramente (6.1), outros mecanismos utilizados para desacreditar o Proponente, identificados na descrição das crônicas feita em 5.1. Por fim, em 6.2, foi o momento de demonstrar a construção do papel argumentativo de Oponente de Carmen Dolores com o uso da ironia e dos mecanismos de desacreditização do Proponente, a partir da síntese dos argumentos dos Proponentes e os contra-argumentos irônicos de Dolores.

5 IDENTIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DA IRONIA E DAS CATEGORIAS DO MODELO DIALOGAL

Dividimos a presente seção em duas subseções. Na primeira, descrevemos o conteúdo e o contexto de produção de cada uma das seis crônicas selecionadas para esta dissertação, além de identificar a utilização da ironia de acordo com o percurso para a identificação dela estabelecido e justificado na seção metodológica (4.3). O conteúdo das crônicas foi exposto de forma a ajudar na compreensão da ironia, uma vez que se trata de textos situados temporalmente muito distantes dos nossos dias. Por vezes, a descrição será um pouco extensa, mas necessária. Também identificamos os valores defendidos pela escritora e pelos opositores que ela menciona.

Para fins de rememoração, o percurso que estabelecemos para a definição da ironia foi:

- a) Entre as afirmações apresentadas, há alguma absurda ou contraditória no texto, ou algum posicionamento distinto do esperado, considerando os valores defendidos pela escritora. Diante disso, deve-se avaliar a afirmação considerando um desses dois casos:
 - Se há uma afirmação absurda, ela não é atribuída ao Oponente (Carmen Dolores), e sim ao Proponente (adversários que ela evoca);
 - Se há uma afirmação contraditória, deve-se verificar a coexistência de dois ou mais sentidos em embate no texto;
- b) A afirmação possivelmente irônica tem algum aspecto desvalorizante em relação ao Proponente.

Na segunda subseção (5.2), fizemos somente uma síntese do conteúdo da primeira com a retomada das questões argumentativas, situações estéticas e papéis argumentativos de cada uma das crônicas. Já na terceira (5.3), categorizamos a função de cada uma das ocorrências da ironia, seguindo o percurso metodológico de Kaufer e Neuwirth (1982), baseado nas ideias de Muecke (1969). Essas duas subseções foram necessárias para que nos aproveitemos desses aspectos analíticos para compor a interação interdiscursiva entre Proponente-Oponente na segunda seção analítica (6.2).

5.1 Identificação da ironia nas crônicas de Carmen Dolores

5.1.1 Contexto e identificação da ironia na C1

A crônica 1 (C1, de acordo com nossa enumeração) foi publicada em 30 de junho de 1907, no jornal *O Paiz* e na coluna *A semana*, veiculada aos domingos. Com o objetivo de identificá-la, como não apresenta título próprio, nós a intitulamos, no Quadro 2, na seção metodológica, “Carlos de Laet”, em referência ao interlocutor a quem Carmen Dolores se dirige (Dolores, 1907a). O texto de Carlos de Laet, a quem a cronista responde, foi publicado no *Jornal do Brasil*, em 23 de junho de 1907, e é uma resposta a uma carta (de natureza híbrida, pois é, ao mesmo tempo, privada e aberta, como explicaremos) endereçada à advogada Myrthes de Campos a respeito de um tema em voga e polêmico na época: o divórcio¹².

Nos jornais do início do século XX, era comum o embate entre jornalistas até mesmo de periódicos distintos a respeito de temas polêmicos, como o divórcio, assunto debatido por Carlos e Myrthes. Tais conflitos escritos geravam certa audiência pela curiosidade que suscitava nos leitores, ansiosos para descobrir o desdobrar de certas desavenças (Hellmann, 2015). Infelizmente, no *Jornal do Brasil*, foram publicadas apenas duas respostas de Carlos de Laet; não se tem registro, portanto, das missivas de Myrthes de Campos. Por isso, foi mencionado que a carta, embora dirigida a uma só pessoa e, portanto, assemelhando-se a uma carta pessoal, tem natureza híbrida por ter sido veiculada publicamente.

Enquanto ele discutia o divórcio sob o ponto de vista religioso, ela o discutia sob o legal, e, por verem o assunto de forma distinta, era esperado o desenvolvimento contínuo de argumentos e de contra-argumentos, separados por dias ou até semanas, a depender da publicação dos jornais e da entrega das cartas, algo a que, atualmente, não estamos acostumados devido à rapidez do mundo digital.

Carmen Dolores, leitora assídua dos principais jornais do Brasil e defensora do direito ao divórcio, leu a carta de Carlos de Laet e, embora o jornalista não tenha se dirigido a ela, em sua crônica dominical no jornal *O Paiz*, opta por falar não do divórcio — pois, como ela menciona, entre as linhas 6 e 7¹³, “nunca discutirei a palpitante questão da atualidade sob o

¹² Em razão da necessidade de se ter autorização para a reprodução de textos publicados no *Jornal do Brasil*, além do fato de a leitura integral da carta estar comprometida pela qualidade do arquivo do jornal, optamos por não reproduzir a carta de Carlos de Laet a Myrthes de Campos. Contudo, ela se encontra disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=23070. Acesso em: 4 ago. 2025.

¹³ Ao mencionar linhas, referimo-nos às crônicas no Anexo A. Nesse anexo, as crônicas foram dispostas em ordem cronológica e de análise. Durante a análise, restringiremos a apresentação de excertos apenas de partes que

ponto de vista religioso” (Dolores, 1907a, p. 1) —, e sim de um trecho da carta que ela julgou indecoroso, principalmente considerando sua posição como trabalhadora. Sentiu-se, pois, pessoalmente ofendida, reproduzindo o trecho escrito por de Laet para contextualizar melhor os leitores:

Quadro 4 – Excerto 1, C1

18	Escreveu o Dr. Carlos de Laet, num dos tópicos da missiva que dirigiu a D. Myrthes de
19	Campos:
20	Falou V. Ex. em mulheres viciadas e perigosas à sociedade. Não as acha no
21	pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando ao homem,
22	não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes competições da vida?

Fonte: Dolores (1907a).

Altera-se, então, o tópico discutido: do divórcio, passa-se para a discussão acerca do ingresso da mulher no mercado de trabalho. Era costumeiro se pensar naquele tempo que permitir a entrada de mulheres no meio trabalhista não as faria apenas substituir os homens no labor, mas também inverteria os papéis: enquanto as mulheres seriam provedoras do lar, se trabalhassem fora de casa, os homens cuidariam dos afazeres domésticos, inclusive das crianças (Costa, 2000). Carlos de Laet, no trecho do excerto 1, corrobora a mesma ideia: as mulheres passariam de “doces companheiras” a “rivals nas rudes competições da vida”. Certamente, os leitores de Dolores estavam cientes de seus posicionamentos, tendo ela já se posicionado favoravelmente sobre a possibilidade de mulheres de sua classe — média e média alta — trabalharem fora do ambiente doméstico, o que já os faria antecipar a resposta dela.

Tal assunto, que opõe Carmen Dolores e Carlos de Laet, também faz com que eles defendam seus respectivos pontos de vista com base em perspectivas distintas, mesmo que diante do mesmo valor (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Ambos, de fato, defendem o trabalho como um valor imprescindível, inclusive um valor importante de ser mantido e preservado. Porém, naquela época, o posicionamento de Carlos de Laet estava mais próximo ao que o *status quo* pressupunha, porque o trabalho no domínio público, para ele, deveria continuar restrito aos homens, que não consideravam os afazeres domésticos realizados pelas mulheres um trabalho propriamente dito. Sendo assim, os dois falam de trabalho — e o

julgamos mais fundamentais para a descrição do contexto de produção e para a análise. Na análise, estão presentes os principais excertos, que também podem ser encontrados no respectivo anexo e página (desta dissertação), referidos nas notas de rodapé.

defendem — de acordo com perspectivas distintas. O trabalho é evocado por de Laet em uma perspectiva patriarcal; enquanto Dolores o discute sob um ponto de vista feminista¹⁴.

No entanto, antes de expormos a contra-argumentação da escritora, não podemos deixar de comentar o quanto ela, antes de refutar Carlos de Laet, elogia-o e enaltece seu estilo de escrita sucessivas vezes ainda na introdução da crônica: “estilo inimitável, puro e conciso”, “notável contendor”, “apreciado escritor” e “brilhante adversário do divórcio e do feminismo” (Dolores, 1907a, p. 1), respectivamente nas linhas 2, 5, 12 e 16¹⁵. Porém, junto a esses honrosos adjetivos, começam a aparecer algumas arestas¹⁶, por exemplo, quando ela está prestes a mencionar o trecho do excerto 1, entre as linhas 11 e 12¹⁷, escreve que “esse trecho me parece injusto e mau em desacordo com a bondade cristã que tanto distingue o apreciado escritor” (Dolores, 1907a, p. 1), referindo-se à crença religiosa de seu opositor.

Entre os contra-argumentos elencados pela cronista, ela cita o elevado custo de vida e o fato de que algumas mulheres não são acompanhadas por homens que as sustentem, sendo os motivos variados. Também menciona como exemplo as professoras e a escultora Nicolina de Assis, que precisou trabalhar quando se tornou viúva. Denomina essas mulheres de “heroínas inglórias” (linha 39), pois elas não se restringiram ao aconchego de suas alcovas, mesmo que alguns (como Carlos de Laet) as denominem pedantes por serem “rivais do homem na concorrência ao trabalho” (linhas 40-41) (Dolores, 1907a, p. 1)¹⁸.

Enfim, cita seu próprio exemplo. Como aludido na introdução desta pesquisa, Emília Moncorvo Bandeira de Mello tornou-se viúva aos 34 anos e, após a morte do marido, seu filho mais velho também faleceu, incumbindo-a da responsabilidade de sustentar seu próprio lar e sua família. Com as palavras da própria escritora, sua história é reproduzida no excerto seguinte:

¹⁴ Temos consciência do impasse a que incorremos quando utilizamos o termo *feminismo* para se referir às ideias defendidas por Carmen Dolores. Como discute Hellmann (2015), é difícil categorizá-la como feminista em uma época em que o próprio conceito e o movimento não estavam tão sedimentados no Brasil e isso resultava em inconsistências nos discursos da própria autora. Por exemplo, por um lado, Carmen considerava-se feminista por defender o direito das mulheres ao trabalho e ao divórcio; por outro, não era favorável ao voto feminino. Estamos considerando, então, o feminismo que ela defendia, e não trazendo o termo para a forma mais ampla segundo a qual o entendemos atualmente. Veremos também que sua posição a respeito da denominação *feminista*, dirigida a ela, é extremamente ambígua (ora a aceita, ora a repele), o que demonstra a ainda não tão expressiva relevância, no Brasil, do movimento feminista.

¹⁵ Anexo A, p. 166.

¹⁶ Em um artigo que publicamos (Dias; Damasceno-Morais, 2024), denominamos “morde e assopra” esse movimento de elogios e críticas. Ele é um importante recurso que se vincula à ironia, por isso o retomaremos em 6.2.

¹⁷ Anexo A, p. 166.

¹⁸ Anexo A, p. 167.

Quadro 5 – Excerto 2, C1

43	Eu não devia referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu caso pode
44	também vir à cena como um exemplo impessoal, citado apenas para confirmar a
45	contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.
46	Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como diletante muito
47	oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.
48	Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa,
49	discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me vi
50	sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-
51	sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho permitam a
52	confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha
53	família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.
54	E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais eu escrevo.
55	Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver.

Fonte: Dolores (1907a).

Alguns pontos chamam a atenção, como o contínuo descrédito, ao mesmo tempo em que apresenta um elogio, a Carlos de Laet (“conceito cruel do ilustre publicista”, linha 45)¹⁹, além dos adjetivos e substantivos que caracterizam sua penosa realidade: “eu me vi sozinha em face da realidade *atroz*”, linhas 49-50; “escuso insistir nas etapas *dolorosas* da minha *via-sacra*”, linhas 50-51) (Dolores, 1907a, p. 1, grifo nosso)²⁰. Tais aspectos configuram o aspecto emotivo de sua narrativa. No entanto, convém ressaltar também o orgulho que ela sente por ser a principal fonte de renda de sua família por meio de um trabalho que ela designa honesto e digno.

É o próximo trecho que inicia a ocorrência da ironia que identificamos nessa crônica. Ela está presente em três trechos (sublinhados)²¹ que se complementam:

¹⁹ Anexo A, p. 167.

²⁰ Anexo A, p. 167.

²¹ Para auxiliar na análise, apresentamos com sublinhado as partes em que analisaremos o uso da ironia em cada uma das crônicas.

Quadro 6 – Excerto 3, C1

56	Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos,
57	aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar...
58	Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! vós todas que fostes criadas fora
59	do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física indispensável a tais
60	meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante e um conhecimento
61	exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses – considerai que esse
62	afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do
63	feminismo... Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil, com que certo
64	desavisado julgou dever responder anonimamente a alguns dos meus artigos:
65	Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes (é estupendo,
66	não?), mas fiquem dentro das suas casas, abandonem essas asneiras de trabalhar
67	como os homens. Vocês foram feitas pra outra coisa...
68	Compreendem agora a amplidão desse significado pedintes, não é verdade?

Fonte: Dolores (1907a).

Ao fazer uma pergunta retórica a Carlos de Laet no excerto 3, na linha 56²², questiona se seria preferível fazer um trabalho braçal (lavar e engomar) em vez de um intelectual para fugir do pedantismo — como enunciado por de Laet no trecho do excerto 1 —, isto é, de certa presunção vinculada a esse desejo feminista de participar da vida pública e trabalhar fora do âmbito doméstico. Em seguida, Carmen Dolores também incita outras mulheres que exercem, assim como ela, trabalhos intelectuais a ocupar funções de âmbito mais doméstico e, portanto, mais restritos às mulheres (braçais, como lavar e engomar)²³, segundo a lógica que atribui a Carlos de Laet, para não rivalizar com homens. Sugere, ainda, que outras mulheres obedeçam ao dito por um leitor anônimo que sugeriu que as mulheres se tornem pedintes no lugar de “trabalhar como os homens” (linhas 66-67)²⁴ (Dolores, 1907a, p. 1).

Julgamos o primeiro trecho como irônico tendo em vista o *absurdo* que é enunciado, pois, a partir do que foi desenvolvido pela autora, em sua defesa pelo labor feminino, em especial o trabalho intelectual, não seria consoante a seus valores e ao seu posicionamento incitar as mulheres a realizarem outro trabalho que não o intelectual, quando elas são formadas para isso. Nesse caso, a afirmação absurda é atribuída a Carlos de Laet, para quem as mulheres

²² Anexo A, p. 167.

²³ Compreendemos igualmente o preconceito de classe — e até de raça — presente nessa asserção de Carmen Dolores. Não o exploraremos nesta pesquisa, mas pode ser uma possibilidade para o futuro.

²⁴ Anexo A, p. 168.

que demandam a possibilidade de trabalhar seriam pedantes, presunçosas e rivalizariam com os homens. Há, inclusive, a utilização de “pedantismos” (linha 56) para se referir ao “pedantismo feminista” (linha 21) (Dolores, 1907a, p. 1)²⁵. Portanto, se essa lógica dele fosse estendida até as últimas consequências, pode-se entender, como Carmen Dolores inferiu, que o único tipo de trabalho reservado às mulheres seria aquele que elas não disputassem com os homens.

O segundo trecho, “Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil” (linha 63)²⁶, acompanha o terceiro, (a pergunta igualmente retórica “é estupendo, não?”, nas linhas 65 e 66)²⁷, que se tornam irônicos, pois, no primeiro caso, o conselho, na forma do imperativo afirmativo (“obedecei”) dirigido às mulheres (em especial, às artistas, às professoras, às médicas, às advogadas e às jornalistas, a quem a escritora se dirige no trecho anterior) é *absurdo* se levarmos em consideração os valores de Dolores, além do conteúdo da imposição do leitor anônimo, que sugere que mulheres viúvas, solteiras e divorciadas se tornem pedintes em vez de trabalharem. Por outro lado, a pergunta retórica é irônica por ser *contraditória*, tendo em vista que os dois sentidos que entram em embate se contrastam: o fato de que ela, de fato, acharia *estupendo* que mulheres se tornassem pedintes por serem solteiras, divorciadas ou viúvas e a defesa pela independência feminina alcançada pelo trabalho, posicionamento que ela elaborou ao longo da crônica. Na verdade, ela não acha essa sugestão do leitor anônimo algo estupendo. Pelo contrário, ela, inclusive, denomina a carta desse leitor de “ignóbil” na linha 63 (Dolores, 1907a, p. 1) e o próprio leitor de “desavisado” (linha 64)²⁸.

Por fim, o aspecto desvalorizante não está expresso de forma contundente nos enunciados irônicos, embora possamos entendê-lo implicitamente no primeiro momento (ao contestar Carlos de Laet) quando a cronista sugere o que para ela seria uma ideia absurda (trabalhar como lavadeira). Desvaloriza-se, desse modo, o argumento de Laet, pois, ao entender literalmente a sua ideia de rivalidade entre homens e mulheres no trabalho, pode-se pensar que as mulheres estão destinadas apenas a trabalhos menos intelectuais, diferentemente daqueles ocupados por homens, que exigiriam muito do intelecto. Por conseguinte, não apenas nesse trecho, mas em toda a crônica, ao apresentar exemplos de mulheres que necessitaram trabalhar, Dolores subestima — e, por isso, desvaloriza — o discernimento do escritor, que restringe esse tema a uma suposta rivalidade e não, como ela defende, à necessidade de sustento das mulheres e de suas famílias, algo que seria contrário aos preceitos cristãos, sobretudo o da compaixão,

²⁵ Anexo A, p. 166-167.

²⁶ Anexo A, p. 168.

²⁷ Anexo A, p. 168.

²⁸ Anexo A, p. 168.

seguidos por de Laet. Já no enunciado entre parênteses no trecho da “carta ignóbil” (Dolores, 1907a, p. 1), o próprio adjetivo “ignóbil” tanto demonstra o verdadeiro posicionamento da escritora quanto descredibiliza e desvaloriza o leitor anônimo, ainda mais quando ela chama sua ideia de “estupenda”, com a intenção de escrever o contrário do que, de fato, escreveu.

Chamamos atenção a essa análise do aspecto desvalorizante dos momentos irônicos analisados nesta crônica, o que demonstra que essa desvalorização pode estar presente não apenas nas próprias asserções irônicas, mas pode ser delineada em todo o texto, que culmina no uso desse recurso. Logo, tendo cumprido as condições de identificação das ocorrências da ironia que estipulamos para esta pesquisa, concluímos que estão presentes essas três passagens irônicas na C1.

Apenas para fins de conclusão, ao final da crônica (entre as linhas 69-70 e 78-80)²⁹, Carmen Dolores clama pelo bom-senso — e pelos princípios católicos — de Carlos de Laet e de outros homens, que repudiam a ocupação de trabalhos intelectuais pelas mulheres, estas que, conforme a escritora, trabalham pela necessidade de sustentar a si mesmas e às próprias famílias:

Quadro 7 – Excerto 4, C1

69	E chega a ser pavoroso que alguém prefira a mulher aviltada à mulher concorrente do
70	homem no sério ganha-pão – por amor das estagnações da rotina.
71	Verdade é que imbecis de tal ordem são raros, mas enfim existem, e basta um só para
72	degradar a humanidade. Depois, a menos de se ter um ateliê de costuras em grande pé
73	ou lavanderias a vapor com numeroso pessoal, o que exige um capital para a montagem,
74	que rende o pequenino trabalho da mulher que lava para um número limitado de
75	fregueses, levando calotes, ou cose para as famílias modestas da vizinhança, pois que
76	a gente rica vai às costureiras de fama? E trabalho por trabalho, não é todo ele digno
77	de animação e não de menosprezo?
78	Ah! Dr. Laet, em nome dos seus princípios católicos e se não quer ser injusto, deixe em
79	paz a concorrência da mulher à luta pela vida, como a temos hoje, porque atrás dessa
80	competição há muita dor e muita lágrima!

Fonte: Dolores (1907a).

²⁹ Anexo A, p. 168.

5.1.2 Contexto e identificação da ironia na C2

A crônica C2, “Ideias que esvoaçam”, intitulada dessa maneira pela própria autora, foi publicada no *Correio da Manhã*, em 23 de novembro de 1907 (Dolores, 1907b). Dolores não se dirige a um fato ou alguém específico, portanto, não parece haver um evento que motivasse a escrita desse texto. Como veremos, ela critica aqueles que ela denomina “senhores antifeministas”³⁰, logo na primeira linha, por meio de uma afirmação — que julgamos irônica inicialmente —, a qual sublinhamos e analisamos após a contextualização do conteúdo da crônica:

Quadro 8 – Excerto 5, C2

1	<u>Os senhores antifeministas são muito engraçados!</u> A cada instante, procuram um
2	pretexto para bater, não sobre o exemplar isolado do feminismo que lhes incorreu no
3	desagrado, mas sim sobre a classe inteira disso que eles denominam feminismo e eu
4	chamarei heroísmo — e, no entanto, quase sempre, tem na própria família ou entre
5	pessoas que prezam, alguma feminista e a essa vendem excepcionalmente preito e
6	homenagem, achando muito digno o papel independente que ela assumiu na vida.
7	Ora, essa parcialidade me parece um tanto odiosa.

Fonte: Dolores (1907b).

De fato, a introdução não é específica, pois não há a menção do alvo da crítica desses senhores. Em seguida, Dolores particulariza o alvo deles: as professoras. Inclusive, Garcia Redondo³¹ é evocado como argumento de autoridade:

Quadro 9 – Excerto 6, C2

8	Como bem pergunta Garcia Redondo nos generosos capítulos do seu último livro,
9	dedicados ao assunto que aqui agito, não é o magistério um ofício público? E não
10	equipara ele a mulher ao homem, com iguais responsabilidades e iguais direitos? Logo,
11	a professora pública é uma das primeiras amostras desse feminismo ridicularizado e
12	condenado.

Fonte: Dolores (1907b).

³⁰ Anexo A, p. 168.

³¹ Em nossas pesquisas, não localizamos o livro de Garcia Redondo mencionado por Carmen Dolores, pois ela não revela seu título. Sabemos, contudo, que Redondo foi um dos editores-chefe da revista paulistana *A Vida Moderna*, que, entre outros temas, publicava textos que elogiavam e também condenavam as conquistas das mulheres (Souza; Campos, 2021).

Este pequeno contexto na introdução da crônica não apenas distingue o tema que será destrinchado por Dolores, como também faz com que entendamos a “graça” dos “senhores antifeministas” para ela. Afinal, o que a autora critica logo no primeiro parágrafo (excerto 5) é a hipocrisia daqueles que condenam certas mulheres pelas profissões que elas seguem, enquanto vangloriam — e até mesmo pedem auxílio a elas, quando precisam — a independência financeira de mulheres de suas próprias famílias.

Mais uma vez, estamos diante do tema e do valor trabalho, tendo novamente as perspectivas patriarcal e, por consequência, antifeminista, e a feminista, defendida por Dolores. Ela continua a desvelar a hipocrisia dos seus opositores no seguinte excerto:

Quadro 10 – Excerto 6, C2

18	Ora, quem é entre nós que não conta no seio da sua família ou como pessoa estimada,
19	uma dessas professoras? Acontece até que, se essa emancipada libertou os parentes ou
20	amigos de uma possível contribuição, por meio do seu ato de independência, que a pôs
21	no caso de ganhar sozinha a sua vida, todos a elogiam com egoístico fervor. Fez ela
22	muito bem! Teve juízo. Mas, por detrás, mal surge em cena a delicada questão do
23	feminismo, sorrisos de ironia flagelam todas essas que se nivelaram ao homem no
24	exercício das suas faculdades, em busca do pão; cada um pensa de acordo com o
25	imperador da Alemanha que, segundo ainda Garcia Redondo, expendeu, como também
26	sua, esta opinião da imperatriz: a mulher só deve ocupar-se dos quatro K... Sabem?...
27	os quatro K são estas palavras alemãs: <i>Kinder</i> , <i>Kuche</i> , <i>Kirche</i> e <i>Klender</i> , que
28	significam: <i>crianças</i> , <i>cozinha</i> , <i>igreja</i> e <i>roupas</i> ...

Fonte: Dolores (1907b).

Dolores chega à mesma conclusão da C1, de que as críticas dos homens direcionadas a essas mulheres se dão pelo “amor das estagnações da rotina” (Dolores, 1907a, p. 1)³² e, como enuncia na C2, entre as linhas 39 e 40, “é sempre a hipocrisia do homem, que receia a concorrência e a desforra do sexo fraco” (Dolores, 1907b, p. 1)³³. Isso porque o ataque foi motivado em um momento em que as mulheres ocupavam trabalhos mais intelectuais, em que estivessem em concorrência direta com o homem, “mais ao nível da cultura intelectual masculina”, como mencionado na linha 43 (Dolores, 1907b, p. 1)³⁴.

³² Anexo A, p. 168.

³³ Anexo A, p. 169.

³⁴ Anexo A, p. 169.

Muito em voga no século XIX, as teorias deterministas e positivistas anunciadas, por exemplo, por Lombroso (2010) e Lombroso e Ferrero (2022), em seus livros publicados, respectivamente, em 1876 e 1893, determinavam a diferenciação biológica entre os sexos (naquela época, não se fazia a distinção entre sexo e gênero). Essa teoria determinista não ficou restrita apenas à ciência, mas foi amplamente veiculada em diversos âmbitos sociais e, como já era comum que a mulher fosse vista como inferior, a ciência desse período garantia essa inferioridade biológica, que também perpassava a social. Era como uma certificação: não deve haver igualdade; mulheres e homens são muito distintos entre si biológica e, consequentemente, socialmente, sendo eles superiores a elas.

Acerca disso, Soihet (2009) sintetiza:

Corroborando para estimular uma posição subalterna para as mulheres temos o predomínio naquele momento do ideário positivista que afirmava a complementaridade entre mulheres e homens biológica, mental e socialmente, mas que resultava na verdade na subordinação feminina. Nesse sentido, caberia àquelas permanecer no lar, dedicadas à educação dos filhos enquanto ao homem competia modificar o meio em proveito da espécie. Tais idéias contribuiriam no plano social para a consolidação do projeto burguês que consolida a divisão de papéis e uma rígida separação das esferas de atuação entre os gêneros (Soihet, 2009, p. 41).

Dolores argumenta constantemente contra essas ideias, como foi visto nesta crônica e na anterior. Ela defende a aptidão da mulher para trabalhos mais intelectuais, como o dela, escritora de colunas em jornais e que emite suas opiniões sem se sentir intimidada pelas palavras de leitores anônimos. Afinal, segundo ela mesma defende, nesses momentos em que é insultada, a mulher nada pode fazer, além de continuar seu trabalho:

Quadro 11 – Excerto 7, C2

65	Não digo tanto eu, porque, a despeito da formidável campanha do homem contra a
66	mulher que se emancipa, esta não o odeia, não se revolta... Quando muito sorri, analisa
67	e... caminha para a frente. Que há de ela fazer, de resto? Não pode perder o seu tempo
68	em lutas, que a vida não espera pelos sufrágios masculinos para seguir o seu curso. E a
69	mulher sorri, porque acha engraçado o apodo que lhe atira o seu adversário, julgando-
70	se muito atilado porque a chama de pretenciosa e ridícula.

Fonte: Dolores (1907b).

Por outro lado, ela ainda defende o fato de que a mulher gostaria de viver sem atritos, em uma posição que apenas recebesse “homenagens lisonjeiras” (linha 73)³⁵ e somente como

³⁵ Anexo A, p. 170.

diletante se dedicasse a trabalhos intelectuais, como a literatura e a arte (Dolores, 1907b, p. 1). Com essa conclusão, a escritora muda o tópico da crônica, falando do calor da capital e, em contraste, o clima ameno de Petrópolis.

Feito este resumo, voltemos ao enunciado sublinhado no excerto 5: “os senhores antifeministas são muito engraçados!” (linha 1)³⁶ (Dolores, 1907b, p. 1). É necessário avaliá-lo em consonância ao nosso percurso de identificação do uso da ironia. Não se trata de uma afirmação absurda no texto, considerando a defesa pelo magistério feminino, tampouco está em desacordo com os valores que ela defende ou com o seu posicionamento. Também não se configura como contraditória, porque a autora pode acreditar que os “senhores antifeministas” são engraçados pelo caráter hipócrita que apresentam quando se trata de discutir o labor feminino: vangloriam as mulheres independentes das próprias famílias, enquanto condenam aquelas que não pertencem aos seus núcleos familiares. Essa é a “graça” para Carmen Dolores, o que, conseqüentemente, não configura essa afirmação como irônica.

Por outro lado, o substantivo “engraçado” carrega uma carga desvalorizante, pois, quando se trata de defender os próprios ideais, pessoa alguma gostaria de ser motivo de riso. Mesmo que não seja ironia, tal afirmação se assemelha a uma zombaria dirigida a seus adversários, o que, como foi visto na C1 e será visto nas próximas crônicas, é comum nos textos da escritora. Em suma, embora não consideremos que haja a ocorrência da figura analisada nesta dissertação, decidimos manter esta crônica para ajudar a compor o *ethos* da escritora, além de deixar claro os valores que ela defende, sempre em prol da mulher.

5.1.3 Contexto e identificação da ironia na C3

A terceira crônica (C3) analisada foi publicada em 26 de novembro de 1908, no jornal *Correio da Manhã* (Dolores, 1908d). Ela relatou a conferência, ocorrida no Rio de Janeiro, do criminologista e político italiano Enrico Ferri, um dos fundadores, juntamente com Cesare Lombroso, da Escola Italiana de Criminologia Positivista. O tema tratado pelo criminologista foi: *A mulher qual é e qual será*, o qual, pelo que relata Carmen Dolores, foi acompanhado com entusiasmo pela sociedade carioca.

A primeira frase da crônica já desperta o interesse para o tom que Dolores adotará no restante do texto: “E dizem que nós, mulheres, somos vaidosas!” (linha 1)³⁷ (Dolores, 1908d, p. 1). A primeira impressão dela sobre a conferência reside na recepção do tema da conferência

³⁶ Anexo A, p. 168.

³⁷ Anexo A, p. 171.

pelo auditório, em especial do auditório particular (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014): as mulheres. No entanto, as considerações dele sobre o sexo feminino não foram tão lisonjeiras. Pelo menos, não agradaram a Dolores. A escritora relata que o público feminino reagiu de forma aparentemente complacente, já que ela menciona que as mulheres compuseram boa parte da audiência e também aplaudiram “generosamente com sorrisos complacentes certas afirmações do cientista, nem sempre lisonjeiras ao sexo feminino” (linhas 4 e 5), logo “esse número de senhoras e a sua atitude amável provaram a evidência que somos, ao contrário, as mais humildes criaturas da terra” (linhas 5 e 6) (Dolores, 1908d, p. 1)³⁸.

Carmen Dolores narra que Ferri expôs suas teorias deterministas a respeito da inferioridade da mulher em relação ao homem, que possui, diferentemente dela, inteligência, sensibilidade e vontade. Destacou, ainda, a diferença biológica e cerebral entre os sexos, que justifica o motivo pelo qual os direitos das mulheres não são assegurados: para sempre ser subjugada pelo sexo oposto.

Exímia observadora dos fatos sociais, Dolores não deixou de captar também as reações dos homens à fala de Ferri:

Quadro 12 – Excerto 8, C3

16	Oh! mas que orgulho devia reinar durante essa conferência nas fileiras masculinas,
17	hein? Olhares triunfantes procuravam maliciosamente os rostos femininos de
18	assistência, como gozando a grande e confusa humilhação de todos esses cérebros
19	rudimentares, classificados entre os da criança e os do homem forte. As senhoras,
20	porém, respondiam à insinuação não sem malícia, também do seu lado, enigmáticas no
21	bom sorriso cheio de íntimas ressalvas que lhes pairava nos lábios diplomáticos, talvez
22	zombeteiros. É possível mesmo que algumas dentre elas evocassem com fina ironia
23	uma passagem do admirável romance: <i>Son Excellence Eugène Rougon</i> , de Emilio Zola,
24	o assombroso gênio que exatamente inspirara na véspera ao professor Ferri uma das
25	suas mais belas palestras.

Fonte: Dolores (1908d).

A escritora destaca a possível zombaria, a ironia com a qual as mulheres da plateia receberam as palavras de Ferri e que podia ser percebida pelos sorrisos dos homens, que se viravam para vê-las. Para isso, evoca uma passagem do livro *Sua Excelência Eugène Rougon* (1876), sexto volume da série *Os Rougon-Macquart*, de Émile Zola, em que a personagem

³⁸ Anexo A, p. 171.

Clorinda, que desejava Rougon por marido, armou uma vingança cujo desfecho se deu anos depois que ele a rejeitou. Vingança essa que consistiu na restrição da influência política de Rougon em detrimento do marido de Clorinda, que alcançou uma melhor posição política (Reverzy, 2019).

Na cena de consolidação dessa vingança, Clorinda e Rougon debatem:

Quadro 13 – Excerto 9, C3

34	— Bem lhe repeti, meu caro, que andava mal desprezando as mulheres. Não, as
35	mulheres não são o que pensa... Vocês são muito fortes, mas metam isto na cabeça; a
36	mulher há de sempre embrulhá-los, desde que o queira...
37	E o ministro decaído anuiu com um pálido sorriso:
38	— Sim, talvez tenha razão. Eu só tinha a minha força. Você...
39	Ela, brutalmente, concluiu:
40	— J'avais autre chose, parbleu !...

Fonte: Dolores (1908d).

Essa “*autre chose*”³⁹ (outra coisa, em tradução literal) foi, como conjectura Dolores, a que se agarraram as mulheres na conferência de Ferri, para se desvencilhar das conclusões científicas dele e da parte masculina da plateia (Dolores, 1908d, p. 1).

Não apenas a “calada ironia” (linha 47)⁴⁰ das mulheres presentes na plateia foi o motivo para o conferencista ser tão bem recebido no Rio de Janeiro. Dolores destaca que a eloquência dele surpreendeu os cariocas, como afirmou em “*ilustre professor italiano*” (3)⁴¹, “uma das suas *mais belas palestras*” (linhas 24-25), “eloquência indômita” (linha 50), “argumentação fácil, vibrante, variada, persuasiva” (linha 51), “tudo, tudo faz de Enrico Ferri uma figura *inesquecível*, de um *prestígio raro e empolgante*” (linhas 54-55) (Dolores, 1908d, p. 1, grifo nosso)⁴². Assim, completa que, diante de todas essas qualidades, Ferri teria permissão para asseverar a inferioridade das mulheres:

³⁹ “*J'avais autre chose, parbleu !*”, traduzido para o português, seria: “Eu tinha outra coisa, é verdade!”.

⁴⁰ Anexo A, p. 172.

⁴¹ Anexo A, p. 171.

⁴² Anexo A, p. 172.

Quadro 14 – Excerto 10, C3

61	E que resistência de protestos pode-lhe opor uma mulher impressionável à eloquência
62	dessas palavras pronunciadas num italiano bellissimo? Deus do céu! a gente acaba
63	realmente convencida da sua inferioridade, certa que o seu cérebro marca a transição
64	entre o da criança e o do adulto... É preciso, porém, que fale um Ferri, vulto
65	excepcional, do contrário volta a lucidez que raciocina e gera a controvérsia, porque,
66	finalmente, terá em tudo razão o estupendo cientista?

Fonte: Dolores (1908d).

No entanto, a admiração termina, por ora, nesse ponto, tendo em vista que, em seguida, ela começará a tecer críticas negativas sobre a fala dele, com a resposta à pergunta que faz na linha 66: “Não, não, sem dúvida não! [...] Fechar a mulher nessa única e especial função da maternidade pode ser muito tocante e bonito, mas não representa a síntese de um destino feminino” (linhas 67-70)⁴³ (Dolores, 1908d, p. 1). O primeiro ponto do qual ela discorda é restringir a mulher à maternidade em razão de sua capacidade biológica de reprodução. Dessa forma, ela contra-argumenta:

Quadro 15 – Excerto 11, C3

71	Há pelo mundo inúmeras mulheres que nunca foram mães, ou pelo celibato, ou pela
72	esterilidade no casamento ou porque já perderam os filhos — e essas criaturas, todavia,
73	têm o seu papel na vida, são úteis, necessárias, preciosas.
74	Outras, ao contrário, que satisfazem essa função da maternidade, são simplesmente uns
75	animais de reprodução, flagelo muitas vezes da própria família, indiferente aos filhos.
76	Logo, numa justa proporção, não se pode assegurar que a mulher só preste em rigor
77	para ser mãe.

Fonte: Dolores (1908d).

Com base na observação social, ela menciona que são muitos os motivos pelos quais as mulheres não têm filhos, mas elas não devem ser execradas da sociedade por isso. Afinal, “essas criaturas, todavia, têm o seu papel na vida, são úteis, necessárias, preciosas” (linhas 72 e 73)⁴⁴ (Dolores, 1908d, p. 1). Há também casos extremos, em que mulheres são indiferentes aos filhos. Por isso, julgou injusto o posicionamento de Ferri.

⁴³ Anexo A, p. 173.

⁴⁴ Anexo A, p. 173.

Logo em seguida, a escritora contesta a ideia de gênio não atribuída à mulher por Ferri, ideia essa que “nem sempre” é fundada “na observação da verdade rigorosa” (linha 79)⁴⁵, uma crítica à aparente metodologia científica dele (Dolores, 1908d, p. 1). Por isso, são colocados em pauta os seguintes posicionamentos: Dolores é favorável à possibilidade de à mulher ser atribuído o gênio; enquanto Ferri, na linha da Criminologia Positivista, atesta que, devido à falta de capacidade cerebral das mulheres, elas não poderiam ser consideradas gênios. Aqui, temos a ciência sendo colocada como valor, sendo posta em contraste não a outro tipo de ciência, pois Dolores não poderia contestar nos mesmos termos, mas na observação social. O valor em que ela se apoia, entretanto, para contestar Ferri é o da igualdade, em especial no tratamento entre homens e mulheres, pois, ao mesmo tempo em que há homens geniais, há mulheres geniais — e o contrário também é válido, como ela ressalta:

Quadro 16 – Excerto 12, C3

80	Como esqueceu os nomes célebres de Staël e de Clémence Isaure?... É difícil lembrar
81	de repente de nomes assim, ao correr de um artigo, mas ele, que fez uma conferência,
82	devia ter consultado mais conscienciosamente a história.
83	Do mesmo modo, ao falar em pianistas, teve a má ideia de declarar que não obstante o
84	abuso inaturável que surgiu no século XIX do estudo do piano entre o sexo feminino,
85	nenhuma mulher apareceu no universo capaz de rivalizar com Listz e... Miecio
86	Horzowski.
87	Quanto ao primeiro, ainda vá, porque mesmo muitos homens não têm podido levantar-
88	se à altura desse pianista brilhante e ruidoso, que empolgava as plateias; mas quanto ao
89	Miecio, perdoe o ilustre sábio, porém a comparação não foi feliz.
90	Bem se vê que partiu do espírito positivo de um cientista, porque há pelo mundo
91	centenas de mulheres que tocam tão bem como o citado artista, que até hoje não se sabe
92	ao certo por aqui se é menino ou anão.

Fonte: Dolores (1908d).

Ela menciona algumas mulheres que julga geniais, além de contestar os exemplos dados por Ferri de pianistas notáveis. Ao final, perdoa por esse ponto de divergência, ao dizer que “a comparação [dele] não foi feliz” (linha 89)⁴⁶, fazendo referência ao fato de que, apesar de às mulheres ser permitido o estudo do piano, não surgiram pianistas notáveis entre elas como entre

⁴⁵ Anexo A, p. 173.

⁴⁶ Anexo A, p. 174.

os homens. Ainda contesta a autoridade dele por emitir opiniões em temas como a música, já que tal julgamento partiu “do espírito positivo de um cientista” (linha 90)⁴⁷, fazendo referência à corrente positivista (Dolores, 1908d, p. 1). Consequentemente, ao contestar a autoridade de Ferri em assuntos musicais, coloca-se como mais afeita a esse domínio, além de ter um conhecimento mais fundamentado nessa área do que ele.

Entre as linhas 93 e 119⁴⁸, ela ressalta um único ponto de concordância na conferência de Ferri: o de que a mulher, no geral, seria fútil. Mais uma vez, a palavra *ironia* esteve presente na crônica: “num ponto, darei toda a razão ao surpreendente sociólogo italiano: é quando ele se refere com um sorriso de esmagadora *ironia* à futilidade extrema da mulher em geral” (linhas 93-94) (Dolores, 1908d, p. 1, grifo nosso). Ironia essa que foi dirigida a sua audiência, em que as mulheres estiveram presentes em quantidade expressiva. Não estamos, aqui, defendendo o fato de que a ironia presente nesta crônica se justifica simplesmente pela referência a essa palavra por Dolores. Pelo contrário, é uma menção interessante, que, na verdade, parece-nos mais um comentário insultuoso, dirigido por Ferri (e pela audiência masculina) às mulheres presentes, do que, propriamente, ironia, mas não são esses momentos que identificamos como irônicos nesta crônica.

Embora concorde com o palestraste, ela oferece as próprias razões para a origem dessa futilidade: “o egoísmo dos próprios homens” (linha 100)⁴⁹, que educa as meninas com base na ideia da inferioridade delas, logo, a elas só haveria um único destino: exercerem “o papel de um lindo animal de luxo, sem encargos, nem responsabilidades, só mudando de *toilettes* e agradando aos rapazes” (linhas 103-104)⁵⁰ (Dolores, 1908d, p. 1, grifo nosso). Se essa é a única educação a que elas tiveram acesso, Carmen Dolores se questiona: como elas podem ter outra característica além da futilidade?

Essa é uma estratégia de dominação para que os homens se perpetuem nessa posição de poder, como ela afirma no excerto 13:

⁴⁷ Anexo A, p. 174.

⁴⁸ Anexo A, p. 174.

⁴⁹ Anexo A, p. 174.

⁵⁰ Anexo A, p. 174.

Quadro 17 – Excerto 13, C4

112	E queixam-se depois os pensadores da futilidade feminina, atribuindo-a à inferioridade
113	do cérebro da mulher? Não, eu protesto. Enrico Ferri assinalou com justos motivos esse
114	espírito frívolo, mas deixou de verberar a causa verdadeira de semelhante defeito, que
115	provém mais do egoísmo dos homens, consentindo na educação errônea das mulheres,
116	para guardarem o seu primeiro lugar de dominadores, do que da incapacidade da
117	própria mulher.
118	Eduquem-na convenientemente e verão que a inútil boneca se transforma em criatura
119	de eleição, sabendo sentir, querer, agir, pensar...

Fonte: Dolores (1908d).

Ao chegar às últimas linhas da crônica, porém, Dolores volta aos elogios, afastando as críticas negativas que teceu e, inclusive, apresentando uma última afirmação, a qual avaliaremos para verificar sua configuração como irônica:

Quadro 18 – Excerto 14, C4

120	A verdade, entretanto, é que as conferências de um Ferri constituem o gozo intelectual
121	mais vivo e mais profundo que se possa sonhar, independente de qualquer desencontro
122	de opiniões. E quando eu o vi, domingo, sair desse teatro S. Pedro, onde haviam
123	fulgurado os seus olhos e a sua palavra, acompanhado dessa senhora tão loura e rosada,
124	que julgo ser a sua esposa, tive vontade de bater-lhe palmas e dizer a esta última:
125	<u>— Vale a pena, não é assim? sentir-se a mulher arranhada por uma tão empolgante</u>
126	<u>eloquência...</u>

Fonte: Dolores (1908d).

Independentemente “de qualquer desencontro de opiniões” (linhas 121 e 122), Dolores volta a ressaltar o “gozo intelectual” (linha 120) que o conferencista concedeu à audiência carioca⁵¹. Como ela expressa no meio do desenvolvimento da C4, são justamente essas características — sua inteligência, eloquência e capacidade argumentativa — que o autorizam a afirmar a inferioridade da mulher (Dolores, 1908d, p. 1). Considerando as críticas tecidas por Dolores (1908d, p. 1), entretanto, tal afirmação final de que a suposta esposa de Ferri acharia *valer a pena ser arranhada* “por uma tão empolgante eloquência” (linhas 125 e 126)⁵² é contraditória se formos considerar o conteúdo da crônica, que consistiu em duros comentários

⁵¹ Anexo A, p. 175.

⁵² Anexo A, p. 175.

rejeitando as ideias positivistas de Ferri, comentários com os quais se contrastam os elogios, existindo um embate entre eles e as críticas negativas. Além disso, ao mencionar que a esposa do conferencista deveria se sentir satisfeita de ser *arranhada* pela eloquência dele, colocando-se nessa posição de inferioridade (e subjugada à violência, mesmo que simbólica) em relação ao marido, contradiz seu posicionamento acerca da igualdade intelectual de homens e mulheres.

Dolores (1908d) não é incisiva na desvalorização do pensamento dele, mas o fato de, além de discordar dele, opor-se aos seus métodos científicos, que desconsideram a observação social, é uma forma de desvalorização, apesar de se desculpar quando se posiciona contrária a ele no que diz respeito à comparação que ele faz entre homens e mulheres pianistas — “*perdoe o ilustre sábio, porém a comparação não foi feliz*” (linha 89)⁵³ (Dolores, 1908d, p. 1, grifo nosso), sendo o “não foi feliz” a manifestação de uma lítote, outra figura de linguagem que consiste na atenuação de uma palavra (nesse caso, *infeliz*) pela negação do seu contrário (*não foi feliz*). Por haver a presença da contradição e da desvalorização, mesmo que seja mais implícita, considerando todo o contexto (Brait, 2008; Hutcheon, 2000), julgamos a afirmação final (linhas 125-126)⁵⁴ como irônica.

5.1.4 Contexto e identificação da ironia na C4

A C4, a qual intitulamos “Enrico Ferri”, foi publicada no dia 29 de novembro de 1908, no jornal *O Paiz*, na coluna *A semana* (Dolores, 1908b). Mesmo que os dias de publicação de suas colunas nos dois jornais fossem próximos, não era comum que Dolores lhes dedicasse o mesmo assunto, como o fez nessa situação. Podemos imaginar que a conferência de Enrico Ferri lhe suscitou inúmeras reflexões, as quais ela não pôde deixar de transmitir aos seus leitores de ambos os periódicos. Embora as duas tratem do mesmo tema, veremos o quanto ela se utiliza de formas diferentes para sustentar sua argumentação e consegue encontrar outros pontos frágeis no discurso do conferencista, que discursou sobre o tema *A mulher qual é e qual será*, como visto na análise anterior.

No início de seu texto, a escritora contrasta a recepção de Ferri com a do professor Ferrero, cujas referências a seu primeiro nome não encontramos, um teórico a quem ela critica por seu esnobismo e pela monotonia de suas palestras. Segundo ela, a imprensa não poderia criticá-lo em razão do suposto prestígio que ele tinha: “e nem a imprensa é tão ingênua que

⁵³ Anexo A, p. 174.

⁵⁴ Anexo A, p. 175.

fosse atirar-se contra a corrente” (linha 16)⁵⁵ (Dolores, 1908b, p. 1). Porém, tornou-se perceptível, tendo como base as crônicas analisadas, o fato de que Dolores expressa suas opiniões de forma mais livre, não julgando a si mesma como parte da imprensa e, por isso, não apenas critica Ferrero como também criticará — apesar de também vangloriar — Enrico Ferri.

As primeiras impressões de Dolores revelam a admiração dela pelo criminologista italiano. Apresenta-o, primeiramente, como “eminente sociólogo, criminalista e pensador” (linhas 43-44) e menciona que ele conseguiu captar a audiência com a “única força do seu talento superior, da sua erudição, da sua eloquência, do seu calmo raciocínio e da independência em suma das ideias que expõe” (Dolores, 1908b, p. 1)⁵⁶. Por fim, no mesmo parágrafo, conclui que “o talento dele é verdadeiro” por ser, sobretudo, sincero. Tais elogios — muito semelhantes aos que vimos, com uma carga excessiva de adjetivos, quando ela elogia Carlos de Laet na C1 e o próprio Ferri na C3 — se estendem por toda a crônica, exceto quando ela menciona o ponto em que discorda dele: “Por minha parte, estou tão contente com esta prova devida às conferências de Enrico Ferri, que toda a minha alma exulta de gratidão, malgrado as palavras do ilustre professor, domingo acerca da mulher” (linhas 61-63)⁵⁷ (Dolores, 1908b, p. 1).

A preposição “malgrado” revela uma concessão, que introduz uma contradição subordinada ao evento principal (o fato de ela estar contente com a conferência), sendo esse evento principal considerado mais importante nessa relação de subordinação. Não será a única vez, nesta crônica, que Dolores utilizará uma palavra com valor concessivo nessa mesma posição, após a oração e, nesse caso, como adjunto adverbial, para indicar seu descontentamento. O que a desagradou foram as ideias de Ferri em torno da mulher. Como expresso no excerto 19, na linha 64⁵⁸, ela critica o “ponto de vista demasiado científico” (Dolores, 1908b, p. 1) expresso pelo criminologista, que revela o determinismo biológico do qual Ferri foi precursor: as características físicas frágeis das mulheres determinam a posição subserviente que elas teriam que ocupar em relação aos homens, que, pelo contrário, são fortes e, conseqüentemente, superiores a elas. Para sintetizar sua ideia, o conferencista faz uma comparação: os homens seriam os troncos; e as mulheres, as vinhas, que neles ficam enroscadas, dependendo deles.

A metáfora e o posicionamento de Ferri, no entanto, não agradam a Carmen Dolores:

⁵⁵ Anexo A, p. 175.

⁵⁶ Anexo A, p. 176.

⁵⁷ Anexo A, p. 177.

⁵⁸ Anexo A, p. 177.

Quadro 19 – Excerto 15, C4

64	Ele foi injusto: tratou da sua tese sob um ponto de vista demasiado científico, talvez
65	com uma superioridade excessiva de biologista, esquecido das evoluções modernas do
66	espírito feminino, apurado de século em século até deixar para trás perdido em brumas,
67	o tipo da mulher inferior, primitiva, escrava do homem e só dele vivendo, como a vinha
68	enroscada na árvore.
69	<u>Pobre criatura! Se ela continuasse, como humilde vinha, a nunca esperar arrimo senão</u>
70	<u>do másculo tronco em que se enrolasse!</u>
71	<u>Os troncos são muitas vezes ocos, estão a tombar de podres e mal podem consigo,</u>
72	<u>quanto mais com os frágeis pés de vinha!</u>

Fonte: Dolores (1908b).

Nos trechos destacados no Quadro 19, excerto 15, a cronista retoma a mesma metáfora de Ferri, mas subvertendo-a: na realidade, alguns troncos são incapazes de sustentarem as vinhas. Aqui, temos a retomada de um “já-dito” (Brait, 2008), nesse caso de Enrico Ferri, por Carmen Dolores. O fato de zombar dessa metáfora faz com que seja desvalorizado não apenas a própria metáfora, como também o pensamento de Ferri. No entanto, percebemos que, nesse caso, não se trata de uma afirmação irônica, pois, embora haja a recuperação do que foi dito por Ferri (Proponente imediato nessa situação estática) e, com isso, desvaloriza-se a ideia dele, Dolores não afirma algo absurdo ou contraditório. O que quisemos mostrar com a marcação desse trecho, contudo, é o fato de que, assim como na crônica C2, a escritora usa a zombaria como recurso para, assim como a ironia expressa na C1, apontar o absurdo da defesa de certas ideias. Voltaremos a este excerto ao final da análise, pois ele é importante para defender o teor irônico da crônica ao final.

No excerto 16 (Quadro 20), Dolores continua a criticar os ideais de Ferri, destacando o dualismo entre razão e emoção, expressando que, na ciência, aquela (razão) deve predominar sobre esta (emoção). A metáfora, no entanto, seria uma forma sentimental, próxima à emoção, de expressar algo, o que desencarnaria “essa ilusão de sábio” (linhas 74-75)⁵⁹ que o criminologista italiano teria (Dolores, 1908b, p. 1). Sentimentalismo esse que ela menciona que Ferri não possui na C3, analisada previamente: “Ele não é um sentimental, um poeta, um artista, um literato; mas é pior do que tudo isso: é um sábio meridional que lança as deduções do seu espírito com a força irresistível da lava” (linhas 58-60)⁶⁰ (Dolores, 1908d, p. 1).

⁵⁹ Anexo A, p. 177.

⁶⁰ Anexo A, p. 173.

Quadro 20 – Excerto 16, C4

73	E o eminente cientista, fugindo do sentimentalismo, caiu exatamente numa comparação
74	toda sentimental, que a observação da vida moderna e real contraria, descarnando essa
75	ilusão de sábio.
76	Ele devia ter visto que, na mesma proporção há homens imprestáveis e mulheres
77	heroicas, não lançando portanto essa asserção generalizada a respeito de uma
78	inferioridade que não tem fundamento. Nega o professor Ferri o gênio na mulher... Meu
79	Deus! o gênio é coisa tão rara e tão relativa, que mesmo nos homens é difícil encontrá-
80	lo com um caráter definido, visto como é feito de lampejos.

Fonte: Dolores (1908b).

Dolores, inclusive, nesse mesmo excerto, mantém o posicionamento de que a distinção entre os sexos não teria fundamento, principalmente quando contesta o que Ferri diz a respeito do “gênio”, isto é, dessa suposta capacidade que os homens possuiriam, diferentemente do sexo feminino, de criar obras imortais ou realizar feitos incríveis. No entanto, Dolores cita diversas mulheres que, ao longo da História, por motivos diversos, foram consideradas geniais por ela, tais como Delphina Gaz, Mme. De Giardin, Germaine de Staël, Mme. De Sevigné, Judith, Joanna d’Arc, Sarah Bernhardt, Rose Bonheur, Clemence Isaure e até mesmo a personagem bíblica Dalila. Interessante notar que, à exceção de Dalila, todas são europeias e muitas contemporâneas a ela, o que demonstra tanto o conhecimento de mundo que Dolores tinha quanto a falta de referências brasileiras. Ao final dessa enumeração de mulheres geniais, Dolores utiliza um recurso recorrente nos textos dela, a pergunta retórica, da linha 90 a 92⁶¹, de forma provocativa: “Mas o professor Ferri deve sem dúvida abominar tal forma de gênio, que dominou a força do tradicional senhor a mulher, não é assim?” (Dolores, 1908b, p. 1).

Ao se aproximar do final da crônica, Dolores volta a elogiar o conferencista, sendo, até mesmo, contraditória, considerando as críticas expostas por ela no desenvolvimento do texto. Mais uma vez, utiliza-se da conjunção “embora” para exprimir uma concessão (linha 95)⁶²:

⁶¹ Anexo A, p. 177-178.

⁶² Anexo A, p. 178.

Quadro 21 – Excerto 17, C4

93	Não obstante, porém, as injustiças de Ferri contra o sexo feminino, que ele estudou por
94	um falso prisma, sente-se lhe nas palavras a íntima e reta sinceridade, que não exclui,
95	aliás um grande respeito e mesmo uma viva ternura pela mulher, embora encarada
96	como nula, fraca e dependente do homem.
97	Talvez, quem sabe? que aos seus olhos de gigante, nós, de fato apareçamos pequeninas,
98	mais infantis do que realmente somos: mas que importa assim nos julgue um espírito
99	superior? O desaforo é quando algum imbecil se mete nesse papel – mas ele, Ferri, não!
100	Tem toda a competência, tanto mais que se compreende bem elevação das ideias que
101	emite serenamente, na convicção de dizer a verdade.

Fonte: Dolores (1908b).

A concessão auxilia a formação da contradição que caracteriza essa crônica. Ela expressa dois sentidos, que não se anulam, mas coexistem no interior dessa mentalidade patriarcal personificada por Ferri: ao mesmo tempo que, supostamente, diz admirar a mulher, classifica-a “como nula, fraca e dependente do homem” (linhas 95-96)⁶³ (Dolores, 1908b, p. 1), ou seja, a admiração pelas mulheres não anula a ideia da subserviência delas em relação aos homens. Ainda que, em uma relação concessiva, defenda-se que o fato considerado mais importante seja o da oração principal ([a íntima e reta sinceridade de Ferri] não exclui um grande respeito e mesmo uma viva ternura pela mulher), a posição do trecho com valor concessivo, tanto neste caso quanto em “Por minha parte, estou tão contente com esta prova devida às conferências de Enrico Ferri, que toda a minha alma exulta de gratidão, *malgrado as palavras do ilustre professor, domingo acerca da mulher*” (linhas 61-63)⁶⁴, faz com que seja a concessão que se sobressaia, como último componente da frase, juntamente com a indignação da escritora acerca da fala do conferencista (Dolores, 1908b, p. 1, grifo nosso). A concessão é uma forma de jogar dois sentidos um contra o outro, criando uma hierarquia entre eles, mesmo que não se classifique como ironia essa ordenação sintática. Retomaremos a importância da concessão quando formos identificar a ironia nesta crônica.

No excerto seguinte (18), apresentado no Quadro 22, porém, Dolores questiona: “mas que importa assim nos julgue um espírito superior?” (linhas 98-99)⁶⁵, expressando novamente sua admiração pelo conferencista, além de uma explícita permissão para que ele continue se vendo como superior em relação às mulheres, afinal, ele é, de fato, competente e suas ideias

⁶³ Anexo A, p. 178.

⁶⁴ Anexo A, p. 177.

⁶⁵ Anexo A, p. 178.

são elevadas e transmitidas de forma serena. Além disso, tem a “convicção de dizer a verdade” (linha 101)⁶⁶ (Dolores, 1908b, p. 1). Verdade essa que a própria autora contestou nas linhas anteriores.

Quadro 22 – Excerto 18, C3

97	Talvez, quem sabe? que aos seus olhos de gigante, nós, de fato apareçamos pequeninas,
98	mais infantis do que realmente somos: mas que importa assim nos julgue um espírito
99	superior? O desaforo é quando algum imbecil se mete nesse papel – mas ele, Ferri, não!
100	Tem toda a competência, tanto mais que se compreende bem elevação das ideias que
101	emite serenamente, na convicção de dizer a verdade.

Fonte: Dolores (1908b).

Elogiá-lo novamente, face às críticas expostas previamente, faz com que se aponte uma contradição entre admiração e contrariedade às ideias de Ferri. Mais do que isso, a parte da conferência refutada pela autora foi a que dizia respeito à suposta diferença intelectual entre homens e mulheres, inclusive com a enumeração de diferentes personalidades históricas que demonstraram uma competência igual ou até superior aos homens de suas respectivas épocas. Voltar aos elogios a Ferri nesse ponto, entretanto, caracteriza uma grande contradição no exposto por Carmen Dolores.

Ao final da crônica (Quadro 23), ela continua o elogiando e, na última linha (excerto 19), destacamos uma afirmação que analisamos como irônica:

Quadro 23 – Excerto 19, C3

102	É sempre um sincero, servido por um extraordinário talento, por uma rara erudição. E
103	eis por que, a despeito das alavancas atiradas aos seus passos, ele venceu, acordando
104	entre nós o nobre sentimento da liberdade da consciência; e todos nós o aplaudimos
105	com inteligente fervor, com ânsia, aceitando o livre pensador recriminado porque, atrás
106	da sua sugestiva figura, alguma coisa estava que poucas vezes encaram os nossos olhos
107	afeitos às hipocrisias convencionais – e é branca e refulgente aparição fugitiva, a
108	singela imagem da verdade que se afirma, com tato, mas sem fingimentos, nem
109	artificialismos.
110	<u>E por essa raridade que nos trouxeste, ó Enrico Ferri, sê bendito!</u>

Fonte: Dolores (1908b).

⁶⁶ Anexo A, p. 178.

Tal contradição torna-se ainda mais nítida quando ela encerra a crônica elogiando a erudição e a liberdade da consciência de Ferri, além de relatar a recepção favorável da sociedade carioca à conferência dele. A raridade trazida por ele, mencionada na última linha, é justamente a erudição, a qual ela reverencia por meio de uma invocação, assemelhando-se a uma ladainha dirigida a uma entidade religiosa.

Consoante a Hutcheon (2000), entendemos que a ironia pode não residir apenas em um enunciado (Ducrot, 2020) ou em uma afirmação (Tindale; Gough, 1987), mas pode estar presente no texto e no contexto. Em razão disso, caracterizamos tal afirmação final como irônica, visto que, no desenvolvimento da crônica, Dolores (1908b) o critica e, especialmente, zomba a ideia de superioridade dos homens em relação às mulheres, quando retoma a metáfora dos troncos e das vinhas (linhas 69-72)⁶⁷ e quando faz a pergunta retórica sobre o gênio da mulher (linhas 90-92)⁶⁸. Nisso, reside o aspecto desvalorizante em relação às ideias de Ferri, pois é revelada a fragilidade e o ridículo desse pensamento patriarcal.

Por outro lado, ela também é contraditória ao criticá-lo e vangloriá-lo, inclusive em torno do mesmo assunto em relação ao qual o critica: ela questiona se a mulher seria intelectualmente inferior ao homem, mas encara, em dado momento, o pensador italiano como, de fato, superior. A concessão (conjunções concessivas), apontada em dois momentos do texto (linhas 61-63 e 93-96), mostra esse embate entre sentidos, que reside na coexistência entre a discordância e a admiração. As pistas no texto deixadas para a leitura dessa contradição parecem ressoar um sentido irônico, difícil de ser captado, mas possível de ser traçado. Há, então, duas características para a definição dessa afirmação final como irônica: a contradição no texto e a desvalorização.

Como expressamos, as duas crônicas que tratam da conferência de Enrico Ferri possuem suas aproximações e distanciamentos. Na C4, ela não apresenta pontos com os quais concordou, o que fez na C3. Na C3, ela também expressa mais a reação do público, sobretudo das mulheres, além de outros pontos que não figuraram na C4, como a defesa de que a vida feminina não seria restrita à maternidade. Nisso, as duas crônicas se distinguem, mas voltam a se assemelhar, sobretudo, com as afirmações finais, coincidentemente no mesmo momento, na última frase dos seus respectivos textos, afirmações essas que foram categorizadas como irônicas.

⁶⁷ Anexo A, p. 177.

⁶⁸ Anexo A, p. 177-178.

5.1.5 Contexto e identificação da ironia na C5

O contexto de produção da C5 exigiu uma pesquisa praticamente arqueológica nos arquivos digitais da Hemeroteca Digital Brasileira. Carmen Dolores apresenta, logo no primeiro parágrafo da crônica publicada no dia 27 de maio de 1909, no *Correio da Manhã*, intitulada “Conversando...”, algumas pistas que nos auxiliaram na composição do contexto em que o texto foi escrito (Dolores, 1909b).

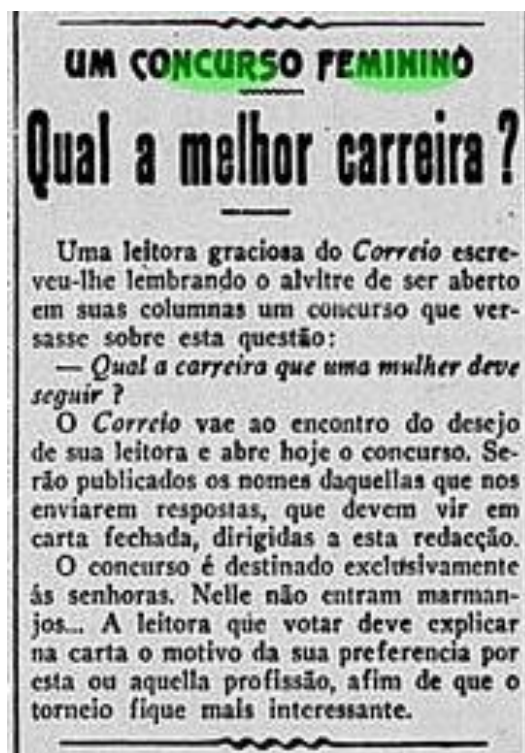
Quadro 24 – Excerto 20, C5

1	Com este lindo tempo, que dá mesmo vontade a gente de ser feliz, imensamente feliz,
2	e criar um luminoso par de asas muito leves, a fim de voar até o infinito azul, andam
3	todos a indagar qual é a melhor carreira para a mulher... É realmente deitar por terra
4	todo o vaporoso edifício dos sonhos e das ilusões. Carreira! Carreira! Mas a única
5	admissível, a única apreciada para a mulher, deusa, rainha, criatura de eleição, é não
6	fazer nada, não servir para nada – e assim pensou distinto colaborador desta folha, que
7	me fez a honra de citar como mulher-homem (porque faço alguma coisa), pondo-me
8	aliás em tão boa companhia, que só posso agradecer a imerecida gentileza.

Fonte: Dolores (1909b).

Ao mencionar que todos indagavam “qual é a melhor carreira para a mulher”, além de imputar a um “distinto colaborador desta folha” a responsabilidade enunciativa pelo enunciado exposto no excerto 20, buscamos em edições anteriores essas referências dadas por Dolores. A abertura do mencionado concurso foi encontrada na edição nº 2855, do mesmo jornal, no dia 10 de maio de 1909:

Figura 5 – Captura de tela da abertura do concurso feminino “Qual a melhor carreira?”, publicada no jornal *Correio da Manhã*



Fonte: Concurso [...] (1909a).

A discussão sobre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não era uma novidade para os jornais daquela época. Como visto, Carmen Dolores defendia essa possibilidade, assim como outras pessoas eram contrárias a ela. O jornal *Correio da Manhã*, então, aceita receber cartas que respondam à pergunta aberta “qual a carreira que uma mulher deve seguir?” não com o propósito de premiar as participantes, mas de acender a discussão, provocar polêmica e suscitar, naquela sociedade, diferentes opiniões. Diferentemente de outros periódicos, os editores restringem esse concurso à participação das mulheres, afinal “nelle [sic] não entram marmanjos” (Concurso [...], 1909).

A segunda menção, no primeiro parágrafo da crônica C5, referida no excerto 20, quadro 24, é do texto de Theotonio Filho (1909), a quem ela menciona brevemente nesse parágrafo e, ao final do texto, nomeia a coluna *De relance*. O texto desse colaborador foi publicado na quarta página da edição nº 2866, do dia 21 de maio de 1909, no *Correio da Manhã*⁶⁹. Theotonio Filho (1909) emite sua opinião a respeito da pergunta do concurso feminino. Para ele, há dois tipos de mulheres:

⁶⁹ O texto de Theotonio Filho (1909) foi reproduzido na íntegra no Anexo B, que consiste nos textos referenciados por Dolores nas crônicas C5 e C6.

Quadro 25 – Excerto 21

2	Há mulheres que dão para tudo e mulheres que não dão para nada. Prefiro as segundas.
3	As mulheres que dão para tudo tornam-se terríveis, impertinentes, com ares superiores,
4	às vezes mesmo tratando o homem com certo desdém. As mulheres que não dão para
5	nada conservam sempre aquela encantadora serenidade do sexo, aqueles olhos sempre
6	<i>femininos</i> , aqueles gestos arrebatados que perdem os homens.

Fonte: Theotonio Filho (1909).

Há, nessa visão, uma perspectiva patriarcal de um homem que, inclusive, enxerga as mulheres segundo suas funções utilitárias. “Mulheres que não dão para nada”⁷⁰, como fica claro pela distinção com o primeiro grupo de mulheres, são aquelas que não questionam, são dóceis diante das imposições patriarcais (Theotonio Filho, 1909, p. 4). Essas, conclui o autor, são a maioria, para a alegria dos homens, já que, de outra forma, seriam eles quem ficariam restritos ao âmbito doméstico. No trecho a seguir (excerto 22), temos claramente a defesa do valor da divisão sexual do trabalho, a partir de uma perspectiva patriarcal:

Quadro 26 – Excerto 22

9	Proudhon dizia que a mulher nem ao menos inventou a sua roca.
10	Tal afirmativa alegra-nos. E não seria na verdade uma grande desgraça se acaso amanhã
11	nos víssemos totalmente inúteis, dentro de casa, enquanto a nossa mulher <i>faria pela vida</i> ,
12	tratados como <i>bebês</i> , bonequinhos sem valor, uma coisa secundária? Um bom remédio,
13	aliás, para os preguiçosos, que traria graves consequências. Uma mulher, por exemplo,
14	que governasse o Brasil, cercada de ministros do mesmo sexo, o que não faria?
15	Declararia guerra à Argentina, guerra ao Peru e guerra à Bolívia; procuraria tornar o
16	Uruguai uma possessão nossa; venderia a última camisa do país para comprar vasos de
17	guerra; triplicaria o Exército; cujos oficiais seriam jovens gaúchas; faria tanta asneira
18	grossa, que, dentro de cinco anos, o país estaria no mais deplorável dos estados: as
19	finanças arrebatadas, o povo exausto, o Exército esmigalhado e a esquadra submergida.
20	<i>Seriam coisas do belo sexo...</i>

Fonte: Theotonio Filho (1909).

Uma das carreiras ressaltadas pelas leitoras do *Correio* foi a de professora. O autor, no entanto, contesta tal decisão. Na verdade, não concorda com qualquer uma das profissões

⁷⁰ Anexo B, p. 187.

citadas pelas leitoras do jornal, mas especialmente a de professora, que, em razão da fadiga proporcionada pela profissão, faria com que as mulheres perdessem a beleza, envelhecessem — e isso as faria perder o valor face aos homens. Ao mesmo tempo, adiciona que elas devem ter instrução, desde que não muito adiantada, para não se tornarem o que denominou mulheres-homens, enquadrando nesse grupo escritoras como George Sand, Judith Santhies, de Staël, de Stern, Carmen Sylvia e Carmen Dolores. Enfim, decide-se sobre a carreira que a mulher deve seguir: “A única carreira da mulher deve ser *embelezamento*. A mulher precisa ser bela para não perder o prestígio perante os homens. Só fite uma mulher quando é bela; e como eu são todos” (Theotonio Filho, 1909, p. 4, grifo nosso).

A beleza leva-a ao casamento, o qual lhe dará filhos e, por conseguinte, a função de *dona de casa* — “a missão da mulher sobre a terra”⁷¹ —, que, segundo o colunista, não é profissão, e sim consequência de ser bela (Theotonio Filho, 1909, p. 4). Afinal, “a beleza é o reinado da mulher”⁷² e essa característica deve ser acompanhada de:

[...] uma cútis delicada, de leite, uns olhos doces, que põem quebranto, uma boca que sorri, mostrando dentes bem-feitos, uns cabelos da cor da noite ou da cor do dia e mesmo da cor do mar, um corpo airoso, uma voz acariciante (Theotonio Filho, 1909, p. 4).

Pelo contrário, se decidir pelo labor, entregando-se “a trabalhos pesados, a preocupações sérias de mais o seu pequenino cérebro” (Theotonio Filho, 1909, p. 4)⁷³, perderá toda a sua beleza, terá as mãos ásperas e duras, envelhecerá, perderá o encanto: “Nós não a queremos assim. Uma mulher feia é uma flor murcha. Pomo-la de lado para não desfolhar” (Theotonio Filho, 1909, p. 4)⁷⁴. Ele, assim, sintetiza o pensamento de uma sociedade patriarcal.

Se apresentamos o conteúdo do texto de Theotonio Filho, com destaque para suas principais partes, apenas o fazemos com o objetivo de melhor analisar a crônica C5, na qual Dolores (1909b) parafraseia muitas das passagens do texto desse colunista (como defenderemos, utilizando-se da ironia).

Voltando à C5, primeiramente, na linha 7⁷⁵, do excerto 20, ela agradece a “imerecida gentileza” (Dolores, 1909b, p. 1) por ele a ter agrupado com as demais “mulheres-homens”, porque ela se enquadra na categoria de “mulheres que dão para tudo” (Theotonio Filho, 1909,

⁷¹ Anexo B, p. 189.

⁷² Anexo B, p. 188.

⁷³ Anexo B, p. 188.

⁷⁴ Anexo B, p. 187.

⁷⁵ Anexo A, p. 178.

p. 4)⁷⁶ e são instruídas além do que ele considera como necessário. Dolores, porém, não parece se sentir vexada, pois foi colocada na companhia de mulheres que ela mesma admira, como ela própria expressou nas crônicas previamente analisadas nesta pesquisa.

No próximo excerto (23), ela inicia a sua defesa de qual profissão a mulher deveria seguir, apresentando como argumento de autoridade o filósofo francês Claude-Adrien Helvétius, quem defendeu apenas duas posições possíveis que a mulher poderia ocupar: matrona ou sultana.

Quadro 27 – Excerto 23, C5

13	Já uma vez declarou o pensador Helvétius que a mulher só deve ser uma estoica
14	matrona ou, então, sultana, apresentando sérios inconvenientes o meio termo entre os
15	dois gêneros. <u>Eu terei a audácia de ajuntar, ao que escreveu o ilustre amigo de Diderot</u>
16	<u>e de Voltaire, que, sob os nossos climas, ardentes, onde a mulher só vale mesmo como</u>
17	<u>mulher, objeto de apetite, é melhor, deveras, que ela seja exclusivamente sultana. E está</u>
18	<u>indicada a única e possível carreira para a mulher no Brasil, se quiser merecer o</u>
19	<u>sufrágio dos homens: é ser sultana de um ou de muitos sultões; é, como disse o</u>
20	colaborador do <i>Correio</i> , só cuidar do seu <i>embelezamento</i> , para regalo dos olhos
21	masculinos, e não trabalhar, a fim de não perder os encantos que seduzem, e ter uma
22	cútis de leite, uns olhos doces que ponham quebranto, cabelos cor do dia ou da noite
23	que se enrosquem nos corações, dentes belos, boca de volúpia, corpo airoso que saiba
24	amar – <u>e para que mais? A carreira da mulher está traçada em poucas linhas: é ser gozo</u>
25	<u>material do homem. Que quer ela ainda? Não lhe basta ser um animal, um delicioso</u>
26	<u>animal de prazer? Se trabalhar, se for professora, mortificando a paciência com</u>
27	<u>meninos irritantes e malcriados, acabará por perder a beleza, tornar-se-á magra e velha.</u>
28	<u>E o homem não a quer assim. Flor murcha não presta mais.</u>

Fonte: Dolores (1909b).

Dolores chega a uma conclusão simples, que combina com os ares tropicais do Brasil, em que a mulher é vista apenas como “objeto de apetite” (linha 17)⁷⁷: a profissão das brasileiras deve ser a de *sultana* (Dolores, 1909b, p. 1). Apenas dessa forma, restritas aos cuidados com a beleza, elas podem ter a aprovação dos homens. Isso, porque, como ela mesma afirma, ecoando os argumentos de Theotonio Filho, além de parafraseá-lo, a fim de não perder sua beleza e sua

⁷⁶ Anexo B, p. 187.

⁷⁷ Anexo A, p. 179.

“cútis de leite, uns olhos doces que ponham quebranto, cabelos cor do dia ou da noite que se enroscuem nos corações, dentes belos, boca de volúpia, corpo airoso que saiba amar” (linhas 22-24)⁷⁸, a mulher não poderia buscar profissões que a desgastassem, já que o seu destino, a sua carreira é “ser gozo material do homem” (linhas 24-25)⁷⁹ (Dolores, 1909b, p. 1). “Flor murcha não presta mais”⁸⁰, ela conclui, mais uma vez, explicitamente mencionando o mesmo discurso de Theotonio Filho (Dolores, 1909b, p. 1).

A partir desse ponto, Dolores lista, em sua crônica, várias das profissões a que as mulheres tinham acesso até então, muitas delas sendo nomeadas pelas leitoras no concurso feminino. As carreiras são citadas apenas para desqualificá-las, apontando o que cada uma provocaria à beleza das mulheres, as quais, consequentemente, não seriam bem-vistas pelos homens se seguissem tais carreiras: se for costureira, a mulher “perderá a maciez das mãos, que devem acariciar os desejos masculinos” (linhas 29-30); “se for literata, merecerá o nome de pernóstica e cairá no ridículo” (linha 32); “se advogada, médica, pintora, escultora, farmacêutica, enfermeira”, receberá vaias de seus pares masculinos (linhas 32-33); se optar por ser ama de leite, terá que se resignar à fadiga dessa profissão, que “enfeia, cansa, destrói a perfeição das linhas femininas” (linha 43), algo inadmissível para a exigência dos homens; o cargo de lavadeira, tampouco, tornaria bela uma mulher; o de dançarina, por outro lado, parecia uma profissão com a qual os homens concordariam, pela graciosidade e pela beleza dos movimentos, porém ela também é difícil e, naquela época, como Dolores comenta, a profissão não era bem-vista: “se levantarmos o véu dessa carreira, encontraremos, na realidade, uma outra que não pode entrar decentemente em concurso público” (linhas 57-58) (Dolores, 1909b, p. 1). Mesmo que não tenhamos inserido o excerto dessa parte na análise devido a sua extensão (das linhas 29 a 58)⁸¹, levaremos todas essas reflexões da autora para a análise da ironia.

Contesta, por outro lado, a escolha das leitoras pela “profissão” *mãe de família* que, para ela, é o destino natural da mulher, uma forma de dedicação, abnegação, e não uma profissão propriamente dita. O mesmo ela afirma para a *sogra*, que, para ela, não traz benefício algum, pois, para ser sogra, é necessário ter uma idade avançada, a qual não traz vantagens para a mulher, visto que, nessa fase, ela é ainda mais excluída socialmente. Por fim, levanta mais uma profissão possível às mulheres: a de freira: “a freira não se incomoda, não tem aspirações, não

⁷⁸ Anexo A, p. 179.

⁷⁹ Anexo A, p. 179.

⁸⁰ Anexo A, p. 179.

⁸¹ Anexo A, p. 179-180.

assiste a momentos políticos, não ouve asneiras, não sabe o que é *chaleiras* e, sobretudo, não corre os riscos de virar sogra” (linhas 87-89)⁸² (Dolores, 1909b, p. 1).

Enfim, ela volta a concordar com Theotonio Filho, o qual “foi o único que falou certo quanto à carreira que deve seguir a mulher em nossa terra meridional” (linhas 93-94)⁸³ e contrasta a realidade brasileira com a de países europeus, onde:

Quadro 28 – Excerto 24, C5

97	Na Inglaterra, na Alemanha, em França, as raparigas louras e formosas, ou mesmo as
98	mulheres já desbotadas e tristes, podem todas ganhar a sua vida, como se vê, na carreira
99	das letras, desde que tenham algum talento. Muitas se tornam célebres, conhecidas, e
100	ficam ricas. Podem também ser médicas, advogadas, dentistas, costureiras, telefonistas,
101	o que em suma quiserem, porque a beleza e a mocidade não são consideradas lá uma
102	profissão.

Fonte: Dolores (1909b).

Em seguida, completa:

Quadro 29 – Excerto 25, C5

106	A mulher, nesses países, tem a responsabilidade dos seus passos e precisa de trabalhar
107	como ente pensante, ativo e orgulhoso da sua independência. Aqui, porém, não é assim;
108	a única carreira que o conceito masculino consente realmente à mulher é a de ser nova,
109	bonita, frívola, alegre e não dar para nada.
110	<u>Não canse o cérebro com preocupações sérias, porque fica feia; não pique os dedos</u>
111	<u>com a agulha; não faça trabalho de espécie alguma, não leia, não escreva, não ensine,</u>
112	<u>até não pense, mas seja bonita, que ninguém lhe pede outra coisa.</u>

Fonte: Dolores (1909b).

Mais uma vez, ressalta a diferença entre a Europa e o Brasil e volta a defender, entre as linhas 110 e 112, que a mulher se limite a ser bonita, nada mais. Deve-se notar o quanto ela continua a mencionar o texto de Theotonio Filho, por exemplo com o “não dar para nada” e cansar “o cérebro com preocupações sérias” (linhas 109 e 110)⁸⁴ (Dolores, 1909b, p. 1). As

⁸² Anexo A, p. 181.

⁸³ Anexo A, p. 181.

⁸⁴ Anexo A, p. 181-182.

sugestões, em síntese e em sequência, que apresentam nas linhas sublinhadas no excerto 25 apresentam um alto teor irônico, como sintetizaremos ao final desta parte.

Dolores continua a referenciar Theotônio Filho (1909), mas complementando com suas ideias, embora elas sejam voltadas a um discurso patriarcal:

Quadro 30 – Excerto 26, C5

113	<u>A única profissão para a mulher brasileira? É ser bela e agradar ao homem. Falta-lhe o</u>
114	<u>pai? falta-lhe o marido? faltam-lhe os recursos para viver? Ora, não se incomode: trate</u>
115	<u>de ser formosa, que tem a existência ganha. Uns belos dentes claros, a cútis de leite,</u>
116	<u>bem descansada, sem traços de lágrimas ou vigílias – e aí tem a sua carreira, minha</u>
117	<u>senhora ou senhorita!</u>
118	<u>Está, ao contrário, acabada pelo trabalho, envelhecida pela preocupação, reduzida a</u>
119	<u>uma solteirona conselhativa? Pois é sumir-se, minha cara senhora, que em nossa terra</u>
120	<u>a única profissão aceita, apontada, preconizada e... rendosa é a de sultana. Não pode</u>
121	<u>sê-lo? É feita ou tem pudores, dignidade, escrúpulos? Então desapareça da circulação.</u>
122	<u>Não faltam barcas de Cantareira para um mergulho de mulheres desanimadas no meio</u>
123	<u>da nossa baía azul, sob este sol de ouro, tão lindo!</u>

Fonte: Dolores (1909b).

Entre as linhas 118 e 123⁸⁵, aconselha as mulheres que não possuem a beleza necessária — ou possuem o mínimo de dignidade para tal — a alçar ao posto de sultana: resta-lhes a decisão de um final trágico. Um afastamento social voluntário, que pode levar até ao suicídio.

O percurso desta contextualização e identificação da ironia, na forma como fizemos até aqui, mostrou-nos as ideias e os ideais defendidos por Dolores, inclusive valores muito caros para ela, como a dignidade e a igualdade. Por isso, uma crônica com um ponto de vista tão incisivo e distinto do que ela vinha nos apresentando causa-nos estranhamento. Conhecendo-a, entendemos que ela pode estar sendo irônica. *Pode estar* é o que defenderemos por enquanto, pois é fundamental, primeiramente, que as afirmações sublinhadas nas linhas 15 a 19 e 24 a 28⁸⁶ sejam analisadas. Nas passagens das linhas 29 a 58⁸⁷, ela apresenta contra-argumentos que refutam certas carreiras femininas sugeridas pelas concorrentes do concurso; das linhas 110 a 112⁸⁸ resume tudo o que as mulheres *não* devem fazer para preservarem a beleza; das linhas 113 a 123⁸⁹ reforça que a única profissão a que as brasileiras deveriam aspirar é ser bela e agradar aos homens, e, caso não sejam belas, devem sair de circulação, inclusive citando implicitamente o suicídio como medida para tal.

Em todas as linhas supramencionadas, por Dolores apresentar um posicionamento distinto do esperado, distinguindo-se dos valores que até então ela havia defendido, as

⁸⁵ Anexo A, p. 182.

⁸⁶ Anexo A, p. 179.

⁸⁷ Anexo A, p. 179-180.

⁸⁸ Anexo A, p. 182.

⁸⁹ Anexo A, p. 182.

afirmações se caracterizam como absurdas. Não vamos mencionar, nesta crônica, os valores defendidos por ela em razão do caráter predominantemente interdiscursivo do texto, isto é, a menção clara ao discurso patriarcal representado pelo texto de Theotonio Filho, em sua coluna *De relance*, publicado dias antes no *Correio da Manhã*. As afirmações, absurdas para os posicionamentos defendidos por Dolores, são atribuídas, na verdade, a ele, inclusive a defesa do valor da divisão sexual do trabalho. Há, ainda, um viés desvalorizante nessas afirmações, porque são muito exageradas, encaradas como ridículas por Dolores, que vê a perspectiva patriarcal da mesma forma.

Para citar alguns exemplos desse exagero e, por consequência, da desvalorização das ideias de Theotonio Filho (1909, p. 4), as mulheres “que não dão para nada” tornam-se as sultanas para Carmen Dolores; o destino das mulheres solteironas deve ser sair de circulação, sendo uma das opções o suicídio; a flor que é posta de lado após murcha “não presta mais”, segundo Dolores (linha 28) (1909b, p. 1). Ela manuseia os mesmos argumentos, estendendo-os, exagerando-os e, conseqüentemente, desvalorizando-os, mostrando o absurdo contido neles.

As únicas “pistas” dadas pela autora que desvaneceriam a ironia, mostrando-a como tal, seria o fato de, no primeiro parágrafo (excerto 20), ela citar que o “não fazer nada, não servir para nada” (linhas 5-6) (Dolores, 1909b, p. 1) se refere ao pensamento de um colaborador do jornal, cujo nome ela não cita, mas sabemos ser Theotonio Filho, bem como o excerto 24 (linhas 97-102), em que ela compara o Brasil com a Europa, mostrando admiração pela forma com que este continente trata suas mulheres. Sendo assim, aquelas ideias muito díspares do seu posicionamento até então demonstrado nas crônicas anteriores não seriam dela. No entanto, essa afirmação no início da crônica não foi o suficiente para que os leitores (em especial, as leitoras) entendessem o texto como irônico. Na verdade, na crônica da semana seguinte, ela precisou se desculpar pelo uso da ironia, como veremos na análise da crônica C6.

5.1.6 Contexto e identificação da ironia na C6

Não havíamos nos deparado até então com reações às crônicas de Carmen Dolores. Pela natureza efêmera do jornal, com novas edições saindo a cada dia ou a cada semana, e pelo fato de notícias de maior importância serem privilegiadas no curto espaço do jornal, não tínhamos a dimensão da recepção da escritora na sociedade carioca. Para a nossa surpresa, encontramos não apenas uma, mas duas menções a ela — e à sua crônica “Conversando...” (analisada anteriormente) — nas cartas publicadas pelo jornal *Correio da Manhã* que respondiam ao concurso feminino.

Nos dias 29 e 30 de maio de 1909 (edições nº 2874 e 2875), dois e três dias, respectivamente, após a publicação da crônica de Dolores na coluna publicada às quintas-feiras, chegaram à redação do *Correio da Manhã* cartas de participantes do concurso feminino que, quando foi anunciado, tinha como título “Qual a melhor carreira?”, tendo o jornal alterado o título para “Que deve ser a mulher?”, pergunta mais abrangente, não se limitando apenas ao âmbito profissional. Ainda assim, era comum que os editores do jornal sintetizassem todas as sugestões das participantes como “carreiras” (Concurso [...], 1909b, 1909c). Deve-se mencionar que muitas das participantes não tinham os nomes divulgados, não se sabe se por edição do próprio jornal ou pela preferência das próprias leitoras. Em alguns casos, utilizavam pseudônimos, apenas o primeiro nome e até siglas.

Na edição do dia 29 (nº 2874), foi publicada a opinião da leitora Borboleta dos Amores. Ela foi introduzida por uma breve chamada dos próprios editores do periódico: “*Borboleta dos Amores* tem a respeito do concurso estas ideias revolucionárias” (Concurso [...], 1909b, p. 4)⁹⁰. Ela contesta as respostas das demais senhoritas, dizendo que “a mulher atual deve ter, unicamente, esta preocupação: ser formosa e agradar; eis tudo” (Concurso [...], 1909b, p. 4). Tampouco, no entanto, essa ideia é revolucionária, como anunciaram os editores, mas eles podem ter a chamado dessa forma em razão do fato de que as outras leitoras apresentaram, de fato, outras profissões, embora “mãe de família” estivesse, no dia 29 de maio, entre as primeiras colocações na tabela elaborada pelo jornal (Figura 6), a partir da quantidade de leitoras que votaram nesta “carreira”.

⁹⁰ A resposta desta leitora, assim como as do dia 30 de maio, foi reproduzida na íntegra no Anexo B (p. 189).

Figura 6 – Captura de tela do resultado das votações do Concurso feminino, no dia 29 de maio

Resultado até hontem :	
Professora	36
Mãe de família	29
Costureira	18
Ama secca	9
Pharmaceutica	7
Escriptora	4
Magistrada	3
Parteira	3
Medica	1
Cartomante	1
Missionaria	1
Ourives	1
Freira	1
Dansarina	1
Pintora	1
Lavadeira	1
Boa sogra	1
Agronoma	1
Telephonista	2
Atriz	2
Cozinheira	1
Dactylographia	1
Sapateira	1
Banqueira do bicho	1
Relojoeira	1
Barbeira	1

Fonte: Concurso [...] (1909b).

“Hoje estamos no século das luzes e do progresso. Portanto, morram as opiniões de carrancismo” (Concurso [...], 1909b, p. 4). Dessa maneira, Borboleta dos Amores justifica o seu posicionamento a respeito do trabalho feminino, argumentando que o fato de a mulher trabalhar não seria algo moderno para aqueles tempos. Em seguida, ela apresenta o magistério como exemplo de profissão malsucedida tanto esteticamente (afinal, a quantidade de trabalho as deixa feias) quanto amorosamente, já que: “Na maioria das vezes, coitadas, arranjam um casamento que não tem por base uma pequenina partícula de amor, e sim, o interesse puro e sem rodeios” (Concurso [...], 1909b, p. 4), isto é, os maridos visariam aos salários do magistério.

Ela assegura conhecer inúmeros casos como esse, de casamentos de professoras que terminaram em divórcio. É difícil também, ela continua, que as mulheres permaneçam solteiras devido ao fato de que, quando atingem os 15 anos, elas procuram pelo matrimônio: “para isto a sua preocupação deve ser agradar, prender, fascinar e por fim... casar”, pois, em conclusão, “quem tem obrigação de exercer uma profissão é o homem; a mulher, jamais” (Concurso [...], 1909b, p. 4).

Ao final de sua resposta, ela cita os textos de Carmen Dolores e de Theotonio Filho. A respeito da crônica da escritora, publicada no dia 27 de maio de 1909 (Dolores, 1909b), que analisamos na seção anterior, ela a elogia e diz concordar com a autora:

Quadro 31 – Excerto 27

33	<i>Sei que muitas senhoritas não se convencerão desta verdade, parece que estou vendo</i>
34	<i>pairar-lhes nos lábios um sorriso irônico e dizerem que sou uma insensata. Enganam-</i>
35	<i>se. Eu aconselho-as somente ao seguinte: Leiam com atenção o Correio da Manhã do</i>
36	<i>dia 27, e vejam o que a esse respeito diz a cintilante e querida Carmen Dolores. Leiam,</i>
37	<i>meditem e depois convençam-se da verdade, dita pelo talento pujante dessa aplaudida</i>
38	<i>e inimitável escritora, da qual eu sou admiradora entusiasta. Leia também o que diz</i>
39	<i>Theotonio Filho, e deem tréguas às tuas profissões descabidas e sem razão de ser.”</i>

Fonte: Concurso [...] (1909b).

A “insensatez” dela, reação que ela antecipa das demais leitoras, encontra respaldo em Dolores (1909b) e Theotonio Filho (1909). Enquadramos muitas das afirmações de Dolores como irônicas na análise da crônica C5. Por outro lado, entendemos que o texto de Theotonio, por mais que não o conheçamos como escritor, diferentemente da crônica C5 de Carmen Dolores, apresentava o sentido literal, e não um sentido figurado e até irônico. Ele realmente acreditava que a única carreira para a mulher deveria ser a beleza. Por outro lado, a crônica de Dolores é irônica pelo fato de ela retomar o texto de Theotonio para ironizá-lo. Borboleta dos Amores pode, de fato, ter concordado com Theotonio Filho, mas não com Dolores, porque ela estava se utilizando da ironia. Por isso, compreendemos que houve uma falha na compreensão desse recurso por parte dessa leitora.

Na edição do dia seguinte (nº 2875), 30 de maio de 1909, duas outras leitoras também disseram concordar com Dolores, segundo os editores do jornal (Anexo B):

Quadro 32 – Excerto 28, C6

1	Carmen Dolores, escrevendo um destes dias sobre o concurso, disse que a mulher devia
2	ser sultana. Duas gentis concorrentes mandaram-nos dizer ontem que estão de perfeito
3	acordo com a colaboradora do <i>Correio</i>. São elas <u>Ninon de Lencoes</u> e <u>Margarida G.</u>

Fonte: Concurso [...] (1909c).

As opiniões dessas três leitoras fizeram-nos perceber uma falha de interpretação das palavras escritas por Dolores em sua crônica no dia 27 de maio, algo que também serviu de

alerta para a escritora, pois, na quinta-feira seguinte, 03 de junho de 1909 (nº 2879), dia de publicação da sua coluna no *Correio da Manhã*, ela precisou corrigir certas interpretações errôneas na crônica por ela denominada “Amiguinhas anônimas” (Dolores, 1909a). A partir do excerto 29, colocamos em negrito as partes em que ela define sua ironia, pois acreditamos ser interessante observar a consciência que ela tinha desse recurso.

Quadro 33 — Excerto 29, C6

1	(Carta aberta às concorrentes à questão da carreira feminina)
2	Há muitos dias que nado no mais sério, no mais complicado embaraço da minha vida,
3	sentindo-me apanhada na rede das minhas próprias palavras de quinta-feira
4	última, que tão claras julguei e, no entanto, a malícia de algumas e a ingenuidade de
5	outras das minhas gentis e desconhecidas leitoras interpretaram num sentido de
6	todo o ponto contrário ao que existia no meu pensamento.
7	Amáveis concorrentes, ouvi a minha prece, apresentada nestas linhas de hoje como
8	sobre uma salva de metal barato, que outra comparação não pode ter a minha prosa,
9	mas uma salva tão limpinha, tão branquinha, que brilha com os puros reflexos da
10	verdade. E quer esta verdade que eu vos suplique: emprestai ao meu <i>Conversando</i> da
11	semana passada os desígnios mais ferozes, mais negros e pavorosos; lançai-me a pecha
12	de exagerada e insensata; dai-me o nome de <i>feminista</i> (com que muito embirro, por não
13	o merecer na sua acepção ridícula, vingança da concorrência); declarai-me tola,
14	ignorante, tudo o que houver de pior, de mais deprimente e desanimador para quem
15	escreve para o público – mas nunca, nunca, ó candidatas ao concurso sobre a carreira
16	da mulher! nunca troqueis as minhas inocentes ironias por conselhos de um
17	cinismo que não está, felizmente, em minha índole.

Fonte: Dolores (1909a).

Ao mencionar que foi “apanhada na rede” de suas próprias palavras, Dolores é categórica ao desfazer o sentido literal interpretado pelas leitoras, seja por ingenuidade, seja por malícia. Ela dirige-se a elas, nessa carta aberta, desde o título “Amiguinhas anônimas” ao uso de vocativos — “amáveis concorrentes” e “ó candidatas ao concurso sobre a carreira da mulher!” (Dolores, 1909a, p. 1), por exemplo, no excerto 29, quadro 33 — e do imperativo afirmativo na segunda pessoa do plural. Ela ainda denomina o recurso utilizado por ela na crônica anterior como *ironia*, caracterizando-a como *inocente*. Além disso, faz questão de distinguir o uso dessa figura com conselhos cínicos que ela não poderia dar. Isso, porque, na

crônica anterior (C5), ela sugeriu que a única profissão válida para a mulher seria a de sultana, levando ao extremo o posicionamento de Theotonio Filho de que a mulher *que não dá para nada* deve ser somente bela com a finalidade de se casar, ter filhos e ser dona de casa. Dolores também sugeriu, ao final da crônica da edição nº 2872 (C5), que mulheres que não se sentissem confortáveis para se tornarem sultanas poderiam desaparecer de circulação.

As leitoras, no entanto, apesar de o texto inteiro soar absurdo e ecoar muitos dos argumentos não só de Theotonio Filho, como também de toda uma sociedade patriarcal, não o compreenderam como irônico. Ao não interpretarem tal enunciado ou situação como irônica, os indivíduos podem se enquadrar no grupo das “vítimas”, aqueles a quem a ironia é destinada, como defende Kaufer (1977). Porém, é necessário cautela para confirmar essa possibilidade: Dolores, como mencionamos, de modo geral, posiciona-se contra a estrutura patriarcal e, nas crônicas anteriores, percebemos os alertas em torno da necessidade de as mulheres serem independentes, logo elas não poderiam ser as vítimas dessa ironia. Acreditamos, porém, que o fato de essas leitoras terem compreendido o sentido literal da crônica se deu em razão de estarem imersas em uma cultura que as criou para agradar os homens, casar-se, ter filhos e ser dona de casa. Por isso, ao lerem a crônica de Dolores e o texto de Theotonio Filho, apenas confirmaram a estrutura conforme a qual foram educadas durante toda a vida e ao longo de gerações.

As vítimas, se pudermos emprestar o termo de Kaufer (1977), não seriam as mulheres, mas, como Dolores deixará claro na sequência de sua crônica, os homens, por ver o discurso patriarcal que eles defendem como ridículo. Antes de citá-los, ela ainda demonstra indignação e surpresa com a interpretação totalmente adversa de seu texto anterior, afinal o que escreveu estaria “em absoluto desacordo com a lógica de tudo quanto hei dito desde que me sirvo da pena” (linhas 24 e 25), embora agradeça que as leitoras tenham citado seu nome, “prestigiado unicamente pela vossa imerecida admiração” (linha 27). Porém, apesar dos elogios, lastimou uma única passagem do que elas escreveram: “é que minha ironia, apesar de tão patente, pudesse prestar-se a enganos” (linha 28) (Dolores, 1909a, p. 1). Dolores compara a ironia com um ferro, que, em vez de ferir, pode ser transformado em uma coçadeira mecânica, que pode aliviar coceiras ao mesmo tempo que, de vez em quando, arranha.

Em seguida, juntamente com a comparação do ferro e da coçadeira, complementa, deixando claras às suas “amiguinhas anônimas” suas ideias:

Quadro 34 — Excerto 30, C6

34	Não, não, minhas senhoras! não invertais os meus intentos. Eu não pretendi coçar,
35	regalar, mas sim arranhar, de propósito muito firme. Jamais tive a ideia de acariciar
36	conceitos que me pareceram, ao contrário, dignos de sarcasmo e hoje, aqui, sem
37	mais devaneios de ironia , para que me não torçam ainda a maneira de pensar, declaro
38	positivamente abomináveis. Estais-me ouvindo? <i>abomináveis</i> . A mulher ter como
39	profissão o ócio? não fazer nada? não servir para nada? ser apenas bonita e agradar,
40	como um pequeno animal de luxo? Mas isso é extravagante, simples fantasia de poeta,
41	de cerebral, que foge às realidades da vida séria para buscar apenas a visão que perpassa
42	num efêmero raio de luz, encantando a vista. Nem esse mesmo poeta, esse cerebral, a
43	ter de escolher uma esposa ou de idear um tipo de irmã, iria buscá-las entre as criaturas
44	<i>bibelots</i> , estatuetas lindas e inúteis, todas ocas por dentro dessa fragilidade imprestável,
45	que só servem para a ornamentação das salas e ruas, e não saberiam pregar-lhe um
46	botão às roupas, ensinar as criadas, contribuir com o trabalho do seu cérebro ou das
47	suas mãos para a dignidade do lar, no dia em que a adversidade batesse à porta,
48	diminuindo ou até suprimindo os recursos fornecidos por ele, como marido, irmão,
49	chefe, enfim, da família.

Fonte: Dolores (1909a).

Na linha 36 (excerto 30), ela designa os conceitos — a saber, as ideias patriarcais que ela critica em suas crônicas, especialmente na anterior, de que o destino da mulher deve se restringir a ser bela, para casar-se — a que ela se refere na C5, além de *abomináveis* (linha 39), “dignos de sarcasmo”. Se a ironia é uma coçadeira mecânica, que arranha de vez em quando, o sarcasmo, um tipo mais pungente de ironia, é usado, de fato, para ferir, para machucar. Além da consciência que ela demonstra com a utilização da ironia, é importante também demarcar o sarcasmo⁹¹. Somados a todas essas características, os conceitos patriarcais são denominados fantasiosos, porque os homens, segundo Dolores, não procurariam casar-se com “*bibelots*, estatuetas lindas e inúteis”; precisariam, ao contrário, de mulheres que contribuíssem com a manutenção do lar. Mais do que isso, como ela defenderá em outros momentos dessa mesma crônica, assim como entre as linhas 47 e 49, caso haja adversidades, como a perda do chefe da família, as mulheres precisam de condições mínimas para conseguirem se sustentar.

⁹¹ Não é nossa intenção, nesta dissertação, explorar o sarcasmo, embora achemos justo destacá-lo como uma forma mais violenta da ironia.

No entanto, novamente, como na C1 e C2, ela lembra-se dos “senhores antifeministas” (Dolores, 1907b, p. 1), que ridicularizam as mulheres independentes, categorizando-as como feministas, apesar de pouco contribuírem para pensar em soluções viáveis para que, em situações que sejam necessárias, as mulheres possam conquistar a independência:

Quadro 35 – Excerto 31, C6

52	é curioso observar essa guerra feita com armas que
53	ridicularizam, arregimentando todas as mulheres independentes pelo seu esforço na
54	mesma fileira escarnecida do feminismo, sem que se separem as capazes das
55	pretenciosas e nulas

Fonte: Dolores (1909a).

Mesmo que sua intenção seja transmitir com mais clareza sua mensagem, desvencilhando-se de recursos ambíguos como a ironia e o sarcasmo, Carmen Dolores não evitar adentrar mais uma vez nesse perigoso terreno. Ao mencionar esses homens, contrários à independência da mulher, embora esteja escrevendo uma carta aberta às leitoras, não pode deixar de se dirigir a eles nas linhas seguintes (linhas 60 a 85, excertos 32 e 33):

Quadro 36 – Excerto 32, C6

59	Não! Palavra, que tenho vontade de segurar pela aba do fraque esses senhores que
60	zombam da mulher inteligente e laboriosa, e dizer-lhes:
61	“Venham cá, meus ilustres amigos, representantes da força, monopolizadores de todos
62	os direitos, e expliquem-me este enigma formidável, que leva a importunar-me a
63	cabeça: que deve fazer uma mulher que não quer só viver da sua beleza, subsistência,
64	mas também não deseja merecer o labéu vergonhoso de feminista? Deve casar?
65	Perfeitamente. É a solução natural. Mas se ela não achar marido e for ficando para tia,
66	embora bem contra a sua vontade? <u>Deve ir ser parasita em alguma casa alheia, onde a</u>
67	<u>recebam, sentando-se ao fim da mesa das refeições, comidas por esmola, disfarçada,</u>
68	<u>não se intrometendo nas conversas da família, sempre humilde e apagada, enchendo a</u>
69	<u>alma de fel — só para não abraçar uma qualquer profissão e cair no ridículo, atirado</u>
70	<u>como lama a mulher que se evade corajosamente da dependência? Ou então deverá</u>
71	<u>essa rapariga formosa, que não encontrou marido, procurar um amante, para não fazer</u>
72	<u>nada, ou mesmo atirar a luva à sociedade, que, nesse caso, a repudiará, buscando em</u>
73	<u>muitos protetores simultâneos o meio de nunca mais servir senão como instrumento</u>
74	<u>bonito, que não estraga as mãos, nem cansa o cérebro de animal de gozo?</u>

Fonte: Dolores (1909a).

As perguntas retóricas, como foi visto na C1, é uma das formas que a ironia pode se apresentar. Classificamos, assim, essa passagem (linhas 66 a 74) como irônica por apresentar uma defesa absurda, considerando os valores da autora, de valores atrelados ao pensamento patriarcal, a exemplo da divisão sexual do trabalho. Pelo contrário, nas análises das crônicas anteriores (C1 a C4), vimos que Dolores possui uma visão mais humanizada e defende valores como a dignidade, sobretudo às mulheres. Sendo defensora da independência feminina, ela certamente não sugeriria que uma mulher vivesse às custas da própria família como “parasita” e, por ter certo recato, não sugeriria que uma mulher, que não tenha conseguido se casar, procure um amante. Essas soluções um tanto simplistas e, para ela, absurdas, são imputadas a essa perspectiva patriarcal que ela tanto condena, personificada na figura dos senhores a quem ela se dirige no início do excerto 32, quadro 36.

No excerto seguinte, ela segue com as provocações e as perguntas retóricas destinadas aos senhores que ridicularizam mulheres independentes:

Quadro 37 – Excerto 33, C6

75	Ainda outra pergunta, meus senhores: no caso de já não ser nova nem bela a mulher, e
76	de ter perdido todo o apoio na vida, não lhe faltando as faculdades vigorosas para
77	ganhá-la sozinha, qual deve ser a conduta dessa criatura de ânimo forte para fazer face
78	aos seus encargos e sustentar valentemente a família, sem, todavia, incorrer nos apuros
79	que percebem o que chamam <i>feminis</i> , isto é, o tipo feminino que vive por si, sem o
80	socorro do homem? <u>Deve essa mulher esconder seu esforço, o seu trabalho, a sua</u>
81	<u>superioridade, tudo quanto a eleva e dignifica, como uma tara grotesca, para não ser</u>
82	<u>escarnecida?</u>

Fonte: Dolores (1909a).

Indiretamente, por meio da pergunta retórica entre as linhas 80 e 82, Dolores argumenta que, se essa mulher tiver a capacidade de se sustentar, ela deve fazê-lo, a despeito do escárnio com que a sociedade, em especial esses senhores a quem ela se dirige, pode tratá-la. No entanto, a pergunta retórica apresenta um sentido contrário a essa intenção e, portanto, é irônica por ser absurda e de responsabilidade dessa mentalidade patriarcal, a qual orienta que essa mulher deveria esconder seu esforço, sua superioridade, para evitar a zombaria a que ela poderia ser exposta. Por uma última vez, ela se direciona a esses senhores, exigindo-lhes uma resposta a essas perguntas um tanto quanto capciosas, pois a resposta, se positiva, pode comprometê-los no sentido de afirmarem que pouco se importam com a dignidade da mulher: “Oh! senhores,

mas considerem o que me vão responder, porque não lhes dou trégua, esperando a solução do enigma proposto em palavras claras, sem rodeios” (Dolores, 1909a, p. 1).

Com essas perguntas, a cronista também ressalta que não exagera e não trata os homens com injustiça. Ela tem provas de que eles agem dessa forma, ridicularizando mulheres consideradas independentes, pois trabalham sem depender de um marido ou de um familiar: “Ainda há não muitos dias, escutai-me, amigas! fui eu mesma visada por uma flecha sarcástica” (Dolores, 1909a, p. 1). Ela se refere a uma notícia publicada no jornal *A notícia*, do Rio de Janeiro, na coluna *Pequenos echos*, edição nº 121 (29 e 30 de maio de 1909). Nela, foi noticiado o erro ortográfico de uma datilógrafa em uma emenda, cuja natureza não é revelada, da Câmara dos Deputados (Pequenos [...], 1909). Relataremos brevemente o conteúdo dessa notícia em prol do melhor entendimento do fato recuperado por Dolores em sua crônica.

Dessa forma, a notícia começa:

Quadro 38 – Excerto 34

1	O feminismo sofreu ontem um lamentável insucesso na Câmara. Chamada a copiar uma
2	emenda, uma gentil senhorita errou escandalosamente nessa cópia que se devia tornar
3	memorável. As senhoras em geral não primam muito pela ortografia, o que é natural em
4	pessoas que primam por tantos outros encantos e merecimentos.

Fonte: Pequenos [...] (1909).

Além do desvio ortográfico, também errou o sentido, o que, segundo a notícia, prova a incapacidade da mulher para o trabalho no parlamento. O nome de Carmen Dolores é evocado logo em seguida:

Quadro 39 – Excerto 35

12	Os
13	partidários do feminismo estão derreados e dizem que se não podem julgar os homens
14	de gênio por Sr. Monteiro Lopes, significando com isso que para copiar aquela emenda
15	devia o Sr. Jesuíno Cardoso convidar, por exemplo, a Sra. Carmen Dolores, que é uma
16	senhora de talento, e não uma mocinha anônima em trabalhos de tanta magnitude.

Fonte: Pequenos [...] (1909).

O autor da notícia também cita outras mulheres que poderiam pleitear a esse cargo, como Leolinda Daltro e Julia Cesar⁹². O texto n’*A notícia* continua provocativo, pois na sequência afirma: “Os homens recordam que o Sr. Jesuíno Cardoso deveria ter-se lembrado da frase célebre: ‘Souvent femme varie’⁹³ e não confiar cegamente a cópia de tão importante emenda a uma senhora” (Pequenos [...], 1909, p. 1), colocando em dúvida a capacidade intelectual da datilógrafa. O desvio de ortografia e de sentido é encarado como o mais grave dos crimes, que ficará “na história da República” por atestar a “incapacidade parlamentar e política das nossas patricias”. No entanto, as outras mulheres brasileiras não deveriam “se desesperar, sendo como são as mais encantadoras e formosas mulheres do mundo” (Pequenos [...], 1909, p. 1).

Referenciando essa notícia em sua crônica, Dolores questiona:

Quadro 40 – Excerto 36, C6

94	Que tinha a ver o
95	meu nome sério com essa emenda do sr. Jesuíno Cardoso, que nem conheço? Pois eu
96	me orgulho, como escritora, de nunca haver dado motivo a debiques, ferindo o
97	feminismo pretencioso, em cuja fileira não me vejo alistada, sempre levantando, ao
98	contrário, o meu nome de brasileira.

Fonte: Dolores (1909a).

Novamente, Dolores não se classifica como feminista no que se refere a esse objeto de escárnio na sociedade brasileira no início do século XX. Embora o periódico *A notícia* tenha a destacado como capaz de exercer o cargo de tipógrafa, ela possivelmente se ofendeu com o tom condescendente do jornal destinado a mulheres que, como ela, precisaram tornar-se independentes para garantir o sustento próprio e de suas famílias, por isso declara:

Quadro 41 – Excerto 37, C6

105	Se é por jornalizar e fazer livros
106	que eu sou feminista, digna de troça, venham outras para o meu lado; se é porque fiz
107	conferências, aliás sempre a convite, no tempo delas, outras igualmente as fizeram.

Fonte: Dolores (1909a).

⁹² Leolinda Daltro é um importante nome para a conquista de direitos das mulheres no Brasil, como ao sufrágio. Ela também fundou o Partido Republicano Feminino. Já de Julia Cesar não encontramos informações, a não ser as expressas no próprio texto. Ela foi uma “poetisa literata, conferencista e ornitóloga” (Pequenos [...], 1909, p. 1).

⁹³ “Geralmente, a mulher varia”, em tradução do francês.

Em seguida, defende a independência que conseguiu atingir com sua pena, inclusive a capacidade de falar por si própria, sem precisar do intermédio de um homem. Esse exemplo, ocorrido com a própria autora, serviu para que ela comprovasse o escárnio com o qual tratam mulheres consideradas independentes, bem como de conselho, pois, quando a mulher encontra formas de viver sem o homem, ele “se exaspera, por senti-la independente, tomando parte na concorrência com a virilidade de passos que as circunstâncias impõem” (Dolores, 1909a, p. 1) (Anexo A, p. 185).

Dolores continua a aconselhar suas “amiguinhas anônimas”, principalmente no caso daquelas que não se casaram, a procurarem uma profissão de acordo com suas capacidades, para não aguardarem apenas o “sonhado exposto” (linhas 117-118), isto é, o marido, “que no Brasil nunca é um sócio, um companheiro da boa fortuna e má fortuna, mas simplesmente o espeque inventado pelos hábitos coloniais” (linhas 118-119) (Dolores, 1909a, p. 1).

Enfim, conclui, sintetizando seu conselho às suas leitoras e seu pedido inicial, para que não invertam o sentido de suas palavras:

Quadro 42 – Excerto 38, C6

128	Mas, sem a linha, sem as <i>toilettes</i> , sem a beleza, sem o prestígio do meio, ide pedir a
129	esse mesmo cavalheiro um socorro, e ele vos dirá rudemente que... os tempos andam
130	bicudos...
131	Assim, minhas amiguinhas, preparai-vos sempre para o que vier no futuro, decididas
132	ao trabalho, se ele preciso for. E, sobretudo, nunca invertei o claro sentido do que
133	obscuramente escrever esta vossa reconhecida
134	Carmen Dolores

Fonte: Dolores (1909a).

Por fim, nessa última crônica analisada, apenas as partes grifadas entre as linhas 67 e 74 e as linhas 81 e 82, nos excertos 32 e 33 (Quadros 36 e 37), configuram-se como irônicas, já que, nesse texto, Dolores objetiva ser mais clara para evitar ser novamente “apanhada na rede” de suas próprias palavras (Anexo A, p. 183). Nas linhas citadas, ela não pôde evitar ser irônica ao considerar o posicionamento absurdo de homens mais conservadores que acreditam que a mulher não deve ser independente, mesmo em casos em que essa seria a única solução para garantirem seu sustento. Ainda, ela critica o tom zombeteiro dos comentários dirigidos a essas mulheres independentes. As perguntas retóricas entre essas linhas são tanto absurdas no contexto, levando em consideração os valores de dignidade e de igualdade defendidos pela

escritora, quanto possuem um pensamento atribuído a esses senhores que criticam a independência do sexo feminino. Logo, definimos tais passagens como irônicas.

Nesta primeira parte da seção, houve a identificação do uso da ironia nas seis crônicas que compuseram nosso *corpus*, conforme expresso no primeiro objetivo específico (identificar a ocorrência do uso da ironia em seis crônicas de Carmen Dolores). Em cinco, identificamos a ocorrência da ironia, além de destacarmos os valores defendidos por Carmen Dolores e seus adversários, nosso segundo objetivo específico. Tais reconhecimentos (da ironia e dos valores) servirão para, em 6.1, categorizarmos cada um dos destaques da ironia de acordo com as funções comunicativo-retóricas da ironia: reforço, ridicularização e refutação (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969), o terceiro objetivo específico. Antes disso, porém, foi necessário finalizar esta seção analítica sintetizando categorias teórico-metodológicas do MDA vistas nas crônicas, a saber: questão argumentativa, situação estásica e papéis argumentativos.

5.2 Síntese das questões argumentativas, da estase e dos papéis argumentativos das crônicas

A fim de melhor separar os conceitos utilizados nesta pesquisa e não estender a análise empreendida na subseção 5.1, optamos por, brevemente, apenas sintetizar, nesta subseção, as questões argumentativas de cada crônica, além de reforçar a ocorrência da estase e demarcar os papéis argumentativos. Devemos recordar a importância dessas categorias para cumprir o objetivo principal desta pesquisa: *analisar como, com o uso da ironia, Carmen Dolores assume o papel de Oponente*. Para analisar esse papel argumentativo, não podemos deixar de abarcar termos como questão argumentativa e estase.

Pela leitura das crônicas na subseção anterior, foi possível perceber a semelhança dos temas evocados pela autora, inclusive a defesa dos mesmos valores e posicionamentos. Nas crônicas C1, C5 e C6, ela defende, sobretudo, o trabalho como valor, valor evocado também pelos seus adversários. No caso, eles (Carlos de Laet e Theotonio Filho, de forma mais imediata, e, de modo mais abrangente, pode-se pensar que Dolores dialoga com o discurso patriarcal representado por esses interlocutores) defendem o trabalho sob a perspectiva da divisão sexual do trabalho, ou seja, homens devem ser os provedores do lar e trabalhar fora do ambiente doméstico e mulheres devem se restringir aos afazeres de casa. Ao contrário deles, Dolores vê o trabalho como uma garantia de dignidade (o valor que ela defende nessas crônicas) e a melhor perspectiva destinada às mulheres para que se distanciem de situações de vulnerabilidade, como em caso de viuvez ou de invalidez do marido.

Desse modo, nas crônicas C1, C5 e C6, a questão argumentativa colocada em pauta é: *as mulheres podem trabalhar fora do ambiente doméstico?* Essa questão argumentativa, por sua vez, suscita claramente a estase: o embate entre dois pontos de vista opostos, já que Dolores mostra-se como um ponto antagônico (papel argumentativo de Oponente) ao posicionamento dos Proponentes (os homens a quem ela responde).

Já nas crônicas C3 e C4, ao relatar a conferência do criminologista italiano Enrico Ferri, apesar de todos os elogios dirigidos a ele, a estase é deflagrada a partir da questão argumentativa: *a mulher é intelectualmente inferior ao homem?* Enlevada pela igualdade como valor, Dolores respondeu negativamente a essa pergunta e apresentou argumentos que sustentaram seu posicionamento. Por outro lado, Ferri, que também representa o patriarcado, baseia-se na ciência, pelo menos a que estava em voga na época, em consonância à Criminologia Positivista, que atestava que a diferença do tamanho dos cérebros de homens e mulheres comprovava a superioridade intelectual deles em relação a elas (Lombroso, 2010; Lombroso; Ferrero, 2022).

Na C3, há outras questões argumentativas estabelecidas a partir dos variados pontos de discordância com a fala de Ferri, tais como: *“O papel da mulher pode ser restringido à maternidade?”* E *“À mulher pode ser atribuída a característica de genialidade, isto é, a capacidade de criar grandes obras?”*, sendo esta última atrelada à questão da inferioridade intelectual expressa acima. Porém, focamos para a análise dessa crônica, na deflagração da estase a partir da questão argumentativa: *a mulher é intelectualmente inferior ao homem?*

Um ponto mencionado na introdução e retomado/reforçado aqui é que, desde o início da pesquisa, estabelecemos Dolores como Oponente. Proponentes, portanto, são aqueles que ocupam o papel de pautar a discussão. A discussão foi proposta, imediatamente, por Carlos de Laet, Enrico Ferri e Theotonio Filho, os quais representam uma visão mais abrangente, a patriarcal. Ao escrever seus textos (no caso de Carlos de Laet e Theotonio Filho) e ministrar sua conferência (Enrico Ferri), eles deram o “combustível” necessário para instigar Carmen Dolores que, portanto, ocupa, nessa interação interdiscursiva, a posição de Oponente, sustentando um “tipo de discurso negativo com relação à proposição” (Plantin, 2008b, p. 69). A cronista ocupa esse papel argumentativo com esmero, a partir da apresentação e sustentação de argumentos, como visto na subseção prévia. A função do Oponente, assim, é demonstrar a ausência de apoio dos argumentos do Proponente.

Por fim, recuperamos a noção de dialogismo interdiscursivo mencionado na fundamentação teórica (seção 2). De fato, tratando-se de crônicas, não temos uma interlocução face a face que costuma ser o objeto prototípico de análises que utilizam o MDA. Apesar disso,

percebemos que há uma confrontação discursiva, considerando que estão em embate discursos que representam diferentes opiniões, crenças e formações discursivas ou, como optamos por retratar nesta pesquisa, valores. Logo, mesmo que não haja uma interação dialogal, há uma interação dialógica, pois Carmen Dolores responde a uma questão argumentativa em comum, compartilhada com o Proponente, confrontando discurso e contradiscurso.

Até o momento nesta seção, dedicamo-nos à contextualização das crônicas, à identificação das ocorrências da ironia e à identificação e descrição dos elementos constituintes do MDA: questão argumentativa, estase e papéis argumentativos (Proponente e Oponente). Ainda na próxima subseção, categorizamos as ocorrências da ironia de acordo com suas funções comunicativo-retóricas (Kaufer; Neuwirth, 1982; Muecke, 1969), a fim de certificar que a ironia, de fato, faz com que Dolores ocupe o papel de Oponente.

5.3 Categorização das funções comunicativo-retóricas das ocorrências da ironia

Nesta subseção, consideramos as reflexões de Kaufer e Neuwirth (1982) sobre as funções comunicativo-retóricas da ironia para classificar as afirmações que identificamos como irônicas na seção analítica anterior. Antes da categorização delas, retomamos, primeiramente, o percurso metodológico conforme o qual elas foram analisadas. Em seguida, dividimos as crônicas em que identificamos a ocorrência de ironia (C1, C3, C4, C5 e C6) em quadros para avaliar, em cada um dos enunciados, a respectiva função comunicativa-retórica. Por fim, propusemos considerações que levarão à formulação, na próxima subseção, de um entrelaçamento entre o que foi considerado nesta dissertação a respeito da função da ironia nas crônicas de Carmen Dolores e o posicionamento da cronista como Oponente.

Para fins de rememoração, categorizamos cada um dos usos da ironia identificados de acordo com as funções comunicativo-retóricas definidas por Muecke (1969, p. 232-233, tradução nossa): “reforçar o que alguém quer significar”, “atacar um ponto de vista ou expor a tolice, a hipocrisia ou a vaidade” de alguém e “levar os leitores a verem que as coisas não são tão simples quanto parecem ser”. Por sua vez, Kaufer e Neuwirth (1982) denominam essas três funções como, respectivamente: reforçar, ridicularizar e refutar, denominações essas que utilizamos para classificar cada uma das ocorrências da ironia identificadas na primeira parte da seção. Para essa classificação, levamos em consideração o tema debatido nas crônicas, as afirmações irônicas destacadas na primeira subseção, os valores defendidos por Dolores e seus adversários, bem como a perspectiva segundo a qual defendem suas ideias e os pontos em que há discordância que resultam na utilização da ironia, como explicaremos em 6.3.

Dessa forma, a partir das reflexões desses dois teóricos (Kaufer; Neuwirth, 1982), sintetizamos de que forma analisaremos os enunciados irônicos que destacamos:

1. Se a função comunicativo-retórica for a de *reforço*, os valores colocados em primeiro plano devem ser compartilhados pelos componentes em interação;
2. Se a função comunicativo-retórica for a de *ridicularização*, os valores em primeiro plano não são compartilhados e o ironista finge ter determinados valores;
3. Se a função comunicativo-retórica for a de *refutação*, os valores em primeiro plano são compartilhados; o ironista aplica valores ou ideias que anulariam as do adversário; e ainda faz com que o adversário repense seu posicionamento.

Sabemos que, de acordo com Kaufer e Neuwirth (1982), tal recurso pode ter mais de uma função, o que averiguamos com base na exposição desses autores. Para isso, relembramos, em quadros, cada uma das crônicas (com seus respectivos títulos e códigos), as afirmações irônicas destacadas, o momento argumentativo em que se encontrava o uso da ironia e o(s) valor(es) defendido(s) de acordo com a perspectiva de cada um dos componentes da interação. Em algumas crônicas, destacamos mais de uma afirmação irônica. Por isso, avaliamos cada uma delas. Vale lembrar que, na C2, não foi identificada ironia, por isso não a consideramos nesta etapa.

5.3.1 Categorização da função-retórica da ironia na C1

Na C1, denominada por nós “Carlos de Laet”, Dolores responde a uma afirmação desse jornalista no que dizia respeito ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho. De Laet defendia que, no espaço público, as mulheres rivalizariam com os homens pelos cargos de trabalho, enquanto Dolores clama pelo entendimento de que, em casos de necessidade, a mulher deve trabalhar. Além disso, o jornalista também chama de *pedantes feministas* as mulheres que reclamam a oportunidade de adentrar o mercado de trabalho.

Na crônica, destacamos três ocorrências do recurso analisado:

Quadro 43 – Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C1

C1 – Carlos de Laet*		
Ocorrências da ironia	Transcrição	Valor
1º uso da ironia	<u>“Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar...”</u>	Ambos, Dolores e de Laet, defendem o <i>trabalho</i> , no entanto ela vê tal questão sob o âmbito feminista; e ele, patriarcal. Além disso, ao mencionar que as

	<u>Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! vós todas que fostes criadas fora do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física indispensável a tais meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante e um conhecimento exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses – considerai que esse afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do feminismo”</u>	mulheres buscam por trabalho quando necessitam, ela recorre ao valor da <i>dignidade</i> .
2º uso da ironia	“Obedecei à singular imposição de <u>uma carta ignóbil</u> , com que certo desavisado julgou dever responder anonimamente a alguns dos meus artigos”	O leitor anônimo e Dolores defendem o valor <i>trabalho</i> . Ele a vê sob a ótica patriarcal; e ela, sob a feminista.
3º uso da ironia	“Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes (<u>é estupendo, não?</u>) ⁹⁴ , mas fiquem dentro das suas casas, abandonem essas asneiras de trabalhar como os homens. Vocês foram feitas pra outra coisa”	O leitor anônimo e Dolores defendem o valor <i>trabalho</i> . Ele a vê sob a ótica patriarcal; e ela, sob a feminista.

Fonte: elaboração própria (2025).

Na primeira parte desta seção, destacar os valores foi importante para entendermos o que defendia a escritora, assim como o que defendiam seus opositores no jogo de papéis argumentativos (Proponente vs. Oponente). É importante distinguir que quando, ao longo das crônicas, Dolores passa de um posicionamento (favorável ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho) a outro (desfavorável à entrada delas nesse âmbito), ela está indo de encontro a seus próprios valores, mas em defesa do trabalho (da mulher) e da dignidade, ao se utilizar da ironia.

Pensando nas conceituações dos pesquisadores (Kaufer; Neuwirth, 1982), podemos eliminar, primeiramente, a função *reforço*, porque Dolores, Carlos de Laet e o leitor anônimo, embora compartilhem com a escritora o mesmo valor (trabalho), fazem-no sob perspectivas distintas (patriarcal e feminista), com Dolores ainda atrelando o valor dignidade em defesa ao labor feminino. Portanto, não defendem essencialmente o mesmo valor. Vale considerar que o interlocutor imediato de Dolores nesta crônica é Carlos de Laet, mas compreendemos que ela se dirige a toda uma sociedade patriarcal que pensa da mesma forma que ele, a exemplo do leitor anônimo. Ela e essa sociedade não compartilham os mesmos valores.

⁹⁴ Para seguir o mesmo padrão da seção anterior, mantemos os trechos irônicos sublinhados nos quadros.

Desse modo, restam-nos as funções *ridicularização* e *refutação*. No caso do 1º uso da ironia da C1, dirigida a Carlos de Laet por meio de uma pergunta retórica, temos que recordar que, nessa crônica, Dolores apela para os princípios católicos do jornalista, em especial o da compaixão, para considerar as dificuldades pelas quais passam as mulheres que precisam ingressar no mercado de trabalho. Esse princípio religioso fundamenta, em uma sociedade religiosa como a daquela época, o valor da dignidade também. Desse modo, tanto Dolores — que também era católica, mesmo que não tenha utilizado a religião para fundamentar seu argumento, tendo preferido apenas atribuir essa característica a de Laet — quanto o seu adversário compartilhariam, em primeiro plano, esse valor. Tal afirmação irônica também faz com que seja anulado o valor (no caso, o trabalho) presente na asserção do jornalista de que as mulheres rivalizariam com os homens no ambiente de trabalho e com que de Laet seja levado a repensar o seu posicionamento, absurdo na visão de Dolores. Por isso, tal afirmação se enquadraria na função comunicativo-retórica da *refutação*.

Por outro lado, o 2º e 3º usos irônicos parecem-nos de *ridicularização*, visto que a igualmente pergunta retórica “é estupendo, não?” (3º uso) zomba do caráter da sugestão do leitor anônimo, bem como o imperativo para que as leitoras formadas em profissões liberais obedeçam à imposição do leitor “desavisado” (2º uso), cuja carta é denominada ignóbil. Isso porque, nesse caso, Dolores não compartilha dos mesmos valores desse leitor, apenas finge que compartilha, com a denominação de *estupendo* dirigida à sugestão do leitor e o pedido para que as leitoras o obedeçam. O fator da *ridicularização* nesse caso, em que *ignóbil* e *estupendo* se chocam, apresentando uma divergência de valores, soa de forma mais explícita, o que nos faz enquadrar essa afirmação nessa categoria. Por fim, nesta crônica, tivemos dois usos enquadrados como *ridicularização* e um como *refutação*.

5.3.2 Categorização da função-retórica da ironia na C3

A C3 possui como tema a conferência de Enrico Ferri, no qual o criminologista discute a inferioridade biológica e social da mulher. Na crônica, Dolores destaca a reação da plateia, composta tanto por homens quanto por mulheres, as quais veriam as questões apresentadas pelo conferencista com “calada ironia” (Dolores, 1908d, p. 1), com o conhecimento de uma superioridade secreta que as diferenciaria dos homens, a exemplo do trecho que ela destaca de “Sua Excelência Eugène Rougon”. Como defendemos, tal destaque à recepção feminina foi um dos pontos que nos levou a considerar a última afirmação como ironia.

Mesmo que ela elogie a erudição e eloquência de Ferri, também o critica em pontos em que observa uma interpretação errônea do conferencista: a limitação das mulheres à maternidade, a inexistência de mulheres geniais e a futilidade do sexo feminino. Nesse último ponto, concorda parcialmente com ele, defendendo que, de fato, as mulheres são fúteis, mas o são não por uma diferença do tamanho dos cérebros entre homens e mulheres, e sim pela criação que elas recebem dos próprios homens. Ao final, profere a afirmação considerada como irônica na análise por ser *contraditória* em razão de todos os pontos que contestou o criminologista italiano, além de *desvalorizante* pelo fato de discordar, apresentando provas mais sólidas, de um renomado cientista.

Quadro 44 – Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C3

C3 – Enrico Ferri		
Ocorrências da ironia	Transcrição	Valor
1º uso da ironia	“— Vale a pena, não é assim? sentir-se a mulher arranhada por uma tão empolgante eloquência”	Dolores ressalta na crônica, sobretudo, a <i>igualdade</i> em sua defesa do tratamento igualitário no que se refere à posição da mulher na sociedade, defendendo que são tão capazes intelectualmente quanto o homem.

Fonte: elaboração própria (2025).

Defenderemos o caráter e a função *refutativa* da afirmação no Quadro 44. Apesar de não defenderem o mesmo valor, sendo Ferri mais ancorado à ciência, Dolores volta-se ao social para contestar as provas científicas que ele elenca, sempre apoiada no valor da igualdade, desacreditando na suposta diferença entre homens e mulheres quando considera o âmbito social. Para se ter a ironia como *refutação*, é necessário, no entanto, compartilhar os mesmos valores, mesmo que em um primeiro momento. Dolores não necessariamente compartilha um valor, mas uma ideia: a superioridade masculina, em especial considerando a inteligência e a eloquência de Ferri: “E que resistência de protestos pode-lhe opor uma mulher impressionável à eloquência dessas palavras pronunciados num italiano belíssimo?” (Dolores, 1908d, p. 1) (Anexo A, p. 172).

Porém, apesar de impressionada, Dolores não se mostra impressionável a ponto de não vislumbrar pontos falhos na conferência do criminologista. Para pensar na função de *refutação*, presente na afirmação irônica ao final da crônica (como retomado no Quadro 44), entendemos que ela não parte do mesmo valor, mas cria uma concessão em torno da ideia de superioridade masculina, elogiando Ferri, ao mesmo tempo que o contrapõe a partir da defesa de um ponto de vista contrário ao dele, o de que as mulheres não seriam inferiores aos homens. Mesmo que

concorde, em determinado momento, com a futilidade feminina, também discorda da ideia de que tal característica das mulheres seria responsabilidade exclusiva delas. Ao apresentar esses contra-argumentos, ela aplica ideias que anulariam as do adversário.

Na análise da C3, em 5.1 (especificamente, em 5.1.3), consideramos irônica a afirmação final pelo fato de ela ser contraditória, tendo em vista os dois sentidos jogados um contra o outro na crônica: ao mesmo tempo em que elogia, Dolores contesta as ideias de Ferri. Por isso, em consonância a Hutcheon (2000), definimos tal ocorrência da ironia como contextual, não sendo restrita a uma unidade frasal, como os exemplos apresentados por Kaufer e Neuwirth (1982). Toda a crônica, com a apresentação de contra-argumentos que refutam a noção do intelecto superior do sexo masculino, é uma forma de demonstrar a necessidade de o adversário repensar seu posicionamento, mesmo que Dolores, diferentemente do que Kaufer e Neuwirth (1982) defendem nessa função, não compartilhe dos mesmos valores de Ferri, e sim da ideia de superioridade masculina, mas ela tampouco finge compartilhar os mesmos valores, o que não classificaria tal uso como ridicularização. Por fim, frisamos: enquadrados a ocorrência da ironia na C3 como *refutação*.

5.3.3 Categorização da função-retórica da ironia na C4

Na quarta crônica que analisamos, Carmen Dolores comenta mais uma vez a conferência do criminologista italiano Enrico Ferri, também referida na C3. Apesar de elogiá-lo em vários momentos da crônica, em outros o contesta, sobretudo no que diz respeito à superioridade masculina defendida por Ferri. Em uma das partes da conferência, por exemplo, o conferencista compara os homens a troncos e as mulheres a vinhas, sendo estas dependentes daqueles. Em tom de zombaria, Dolores se opõe a essa ideia, assim como ao pensamento do italiano a respeito do gênio, a inteligência para criar obras respeitáveis para a humanidade ou realizar feitos grandiosos, característica que seria restrita aos homens, de acordo com Ferri. Ao final da crônica, ela escreve uma afirmação que definimos como irônica, a qual categorizamos a seguir.

Quadro 45 – Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C4

C4 – Enrico Ferri*		
Ocorrências da ironia	Transcrição	Valor
1º uso da ironia	“E por essa raridade que nos trouxeste, ó Enrico Ferri, sê bendito!”	Dolores ressalta na crônica, sobretudo, a <i>igualdade</i> em sua defesa do tratamento igualitário de homens e mulheres no que se refere à inteligência da mulher.

Fonte: elaboração própria (2025).

Há, na crônica em questão, uma *contradição* no que se refere a essa afirmação e aos momentos em que Dolores discorda dele. Não desconsideramos o mérito de Ferri nem os elogios de Dolores, mas há, em certos momentos, uma desvalorização do pensamento do conferencista, considerado frágil e ridículo. Com base nisso, percebemos que Ferri e ela não compartilham os mesmos valores, tal como ressaltado em 5.3.2, mas ela também não finge ter determinados valores para ser perceptível a função de *ridicularização*. Por outro lado, não há valores compartilhados em primeiro plano para considerarmos a função de *reforço*. *Reforço*, sabemos, não é uma função encontrada em um texto em que há uma forte oposição às ideias de Ferri, por isso, façamos uma breve incursão para traçar a *refutação*.

Embora não compartilhe com Ferri o valor da igualdade no que se refere à igualdade entre homens e mulheres, tampouco a diferença biológica entre os sexos, atestado por um valor cientificista em voga na época, Dolores propõe que certas ideias sejam repensadas quando ela clama que o conferencista observe a questão da suposta inferioridade da mulher pelo âmbito social em vez do puramente científico, que considera apenas as diferenças biológicas entre os sexos. Vale ressaltar que ela não se dirige, especificamente, a Ferri, mas a toda uma sociedade de ordem patriarcal.

Além disso, também pede a reconsideração das ideias dele quando aponta algumas mulheres que julga serem geniais. Assim, com a tentativa de fazer a sociedade *repensar* esse posicionamento patriarcal, baseado no cientificismo, Dolores apresenta outras evidências que anulam a ideia de Ferri. Apesar de não haver um compartilhamento de valores em primeiro plano, há a tentativa de reconsideração de um posicionamento (no caso, o de Ferri) com a apresentação de evidências que invalidariam a defesa do criminologista da superioridade dos homens, o que nos faz classificar tal ironia como *refutativa*. Como mencionado previamente, ela endossa a ideia de superioridade masculina ao reforçar a grandiosidade do criminologista italiano, então, mesmo que não parta do mesmo valor, ela usa essa ideia para validar a defesa pela igualdade entre os sexos, fazendo com que sua ideia seja mais bem aceita ao não discordar veementemente de Ferri.

Nessa crônica, nossa defesa da ironia se deu considerando o contexto, que nos soou *contraditório* pelo fato de haver críticas negativas bem fundamentadas, ao mesmo tempo que elogios. Junto à contradição, também destacamos o aspecto *desvalorizante* de discordar das ideias de alguém tão bem-conceituado — deve-se lembrar que, na C4, a escritora não indica pontos com os quais, de fato, concorda com ele —, desvalorização essa ressaltada quando ela zomba da comparação de troncos e vinhas feita pelo criminologista.

Nesse ponto, tanto na análise da C3 quanto da C4 em, respectivamente, 5.3.2 e 5.3.3, encontramos certa limitação do posicionamento de Kaufer e Neuwirth (1982) de que a ironia precisa estar fundamentada em situações em que há compartilhamento (ou não) de valores. Diferentemente do que os pesquisadores defenderam em seu ensaio, temos na análise da C4 e da C3 casos em que a ironia não se encontra simplesmente em afirmações, mas sobressaem da gênese do discurso proferido como um todo. Compreendemos a frase final como contraditória e, em razão da defesa da autora, desvalorizante diante de todos os pontos em que refutou Ferri, apontando a estreiteza de seu pensamento. Desse modo, a autora dá pistas para identificar a ironia quando esconde em elogios as suas críticas, tornando o texto contraditório. Ela não concorda com o que Ferri defende, tampouco com seus valores, mas o trata com toda a cortesia, embora, mais uma vez, refute-o, inclusive utilizando-se da zombaria como arma. Temos, então, mais uma ocorrência da função de *refutação*.

5.3.4 Categorização da função-retórica da ironia na C5

Na crônica intitulada “Conversando...”, quinta crônica (C5) analisada nesta pesquisa, identificamos seis passagens irônicas, algumas delas ocupando um espaço considerável no texto. Toda a crônica responde a Theotonio Filho (1909) e a seu texto publicado na coluna *De relance*, assim como resgata as respostas do concurso feminino elaborado pelo jornal *Correio da Manhã*, que discutia a carreira mais adequada para a mulher. De maneira intertextual, recuperando tanto o texto quanto o concurso, Dolores refuta Theotonio, em uma crônica cujo conjunto textual é majoritariamente irônico.

Quadro 46 – Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C5

C5 – Conversando...		
Ocorrências da ironia	Transcrição	Valor
1º uso da ironia	“ <u>Eu terei a audácia de juntar, ao que escreveu o ilustre amigo de Diderot e de Voltaire, que, sob os nossos climas, ardentes, onde a mulher só vale mesmo como mulher, objeto de apetite, é melhor, deveras, que ela seja exclusivamente sultana. E está indicada a única e possível carreira para a mulher no Brasil, se quiser merecer o sufrágio dos homens: é ser sultana de um ou de muitos sultões.</u> ”	De forma implícita, em todo texto, Dolores defende a <i>dignidade</i> das mulheres que buscam a independência por meio do trabalho. O <i>trabalho</i> também é um valor evocado tanto por Theotonio Filho, sob a perspectiva patriarcal, atrelado ao valor da divisão sexual do trabalho, quanto por Dolores, sob a ótica feminista.
2º uso da ironia	“ <u>[...] e para que mais? A carreira da mulher está traçada em poucas</u>	

	linhas: <u>é ser gozo material do homem. Que quer ela ainda? Não lhe basta ser um animal, um delicioso animal de prazer? Se trabalhar, se for professora, mortificando a paciência com meninos irritantes e malcriados, acabará por perder a beleza, tornar-se-á magra e velha. E o homem não a quer assim. Flor murcha não presta mais.</u> ”	
3º uso da ironia (trecho das linhas 29 a 58) ⁹⁵	“Se a mulher abraçar a profissão de <u>costureira, perderá a maciez das mãos, que devem acariciar os desejos masculinos – e aí dela com os deditos picados de agulha! Ficaré sendo um rebotallo. Se for literata, merecerá o nome de pernóstica e cairá no ridículo. Se advogada, médica, pintora, escultora, farmacêutica, enfermeira, qualquer coisa, enfim, que a faça viver com elevação e honestidade, incorrerá do mesmo modo no egoístico desagrado do outro sexo, sendo escarnecida e até vaiada por vozes implacáveis. [...] Então, se levantarmos o véu dessa carreira, encontraremos, na realidade, uma outra que não pode entrar decentemente em concurso público... Não! Não!</u> ”	
4º uso da ironia	“Não canse o cérebro com <u>preocupações sérias, porque fica feia; não pique os dedos com a agulha; não faça trabalho de espécie alguma, não leia, não escreva, não ensine, até não pense, mas seja bonita, que ninguém lhe pede outra coisa.</u> ”	
5º uso da ironia	“A única profissão para a mulher brasileira? É ser bela e agradar ao homem. Falta-lhe o pai? falta-lhe o marido? faltam-lhe os recursos para viver? Ora, não se incomode: <u>trate de ser formosa, que tem a existência ganha. Uns belos dentes claros, a cútis de leite, bem descansada, sem traços de lágrimas ou vigílias – e aí tem a sua carreira, minha senhora ou senhorita!</u> ”	
6º uso da ironia	“ <u>Está, ao contrário, acabada pelo trabalho, envelhecida pela preocupação, reduzida a uma</u>	

⁹⁵ Em razão da extensão do trecho, não o reproduziremos na íntegra no quadro, mas ele pode ser lido em sua totalidade no Anexo A. Para contextualizar, lembramos que a passagem se refere à enumeração de profissões que as mulheres poderiam ocupar, como as sugeridas pelas leitoras do concurso feminino. Dolores apresenta justificativas que impossibilitariam cada uma das carreiras, motivos esses voltados ao que os homens comumente dizem.

	<u>solteirona conselhativa? Pois é sumir-se, minha cara senhora, que em nossa terra a única profissão aceita, apontada, preconizada e... rendosa é a de sultana. Não pode sê-lo? É feita ou tem pudores, dignidade, escrúpulos? Então desapareça da circulação. Não faltam barcas de Cantareira para um mergulho de mulheres desanimadas no meio da nossa baía azul, sob este sol de ouro, tão lindo!”</u>	
--	--	--

Fonte: elaboração própria (2025).

Apesar de serem muitos trechos considerados irônicos, acreditamos que todos eles se enquadram na função de *ridicularização* pelo fato de, como foi confirmado nas análises anteriores, Dolores não compartilhar valores essencialmente patriarcais, como a desigualdade de gênero e a divisão sexual do trabalho. Logo, no caso do texto analisado, a escritora finge se apropriar de tais valores, difundidos por uma estrutura patriarcal, contrária aos valores levantados e defendidos pela escritora, como a igualdade no tratamento entre homens e mulheres e a dignidade que deveria ser destinada ao sexo feminino no que diz respeito à carreira profissional com a qual elas poderiam buscar a independência.

A comprovação da apropriação desses valores é a retomada de diversas passagens do texto de Theotonio Filho (1909), exagerando-as justamente para mostrar o absurdo de tais ideias que advogam contra a emancipação feminina e que tornam as mulheres subjugadas pelo sexo oposto, algo que a escritora contestou em vários outros textos. Por esses motivos, nessa crônica, é perceptível a função de *ridicularização* da ironia.

5.3.5 Categorização da função-retórica da ironia na C6

Após publicar “Conversando...” (C5), Dolores recebeu uma recepção adversa da que esperava das leitoras do *Correio da Manhã*, que não entenderam sua ironia. Com o intuito de se corrigir, escreve a crônica “Amiguinhas anônimas” para se desculpar pelo uso desse recurso, mas não consegue não o utilizar. Como discutimos anteriormente (5.1.6), nessa crônica, ela continua a utilizar a ironia de forma a fazer os homens de vítimas (Kaufer, 1977), ou seja, usa a ironia a fim de mostrar as incoerências do discurso patriarcal, zombando dele, e, para realizar esse feito, precisa utilizar esse recurso novamente, como visto nas ocorrências irônicas reapresentadas no quadro abaixo.

Quadro 47 – Relação de usos da ironia e valor(es) defendido(s) na C6

C6 – Amiguinhas anônimas		
Ocorrências da ironia	Transcrição	Valor
1º uso da ironia	“Deve ir ser parasita em alguma casa alheia, onde a recebam, sentando-se ao fim da mesa das refeições, comidas por esmola, disfarçada, não se intrometendo nas conversas da família, sempre humilde e apagada, enchendo a alma de fel — só para não abraçar uma qualquer profissão e cair no ridículo, atirado como lama a mulher que se evade corajosamente da dependência? Ou então deverá essa rapariga formosa, que não encontrou marido, procurar um amante, para não fazer nada, ou mesmo atirar a luva à sociedade, que, nesse caso, a repudiará, buscando em muitos protetores simultâneos o meio de nunca mais servir senão como instrumento bonito, que não estraga as mãos, nem cansa o cérebro de animal de gozo?”	Dolores defende a <i>dignidade</i> das mulheres que buscam a independência por meio do trabalho. O <i>trabalho</i> também é um valor evocado, novamente sob duas visões: a patriarcal e a feminista, esta última defendida pela cronista.
2º uso da ironia	“Deve essa mulher esconder seu esforço, o seu trabalho, a sua superioridade, tudo quanto a eleva e dignifica, como uma tara grotesca, para não ser escarnecida?”	

Fonte: elaboração própria (2025).

Nas duas passagens destacadas, Dolores destina aos homens perguntas que revelam a inconsistência desse discurso. Em linhas gerais, como, ela questiona, as mulheres vão sobreviver se a elas não é permitido, devido ao preconceito dos homens, ocupar cargos de trabalho? Desse modo, ela demonstra que eles não compartilham dos mesmos valores, o que aproximaria tal ironia da *ridicularização*. Ela finge momentaneamente compartilhar os mesmos valores ao perguntar (retoricamente) para fingir que os entende, mesmo que pareçam absurdos. O absurdo torna-se perceptível quando ela narra, a partir de escolhas lexicais que exteriorizam a situação de mulheres não casadas vivendo na casa de suas famílias, o quanto elas sofreriam sendo dependentes de seus familiares. Dolores também indaga, aos homens, se uma mulher plenamente capaz intelectualmente deveria esconder essa habilidade para não ser excluída socialmente. Nesses questionamentos absurdos, reside a *ridicularização*, função comunicativo-retórica da ironia nessa crônica.

No entanto, novamente entendemos a limitação dos conceitos de Kaufer e Neuwirth (1982), assim como a possibilidade de haver uma aproximação das funções de *ridicularizar* e

de *refutar* que, em nosso corpus, mostraram-se funções semelhantes, pois entendemos que a ironia, posto que seja um recurso utilizado com muita consciência por Carmen Dolores, não deve ser analisada de forma isolada, e sim consoante a todo o processo argumentativo desenhado pela autora, como o fizemos na análise das crônicas C3 e C4, por exemplo.

Analisar as funções da ironia, elaboradas por Kaufer e Neuwirth (1982) a partir de Muecke (1969), nesta subseção nos fez, portanto, observar a aproximação das noções de *refutação* e *ridicularização* desse recurso: a partir do ridículo, ela *refuta* seus adversários ao aplicar ideias que seriam contrárias às deles, fazendo com que haja uma reconsideração de seus posicionamentos. Isso pode ser feito tanto a partir do compartilhamento do mesmo valor (*refutação*) quanto do não compartilhamento (*ridicularização*), sendo esta a principal característica que diferencia as duas funções.

No total, tivemos 13 usos da ironia identificados nas C1, C3, C4, C5 e C6. Dessas, 10 foram funções de *ridicularização* e 3 de *refutação*. Não foi identificada a função de *reforço*. Isso significa que ambas as finalidades da ironia (*ridicularização* e *refutação*) se aproximam pelo fato de serem utilizadas para se contrapor aos opositores daquele que utiliza essa figura em uma situação de comunicação. A *refutação* só pode ser atestada quando há a aplicação de normas que anulam às do adversário, e a *ridicularização*, em situações em que não há o compartilhamento de valores. Se o Oponente dispõe de argumentos contrários ao Proponente, o fato de que há, como analisamos nas crônicas a partir das funções dessa figura, a anulação de argumentos do adversário e a consideração de valores distintos, confirma que Carmen Dolores sustenta esse papel.

Contudo, não é apenas a ironia, como defendemos nessa dissertação, que faz com que Carmen Dolores se posicione como Oponente. Na seção antecedente e nesta, vimos alguns outros mecanismos utilizados pela escritora que se relacionaram com a ironia, entre eles os elogios, as perguntas retóricas e a zombaria. Tais recursos ajudam a ressaltar aspectos intrínsecos à ironia.

Defendemos o valor argumentativo desses recursos consoante à noção de argumentação para Plantin (2008b, p. 64-65), para quem a argumentação, uma atividade interacional, consiste em uma situação argumentativa, que “é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma pergunta. Em tal situação, têm valor argumentativo todos os elementos semióticos articulados em torno dessa pergunta”. Tais mecanismos, os quais chamaremos de *mecanismos de descredibilização do Proponente*, auxiliam a compor o tom irônico das crônicas e, mais do que isso, a consolidar Dolores como Oponente. Esses mecanismos foram brevemente retomados na próxima subseção (6.2) para

compor a 6.3, em que demonstraremos, de modo esquemático, como a ironia se alia a eles para haver o realce de Dolores nesse papel argumentativo.

6 A CONSTRUÇÃO DO PAPEL ARGUMENTATIVO DE Oponente PELA IRONIA E POR OUTROS MECANISMOS

Mediante a análise das crônicas na seção anterior, notamos como as crônicas de Carmen Dolores são ricas em recursos argumentativos que sustentam seu ponto de vista. A ironia é um desses recursos e o estado da arte dela atribui-lhe inúmeras funções. Kaufer e Neuwirth (1982), a partir de Muecke (1969), determinam três, conforme as quais categorizamos, em 5.3, os usos da ironia destacados nas crônicas C1, C3, C4, C5 e C6. Deve-se lembrar que, na C2, não foi identificada ironia. Tal categorização nos ajudou a entender que a ironia em Dolores a ajuda a se posicionar como Oponente e, claro, a cumprir o terceiro objetivo específico: *inferir qual a função de cada uso da ironia (reforço, ridicularização ou refutação) nas crônicas selecionadas*. A partir da categorização empreendida na subseção 5.3, tornou-se claro, para nós, que a cronista ocupa o papel argumentativo de Oponente, de acordo com os termos do MDA.

Com o objetivo de finalizar a descrição e a análise dos dados levantados até este momento, a seção 6 intenciona apresentar os mecanismos de descridibilização do Proponente (em 6.1), que auxiliam, junto à ironia, a construção da interação interdiscursiva entre os dois papéis argumentativos categorizados nesta pesquisa (Proponente e Oponente) (descrição e análise em 6.2). Para isso, deve-se frisar que, ao final da seção anterior (em 5.3), estabelecemos que Dolores, de fato, ocupa o papel de Oponente.

Isso, porque, considerando as três funções comunicativo-retóricas da ironia (Muecke, 1969; Kaufer; Neuwirth, 1982), aquelas que poderiam se alinhar ao papel de Oponente são as de *refutação* e *ridicularização*, visto que as condições para que elas sejam efetivadas incluem o não compartilhamento de valores (no caso da *ridicularização*) e a aplicação de normas que anulam as do adversário (no que se refere à *refutação*). Considerando que, de acordo com Plantin (2008b), o Oponente empreende um discurso oposto ao do Proponente, mobilizando diferentes recursos de valor argumentativo que se distinguem do discurso do Proponente, inclusive valores, tais funções (*refutação* e *ridicularização*) corroboram a posição de Oponente ocupada por Carmen Dolores. Além disso, ela não poderia ser Proponente, pois este papel é o primeiro a surgir, é aquele que manifesta o primeiro ponto de vista sobre o tema, propõe a questão argumentativa, logo não haveria Oponente sem Proponente. Esse papel (o de Proponente) é ocupado pelos adversários de Dolores, representantes do sistema patriarcal.

Ao contrário das funções de *refutação* e da *ridicularização*, quando a ironia serve como *reforço*, os valores precisam ser necessariamente compartilhados e haver uma consonância na defesa desses valores entre locutor e interlocutor, o que não é o caso, por isso não categorizamos

qualquer ocorrência da ironia como tal. Dolores, como vimos, mesmo que trate do mesmo valor que seus adversários nas crônicas que versam sobre o trabalho como valor (C1, C5 e C6), por exemplo, o faz sob perspectivas diferentes, opondo-se ao que foi defendido pelos seus colegas, os Proponentes. A retomada dessas considerações, feitas na seção anterior (5), possui o objetivo de relembrar o percurso que fizemos para aproveitá-lo nesta seção (6), especialmente em 6.2, em que mostramos, de forma esquemática, o entrelaçamento entre as considerações feitas nesta pesquisa — os papéis argumentativos (5.2), as funções comunicativo-retóricas da ironia (5.3) e os *mecanismos de desacreditização do Proponente* (6.1), apresentados a seguir.

O que vimos na descrição das crônicas (5.1) não foi apenas a ironia, mas também a mobilização de outros mecanismos que podem, como defenderemos a seguir, realçar a ironia, como os elogios, as perguntas retóricas e o que chamamos de zombaria, todos mecanismos dirigidos ao Proponente. Hutcheon (2000), deve-se relembrar, destaca que a ironia não possui apenas uma existência local, isto é, pode não se tratar de apenas uma asserção, de um único período, de uma única fala. Ela pode, na verdade, permear todo um texto ou um contexto, depende de como é utilizada, bem como, para interpretá-la, é necessário captar as “pistas” deixadas pelo ironista, no caso de nossa pesquisa, Carmen Dolores.

Acreditamos que as pistas podem ser esses mecanismos que intitulamos *de desacreditização do Proponente*, pois, além de frequentes nas seis crônicas selecionadas (cinco que seguiram para análise, excetuando a C2, como já mencionado), configurando-se um padrão nos textos dela, estamos as vinculando à ironia para demonstrar como eles (os *mecanismos de desacreditização do Proponente*) podem até mesmo reforçar essa figura, já que possuem características semelhantes a ela, como o absurdo, a contradição, a desvalorização e a retomada de uma afirmação atribuída ao Proponente. Essas foram as condições avaliativas para identificarmos a ironia nas crônicas de Dolores, expressas e explicadas na seção metodológica (4.3).

Em 6.1, portanto, esses mecanismos foram retomados — já que a descrição das crônicas em 5.1 os apresentou brevemente —, para que possamos defini-los e explicar a importância deles nos textos. Esses mecanismos, que chamamos de desacreditização do Proponente, vinculam-se à ironia por terem pelo menos uma característica semelhante a ela, como mencionado acima. Selecionamos, assim, três mecanismos que se repetiram entre as crônicas selecionadas: os elogios, as perguntas retóricas e a zombaria. É fundamental distinguir o que mostramos na subseção a seguir: não se trata de ironia, e sim de *mecanismos* associados a ela, com a função de realçá-la e de efetivar o papel de Oponente de Carmen Dolores.

Já em 6.2, unimos, em uma análise, os aspectos discutidos nesta dissertação: a interação interdiscursiva Proponente-Oponente a partir do uso da ironia (de acordo com suas funções comunicativo-retóricas) e dos *mecanismos de descredibilização do Proponente*. Efetivamos a demonstração de como, a partir dos argumentos mobilizados, da ironia e dos *mecanismos*, Dolores firma-se como Oponente.

6.1 Outros mecanismos de descredibilização do Proponente, além da ironia

Ao contextualizar o conteúdo das crônicas em 5.1, observamos a existência de outros mecanismos utilizados por Carmen Dolores para demarcar sua oposição, além da ironia. Martinez Lozano (2022) argumenta que, em razão do sistema de dominação do patriarcado, as mulheres são submetidas ao esquecimento, ou minimização, das violências estruturais desse sistema. O humor, assim como a ironia, como discorre a autora, seria uma forma de recuperar não apenas a memória feminina dessas violências, como também de recuperar o controle de seus próprios corpos a partir do entrelaçamento entre emoção, sentimento e humor, o qual, mesmo sendo utilizado para evidenciar violências sistêmicas, é uma forma de historicizar, de resistir e de refletir. Embora não seja a intenção desta pesquisa tratar do humor como categoria, julgamos pertinente fazer essa breve aproximação entre humor, ironia e os *mecanismos* expressos nesta subseção, já que eles (ironia e *mecanismos*), de certo modo, mais do que poder promover o riso, têm a função de, juntos, denunciar determinadas posturas e pensamentos (Travaglia, 1990), como veremos a seguir.

Partindo dessa ideia e dos mecanismos que observamos em 5.1, elencamos outros mecanismos utilizados por Dolores que se vinculam à ironia para descredibilizar o Proponente, ou, segundo a perspectiva de Martinez Lozano (2022), assumir o controle, a partir do riso, contra o sistema patriarcal. Vale destacar que a ironia, por si só, também é uma forma de descredibilizar o Proponente, visto que, como observado em 5.3, ela possui, nas ocorrências analisadas desse recurso, as funções de *refutação* e *ridicularização*. Logo, essas funções tanto a definem como Oponente quanto indicam que esse recurso é usado por ela para contra-argumentar com os Proponentes e, assim, descredibilizar o pensamento deles. Com esta subseção, buscamos também cumprir um dos objetivos específicos da dissertação: observar se, porventura, há outros mecanismos, além da ironia, atuando como *mecanismos de descredibilização do Proponente*.

No entanto, verificou-se que há outros *mecanismos de descredibilização do Proponente*, apresentados a seguir. Trata-se de mecanismos ambíguos em meio a críticas negativas, como os

elogios, nas crônicas C1, C3, C4 e C5, que se associam à característica da *contraditoriedade* que a ironia pode ter. Também destacamos as provocativas *perguntas retóricas* voltadas à desvalorização do raciocínio de seus adversários, os Proponentes e ao absurdo presente neles, sendo a *desvalorização* e o *absurdo* características importantes da ironia. Por fim, em alguns momentos, Dolores zomba de algumas ideias de seus opositores (zombaria), uma forma de também *desvalorizá-los* a partir da subversão de uma ideia proferida por eles (*retomada*). A *contraditoriedade* e a *desvalorização* foram duas das principais condições destacadas em nosso percurso para a identificação das ocorrências da ironia, como propusemos em 4.3, assim como a *retomada de uma afirmação atribuída ao Proponente* e algo *absurdo no contexto* escrito por Dolores, que não condiz com o que ela costumeiramente defende.

É fundamental, antes das próximas seções, elucidar que tais mecanismos não são, por si sós, ironia. São distintos dessa figura, mas a ela se associam, devido ao fato de terem características parecidas (*contraditoriedade*, *desvalorização*, *retomada* e *absurdo*) para realizá-la. Além disso, retomamos nessa subseção somente os mecanismos que julgamos estarem vinculados à composição da ironia nas crônicas, assim como aqueles que afrontam direta ou indiretamente os Proponentes, já que queremos mostrar como eles, bem como a ironia, ajudam a firmar Dolores como Oponente, algo que será feito em 6.2.

6.1.1 Elogios

Presentes em quase todas as crônicas, os elogios são uma forma de tratar com polidez aqueles a quem se dirigem, mesmo que, logo em seguida, Dolores aponte as fragilidades e as inconsistências nos argumentos dos Proponentes. Em resumo, os elogios são uma forma de se dirigir ao outro, de forma positiva, exaltando aspectos relativos a ele, como sua fala, sua postura, sua escrita. Nesse caso, o outro é ocupado pelo papel de Proponente, que é desempenhado por figuras como Carlos de Laet, Enrico Ferri e Theotonio Filho, nas crônicas C1, C3, C4 e C5, nas quais observamos o uso desse mecanismo. No entanto, o elogio coexiste com as críticas, o que mostra certa *contradição* no desenvolvimento argumentativo de Dolores.

Esse recurso, de alternar elogios e críticas, denominado “morde e assopra” (Dias; Damasceno-Morais, 2024), ajuda a compor o jogo de sentidos divergentes (Hutcheon, 2000) que configura a ironia, pois, ao mesmo tempo que *morde*, critica, ela *assopra*, elogia. No artigo citado, apresentamos a hipótese de que os elogios seriam uma forma de fazer com que a crítica fosse mais aceita para a publicação em periódicos de ampla circulação e uma forma de Dolores não retirar a autoridade de seus opositores. Neste momento, apenas apontaremos os elogios,

que, novamente, isolados, não tratam de ironia, mas ajudam a compô-la, tendo em vista que os elogios, em um contexto de críticas negativas às ideias de outrem, ou seja, a quem se elogia, são contraditórios. Contradição essa que é uma das características da ironia que ressaltamos na consolidação de nosso percurso para identificá-la nas crônicas.

Algumas passagens em que Dolores elogia seus adversários encontram-se na C1, ao dirigir-se a Carlos de Laet, bem como à sua escrita: “estilo inimitável, puro e conciso”, “notável contendor”, “apreciado escritor” e “brilhante adversário do divórcio e do feminismo” (Dolores, 1907a, p. 1), respectivamente nas linhas 2, 6, 12 e 16 (Anexo A, p. 165). As crônicas C3 e C4, em que Carmen relata a conferência do criminologista italiano Enrico Ferri, são as que mais se utilizam desse mecanismo. Na C3, o conferencista é exaltado como “ilustre professor italiano” e “eminente professor” (Dolores, 1908d, p. 1), nas linhas 3 e 44-45 (Anexo A). Sua oratória e sua inteligência também são frequentemente exaltadas:

[...] muito contribuiu para empolgar tácita aprovação às doutrinas de Ferri o excepcional valor do conferencista, cuja fulgurância não tem rival nesse gênero. O olhar claro e profundo desse homem, a sua voz poderosa, a eloquência indômita, tão meridional, da sua argumentação fácil, vibrante, variada, persuasiva, e esses gestos de ator consumado, a cabeça original, a memória assombrosa, a arte de concatenação das ideias, essa irradiação genial do talento que lhe resplandece na fronte desguarnecida — tudo, tudo faz de Enrico Ferri uma figura inesquecível, de um prestígio raro e empolgante. Com esse gênero que reduz, e com esses olhos fulgurantes que penetram, pode um conferencista dizer o que quiser, o que entender por verdade ou mentira, que o auditório será sempre conquistado pela sua palavra de chama, traduzindo não a intenção de burlar, mas sim a convicção baseada no estudo positivo das coisas. Ele não é um sentimental, um poeta, um artista, um literato; é pior do que tudo isso: é um sábio meridional que lança as deduções do seu espírito com a força irresistível da lava (Dolores, 1908d, p. 1) (linhas 48-60).⁹⁶

Ao final da crônica, Dolores finaliza com a exaltação da conferência no geral: “as conferências de um Ferri constituem o gozo intelectual mais vivo e mais profundo que se possa sonhar” (Dolores, 1908d, p. 1) (linhas 120-121).

A C4 não destoa da C3 na quantidade de menções elogiosas ao italiano e à apresentação. Ele é destacado, logo no início, como “hóspede ilustre” (linha 1) e Dolores ressalta como, em sua fala, ele empolgou:

[...] os espíritos com uma única força do seu talento superior, da sua erudição, da sua eloquência, do seu calmo raciocínio e da independência em sua das ideias que expõe, mas não impõe, porque Ferri compreende a liberdade de consciência que deve usufruir o homem moderno e não pretende dominar o seu auditório. Acontece entretanto que ninguém dorme a ouvi-lo: vibram todos, das galerias à plateia, sente-se o frêmito

⁹⁶ Os excertos das crônicas de Carmen Dolores estão presentes no Anexo A, a partir da página 166 desta dissertação.

vencedor que do conferencista se comunica ao público — e não há preconceito, rotina, prevenção, convencionalismo, resistência afixada, controvérsia pueril, que não esbarrem no triunfo tranquilo desse velho professor de olhos fulgurantes, porque o talento dele é verdadeiro e assenta numa base primordial: a sinceridade (Dolores, 1908b, p. 1) (linhas 47-55).

Carmen continua o elogiando (“notável conferencista” e “é sempre um sincero, servido por um extraordinário talento, por uma rara erudição”, nas linhas 81 e 102) e, apesar das várias oposições ao discurso dele, devido a essa notabilidade e inteligência de Ferri, permite que ele se julgue superior às mulheres:

[...] mas que importa assim nos julgue um espírito superior? O desaforo é quando algum imbecil se mete nesse papel — mas ele, Ferri, não! Tem toda a competência, tanto mais que se compreende bem a elevação das ideias que emite serenamente, na convicção de dizer a verdade (Dolores, 1908b, p. 1) (linhas 98-101).

Até mesmo a afirmação final, “E por essa raridade que nos trouxeste, ó Enrico Ferri, sê bendito!” (Dolores, 1908b, p. 1) (linha 110), na C4, e o último período da C3, em que dirige à esposa de Ferri a pergunta “Vale a pena, não é assim? Sentir-se a mulher arranhada por uma tão empolgante eloquência...”, destacando o quanto ele é eloquente e, assim, elogiando-o, o que se enquadra como elogio (Dolores, 1908d, p. 1) (linha 125). Porém, mesmo que o sejam, essas afirmações não deixam de ser contraditórias considerando o texto na íntegra. Nesses dois últimos casos, os elogios, como argumentamos em 5.1, são irônicos, mas os demais não se enquadram, necessariamente, desse modo. Podemos entendê-los, de uma forma geral, como “pseudoelogios”, pois sua validade é confrontada com as ferrenhas críticas presentes nessas crônicas (até o momento, C1, C3 e C4). Mais do que isso, caracterizamo-los como *mecanismos de descredibilização do Proponente*, porém, antes de chegar a uma conclusão em relação aos elogios, faz-se necessário examinar como eles aparecem na crônica subsequente (C5), já que na última (C6) esse mecanismo não está presente.

Na C5, são apenas dois os momentos em que Dolores elogia Theotonio Filho, autor da coluna *De relance*, que opina a respeito da carreira que a mulher deve seguir. A cronista o intitula “distinto colaborador” (linha 6), assim como “concorda” com ele ao dizer que foi o único que, diante do tema “*Que deve ser a mulher?*”, opinou de forma correta: “declaro que o colaborador do *Correio da Manhã* que escreveu o artigo sob o título *De relance* foi o único que falou certo” (Dolores, 1909b, p. 1) (linhas 92-93). Tal asserção pode ser definida como um elogio (embora contraditório no contexto) pelo fato de, anteriormente no texto, elencar diversas profissões as quais as mulheres poderiam seguir e apontar defeitos em cada uma delas,

sobretudo defeitos ligados à perda da beleza feminina, como defendido por Theotonio. Ao sintetizar sua ideia, de que, de fato, a mulher não deve fazer nada, apenas ser bela, ou, nas palavras de Dolores, ser uma sultana, a autora evoca novamente o texto de Theotonio Filho, cuja ideia seria a única válida. Atribui-se, portanto, grande importância, mesmo que fingida, a essa opinião.

Os elogios seriam mais sinceros se não fossem acompanhados de extensas críticas ao pensamento desses autores. Por isso, defendemo-los como estando atrelados à contraditoriedade, característica que destacamos estar presente na ironia. Por ser contraditório, isto é, estarmos diante, ao mesmo tempo, de uma exaltação e de um julgamento, contrário às ideias veiculadas pelos Proponentes, temos o que podem ser chamados de “pseudoelogios”. No entanto, esses ainda nos parecem ter uma função complementar à de simples exaltação ou contradição à exaltação: podem ser uma forma de polir a argumentação de Dolores, tornando-a momentaneamente menos ferrenha e mais amigável, sendo, portanto, uma estratégia argumentativa, até mesmo para que suas críticas sejam mais aceitas, a partir do respeito que trata seus colegas de profissão. Isso, porque, mesmo elogiando, as ocorrências irônicas (evidenciadas em 5.1) dessa crônica não são amenizadas, mas realçadas pelos elogios (ou pseudoelogios). Afinal, mesmo que possa querer tratar seus colegas com a cortesia necessária para as contendas jornalísticas, não poderia deixar de veicular suas ideias, mesmo que, pontualmente, escarneça-os pela ironia ou por pseudoelogios.

6.1.2 Perguntas retóricas

Nesta seção, selecionamos apenas as perguntas retóricas dirigidas à provocação dos Proponentes. A pergunta retórica é um questionamento que não possui o objetivo de obter uma resposta, destinado a um interlocutor. Aquele quem faz uma pergunta retórica pode ter, na verdade, o intento de realizar algum efeito ilocucionário (Omes Jr., 2008), por exemplo: promover reflexões e questionar aqueles a quem se dirige sobre a validade de determinado pensamento social. Esse é o caso, por exemplo, das perguntas retóricas vinculadas à ironia na C1.

Diante da questão argumentativa “*As mulheres podem trabalhar fora do ambiente doméstico?*”, Carmen Dolores se utiliza desse mecanismo como forma de complementar seu posicionamento positivo em torno dessa questão e, além disso, frisar o fato de que a negação a essa pergunta, no caso, o papel de Proponente ocupado por Carlos de Laet, desconsidera as necessidades das mulheres e de suas famílias, tornando-as, no acesso ao trabalho no espaço

público, rivais dos homens. É o caso da pergunta retórica feita entre as linhas 30 e 31: “E por que se há de dizer que isso significa o desamparo do lar, quando justamente, assim, é que a mulher sustenta honestamente esse lar?” (Dolores, 1907a, p. 1).

Nessa crônica também há perguntas feitas diretamente a de Laet, que também consideramos retórica: “E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher, em vez de ser a doce companheira de alguém que labuta para ela, é, pelo contrário, aquela que labuta para todos?” (Dolores, 1907a, p. 1) (linhas 23-25). As próprias perguntas que se vinculam às passagens irônicas, identificadas em 5.1 e classificadas em 6.1, também enquadramos como retóricas: “Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet?” (Dolores, 1907a, p. 1) (linha 56). Esse questionamento continua com a ideia de que, para fugir dos pedantismos, era necessário que as mulheres, em vez de carreiras liberais, trabalhassem manualmente. Até mesmo o que é colocado entre parênteses “(é estupendo, não?)” (linha 65), para se referir à sugestão do leitor de tornar pedintes as mulheres solteiras, divorciadas e viúvas é uma pergunta retórica, bem como a questão “Compreendem agora a amplidão desse significado pedintes, não é verdade?” (linha 68) (Dolores, 1907a, p. 1). Por fim, nessa mesma crônica, é valorizada toda e qualquer ocupação feminina. “E trabalho por trabalho, não é todo ele digno de animação e não de menosprezo?” (linhas 76-77) (Dolores, 1907a, p. 1).

Na C4, ao discorrer a respeito da genialidade masculina e feminina, a cronista contesta a ideia de gênio exposta por Ferri a partir da listagem de mulheres que ela considera geniais por terem subvertido a ideia de dominação masculina e se tornado independentes dos homens de alguma forma. Com a seguinte pergunta retórica, Dolores (1908b, p. 1) provoca o conferencista e seus leitores machistas: “Mas o professor Ferri deve sem dúvida abominar tal forma de gênio, que dominou a força do tradicional senhor a mulher, não é assim?” (linhas 90-92).

Enfim, na C6, ela questiona os homens a partir de questionamentos respondidos com perguntas retóricas, cujas soluções, por parecerem mais do que simplórias, seriam absurdas para ela. Ainda na temática do ingresso da mulher no mercado de trabalho, ela indaga o que deve fazer a mulher que não se casar:

Mas se ela não achar marido e for ficando para tia, embora bem contra a sua vontade? Deve ir ser parasita em alguma casa alheia, onde a recebam, sentando-se ao fim da mesa das refeições, comidas por esmola, disfarçada, não se intrometendo nas conversas da família, sempre humilde e apagada, enchendo a alma de fel – só para não abraçar uma qualquer profissão e cair no ridículo, atirado como lama a mulher que se evade corajosamente da dependência? Ou então deverá essa rapariga formosa, que não encontrou marido, procurar um amante, para não fazer nada, ou mesmo atirar a luva à sociedade, que, nesse caso, a repudiará, buscando em muitos protetores simultâneos o meio de nunca mais servir senão como instrumento bonito, que não

estraga as mãos, nem cansa o cérebro de animal de gozo? (Dolores, 1909a, p.1) (linhas 65-74).

Abaixo, questiona novamente, dirigindo-se aos seus interlocutores:

Ainda outra pergunta, meus senhores: no caso de já não ser nova nem bela a mulher, e de ter perdido todo o apoio na vida, não lhe faltando as faculdades vigorosas para entende-la sozinha, qual deve ser a conduta dessa criatura de ânimo forte para fazer face aos seus encargos e sustentar valentemente a família, sem, todavia, incorrer nos apuros que percebem o que chamam *feminis*, isto é, o tipo feminino que vive por si, sem o socorro do homem? Deve essa mulher esconder seu esforço, o seu trabalho, a sua superioridade, tudo quanto a eleva e dignifica, como uma tara grotesca, para não ser escarnecida? (Dolores, 1909a, p.1) (linhas 75-82).

Vale ressaltar que, nesses dois últimos trechos, partes deles foram consideradas irônicas, como visto na seção anterior, o que demonstra como essas perguntas estão atreladas à ironia. Nem toda pergunta retórica, entretanto, é irônica. Para fins de rememoração, o objetivo desta subseção é destacar momentos em que ela se utiliza de determinados mecanismos para contestar os Proponentes, o que ela também faz a partir das perguntas retóricas retomadas nessa parte.

A pergunta retórica tem esse viés provocativo e reflexivo, atrelado, por exemplo, à função de *refutação* da ironia, vista em 5.3, mas, a depender do caso, também pode ser uma pergunta composta por uma ideia ridícula atrelada ao Proponente, cujo pensamento é ridicularizado por meio da pergunta retórica, que deveria levá-lo a refletir sobre o absurdo que proferiu, o que a aproximaria da função *ridicularizante* da ironia. Todavia, essas funções (comunicativo-retóricas da ironia) apenas devem ser levadas em consideração se a pergunta retórica estiver atrelada à ironia. Em razão disso, não levamos em consideração o fato de que a pergunta retórica essencialmente precisa ser categorizada em uma ou outra função, porque essa definição depende de cada uso e do vínculo com a ironia. Mais uma vez, contudo, é interessante perceber o quanto essas duas categorias propostas por Kaufer e Neuwirth (1982), a depender do caso, podem mais se aproximar do que se distinguir e, em nosso corpus, aproximam-se por ambas estarem vinculadas com o papel argumentativo de Oponente observado em Carmen Dolores.

6.1.3 Zombaria

Examinando os momentos zombeteiros em que Dolores se dirige aos Proponentes contra os quais argumenta, definimos como zombaria os momentos em que ela se utiliza de ideias propagadas ou atribuídas aos Proponentes para distorcê-las, tornando-as absurdas, o que

evidencia o caráter de troça desses trechos. A partir do ato de recobrar determinada ideia do adversário e subvertê-la, há um movimento de *desvalorização* da ideia do Proponente. O caráter desvalorizante é uma das características da ironia, mas não apenas por isso compreendemos que a zombaria pode ser incluída como um *mecanismo de descredibilização do Proponente*, visto que possui uma das características da ironia e, de alguma forma, investe contra o(s) Proponente(s).

Recuperando o que é defendido por Martinez Lozano (2022), o uso de humor pelas mulheres é uma forma de insubordinação contra ideias patriarcais, ou seja, transformar em troça aquilo que é veiculado por esse sistema é uma forma de revolta e também, a nosso ver, possui a função de refletir sobre o absurdo de determinadas noções rigidamente consolidadas. Porém, a autora argumenta que os recursos humorísticos usados pelas mulheres não são uma forma de humilhar os homens, ideia que contestamos, tendo em vista os excertos que destacamos nesta parte e que se enquadram como *zombaria*.

Em uma das passagens da C4, Dolores contradiz a comparação de Enrico Ferri de que os homens seriam troncos e as mulheres, vinhas, enroscadas neles em uma relação de dependência. Nesse ponto (linhas 69-72), ela deprecia essa comparação, zombando dela e contestando a validade dessa dependência e subordinação da mulher:

Pobre criatura! Se ela continuasse, como humilde vinha, a nunca esperar arrimo senão do másculo tronco em que se enrolasse!
Os troncos são muitas vezes ocos, estão a tombar de podres e mal podem consigo, quanto mais com os frágeis pés de vinha! (Dolores, 1908b, p. 1)

Ainda na mesma crônica, acerca do conceito de genialidade, Dolores argumenta contra o pensamento de que só existiram homens enquadrados nessa categoria: “Nega o professor Ferri o gênio na mulher... Meu Deus! O gênio é coisa tão rara e tão relativa, que mesmo nos homens é difícil entendê-lo com um caráter definido, visto como é feito de lampejos” (Dolores, 1908b, p. 1) (linhas 78-80). Em seguida, ela menciona que, para o conferencista, ser genial significa criar obras imortais, ao que ela responde, fazendo referência a Ninon de l’Enclos, uma importante figura francesa, uma cortesã que foi responsável pela criação de salões em Paris em que se discutiam temas como política e literatura. Segundo diziam na época, essa personalidade, mesmo com avançada idade, conservava-se jovem, fato que Dolores retoma para compor sua depreciação ao conceito de “gênio” de Ferri: “Quer, porém, o notável conferencista que o gênio seja a criação, a inovação de obras imortais. Mas então Ninon de l’Enclos foi um gênio

transcendente, porque criou a legenda de uma eterna mocidade” (Dolores, 1908b, p. 1) (linhas 81-83).

Já na C5, sugere às leitoras que, na falta de um homem de quem elas dependessem, poderiam se tornar sultanas, bastando-lhes serem formosas. Para isso, recupera passagens do texto de Theotonio Filho: “Uns belos dentes claros, a cútis de leite, bem descansada, sem traços de lágrimas ou vigílias – e aí tem a sua carreira, minha senhora ou senhorita!” (Dolores, 1909b, p. 1) (linhas 115-117). Carecendo de formosura, aconselha-as a desaparecer de circulação: “Não faltam barcas de Cantareira para um mergulho de mulheres desanimadas no meio da nossa baía azul, sob este sol de ouro, tão lindo!” (Dolores, 1909b, p. 1) (linhas 122 e 123). A depreciação vem da retomada das passagens de Theotonio Filho, somadas ao exagero proveniente da ideia de que, não tendo um homem do qual dependa nem beleza, a única opção seria o suicídio. Zomba-se dessa ideia simplista, violenta, atribuída ao pensamento patriarcal que, no caso dessa crônica, tem como Theotonio seu expoente, ou melhor, Proponente imediato.

Esses exemplos demonstram o teor *desvalorizante* da zombaria que, assim como os mecanismos de descridibilização, é uma maneira de criticar o Proponente, na medida em que Dolores se apropria das ideias dele, mas subverte o sentido original e, conseqüentemente, torna absurdo o seu ponto de vista. É o que ocorre, por exemplo, ao defender que os troncos, na verdade, estão ocos e não poderiam sustentar as vinhas.

Tal recurso, assim como os demais (os elogios e as perguntas retóricas), diferentemente da ironia, não é tão fugidio assim; pelo contrário, é explícito. Diante disso, torna-se interessante observarmos como, além da ironia, a escritora emprega, de forma ainda mais evidente, outros mecanismos para sustentar seu papel argumentativo de Oponente. Retomamos este ponto na subseção seguinte para tecer alguns comentários pertinentes a esse vínculo entre a ironia e os *mecanismos* apresentados.

A partir do que foi exposto acima, percebe-se, pois, que todos esses *mecanismos de descridibilização do Proponente*, quais sejam os *elogios*, as *perguntas retóricas* e a *zombaria*, compõem o tom irônico da crônica, ajudando não apenas a realçar a ironia, como também a fazer com que Carmen Dolores ocupe o papel argumentativo de Oponente. Eles *compõem* o tom irônico, mas não consistem em ironia, pois não os categorizamos dessa forma na seção 5.1 (subseção em que, a partir do percurso de identificação das ocorrências da ironia, destacamos o uso desse recurso nas crônicas de Dolores). No entanto, possuem características próximas à ironia, o que nos permite compreendê-la e até captá-la melhor e, poderíamos argumentar, mais facilmente.

Hutcheon (2000) argumenta que a ironia pode deixar “pistas” em um texto, noção que podemos transferir para a análise do nosso corpus. Se a ironia parece absurda ou contraditória considerando os valores da cronista, além de ter um teor desvalorizante e poder ser a recuperação daquilo que foi dito pelo Proponente (condições que fazem parte do nosso percurso para identificação dessa figura), as “pistas” podem ter uma dessas características. É o caso dos *elogios*, que são mais *pseudoelogios* e uma forma de disfarçar as críticas, mas operam, paradoxalmente, como um reforço ao seu posicionamento antagônico, sendo sua existência contraditória no contexto das crônicas. Também é o caso das *perguntas retóricas*, que podem revelar o absurdo defendido por outrem, mesmo que, de uma forma geral, sejam provocativas, tentem promover a mudança de uma forma de pensar. Igualmente é o caso da *zombaria*, desvalorizante por essência, pois transforma em piada a ideia subvertida, por Dolores, de um Proponente.

Mesmo as ocorrências da ironia sendo locais, quando se trata das crônicas C1, C3, C4 e C6 (vale lembrar que, na C5, a ironia compõe toda a crônica) e ocupam pequenos trechos, o restante do texto não pode ser negligenciado. Nele, há “pistas” (Hutcheon, 2000) que podem ser vinculadas às características da ironia, as quais chamamos de *mecanismos de descredibilização do Proponente*, que possuem não só o vínculo com esse recurso, mas também investem contra o Proponente e, com isso, ajudam a fazer com que Carmen Dolores ocupe seu papel como Oponente.

No Quadro 48, abaixo, elaboramos uma síntese dos *mecanismos de descredibilização do Proponente*, aqui reunidos com a definição dada de cada um deles e um exemplo retirado das crônicas de Carmen Dolores, a fim de que tais mecanismos se tornem claros para a consolidação das ideias presentes na dissertação na seção seguinte, em que mostramos como, efetivamente e considerando o que foi discutido até então, a interação discursiva Proponente-Oponente é construída a partir da ironia e dos mecanismos de descredibilização do Proponente.

Quadro 48 – Síntese dos mecanismos de descredibilização do Proponente

Mecanismo de descredibilização do Proponente	Definição	Exemplo
Elogio	Exaltação a determinados aspectos de alguém.	“[...] e não há preconceito, rotina, prevenção, convencionalismo, resistência afixada, controvérsia pueril, que não esbarrem no triunfo tranquilo desse velho professor de olhos fulgurantes, porque o talento dele é verdadeiro e assenta numa base primordial: a sinceridade” (Dolores, 1908b, p. 1) (linhas 47-55).

Pergunta retórica	Questionamento dirigido a um interlocutor que não possui o objetivo de receber uma resposta, e sim promover uma reflexão.	“E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher, em vez de ser a doce companheira de alguém que labuta para ela, é, pelo contrário, aquela que labuta para todos?” (Dolores, 1907a, p. 1) (linhas 23-25).
Zombaria	A subversão de determinadas ideias atribuídas a outrem, transformando-as em troça, em uma ideia absurda.	“Nega o professor Ferri o gênio na mulher... Meu Deus! O gênio é coisa tão rara e tão relativa, que mesmo nos homens é difícil entendê-lo com um caráter definido, visto como é feito de lampejos” (Dolores, 1908b, p. 1) (linhas 78-80).

Fonte: elaboração própria (2026).

Na próxima e última subseção, mostramos esquematicamente como Carmen Dolores ocupa o papel argumentativo de Oponente com o uso da ironia e desses mecanismos. Também retomamos as funções da ironia destacadas em 5.3 (*refutação e ridicularização*) para tecer as conclusões deste trabalho.

6.2 Construção da interação interdiscursiva Proponente-Oponente com o uso da ironia e dos mecanismos de descrédibilização do Proponente

O percurso da pesquisa nos mostrou alguns dos mecanismos que Carmen Dolores utiliza para refutar seus Proponentes. A ironia, sobre a qual nos debruçamos na maior parte da dissertação, foi destacada como mecanismo principal. Conceito de natureza ampla e de observação fugidia, exigiu-nos uma busca teórica verticalizada e um percurso consistente para identificá-la. Qual não foi nosso contentamento, porém, ao analisar as crônicas, ressaltar outros mecanismos que ela se utilizava, os quais defendemos que complementavam a própria ironia. Mecanismos esses que, além de tudo, realçavam seu papel argumentativo.

Essa última subseção destina-se à síntese das considerações feitas nesta pesquisa para que se cumpra o objetivo principal: *analisar como, com o uso da ironia e de outros mecanismos, Carmen Dolores assume o papel de Oponente*. Defendemos, desde o início da pesquisa, esse papel ocupado por ela, pois Dolores refuta os Proponentes, aqueles que ditam as normas (e os seus argumentos) em uma sociedade regida pelo patriarcado: os homens, na figura de Carlos de Laet, Enrico Ferri e Theotonio Filho, mas não apenas.

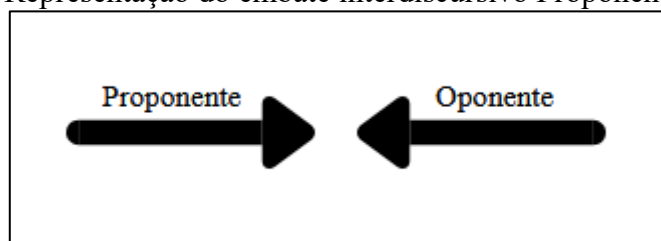
De acordo com o Plantin (2008), a partir do estabelecimento de uma questão argumentativa, o Proponente é o primeiro papel argumentativo a surgir em uma interação argumentativa e, portanto, é o responsável pelo ônus da prova. Esse Proponente, no caso das

crônicas, proveniente e representante de um sistema patriarcal, pautou as questões argumentativas até que, em determinado momento, as mulheres começaram a se contrapor a ele, especialmente em espaços em que havia uma disputa por esferas públicas, nas quais as ideias poderiam ser mais amplamente veiculadas: é o caso do jornal, por exemplo.

Carmen Dolores dirige-se a um auditório, se pudermos nos utilizar momentaneamente da nomenclatura da Nova Retórica, universal, composto por homens que pensam como esses Proponentes a quem ela se dirige. Dolores não aceita tais normas, tais argumentos, refutando-as usando as armas que possui: sua pena, da qual tanto se orgulha, e sua inteligência, demonstrando que, diferentemente do que era veiculado na época, as mulheres eram tão capazes intelectualmente quanto os homens, capazes de falarem por si mesmas. Em razão disso, não há de se negar que ocupa o papel de Oponente.

Para representar essa situação estática (Damasceno-Morais, 2023b; Figueiredo; Damasceno-Morais, 2024), acompanhando os quadros que compomos abaixo, elaboramos a seguinte figura, que representa o Proponente, acompanhado de seus argumentos, e o Oponente, no caso Dolores, que refuta, interdiscursivamente, o Proponente, com base em contra-argumentos de teor irônico, juntamente a outros mecanismos de descredibilização.

Figura 7 – Representação do embate interdiscursivo Proponente-Oponente



Fonte: elaboração própria (2025).

É importante relembrar que, em análises compostas pelo MDA, a descrição e a composição da situação estática é fundamental, pois, para essa abordagem metodológica, mais vale entender os caminhos que iniciam e fundamentam a estase do que coroar um vencedor. Caminhos esses que foram sintetizados nos quatro quadros abaixo. Eles foram divididos em duas seções terciárias. A primeira (6.2.1), com três quadros, contém um agrupamento das crônicas que versam sobre os mesmos valores: trabalho e dignidade (C1, C5 e C6). Na segunda (6.2.2), há um quadro com as crônicas C3 e C4, cujo valor predominante nas discussões é o da igualdade. Realizamos essa divisão para facilitar a construção dos esquemas de crônicas com valores e até temáticas semelhantes, visto que C1, C5 e C6 possuem discussões em torno da

possibilidade de a mulher adentrar no mercado de trabalho, enquanto nas C3 e C4 é debatida a capacidade intelectual da mulher.

Nosso *corpus*, sabemos, não foi composto por um escopo usual de análises do MDA. Não trabalhamos com interações face a face, e sim com discursos de mídia, que não dialogam diretamente. Mesmo assim, acreditamos ter ficado claro o fato de que, mesmo não sendo uma interação direta entre papéis argumentativos (Proponente e Oponente), há uma interação entre discursos, um dialogismo interdiscursivo, mostrando que a atuação do MDA não se restringe a uma interação face a face.

Abaixo, então, fizemos a síntese do que foi traçado durante a pesquisa: nos quadros, retomamos os argumentos dos Proponentes, seja com a recuperação de trechos da crônica de Dolores, nos quais ela copia o que determinado adversário escreveu ou disse, seja com a expressão geral da ideia do adversário. Assim, contrapomos esses argumentos aos contra-argumentos irônicos da Oponente.

Ao lado dos contra-argumentos irônicos, listamos os *mecanismos de descredibilização do Proponente* identificados em cada crônica. Como mencionado acima, analisamos as crônicas C1, C5 e C6 de forma individual em 6.2.1, separando-as de acordo com o valor que elas defendem, em específico o *trabalho* e a *dignidade*. Já as crônicas C3 e C4 foram analisadas juntas, no mesmo quadro, em 6.2.2, agrupadas dessa forma pois versam sobre o mesmo valor (*igualdade*) e são muito semelhantes. Também recuperamos na análise as funções da ironia identificadas em cada uso desse recurso. Todo esse percurso, enfim, foi feito para demonstrar como a cronista posiciona-se como Oponente nas crônicas.

6.2.1 A ocorrência da ironia em crônicas que propõem a discussão do trabalho e dignidade como valores

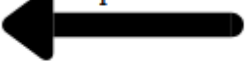
A contextualização feita em 5.1 apontou que uma das bandeiras levantadas por Carmen Dolores é a defesa pelo ingresso da mulher ao mercado de trabalho, sobretudo se ela necessitar de um suporte financeiro na falta de um marido, por exemplo, em situação de desquite ou de viuvez. Além disso, defende a necessidade de a mulher — especificamente a de classe média — ser educada a fim de seguir uma profissão liberal. Essa defesa, em uma sociedade patriarcal, enfrenta resistência de diversos expoentes, como Carlos de Laet e o leitor anônimo (ambos Proponentes imediatos na C1) e Theotonio Filho (principalmente na C5). Essa opinião contrária à entrada da mulher no ambiente trabalhista também está presente na C6, quando Dolores

contesta a opinião da sociedade em geral, não retomando, de forma direta, o discurso de Theotonio, refutado na C5.

Desde o início desta pesquisa, defendemos o fato de que os Proponentes são os homens cujos posicionamentos Dolores replica. Isso porque eles representam um discurso patriarcal já posto e, portanto, historicamente, coube aos homens proporem uma questão argumentativa, um discurso, um posicionamento que foi consolidado há muito tempo. Ouvia-se, pois, o eco apenas do Proponente, eram os homens quem ditavam o que era dito. A partir do momento que as mulheres puderam ter a oportunidade de ocupar o espaço educacional como alunas, algumas⁹⁷ passaram a adquirir conhecimento para contestar esse sistema. Houve aquelas que ocuparam, então, um papel argumentativo no que antes era praticamente um “monólogo imposto”. Defendemos, pois, que Dolores posiciona-se como Oponente⁹⁸ por contestar tanto um discurso quanto valores já solidificados ligados a ele, apresentando uma perspectiva distinta.

Nas crônicas analisadas nesta seção terciária (C1, C5 e C6), os valores em jogo são o trabalho, sob duas visões distintas (a patriarcal e a que denominamos feminista). Essa perspectiva patriarcal do valor trabalho é contraposta a partir da adição, por Dolores, do valor dignidade, visto que ela defende o fato de que o trabalho dignificaria a vida de mulheres que necessitariam de sustento financeiro. Com isso em mente, primeiramente na C1, retomemos novamente os usos da ironia, bem como, com esse recurso, as respostas da escritora e os *mecanismos de descredibilização do Proponente* que as acompanham, para, então, analisarmos como Dolores se efetiva no papel argumentativo de Oponente.

Quadro 49 – Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C1

Proponente  Oponente 		
Argumento	Contra-argumento irônico	Mecanismos de descredibilização do Proponente
“Falou V. Ex. em mulheres viciadas e perigosas à sociedade.	“Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir	

⁹⁷ Não podemos deixar de citar (e homenagear) personalidades como Nísia Floresta, Josefina Álvares de Azevedo, Chrysanthème, Ercília Nogueira Cobra, Júlia Lopes de Almeida, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, entre vários outros nomes de nossa história que utilizaram, sobretudo, a escrita como meio de denúncia.

⁹⁸ Nesta pesquisa, não entraremos no mérito de avaliar o papel de Terceiro, porém, refletindo sobre esse papel argumentativo, cuja função é duvidar, certamente em questões argumentativas que envolvam o embate entre um pensamento feminista e um patriarcal, pode haver situações estáticas em que há a presença do Terceiro.

Não as acha no pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando ao homem, não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes competições da vida?” (Dolores, 1907a, p. 1) — trecho destacado por Dolores em sua crônica, retirado do texto de Carlos de Laet no <i>Jornal do Brasil</i>.	aos pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar... Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! vós todas que fostes criadas fora do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física indispensável a tais meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante e um conhecimento exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses – considerai que esse afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do feminismo” (Dolores, 1907a, p. 1).	▪ Elogios ▪ Perguntas retóricas
“Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes [...], mas fiquem dentro das suas casas, abandonem essas asneiras de trabalhar como os homens” (Dolores, 1907a, p. 1) — trecho de uma carta destinada a Carmen Dolores, cujo remetente é um leitor anônimo.	“Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil” e “(é estupendo, não?)” (Dolores, 1907a, p. 1).	

Fonte: elaboração própria (2025).

Ao destacar os enunciados de Carlos de Laet e do leitor, Carmen Dolores detém-se na ideia deles em torno do “pedantismo”. Tal vocábulo significa, para o jornalista (de Laet), que as feministas pedem/demandam excessivamente, sobretudo cargos trabalhistas, o que as faria rivalizar com os homens. Por outro lado, na carta do anônimo, mencionado pela autora na C1, o “pedantismo” ganha um significado mais obscuro: é sugerido por ele que as mulheres solteiras, divorciadas e viúvas pobres tornem-se mendigas, chamando de “asneira” o fato de elas reivindicarem “trabalhar como os homens” (Dolores, 1907a, p. 1).

A ironia, nas crônicas da escritora, tem a função de *ridicularizar* ou *refutar* os Proponentes e, na C1, a primeira ocorrência foi enquadrada como *refutativa* e a segunda e a terceira como *ridicularizantes* (o que foi visto em 5.3.1). A *refutação* tem um compartilhamento breve do mesmo valor do adversário, mas, como vimos na defesa da autora, sob outra perspectiva.

Nesta pesquisa, entendemos a ironia como algo contextual (Hutcheon, 2000) e, por isso, defendemos o fato de que outros recursos podem ajudar a realçar, e até identificar, a ironia. Esse é o caso dos elogios. A função de *refutação* foi sustentada por esse mecanismo, pois a presença dos elogios parece fazer, ao menos no início da crônica, com que a autora compartilhe o mesmo valor (trabalho), sob a mesma perspectiva (patriarcal), do Proponente, nesse meio-termo entre

a crítica e a exaltação. Tal uso leva à compreensão de uma certa condescendência, mesmo que momentânea, por parte de Dolores e, mais do que isso, uma forma de, antes de rebater (ou “morder”), “assoprar” — como mencionado anteriormente, isto é, tornar mais branda sua crítica. No entanto, ao introduzir a sua crítica, ela chama o trecho destacado da missiva por de Laet de “injusto e mau” (linha 11), assim como de “cruel” (linha 45) (Dolores, 1907a, p. 1). Não deixa, portanto, de “mordê-lo” com um léxico mais colérico, embora os elogios sejam mais abundantes, com essa intenção de contradizê-lo, de refutá-lo.

Vale lembrar também que, na pergunta retórica dirigida ao escritor, no momento em que a cronista é irônica, ela o provoca a partir da ideia de que as mulheres só poderiam se restringir a trabalhos essencialmente femininos, como lavar e engomar. Tal questionamento pode promover uma reflexão de que o escopo trabalhista das mulheres poderia ser ampliado, não precisaria ser tão restrito se o único fator que impossibilitasse isso é uma suposta rivalidade com o sexo masculino. Essa pergunta retórica em específico foi identificada como irônica em 5.1, apesar de nem todas as perguntas retóricas que destacamos, em especial em 5.1, o sejam. A função comunicativo-retórica dela, categorizada em 5.3, foi a de *ridicularização*. Nesse caso, não se busca compartilhar valores, visto que os valores expressos por Oponente e Proponente nessa função da ironia são distintos. Com essa pergunta retórica, tenta-se mostrar ao jornalista Carlos de Laet, assim como aos leitores do periódico, a visão absurda de limitar o campo de trabalho de mulheres, sobretudo aquelas que se formaram em profissões liberais.

Por outro lado, ela não trata o leitor anônimo com a mesma polidez com que trata de Laet. A pergunta retórica que acompanha a ironia, “(é estupendo, não?)”, assim como a escolha lexical que desvaloriza o próprio sujeito e sua carta (chama-a de “ignóbil”), reforça a função de *ridicularização* da ironia. Seu objetivo é arranhar, mostrar, tanto nesse caso quanto na resposta a Carlos de Laet, a inconsistência de uma ideia patriarcal amplamente veiculada naquela sociedade. Ela não deixa de defender a busca das mulheres por um emprego. Oferece, portanto, contra-argumentos aos argumentos defendidos pelos Proponentes, posicionando-se como Oponente. Optamos mostrar nesta pesquisa a posição de contra-argumento ocupada pela ironia, a qual é reforçada pelos *mecanismos de descredibilização do Proponente* elencados.

Já na C5 (cuja análise será feita a partir do Quadro 50), novamente é colocada em pauta a questão argumentativa “*As mulheres podem trabalhar fora do ambiente doméstico?*”. Dolores responde a Theotonio Filho, em um texto em que ele defende que o “trabalho” da mulher é ser bela e agradar ao homem, considerando o contexto de um Concurso feminino destinado à resposta de leitoras do jornal *Correio da Manhã*: “*Que deve ser a mulher?*”. Vejamos, abaixo, a retomada dos trechos irônicos e dos argumentos do texto de Theotonio Filho.

Quadro 50 – Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C5

		
Argumentos	Contra-argumentos irônicos	Mecanismos de descredibilização do Proponente
“A única carreira da mulher deve ser a do <i>embelezamento</i>. A mulher precisa ser bela para não perder o prestígio perante os homens. Só fito uma mulher quando é bela; e como eu são todos” (Theotonio Filho, 1909, p. 4).	“Eu terei a audácia de ajuntar, ao que escreveu o ilustre amigo de Diderot e de Voltaire, que, sob os nossos climas, ardentes, onde a mulher só vale mesmo como mulher, objeto de apetite, é melhor, deveras, que ela seja exclusivamente sultana. E está indicada a única e possível carreira para a mulher no Brasil, se quiser merecer o sufrágio dos homens: é ser sultana de um ou de muitos sultões” (Dolores, 1909b, p. 1).	▪ Elogios ▪ Zombaria
	“[...] e para que mais? A carreira da mulher está traçada em poucas linhas: é ser gozo material do homem. Que quer ela ainda? Não lhe basta ser um animal, um delicioso animal de prazer? Se trabalhar, se for professora, mortificando a paciência com meninos irritantes e malcriados, acabará por perder a beleza, tornar-se-á magra e velha. E o homem não a quer assim. Flor murcha não presta mais” (Dolores, 1909b, p. 1).	
“Mas, se acaso se entregar a trabalhos pesados, a preocupações sérias de mais o seu pequenino cérebro? Perderá a harmonia da curva, o fulgor atraente dos olhos, a maciez das mãos que se tornarão ásperas e duras. Terá a fisionomia rija e impassível de uma velha, os dentes desordenados de uma solteirona conselhativa, a agudeza nas formas que perderão a plástica e o encanto. Será uma mulher <i>chanluqueira</i>, desgraciosa, com a testa sulcada de vincos, o rosto de pregas, e a alma de nebulosidades” (Theotonio Filho, 1909, p. 4).	“Se a mulher abraçar a profissão de costureira, perderá a maciez das mãos, que devem acariciar os desejos masculinos – e aí dela com os deditos picados de agulha! Ficará sendo um rebotalho. Se for literata, merecerá o nome de pernóstica e cairá no ridículo. Se advogada, médica, pintora, escultora, farmacêutica, enfermeira, qualquer coisa, enfim, que a faça viver com elevação e honestidade, incorrerá do mesmo modo no egoístico desagrado do outro sexo, sendo escarnecida e até vaiada por vozes implacáveis. [...] Então, se levantarmos o véu dessa carreira, encontraremos, na realidade, uma outra que não pode entrar decentemente em concurso público... Não! Não!” (Dolores, 1909b, p. 1).⁹⁹	
“Admiro a mulher formosa, a mulher que pisa corações, faz enternecer os olhos e sobressaltar as ilusões. Esta é a soberana que reina sempre. Não tem os dedos picados pela agulha nem a	“Não canse o cérebro com preocupações sérias, porque fica feia; não pique os dedos com a agulha; não faça trabalho de espécie alguma, não leia, não escreva, não ensine, até não	

⁹⁹ Devido à extensão do trecho, optamos novamente por encurtá-lo ao apresentá-lo em quadro. O excerto na íntegra consta no Anexo A (p. 179-180).

cabecinha entontecida pelo trabalho árduo” (Theotonio Filho, 1909, p. 4).	pense, mas seja bonita, que ninguém lhe pede outra coisa” (Dolores, 1909b, p. 1).	
“A única carreira da mulher deve ser a do <i>embelezamento</i> . A mulher precisa ser bela para não perder o prestígio perante os homens. [...] Casando-se, naturalmente, virá a ternura pelo filhinho louro, o apreço às coisas do lar e daí o fato de <i>ser dona de casa</i> . Onde se conclui facilmente que ser dona de casa não é uma carreira, pois é o resultante de ser bela, isto é, de agradar. Sê bela e será dona de casa” (Theotonio Filho, 1909, p. 4).	“A única profissão para a mulher brasileira? É ser bela e agradar ao homem. Falta-lhe o pai? falta-lhe o marido? faltam-lhe os recursos para viver? Ora, não se incomode: trate de ser formosa, que tem a existência ganha. Uns belos dentes claros, a cútis de leite, bem descansada, sem traços de lágrimas ou vigílias – e aí tem a sua carreira, minha senhora ou senhorita!” (Dolores, 1909b, p. 1).	
“Admiro a mulher formosa, a mulher que pisa corações, faz enternecer os olhos e sobressaltar as ilusões. Esta é a soberana que reina sempre. Não tem os dedos picados pela agulha nem a cabecinha entontecida pelo trabalho árduo. Um dia achará um bem amado de olhar piedoso e amá-lo-á. Ele dar-lhe-á então um lar, felicidades e bons filhinhos. Desde esta época, começará a missão da mulher sobre a terra. Antes, nunca. Antes será preciso ser bela” (Theotonio Filho, 1909, p. 4).	“Está, ao contrário, acabada pelo trabalho, envelhecida pela preocupação, reduzida a uma <i>solteirona conselhativa</i> ? Pois é sumir-se, minha cara senhora, que em nossa terra a única profissão aceita, apontada, preconizada e... rendosa é a de sultana. Não pode sê-lo? É feita ou tem pudores, dignidade, escrúpulos? Então desapareça da circulação. Não faltam barcas de Cantareira para um mergulho de mulheres desanimadas no meio da nossa baía azul, sob este sol de ouro, tão lindo!” (Dolores, 1909b, p. 1).	

Fonte: elaboração própria (2025).

Apesar de termos, no quadro acima, destacado alguns trechos do que foi escrito por Theotonio Filho, as referências ao texto do escritor na crônica de Dolores não se restringem a esses excertos. É fato que, como descrito em 5.1, ela beneficia-se da intertextualidade, retomando explicitamente partes do texto dele, e da interdiscursividade para compor sua crítica, majoritariamente irônica, a respeito desse valor tão defendido por ela: o *trabalho*, sob uma perspectiva feminista e que se alinha ao valor da *dignidade*. Afinal, como ela mesma defendeu em outras crônicas, as mulheres são capazes de trabalhar, bem como precisam garantir um sustento digno para suas famílias, não necessitando de um homem para isso.

Na C5, identificamos que todas as seis ocorrências da ironia tinham como função a *ridicularização*. Tal função é reforçada por essa retomada de grande parte do texto de Theotonio Filho, o qual defende que a “profissão” da mulher é ser bela, agradar o sexo masculino, não necessitando, assim, trabalhar fora da esfera doméstica, trabalho esse que a enfeitaria. Deve-se lembrar que a função de *ridicularização* pode ser identificada quando o ironista dissimula o compartilhamento de determinados valores atribuídos à parte que está sendo ironizada, mas esses valores não são, de fato, compartilhados. Na crônica, não são muitos os momentos que a

escritora se desvincula da “personagem” criada (como ao citar a realidade liberal das mulheres na Europa), aquela que se submete aos valores patriarcais. Na verdade, ela mantém-se na defesa deles, mas de forma exagerada. Todas as profissões que elenca, por exemplo, possuem defeitos aos olhos masculinos. As sugestões que oferece possuem um tom de exagero — ser sultana ou freira, por exemplo —, além do fato de aconselhar o suicídio àquelas que não possuem um familiar (homem) que as sustente ou que não são belas. Conhecendo a autora pela análise das quatro crônicas anteriores, percebemos a simploriedade e o absurdo dessas sugestões. Além disso, há uma certa irreverência com que revela o absurdo desse pensamento de que a mulher não deve “servir para nada”, como nas palavras de Theotonio Filho.

Pensando nos *mecanismos de desacreditação do Proponente*, os esparsos elogios a Theotonio Filho (vistos em 6.1) simulam uma certa cortesia antes que comece a contra-argumentar a partir da ironia, mostrando o ridículo de tal posicionamento. Diferentemente da crônica anterior, em que ela trata com reverência Carlos de Laet, os elogios não possuem essa intenção exacerbada de exaltar e muito menos fingir, mesmo que momentaneamente, como defendemos na análise do quadro anterior, o compartilhamento dos mesmos valores (o que acontece quando há a função de *refutação* da ironia). Pelo contrário, os elogios são tão pontuais que são encobertos pelos exageros, os quais também foram destacados em 6.1 e fazem parte da *zombaria*, pois ela zomba de tal maneira de pensar, de defender a subserviência e a submissão das mulheres. Ser sultana não é algo que ela defenderia, tampouco “sair de circulação”, caso uma mulher não se case. Essa *zombaria* vincula-se a uma das condições da função comunicativo-retórica de *ridicularização* da ironia (5.3): a dissimulação de determinados valores. Dolores finge tê-los, mas apenas para gracejar sobre eles, mostrar o ridículo da defesa deles tanto por meio da ironia, cujos trechos identificados foram ressaltados no quadro acima, quanto por meio da *zombaria*, que reforça o uso dessa figura.

Carmen Dolores, nessa crônica que é uma das mais emblemáticas deste corpus, mostra seu domínio em torno da ironia — recurso que destacamos como contraditório, ambíguo, desvalorizante e que pode ser utilizado para ridicularizar, como o fez com os argumentos de Theotonio Filho, a partir da retomada do próprio discurso daquele a quem ironiza. Os argumentos dele, o Proponente mais imediato, assim como os de Carlos de Laet, do leitor anônimo e, como será analisado a seguir, de Enrico Ferri, representam um Proponente maior: o patriarcado. Ao se contrapor a esse Proponente, que dita as normas sociais, inclusive o fato de que o papel da mulher deve ser restrito ao ambiente doméstico, ela se firma como Oponente, utilizando-se, inclusive, das armas, isto é, do próprio pensamento do sistema para subvertê-lo, ridicularizá-lo.

Já na C6, Dolores não retoma propriamente um Proponente imediato como nas anteriores. Ela, certamente, ainda dialoga com Theotonio Filho, embora o mencione explicitamente, já que continua o assunto da C5, vexada pela interpretação errônea das suas leitoras. Em razão disso, de forma mais clara, objeta o posicionamento que ele defende. Ainda assim, quando se utiliza da ironia nessa crônica, ela opta por ser mais abrangente e retomar esse Proponente maior, o próprio sistema patriarcal, representado por homens que compartilham da defesa pelo valor *trabalho*, especificamente a *divisão sexual do trabalho*. Mesmo que tenha tido a intenção de não ser irônica na C6, pelo fato de algumas leitoras terem interpretado sua crônica anterior (C5) como literal, ela não deixa de sê-lo, porque, ao se dirigir aos homens, aparenta apenas conseguir destacar o absurdo de determinados posicionamentos sendo irônica, como vemos novamente no quadro a seguir:

Quadro 51 – Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C6

		
Argumentos	Contra-argumentos irônicos	Mecanismos de descredibilização do Proponente
Recupera o pensamento patriarcal sintetizado por Theotonio Filho, assim como se dirige, de maneira geral, aos homens, os quais defendem que mulheres não podem alcançar a independência financeira pelo trabalho.	“Deve ir ser parasita em alguma casa alheia, onde a recebam, sentando-se ao fim da mesa das refeições, comidas por esmola, disfarçada, não se intrometendo nas conversas da família, sempre humilde e apagada, enchendo a alma de fel — só para não abraçar uma qualquer profissão e cair no ridículo, atirado como lama a mulher que se evade corajosamente da dependência? Ou então deverá essa rapariga formosa, que não encontrou marido, procurar um amante, para não fazer nada, ou mesmo atirar a luva à sociedade, que, nesse caso, a repudiará, buscando em muitos protetores simultâneos o meio de nunca mais servir senão como instrumento bonito, que não estraga as mãos, nem cansa o cérebro de animal de gozo?” (Dolores, 1909a, p. 1).	▪ Perguntas retóricas ▪ Zombaria
	“Deve essa mulher esconder seu esforço, o seu trabalho, a sua superioridade, tudo quanto a eleva e dignifica, como uma tara grotesca, para não ser escarnecida?” (Dolores, 1909a, p. 1).	

Fonte: elaboração própria (2025).

Também identificamos, nessas duas ocorrências da ironia, a função de *ridicularização*, pelo fato de, em um primeiro momento, por meio da pergunta retórica, Dolores fingir compartilhar tal valor — o da divisão sexual do trabalho —, mas, como fica claro na introdução da crônica, desfazer quaisquer interpretações errôneas acerca de suas palavras no texto publicado na semana anterior. Logo, sabemos que ela não defende esse valor.

Por intermédio da pergunta retórica, ela provoca, contesta, a partir do desenho de uma situação nada agradável para as mulheres — depender da família para sobreviver —, o pensamento consolidado de que elas não podem alcançar a independência pelo trabalho. Se apenas contestasse e fizesse, principalmente, os homens que pensam dessa forma repensarem sua opinião, poderíamos ter a *refutação* como função. Porém, refuta a partir da exposição do absurdo defendido pelo Proponente, imputando-lhe a responsabilidade de defender o futuro limitante dessa figura decrépita de uma “mulher-parasita”, rancorosa por não ter se casado ou se profissionalizado. Imputar-lhes essa responsabilidade, de um futuro melancólico, demonstra a limitação do pensamento patriarcal de pensar no desenvolvimento social e intelectual das mulheres, pensamento esse cuja fragilidade, para Dolores, é risível, ridícula. Tem-se, portanto, a função de *ridicularização* da ironia, que é realçada pela pergunta retórica, cujo objetivo é promover uma reflexão, nesse caso do absurdo, do ridículo de se defender um posicionamento como aquele.

Nessa parte, não percebemos uma correspondência entre as funções da ironia e os demais mecanismos de descredibilização (elogios, perguntas retóricas e zombaria). Nota-se, porém, que as funções e, por consequência, a própria ironia é realçada por eles, pois eles possuem características semelhantes a essa figura. O que está sendo exposto é o fato de que a escritora não se apoia apenas na ironia para argumentar; há outros *mecanismos*, que nos chamaram a atenção por, como defendemos, complementarem e realçarem a ironia. Para continuar observando esse aspecto, analisemos as crônicas C3 e C4, as quais colocam em pauta o valor igualdade.

6.2.2 A ocorrência da ironia em crônicas que propõem a discussão da igualdade como valor

Nas crônicas C3 e C4 — as quais analisamos juntas no quadro abaixo, tendo em vista que tratam da mesma temática: a conferência de Enrico Ferri —, a função dos usos da ironia que analisamos foi de *refutação*. Refutação essa que, novamente, foi ressaltada pelo uso de *elogios* e de perguntas retóricas, mas também de *zombaria*. Embora tal função, assim como a de *ridicularização*, não tenha o compartilhamento de valores entre ironista e seu alvo, a

diferença é que, na *refutação*, o ironista aplica valores que anulariam aqueles defendidos pelo adversário, fazendo-o repensar seu posicionamento. Isso Dolores faz ao oferecer uma série de contra-argumentos que seriam contrários à resposta positiva de Ferri para a questão argumentativa que se delineou nessas duas crônicas: *a mulher é intelectualmente inferior ao homem?*

Diferentemente das análises anteriores, neste quadro, sintetizamos a coluna de “argumentos” do Proponente com os argumentos defendidos por Enrico Ferri de forma geral, sem replicar trechos da crônica, já que não tivemos acesso à conferência na íntegra, apenas o relato dela por Dolores.

Quadro 52 – Argumentos do(s) Proponente(s) vs. contra-argumentos irônicos da Oponente, C3 e C4

		
Argumentos	Contra-argumentos irônicos	Mecanismos de descredibilização do Proponente
Ferri parte da ideia de que a diferença de tamanho entre os cérebros das mulheres e dos homens faria com que elas fossem intelectualmente inferiores a eles. Na C3, Dolores compartilha que ele defende restringir a mulher ao papel da maternidade. Tanto na C3 quanto na C4, a autora relata a defesa dele pela falta de gênio da mulher. Parcialmente, na C3, Carmen Dolores concorda com ele no que tange à futilidade das mulheres, apesar de adicionar que o comportamento fútil vem de uma criação masculina que limita a intelectualidade das mulheres.	“— Vale a pena, não é assim? sentir-se a mulher arranhada por uma tão empolgante eloquência” (Dolores, 1908d, p. 1). “E por essa raridade que nos trouxeste, ó Enrico Ferri, sê bendito!” (Dolores, 1908b, p. 1).	▪ Elogios ▪ Perguntas retóricas ▪ Zombaria

Fonte: elaboração própria (2025).

O valor da *desigualdade de gênero* ligado à visão patriarcal encontra a defesa pela *igualdade* por Dolores nessas duas crônicas. Por mais que não concorde totalmente com um único argumento de Enrico Ferri, a autora não deixa de elogiá-lo no que diz respeito à sua inteligência, eloquência, retórica e até mesmo sua sinceridade por defender a inferioridade intelectual da mulher.

Esses *elogios*, em contraposição às críticas, foram o que nos alertaram para a possibilidade da ironia, o que defendemos a partir da análise dessas duas crônicas, pois há uma contradição entre a presença deles e a presença massiva de argumentos contrários ao que ele defende, o que faz com que haja o embate entre dois sentidos divergentes. Com essa excessiva e constante exaltação do conferencista, Dolores “prepara o terreno” para refutá-lo, possibilitando uma reconsideração desse posicionamento patriarcal fundamentado, naquela época, pela ciência. Além disso, os elogios também são uma forma de tentar não desconsiderar o trabalho do criminologista, que, muito pelo contrário, é exaltado. Mesmo assim, eles dão espaço para os contra-argumentos, inclusive muito críticos e com a utilização de outros *mecanismos de descredibilização do Proponente*.

Principalmente as *perguntas retóricas*, como vimos, são uma forma de provocar e de tentar fazer com que o adversário repense sua opinião. Dolores as utiliza, sobretudo, para demonstrar o absurdo de determinadas ideias, como quando questiona, a partir da

exemplificação de várias mulheres célebres da história, se Ferri abominaria a ideia de existirem mulheres capazes e inteligentes o suficiente para serem independentes dos homens, fazendo referência ao posicionamento dele de que essa independência não seria possível devido ao tamanho do cérebro das mulheres. É fato que, nesse caso, a escritora não escreve diretamente para Ferri, que não a lerá, mas ela escreve para os leitores em geral do jornal que podem pensar como ele. Esses são os adversários, os Proponentes, contra os quais argumenta, os quais é necessário conscientizar, oferecer um segundo ponto de vista.

Todavia, ela não os deixa confortáveis, sobretudo quando zomba de determinadas percepções que eles podem ter, por exemplo, quando graceja da comparação feita por ele que aproxima mulheres de vinhas e homens de troncos. Todos esses recursos, defendemos, reforçam o teor irônico das afirmações ao final (contra-argumentos irônicos, retomados no Quadro 52). Não nos parece algo sem motivo elogiar Ferri mais uma vez se, ao longo de toda a crônica, suas ideias são refutadas. Pelo contrário, a ironia é reforçada por todos os mecanismos expressos, o que faz com que Dolores, de fato, também se posicione como Oponente nessas crônicas. Os elogios, bem como na C1, servem para não desmerecer totalmente seu adversário, e sim tratá-lo com a cortesia devida, mesmo que depois o “morda” por intermédio das objeções ao pensamento dele.

Essas duas crônicas (C3 e C4) apresentam todos os *mecanismos de desacreditação do Proponente*, incluindo a ironia, o que consideramos interessante para visualizar melhor a interação entre todos esses mecanismos. Assim como nos demais textos cronísticos, Dolores não se limita ao recurso dessa figura para se estabelecer como Oponente, utilizando-se de outros para não deixar dúvidas de seu papel argumentativo e de suas próprias ideias. Mesmo que pareça compartilhar determinadas opiniões, quando, por exemplo, ao escrever a C5, valendo-se da ironia integralmente na crônica, parece compartilhar o mesmo valor do que Theotonio Filho em relação à desigualdade de gênero, esses outros *mecanismos* não nos fazem duvidar de seu verdadeiro posicionamento. Ela não valida os argumentos dos Proponentes, ela os contesta a partir de um uso da ironia em que as funções de *refutação* e *ridicularização* se tornam evidentes.

A ironia, como analisamos nesta dissertação, depende de muitos fatores. Um desses fatores é o contexto (Hutcheon, 2000), assim como o compartilhamento de valores com o ironista (Kaufer, 1977; Kaufer; Neuwirth, 1982) e conhecer aquele quem se utiliza da ironia como recurso argumentativo (Tindale; Gough, 1987). Por isso, foi mais efetivo, para esta pesquisa, analisar mais de uma crônica de Carmen Dolores, a fim de depreender e compreender seus padrões argumentativos, os *mecanismos* que mais se repetiam entre as crônicas, bem como

os temas recorrentes e os argumentos mobilizados, ou, em termos mais gerais, conhecer de forma mais ampla o que a escritora defendia e, sobretudo, como o fazia, com a ironia sendo utilizada de modo consciente e expressivo. Também foi importante estabelecer um percurso claro para a identificação dos usos da ironia, para a tratarmos de forma objetiva, sem espaço para o que acreditamos ser irônico, e sim o que de fato é irônico. Não há dúvidas de que ela, de fato, posiciona-se como Oponente, tendo em vista que, a partir dessa esquematização dos argumentos (dos Proponentes) e contra-argumentos irônicos (de Dolores), além da observação e análise dos *mecanismos*, satisfazemos o objetivo principal: *analisar como, com o uso da ironia e de outros mecanismos, Carmen Dolores assume o papel de Oponente.*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se alguns autores duvidam da capacidade argumentativa da ironia por ser uma figura ambígua, isto é, por esconder as verdadeiras intenções de quem a profere, chegamos à conclusão, com esta pesquisa, de que a ironia possui um valor argumentativo irrefutável nas crônicas de Carmen Dolores, fazendo com que ela assuma o papel argumentativo de Oponente, conclusão que valida o escopo desta pesquisa. Nosso objetivo principal foi analisar justamente como, com o uso da ironia e de outros mecanismos, ela sustenta esse papel. Para isso, valemos do percurso teórico-metodológico do MDA para identificar aspectos como questões argumentativas e papéis argumentativos — neste caso, Proponentes e Oponentes —, categorias apresentadas na primeira seção. Além do MDA, utilizamos uma ampla base teórica sobre a ironia, sob perspectivas discursivas e argumentativas, a qual foi expressa na segunda seção.

Para identificar um recurso fugidio com a ironia, de difícil captação e interpretação para aquele que precisa identificá-la, foi necessário estabelecermos um percurso próprio para analisar as seis crônicas selecionadas neste corpus, explicado, juntamente com os demais procedimentos metodológicos, na seção quatro. Na análise, a partir da quinta seção, percebemos a existência de uma voz dissonante ao *status quo* da época, que defendia, com muita segurança, seus valores e suas ideias. Defendia essas ideias, inclusive, interpelando seus adversários, que ocupavam o papel de Proponentes: eminentes jornalistas e cientistas. Dirigia-se diretamente aos homens, à sociedade patriarcal.

Exceto em uma das seis crônicas (C2) previamente selecionadas para constituir o corpus desta pesquisa, identificamos no total 13 usos da ironia. Além disso, nesses textos da escritora, também distinguimos os valores evocados por ela e por seus adversários, a quem, no MDA, denominamos Proponentes. Essas etapas (identificação da ironia e dos valores) foram executadas para, logo em seguida, identificarmos, ainda na quinta seção, a função de cada uso da ironia, seja ela de *reforço*, de *ridicularização* ou de *refutação*, com o objetivo de demonstrar, de forma objetiva, que ela, de fato, desempenhava o papel de Oponente.

Para entendermos as funções desse recurso, foi imprescindível assimilar os valores defendidos, visto que elas têm uma relação intrínseca com essa categoria (os valores). Afinal, as duas funções da ironia encontradas nas crônicas foram a de *ridicularização* e de *refutação*, funções essas que ligam a ironia a uma ostensividade, a de ir de encontro a determinados valores propagados por outrem, no caso os Proponentes. A *refutação* intenciona fazer com que esse recurso seja uma forma de repensar valores, de repensar um posicionamento, visto, nesse caso, como antiquado por não acompanhar as reais mudanças de um mundo em que a mulher

começava a se emancipar e a exigir direitos iguais. Enquanto isso, a *ridicularização* objetiva mostrar o ridículo presente em determinadas ideias estanques, consideradas risíveis. Essas duas funções da ironia também são reforçadas por outros *mecanismos de descredibilização do Proponente*.

Esses *mecanismos*, identificados na quinta seção e sintetizados na sexta, mais do que meros recursos estilísticos, operavam argumentativamente para realçar a ironia, atacando diretamente os Proponentes e descredibilizando seus pontos de vista. Os *mecanismos* não eram necessariamente irônicos, mas possuíam características parecidas. A ironia pode até dissimular as críticas, mas ela não esconde completamente sua capacidade ostensiva, principalmente quando ela usava esses outros *mecanismos*, como os *elogios*, as *perguntas retóricas* e a *zombaria*. A partir do observado, pode-se inferir que Dolores até pode ter essa intenção de dissimular suas críticas para não deixar de figurar em colunas estratégicas nos jornais (sempre na primeira página) para se manter trabalhando neles, com a intenção de continuar sustentado sua própria família com sua pena, como ela se orgulhava. Também não parecia ser sua intenção se indispor com os leitores dos jornais *O Paiz e Correio da Manhã*, assim como com seus adversários, os quais, acima de tudo, tratava com cortesia. Contudo, talvez não tenha tido a intenção de vender seus valores para defender o que acreditava. O que ela queria era denunciar o pensamento patriarcal, mostrar o que havia nele de ridículo, suas contradições e limitações, e apresentar uma nova forma de pensar, que se tornaria mais robusta com o avançar do século e com a consideração de diversas outras mulheres que, assim como ela, pensaram o lugar do sexo feminino, com todas suas intersecções, na sociedade. Enfim, foi ao final da sexta seção que sintetizamos a demonstração da interação interdiscursiva entre Proponente e Oponente, com Dolores ocupando este papel (o de Oponente) e se utilizando da ironia, de acordo com suas respectivas funções, e de determinados *mecanismos*.

Embora a ironia pudesse dissimular suas opiniões contrárias, Dolores não deixou de inserir outros *mecanismos* que tanto dissimulassem, como os elogios, quanto reforçassem seus pareceres antagônicos, a exemplo das perguntas retóricas e da zombaria. A esses mecanismos designamos *mecanismos de descredibilização do Proponente* por atacarem diretamente as ideias veiculadas por esse papel argumentativo. Se pudermos nos valer de uma expressão coloquial, poderíamos dizer que Carmen Dolores “não fugia da briga”, tanto é que, em uma das seis crônicas selecionadas em nosso corpus, precisou se desculpar pelo uso da ironia: não queria fingir a incorporação de valores patriarcais, achava-os, na verdade, sem sentido, insensatos. A ironia, portanto, não servia para escondê-la, mas para fazer uma denúncia ao ridículo de tais ideias, que atribuíam à mulher uma intelectualidade inferior, a incapacidade de trabalhar, de

viver sem que fosse em prol de um marido. Essa é uma figura que tem tanto valor argumentativo quanto qualquer outra estratégia nas crônicas da escritora e, por isso, deve ser valorizada como tal.

Carmen Dolores, uma escritora que já foi chamada de “argumentadora máscula”, era uma voz dissonante no início do século XX, em uma sociedade que valorizava e impunha a divisão dos papéis de gênero. O pseudônimo mais célebre de Emília Moncorvo Bandeira de Mello valia-se do seu espaço nas colunas semanais de jornais de grande circulação para ser a voz que advogava pelos parques, mas valiosos, direitos que as mulheres de sua época exigiam. Defendia o direito ao divórcio, discutia a ilogicidade do crime de defesa da honra e, como vimos especificamente nesta pesquisa, debatia a capacidade intelectual das mulheres e a possibilidade de que elas se profissionalizassem e trabalhassem.

Caso possamos, ainda, ressaltar a contribuição desta pesquisa, deixa-nos satisfeitos o fato de mostrar a potencialidade de Carmen Dolores. Com ela, enfatizamos a existência de uma mulher corajosa que desafiou o sistema patriarcal de muitas maneiras: escrevendo, defendendo suas ideias, defendendo outras mulheres. Sua pena foi um importante instrumento e devemos evidenciar sua relevância para a história das mulheres brasileiras. Por mais que tenha sido excluída sistematicamente do cânone e por mais que sua voz nos tenha chegado à posterioridade em forma de pequenos ecos, é fundamental reconhecê-la e reconhecer sua importância. Regozija-nos o fato de que esta pesquisa pôde contribuir, mesmo que minimamente, para esse reconhecimento, inclusive com o estudo dela em outra área, na Linguística, e, em específico, na Argumentação, já que, de fato, ela é uma argumentadora.

Esta pesquisa também pode abrir porta para outras incursões futuras. Por exemplo, interessou-nos investigar melhor as características do gênero crônica naquela época e como Carmen Dolores usou os recursos dele. Também se pode analisar a vinculação entre ironia e humor, inclusive pensando nos *mecanismos* ressaltados como recursos humorísticos para classificar tais crônicas tanto como argumentativas quanto como *humorísticas*. Além disso, identificar e traçar outras estratégias argumentativas, inclusive em crônicas que versam sobre outros temas, pode constituir uma perspectiva futura de pesquisa. Outra possibilidade é investigar a coexistência de elogios e de críticas negativas em uma mesma crônica e sua aproximação com o gênero epidíctico. O fato é que Dolores, além de todos os adjetivos com os quais podemos caracterizá-la, deixou para nós uma herança extremamente valiosa além da produção narrativa: suas crônicas. Elas, sim, precisam ser mais bem analisadas, à luz de diferentes teorias e de diferentes áreas do estudo. Esperamos que esse interesse também atinja futuras pesquisadoras.

REFERÊNCIAS

- ABSURDO. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S. l.]: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/absurdo/>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga, 1983.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BASTOS, Ana Carolina Vieira; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A contribuição da teoria da argumentação na língua, de Oswald Ducrot e colaboradores, para os estudos da argumentação. In: PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre (org.). *Introdução às teorias da argumentação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 269-303.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 191-200.
- BLAIR, J. Anthony; JOHNSON, Ralph H. The current state of informal logic. *Informal Logic*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 147-151, 1987. DOI: <https://doi.org/10.22329/il.v9i2.2671>. Disponível em: https://ojs.uwindsor.ca/index.php/informal_logic/article/view/2671. Acesso em: 17 jun. 2025.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Secretaria de Comunicação Social. Centro Cultural Câmara dos Deputados. *As mensageiras: primeiras escritoras do Brasil*. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2018. 1 catálogo, il., color. (Série Histórias Não Contadas, n. 6). Disponível em: https://issuu.com/centroculturalcamaradosdeputados/docs/as_mensageiras_web_issuu. Acesso em: 7 jul. 2025.
- CONCURSO feminino. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2855, p. 1, 10 maio 1909a.
- CONCURSO feminino. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2874, p. 4, 29 maio 1909b.
- CONCURSO feminino. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2875, p. 7, 30 maio 1909c.
- CONTRADIÇÃO. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S. l.]: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/contradi%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

COSTA, Angela Marques da. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. A argumentação segundo o modelo dialogal de Christian Plantin. In: PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre (org.). *Introdução às teorias da argumentação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023a. p. 355-391.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Dialogando com a perspectiva dialogal. In: PIRIS, Eduardo Lopes; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (org.). *Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos*. Natal: EDUFRN, 2020. p. 143-169.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O modelo dialogal da argumentação e as emoções. *Rétor*, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 25-42, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.61146/retor.v13.n2.197>. Disponível em: <https://www.aaretorica.org/revista/index.php/retor/article/view/197>. Acesso em: 21 abr. 2025.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Quem é esse tal de terceiro, afinal? *Revista de Letras*, [s. l.], v. 1, n. 41, p. 8-25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.rdl.v1i41.2022.81086>. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81086>. Acesso em: 30 jun. 2025.

DIAS, Luíza Álvares. *Entre os estereótipos e o ethos discursivo de Carmen Dolores, uma “argumentadora máscula”*. 2024. Trabalho apresentado no Colóquio da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso, 11., 2024, Salvador.

DIAS, Luíza Álvares; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Ethos discursivo e argumentatividade em uma crônica de Carmen Dolores, a “argumentadora máscula” esquecida pelo cânone. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, [s. l.], n. 66, p. 83-107, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i66.17431>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/17431>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DOLORES, Carmen. Amiguinhas anônimas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2879, p. 1, 3 jun. 1909a.

DOLORES, Carmen. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7822, p. 1, 4 mar. 1906.

DOLORES, Carmen. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8305, p. 1, 30 jun. 1907a.

DOLORES, Carmen. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8711, p. 1, 9 ago. 1908a.

DOLORES, Carmen. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8823, p. 1, 29 nov. 1908b.

DOLORES, Carmen. Comparemos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2369, p. 1, 8 jan. 1908c.

DOLORES, Carmen. Conversando... *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2872, p. 1, 27 maio 1909b.

DOLORES, Carmen. Enrico Ferri. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2691, p. 1, 26 nov. 1908d.

DOLORES, Carmen. Ideias que esvoaçam. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2328, p. 1, 23 nov. 1907b.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. *Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 15, p. 54-78, 1994. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/cadernos_pesquisa/article/view/11406. Acesso em: 19 jun. 2025.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. v. 1.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

EGGS, Ekkehard. Rhétorique et argumentation: de l'ironie. *Argumentation et Analyse du Discours*, [s. l.], v. 2, p. 1-17, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/aad.219>. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/52324453.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

EMEDIATO, Wander. *Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

EMEDIATO, Wander; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Perspectiva dialogal e análise dialógica: a argumentação biface. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (org.). *Introdução à análise da argumentação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 193-221.

ESTASE. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S. l.]: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estase>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FIGUEIREDO, Tatiane Silva; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Situações estásicas e a gestão do ethos coletivo em deliberações do STF. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 181-200, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47369/eidea-24-1-4119>. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/4119>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GIBBS JR., Raymond; O'BRIEN, Jennifer. Psychological aspects of irony understanding. *Journal of Pragmatics*, [s. l.], v. 16, n. 6, p. 523-530, 1991. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(91\)90101-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(91)90101-3). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0378216691901013?via%3Dihub>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GOMES JR., Saul Cabral. Perguntas retóricas na entrevista política: um estudo de caso. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 33, n. 55, p. 42-54, 2008. DOI:

<https://doi.org/10.17058/signo.v33i55.389>. Disponível em:
<https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/389>. Acesso em: 9 jan. 2026.

GRÁCIO, Rui Alexandre. *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

GRICE, Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter (ed.). *Syntax and semantics 9: pragmatics*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

GUERRINI, Jean-Claude. *Conflits de valeurs et corrida: une étude argumentative de la controverse*. Paris: L'Harmattan, 2022.

HELLMANN, Risolet Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158424>. Acesso em: 17 jun. 2025.

HELLMANN, Risolet Maria. Carmen Dolores, uma escritora brasileira do século XIX. In: DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Brasília, DF: Senado Federal, 2021. p. 9-32.

HELLMANN, Risolet Maria. Escrever e viver: a crônica de Carmem Dolores como meio de subsistência. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 116-129, 2013. Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa32/Risolet_Hellmann_Escrever_e_viver_Garrafa_32.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução: Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

KAUFER, David S. Irony and rhetorical strategy. *Philosophy & Rhetoric*, University Park, Pennsylvania, v. 10, n. 1, p. 90-110, 1977. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40237017>. Acesso em: 18 jun. 2025.

KAUFER, David S.; NEUWIRTH, Christine M. Foregrounding norms and ironic communication. *Quarterly Journal of Speech*, [s. l.], v. 68, n. 1, p. 28-36, 1982. DOI: <https://doi.org/10.1080/00335638209383589>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00335638209383589>. Acesso em: 18 jun. 2025.

KEMPINSKA, Olga Donata Guerizoli. Ironia e discurso feminino. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 465-476, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36536>. Acesso em: 26 maio 2024.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Problèmes de l'ironie. In: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (org.). *L'ironie*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1978. p. 10-46.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. Tradução: Sebastian José Roque. São Paulo: Ícone, 2010.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. *A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal*. Tradução: Antonio Fontoura. Curitiba: Antonio Fontoura, 2022.

MACHADO, Ida Lúcia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 108-128, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/13840>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MACHADO, Ida Lúcia. A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, ano 4, v. 3, n. 2, p. 143-155, 1995. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.3.2.141-153>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28980>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. Formação discursiva. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 204-242.

MARQUES, Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos. *Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26604>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MARTINEZ LOZANO, Consuelo Patricia. Sonrisa feminista y desmemoria patriarcal: ironía y humor en clave femenina para historizar la violencia contra las mujeres. *Debate Feminista*, Ciudad de México, v. 64, p. 101-121, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2022.64.2281>. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2594-066X2022000200101&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2025.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-134.

MOIRAND, Sophie. Dialogismo. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 160-163.

MUECKE, David C. *Ironia e o irônico*. Tradução: Geraldo Gerson de Sousa. São Paulo: Perspectiva, 2020. E-book.

MUECKE, David C. *The compass of irony*. New York: Routledge, 1969.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. Escrever como homem ou escrever como mulher? Relações entre a autoria feminina e o cânone literário. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28., 2015, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: ANPUH, 2015.

Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945019_ffa88a6b654bf61f67e0bcbfd1784968.pdf. Acesso em: 5 jul. 2025.

OLIVEIRA, Bruna Agapito de. *Diálogo entre o modelo dialogal e a polêmica argumentativa: gestão do desacordo nas redes sociais em tempos de fake news*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/48a8dfc1-4fa3-4cc2-b649-e19195b59540>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. *Revista WEBdiscursividade*, Campo Grande, ed. 9, p. 1-72, jan./maio 2012.

PEQUENOS echos. *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 121, p. 1, 29 maio 1909.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, Christian. A argumentação biface. *In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (org.). Análise do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a. v. 2, p. 13-26.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

PLANTIN, Christian. Deixem dizer: a norma do discurso de um está no discurso do outro. *Comunicação e Sociedade*, [s. l.], v. 16, p. 145-161, 2009. DOI: [https://doi.org/10.17231/comsoc.16\(2009\).1035](https://doi.org/10.17231/comsoc.16(2009).1035). Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1415>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PLANTIN, Christian. *Dictionary of argumentation: an introduction to argumentation studies*. London: College Publications, 2018.

RABATEL, Alain. Ironie et sur-énonciation. *Vox Romanica*, [s. l.], n. 71, p. 42-76, 2012.

REVERZY, Éléonore. L'écriture du politique dans Son Excellence Eugène Rougoun d'Émile Zola. *In: GRENOUILLET, Corinne; REVERZY, Éléonore (ed.). Les formes du politique*. Strasbourg: Press Universitaires de Strasbourg, 2019.

ROCHA, Aline Wieczikowski. Estudo da polifonia: uma busca pela ironia. *In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL*, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: EDUCAT, 2008. p. 176-177.

ROY, Alice Myers. The function of irony in discourse. *Text & Talk - An Interdisciplinary Journal of Language, Discourse & Communication Studies*, [s. l.], v. 1, n. 4, p. 407-423,

1981. DOI: <https://doi.org/10.1515/text.1.1981.1.4.407>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/text.1.1981.1.4.407/html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SAMYN, Henrique Marques. Da “poetisa bonita” à “ máscula autora”: sobre a generificação de Francisca Júlia. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, [s. l.], v. 25, p. 39-60, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1483>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SEARLE, John. Metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 1979. p. 92-123.

SILVA, Bárbara Amaral da. *Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras em Nisia Floresta*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33614>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOIHET, Rachel. Carmen Dolores: as contradições de uma literata na virada do século. *La Manzana de La Discórdia*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 33-42, 2009. DOI: <https://doi.org/10.25100/lamanzanadeladiscordia.v4i2.1450>. Disponível em: https://manzanadiscordia.univalle.edu.co/index.php/la_manzana_de_la_discordia/article/view/1450. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOUZA, Gabriel Monteiro de; CAMPOS, Raquel Discini de. O universo das mulheres na revista A Vida Moderna (São Paulo - 1907-1926): uma análise da temática feminista. *Educação e Fronteiras*, Dourados, v. 11, n. 00, e021006, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v11i00.12377>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/12377>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Irony and the use–mention distinction. In: COLE, Peter. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 295-318.

THEOTONIO FILHO. Coluna de relance. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2866, p. 4, 21 maio 1909.

TINDALE, Christopher W.; GOUGH, James. The use of irony in argumentation. *Philosophy & Rhetoric*, University Park, Pennsylvania, v. 20, n. 1, p. 1-17, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40237492>. Acesso em: 18 jun. 2025.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_uma_introducao_ao_estudo%20do_humor_pela_linguistica.pdf. Acesso em: 25 jan. 2026.

VAN EEMEREN, Frans Hendrik; GROOTENDORST, Rob. *Argumentation, communication, and fallacies: a pragma-dialectical approach*. New York: Cambridge University Press, 2004.

WALTON, Douglas N. *Lógica informal*: manual de argumentação crítica. Tradução: Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. L. Salum. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ANEXO A – CRÔNICAS ANALISADAS DE CARMEN DOLORES

Crônica 1 (C1) / A semana [*O Paiz*] 30 jun. 1907 [8305] — Carlos de Laet*

1	Fulgurou domingo último nas colunas do Jornal do Brazil uma carta aberta, escrita pelo
2	Dr. Carlos de Laet naquele estilo inimitável, puro e conciso, que tanto admiro, e dirigida
3	à distinta doutora Myrthes de Campos, a propósito dos debates do divórcio.
4	Não me cabe certamente responder às palavras endereçadas a outrem; e demais estou
5	certa de que a ilustrada e jovem advogada não deixará sem contestação a carta do seu
6	notável contendor. Já declarei também — e com sinceridade — que nunca discutirei a
7	palpitante questão da atualidade sob o ponto de vista religioso. Assim, pois, por toda
8	sorte de razões, não me compete escrever coisa alguma a propósito da extensa carta
9	que abrilhantou domingo a folha mais popular desta cidade.
10	E contudo, um trecho do artigo do Sr. Laet me impele forçosamente a fazer algumas
11	considerações, não só porque esse trecho me parece injusto e mau em desacordo com
12	a bondade cristã que tanto distingue o apreciado escritor, como também porque nessas
13	linhas a minha susceptibilidade enxerga não sei que alusões que podem atingir também
14	a minha humilde personalidade.
15	Se me engano que me seja perdoada a pretensão, mas se estou com a verdade, consinta
16	o brilhante adversário do divórcio e do feminismo que eu lhe dirija do meu lado umas
17	curtas palavras nesta crônica.
18	Escreveu o Dr. Carlos de Laet, num dos tópicos da missiva que dirigiu a D. Myrthes de
19	Campos:
20	Falou V. Ex. em mulheres viciadas e perigosas à sociedade. Não as acha no
21	pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando ao homem,
22	não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes competições da vida?
23	E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher, em vez de
24	ser a doce companheira de alguém que trabalha para ela, é, pelo contrário, aquela que
25	labuta para todos? O feminismo não vai de certo arrancar meigas esposas ao lar bem
26	amparado pelo competente chefe, assim como a lei do divórcio não obrigará jamais
27	alguém que se considere feliz a divorciar.
28	O feminismo faculta apenas à mulher isolada e em luta pela vida, como o homem, os
29	mesmos direitos de ganhar essa vida, tão dura e tão penosa quando falta o pão.

30	E por que se há de dizer que isso significa o desamparo do lar, quando justamente,
31	assim, é que a mulher sustenta honestamente esse lar?
32	Se a ilustre escultora D. Nicolina de Assis não se tornasse uma rival de Bernardelli nas
33	rudes competições da arte, não sustentaria com dignidade que todos lhe reconhecem a
34	numerosa família de que a viuvez a tornou único arrimo.
35	Se as numerosas professoras que cruzamos nas ruas, abatidas pelo cansaço, não saíssem
36	das suas casas para ensinar as crianças – então é que desamparado lhes ficaria mesmo
37	o lar doméstico, o pobre lar! Porque dessas perambulações e dessas fadigas é que
38	provém o lume e o pão para os filhos e até para as mães enfermas.
39	Permanecessem essas heroínas, sim, heroínas inglórias, no aconchego das alcovas
40	fechadas, para evitarem a pecha de pedantes rivais do homem na concorrência ao
41	trabalho, e eu queria ver como é que, no estado da vida atual, tudo a preços
42	esmagadores, elas haviam de equilibrar a existência.
43	Eu não devia referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu caso pode
44	também vir à cena como um exemplo impessoal, citado apenas para confirmar a
45	contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.
46	Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como diletante muito
47	oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.
48	Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa,
49	discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me vi
50	sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-
51	sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho permitam a
52	confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha
53	família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.
54	E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais eu escrevo.
55	Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver.
56	Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos,
57	aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar...
58	Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! vós todas que fostes criadas fora
59	do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física indispensável a tais
60	meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante e um conhecimento
61	exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses – considerai que esse
62	afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do

63	feminismo... Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil, com que certo
64	desavisado julgou dever responder anonimamente a alguns dos meus artigos:
65	Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes (é estupendo, não?), mas
66	fiquem dentro das suas casas, abandonem essas asneiras de trabalhar como os homens.
67	Vocês foram feitas pra outra coisa...
68	Compreendem agora a amplidão desse significado pedintes, não é verdade?
69	E chega a ser pavoroso que alguém prefira a mulher aviltada à mulher concorrente do
70	homem no sério ganha-pão – por amor das estagnações da rotina.
71	Verdade é que imbecis de tal ordem são raros, mas enfim existem, e basta um só para
72	degradar a humanidade. Depois, a menos de se ter um ateliê de costuras em grande pé
73	ou lavanderias a vapor com numeroso pessoal, o que exige um capital para a montagem,
74	que rende o pequenino trabalho da mulher que lava para um número limitado de
75	fregueses, levando calotes, ou cose para as famílias modestas da vizinhança, pois que
76	a gente rica vai às costureiras de fama? E trabalho por trabalho, não é todo ele digno
77	de animação e não de menosprezo?
78	Ah! Dr. Laet, em nome dos seus princípios católicos e se não quer ser injusto, deixe em
79	paz a concorrência da mulher à luta pela vida, como a temos hoje, porque atrás dessa
80	competição há muita dor e muita lágrima!

Crônica 2 (C2) / Ideias que esvoaçam [*Correio da Manhã*] 23 nov. 1907 [2328]

1	Os senhores antifeministas são muito engraçados! A cada instante, procuram um
2	pretexto para bater, não sobre o exemplar isolado do feminismo que lhes incorreu no
3	desagrado, mas sim sobre a classe inteira disso que eles denominam feminismo e eu
4	chamarei heroísmo — e, no entanto, quase sempre, tem na própria família ou entre
5	pessoas que prezam, alguma feminista e a essa vendem excepcionalmente preito e
6	homenagem, achando muito digno o papel independente que ela assumiu na vida.
7	Ora, essa parcialidade me parece um tanto odiosa.
8	Como bem pergunta Garcia Redondo nos generosos capítulos do seu último livro,
9	dedicados ao assunto que aqui agito, não é o magistério um ofício público? E não
10	equipara ele a mulher ao homem, com iguais responsabilidades e iguais direitos? Logo,
11	a professora pública é uma das primeiras amostras desse feminismo ridicularizado e
12	condenado.

13	Atrás dela, numa linha muito lógica, seguem as professoras particulares, divididas nos
14	mais vários ramos, mas exercendo igualmente o magistério, sustentando masculamente
15	a sua família, saindo só, mourejando; e todas essas senhoras, viúvas ou solteiras,
16	algumas mesmo casadas, mas compensando com seu labor a vadiagem do marido, são
17	outras tantas feministas, que fazem concorrência ao trabalho do seu adversário gratuito
18	— o homem.
19	Ora, quem é entre nós que não conta no seio da sua família ou como pessoa estimada,
20	uma dessas professoras? Acontece até que, se essa emancipada libertou os parentes ou
21	amigos de uma possível contribuição, por meio do seu ato de independência, que a pôs
22	no caso de ganhar sozinha a sua vida, todos a elogiam com egoístico fervor. Fez ela
23	muito bem! Teve juízo. Mas, por detrás, mal surge em cena a delicada questão do
24	feminismo, sorrisos de ironia flagelam todas essas que se nivelaram ao homem no
25	exercício das suas faculdades, em busca do pão; cada um pensa de acordo com o
26	imperador da Alemanha que, segundo ainda Garcia Redondo, expendeu, como também
27	sua, esta opinião da imperatriz: a mulher só deve ocupar-se dos quatro K... Sabem?...
28	os quatro K são estas palavras alemãs: <i>Kinder</i> , <i>Kuche</i> , <i>Kirche</i> e <i>Klender</i> , que
29	significam: <i>crianças</i> , <i>cozinha</i> , <i>igreja</i> e <i>roupas</i> ...
30	Se, porém, pergunto eu agora, a mulher não dispõe dos recursos para educar as crianças,
31	acender o lume da cozinha, comprar as fazendas para fazer as roupas e ir à igreja,
32	vestida decentemente, quem lhes dará? Não há de ser com certeza o imperador da
33	Alemanha, nem a imperatriz, nem os parentes dela, nem os antifeministas, ninguém!
34	Só a sua emancipação do preconceito, igualando-a ao homem e facilitando-lhe o acesso
35	a certos cargos e a certas profissões, que fazem jus aos tais sorrisos de ironia, tão pouco
36	generosos, quanto ilógicos. Afinal, se a feminista que isoladamente apreciamos pode
37	ser uma digna e respeitável mulher, por que a classe a que ela pertence deve ao contrário
38	só merecer o apodo, a censura cáustica, que envolvem no mesmo ridículo todas as
39	senhoras que se lançam fora da rotina, por necessidade? É sempre a hipocrisia do
40	homem, que receia a concorrência e a desforra do sexo fraco. Chegam a vir com
41	discriminações acerca do ofício que exerce a feminista... Se é professora disto ou
42	daquilo, muito bem, está nas cordas da mulher; mas se o ramo do seu magistério é já
43	outro, mais ao nível da cultura intelectual masculina, apanhe pancada, surja o sarcasmo
44	dos fortes contra a sua inteligência e a sua coragem.
45	Para baixo, madama! vá coser meias ou temperar panelas...

46	Uma coisa não admito e contra ela me insurjo: por que se há de chamar feminista a
47	filha-família no gozo de todas as suas regalias e que, por diversão, capricho, fantasia,
48	morbidez romântica e ânsia de aparecer, se atira à literatura ou à poesia e lança à
49	publicidade o seu livrinho? Comente-se o seu ato pela forma que a cortesia ou a
50	descortesia ditar, isso não é comigo, mas seja o seu tipo analisado à luz da verdade e
51	não sirva para que uma classe inteira de laboriosas, de heroínas caladas nos mais
52	diversos ramos, de corajosas e de inteligentes, receba logo uma vergastada de ironia
53	por causa daquela, que lhes não pertence à seita.
54	É por efeito de todas essas injustiças que um escrito de pena masculina sobre o
55	<i>feminismo</i> , como o de Garcia Redondo, tanto me admira e encanta pela sua
56	generosidade, pelo clarão verdadeiro que ele derrama sobre a velha matéria e toda a
57	proficiência com que a discute.
58	Chega a dizer esse escritor sincero e justo:
59	“Se os homens, na sua maioria, não fossem pretensiosamente egoístas, de um egoísmo
60	estúpido e brutal, já há muito teriam percebido que libertar a mulher, emancipá-la do
61	jugo imposto pela rotina e pelos prejuízos do passado, considerá-la absolutamente sua
62	igual, não é somente um ato de justiça, mas também de suprema inteligência. Livre,
63	emancipada, ela será a companheira dedicada, a camarada, a colaboradora interessada
64	na obra do progresso; escravizada, ela será sempre o inimigo implacável, o servo
65	revoltado contra o pretendo dominador...”
66	Não digo tanto eu, porque, a despeito da formidável campanha do homem contra a
67	mulher que se emancipa, esta não o odeia, não se revolta... Quando muito sorri, analisa
68	e... caminha para a frente. Que há de ela fazer, de resto? Não pode perder o seu tempo
69	em lutas, que a vida não espera pelos sufrágios masculinos para seguir o seu curso. E a
70	mulher sorri, porque acha engraçado o apodo que lhe atira o seu adversário, julgando-
71	se muito atilado porque a chama de pretenciosa e ridícula.
72	Se ele soubesse, ao contrário, como em geral essa acusada quisera recolher-se ao
73	remanso da existência sem atritos, para só receber homenagens lisonjeiras – essas que
74	nunca deixam de bafejar a mulher elegante e rica, vestida de sedas, que só como
75	<i>diletante</i> faz música, poesia, literatura, quadros, de antemão segura do aplauso de
76	quantos lhe frequentem os salões! Isso é que é bom, agradável... Mas cumpre ter fortuna
77	e representação, nome em voga nas altas regiões, para tanto merecer até dos críticos de
78	nomeada feroz, que [ilegível] e proclamam cheia de talento quem às vezes escreve um

79	simples livrinho de [ilegível] sonhadora, como sucedeu há alguns meses. Do contrário,
80	sem essa representação, que faz o papel de mordaça, o caso muda de figura; e a
81	pretendente a foros de literata ainda serve de pretexto para que apanhem uma chicotada
82	generalizada às outras, que só têm na vida o esforço, a luta e o trabalho...
83	Força é confessar que a injustiça dói, sobretudo com este calor que torna as criaturas
84	todas, até a própria feminista – esse pobre ente que querem tornar híbrido! – tão
85	sensíveis e irritáveis, com a pele da alma tão suscetível como a do corpo, quando há
86	brotoejas e em noite canicular. E só apetece, como um refresco gelado, enquanto não
87	se sobe a Petrópolis, ter notícias de Petrópolis, idear, sonhar...

Crônica 3 (C3) / Enrico Ferri [*Correio da Manhã*] 26 nov. 1908 [2691]

1	E dizem que nós, mulheres, somos vaidosas!
2	Pois o número extraordinário de senhoras que assistiram domingo à conferência do
3	ilustre professor italiano sobre o tema: <i>A mulher qual é e qual será</i> , aplaudindo
4	generosamente com sorrisos complacentes certas afirmações do cientista, nem sempre
5	lisonjeiras ao sexo feminino – esse número de senhoras e a sua atitude amável provaram
6	a evidência que somos, ao contrário, as mais humildes criaturas da terra. Qual vaidade!
7	Só doçura, só condescendência, diante das mais duras doutrinas. Nem sequer se notaria
8	um simples franzir de sobrolhos, quando o eminente mestre declarou categoricamente
9	que a mulher, com relação ao homem, está colocada em um plano de inferioridade
10	biológica, marcando o seu pobre cerebrozinho fútil a transição entre o do <i>fanciullo</i> e o
11	do <i>uomo adulto</i> . Não pestanejamos também, ouvindo que à mulher faltam os três
12	principais sentimentos do homem: a inteligência, a sensibilidade, a vontade; e sorrimos
13	até, ao dizer Enrico Ferri que os direitos da mulher lhe são negados, em virtude
14	justamente das condições de inferioridade em que ela se acha com referência ao
15	homem, seu senhor...
16	Oh! mas que orgulho devia reinar durante essa conferência nas fileiras masculinas,
17	hein? Olhares triunfantes procuravam maliciosamente os rostos femininos de
18	assistência, como gozando a grande e confusa humilhação de todos esses cérebros
19	rudimentares, classificados entre os da criança e os do homem forte. As senhoras,
20	porém, respondiam à insinuação não sem malícia, também do seu lado, enigmáticas no
21	bom sorriso cheio de íntimas ressalvas que lhes pairava nos lábios diplomáticos, talvez
22	zombeteiros. É possível mesmo que algumas dentre elas evocassem com fina ironia

23	uma passagem do admirável romance: <i>Son Excellence Eugène Rougon</i> , de Emilio Zola,
24	o assombroso gênio que exatamente inspirara na véspera ao professor Ferri uma das
25	suas mais belas palestras.
26	E a passagem a que aludo é a seguinte: Rougon, ministro de Napoleão III, um
27	ambicioso de pulso, recebe a notícia da sua queda do poder em presença da mulher do
28	colega que o suplanta – essa bizarra Clorinda que ele desejou sempre como amante,
29	mas repeliu outrora, quando ela o quis por marido, razão por que a criatura longamente
30	se vingou, minando-lhe a influência política em proveito do esposo atual, um parvo
31	manejado por suas mãos hábeis.
32	Rougon, que é uma força, engole a saliva amarga da derrota; e Clorinda, devorando-o
33	com um olhar vitorioso, diz-lhe palavras protetoras, de uma insolência disfarçada:
34	— Bem lhe repeti, meu caro, que andava mal desprezando as mulheres. Não, as
35	mulheres não são o que pensa... Vocês são muito fortes, mas metam isto na cabeça; a
36	mulher há de sempre embrulhá-los, desde que o queira...
37	E o ministro decaído anuiu com um pálido sorriso:
38	— Sim, talvez tenha razão. Eu só tinha a minha força. Você...
39	Ela, brutalmente, concluiu:
40	— J'avais autre chose, parbleu !...
41	Não sei se era a convicção secreta desse outro gênero de poder que mantinha as
42	senhoras assim tão indulgentes e mansas, diante da oração do notável cientista, que
43	lhes retalhava a vaidade; mas o fato é que nenhum indício de impaciência traiu jamais
44	nas fisionomias femininas a veleidade de uma revolta, e foi sempre o eminente
45	professor aplaudido largamente durante as duas horas inteiras em que malhou, com a
46	bigorna da ciência, sobre o sexo deprimido.
47	Indubitavelmente estou certa, além do sentido de calada ironia que nos tornava
48	generosas, muito contribuiu para empolgar tácita aprovação às doutrinas de Ferri o
49	excepcional valor do conferencista, cuja fulgurância não tem rival nesse gênero. O
50	olhar claro e profundo desse homem, a sua voz poderosa, a eloquência indômita, tão
51	meridional, da sua argumentação fácil, vibrante, variada, persuasiva, e esses gestos de
52	ator consumado, a cabeça original, a memória assombrosa, a arte da concatenação das
53	ideias, essa irradiação genial do talento que lhe resplandece na fronte desguarnecida
54	– tudo, tudo faz de Enrico Ferri uma figura inesquecível, de um prestígio raro e
55	empolgante. Com esse gênio que seduz, e com esses olhos fulgurantes que penetram,

56	pode um conferencista dizer o que quiser, o que entender por verdade ou mentira, que
57	o auditório será sempre conquistado pela sua palavra de chama, traduzindo não a
58	intenção de burlar, mas sim a convicção baseada no estudo positivo das coisas. Ele não
59	é um sentimental, um poeta, um artista, um literato; mas é pior do que tudo isso: é um
60	sábio meridional que lança as deduções do seu espírito com a força irresistível da lava.
61	E que resistência de protestos pode-lhe opor uma mulher impressionável à eloquência
62	dessas palavras pronunciadas num italiano belíssimo? Deus do céu! a gente acaba
63	realmente convencida da sua inferioridade, certa que o seu cérebro marca a transição
64	entre o da criança e o do adulto... É preciso, porém, que fale um Ferri, vulto
65	excepcional, do contrário volta a lucidez que raciocina e gera a controvérsia, porque,
66	finalmente, terá em tudo razão o estupendo cientista?
67	Não, não, sem dúvida não! e [ilegível] ele, com todo o seu talento, encarou o tema da
68	mulher qual é e será por todos os seus prismas. Fechar a mulher nessa única e especial
69	função da maternidade pode ser muito tocante e bonito, mas não representa a síntese
70	de um destino feminino.
71	Há pelo mundo inúmeras mulheres que nunca foram mães, ou pelo celibato, ou pela
72	esterilidade no casamento ou porque já perderam os filhos – e essas criaturas, todavia,
73	têm o seu papel na vida, são úteis, necessárias, preciosas.
74	Outras, ao contrário, que satisfazem essa função da maternidade, são simplesmente uns
75	animais de reprodução, flagelo muitas vezes da própria família, indiferente aos filhos.
76	Logo, numa justa proporção, não se pode assegurar que a mulher só preste em rigor
77	para ser mãe.
78	Assim, também, quanto ao gênio na mulher, o professor Ferri manifestou doutrinas
79	parciais, nem sempre fundadas na observação da verdade rigorosa.
80	Como esqueceu os nomes célebres de Stael e de Clémence Isaure?... É difícil lembrar
81	de repente de nomes assim, ao correr de um artigo, mas ele, que fez uma conferência,
82	devia ter consultado mais conscienciosamente a história.
83	Do mesmo modo, ao falar em pianistas, teve a má ideia de declarar que não obstante o
84	abuso inaturável que surgiu no século XIX do estudo do piano entre o sexo feminino,
85	nenhuma mulher apareceu no universo capaz de rivalizar com Listz e... Miecio
86	Horzowski.

87	Quanto ao primeiro, ainda vá, porque mesmo muitos homens não têm podido levantar-
88	se à altura desse pianista brilhante e ruidoso, que empolgava as plateias; mas quanto ao
89	Miecio, perdoe o ilustre sábio, porém a comparação não foi feliz.
90	Bem se vê que partiu do espírito positivo de um cientista, porque há pelo mundo
91	centenas de mulheres que tocam tão bem como o citado artista, que até hoje não se sabe
92	ao certo por aqui se é menino ou anão.
93	Num ponto, darei toda a razão ao surpreendente sociólogo italiano: é quando ele se
94	refere com um sorriso de esmagadora ironia à futilidade extrema da mulher em geral –
95	<i>un être qui babille, s'habille et se deshabillé</i> , segundo o espirituoso conceito de um
96	pensador francês.
97	Qual, porém, a origem dessa futilidade que, em nossos tempos, assume proporções tão
98	sérias, tão graves, que em breve a verdadeira mulher, com sentimentos profundos e
99	delicados, terá desaparecido da sociedade, deixando em seu lugar uma boneca vazia?
100	A origem é a educação que o egoísmo dos próprios homens, na sua qualidade de pais,
101	dá às filhas desde pequeninas, obedecendo ao preconceito atávico dessa inferioridade
102	feminina, que não permite à mulher senão o papel de um lindo animal de luxo, sem
103	encargos, nem responsabilidades, só mudando de <i>toilettes</i> e agradando aos rapazes.
104	Mas se a rapariga é criada nessas ideias fúteis, que a mulher pode ser, além desse tipo
105	fosforescente que lhe mostraram como o único acessível às suas condições inferiores?
106	Ela se torna o que a fazem, afastada como vive de toda a ideia sensata de uma elevação,
107	de um dever, de um sacrifício, até do próprio sofrimento que porventura penetre no seu
108	lar e de que a ensinam a fugir, para que não fique triste, para que não se lhe apague a
109	chama da despreocupação e do amor às frivolidades do divertimento. Um avô está a
110	morrer? Pois a neta vai ao baile. E é a mãe, é o pai, que lhe aconselham esse ato odioso.
111	A menina só deve divertir-se, brincar, folgar...
112	E queixam-se depois os pensadores da futilidade feminina, atribuindo-a à inferioridade
113	do cérebro da mulher? Não, eu protesto. Enrico Ferri assinalou com justos motivos esse
114	espírito frívolo, mas deixou de verberar a causa verdadeira de semelhante defeito, que
115	provém mais do egoísmo dos homens, consentindo na educação errônea das mulheres,
116	para guardarem o seu primeiro lugar de dominadores, do que da incapacidade da
117	própria mulher.
118	Eduquem-na convenientemente e verão que a inútil boneca se transforma em criatura
119	de eleição, sabendo sentir, querer, agir, pensar...

120	A verdade, entretanto, é que as conferências de um Ferri constituem o gozo intelectual
121	mais vivo e mais profundo que se possa sonhar, independente de qualquer desencontro
122	de opiniões. E quando eu o vi, domingo, sair desse teatro S. Pedro, onde haviam
123	fulgurado os seus olhos e a sua palavra, acompanhado dessa senhora tão loura e rosada,
124	que julgo ser a sua esposa, tive vontade de bater-lhe palmas e dizer a esta última:
125	— Vale a pena, não é assim? sentir-se a mulher arranhada por uma tão empolgante
126	eloquência...

Crônica 4 (C4) / A semana [O Paiz] 29 nov. 1908 [8823] — Enrico Ferri*

1	Quando me lembro, neste momento, em que temos Enrico Ferri como hóspede ilustre,
2	das conferências do professor Ferrero no palácio Monroe, há tempos, entre as solenes
3	pompas de um <i>snobismo</i> desencadeado, cochilando gravemente, enlevadamente, de
4	face babosa e olhos pesados de sono, ao fio da lenta e monótona exposição do
5	historiador italiano, cuja esposa se agitava muito entre a solicitude fremente das nossas
6	compatriotas, tenho o ensejo de ainda uma vez medir toda a diferença que separa a
7	convenção aplicada ao talento da irradiação espontânea do próprio talento, quando real
8	— sinto-me possuída de uma alegria profunda. Ora, vejamos. Aparecia Ferrero sempre
9	escortado por uma corte de <i>acadêmicos</i> pressurosos, todos de casaca, ele próprio
10	também encasacado, à fulguração decorativa desse recinto luxuoso que deslumbrava e
11	por entre cujas colunas brancas se apinhava a cerimoniosa multidão em filas cerradas
12	e atentas, tão atentas, que cochilavam, num brilhantismo variegado de plumas
13	femininas, sedas e gases.
14	Não era permitido à imprensa uma palavra só que destoasse do incondicional louvor
15	ao sábio que toda a Academia de Letras referenciava, acompanhava, aplaudia,
16	incensava; e nem a imprensa é tão ingênua que fosse atirar-se contra a corrente.
17	Assim, pois, nessa apoteose feérica, disputados os convites aristocráticos para as
18	preciosas conferências, cuja entrada não era de certo facultada pelo vil metal, mas sim
19	por um favor representando um privilégio honroso concedido a alguns — privilégio de
20	ouvir Ferrero, privilégio de sentar-se naquele salão resplandecente de claridade e
21	oficialismo, privilégio de privar com <i>snobs</i> e conservadores — nessa apoteose que
22	marcou aqui uma época, o historiador italiano ia diluindo os seus conhecimentos e
23	apresentando superiormente ao público uma Cleópatra, um Antonio, uma Júlia e um
24	César, de todo o ponto inéditos.

25	Aquilo era uma festa da aristocracia intelectual; era o regalo da fina flor do <i>snobismo</i>
26	requintado.
27	E... no entanto quase todo o mundo cedia a uma incoercível sonolência; e só acordava
28	em sobressalto para aplaudir, e só aplaudia para acordar, sacudir a modorra terrível.
29	A vingança da sinceridade contra a pose das convenções mundanas, estabelecidas num
30	meio que devera somente ser espiritual, era exatamente esse invencível sono com que
31	lutava o <i>snobismo</i> em galas: senhoras houve que não mais lutaram – cederam ao suave
32	cochilo. Homens piscavam nervosamente as pálpebras, porém mantinham ereto o
33	peitilho de cerimônia, recolhidos como no recinto sagrado de alguma igreja.
34	A douda assembleia, enfim, com vagos sorrisos de inteligente aprovação trocados
35	maçonicamente entre os seus filiados, concentrava as suas forças espirituais ouvindo a
36	fastidiosa elocução do grande professor Ferrero – e o resultado era cabecear
37	escandalosamente, irreverente no excesso da própria reverência...
38	Pois bem, vem agora Enrico Ferri precedido do grito de alarma dos clericais de S.
39	Paulo; a opinião carioca vacila, entre a curiosidade e a prevenção; grupos hostis
40	formam com antecedência uma cadeia de segurança e defesa levantando vozes
41	assustadas e recriminatórias que avisam as ovelhas incautas do perigo encarnado nas
42	doutrinas do recém-chegado.
43	E é nestas condições pouco favoráveis que o eminente sociólogo, criminalista e
44	pensador sobe ao palco de um teatro acessível a todos, mediante o pagamento de um
45	lugar, fala ao público de dentro da sua sobrecasaca democrática, sem o séquito de
46	letrados e <i>snobs</i> de outro, sem a rutilância sugestiva de um cenário oficial – e, todavia,
47	de pronto, empolga os espíritos com uma única força do seu talento superior, da sua
48	erudição, da sua eloquência, do seu calmo raciocínio e da independência em suma das
49	ideias que expõe, mas não impõe, porque Ferri compreende a liberdade de consciência
50	que deve usufruir o homem moderno e não pretende dominar o seu auditório. Acontece
51	entretanto que ninguém dorme a ouvi-lo: vibram todos, das galerias à plateia, sente-se
52	o frêmito vencedor que do conferencista se comunica ao público – e não há preconceito,
53	rotina, prevenção, convencionalismo, resistência afixada, controvérsia pueril, que não
54	esbarrem no triunfo tranquilo desse velho professor de olhos fulgurantes, porque o
55	talento dele é verdadeiro e assenta numa base primordial: a sinceridade.
56	Oh! mas então este sentimento ainda conquista espíritos entre nós e vence o próprio
57	trabalho renhido das prevenções rotineiras e hostis? Neste caso a independência moral

58	não morreu totalmente em nossa terra, e podemos respirar mais desafogadamente e
59	esperar, confiar na ação de ideias francas, livres do arrocho conservador e pesado das
60	convenções, que se libram no espaço com serenidade e tato.
61	Por minha parte, estou tão contente com esta prova devida às conferências de Enrico
62	Ferri, que toda a minha alma exulta de gratidão, malgrado as palavras do ilustre
63	professor, domingo acerca da mulher.
64	Ele foi injusto: tratou da sua tese sob um ponto de vista demasiado científico, talvez
65	com uma superioridade excessiva de biologista, esquecido das evoluções modernas do
66	espírito feminino, apurado de século em século até deixar para trás perdido em brumas,
67	o tipo da mulher inferior, primitiva, escrava do homem e só dele vivendo, como a vinha
68	enroscada na árvore.
69	Pobre criatura! Se ela continuasse, como humilde vinha, a nunca esperar arrimo senão
70	do másculo tronco em que se enrolasse!
71	Os troncos são muitas vezes ocos, estão a tombar de podres e mal podem consigo,
72	quanto mais com os frágeis pés de vinha!
73	E o eminente cientista, fugindo do sentimentalismo, caiu exatamente numa comparação
74	toda sentimental, que a observação da vida moderna e real contraria, descarnando essa
75	ilusão de sábio.
76	Ele devia ter visto que, na mesma proporção há homens imprestáveis e mulheres
77	heroicas, não lançando portanto essa asserção generalizada a respeito de uma
78	inferioridade que não tem fundamento. Nega o professor Ferri o gênio na mulher... Meu
79	Deus! o gênio é coisa tão rara e tão relativa, que mesmo nos homens é difícil encontrá-
80	lo com um caráter definido, visto como é feito de lampejos.
81	Quer, porém, o notável conferencista que o gênio seja a criação, a inovação de obras
82	imortais. Mas então Ninon de l'Enclos foi um gênio transcendente, por que criou a
83	legenda de uma eterna mocidade.
84	Gracejo a parte, Delphina Gaz, depois Mme. de Giardin, a célebre Stael, Mme. de
85	Seigné, que criou a arte epistolar, Judith, que cortou a cabeça de Holopherne, Joanna
86	d'Arc, que venceu os ingleses, Sarah Bernhardt, na vida contemporânea, e Rose
87	Bonheur, a incomparável artista, e essa Clemence Isaure, de um valor tão ao alcance
88	da apreciação dos sábios – todas essas mulheres, e outras, muitas outras, dos mais
89	vários e longínquos países, foram e são geniais. A própria Dalila da Bíblia, foi genial
90	na criação do precioso tipo contra os Sansões... Mas o professor Ferri deve sem dúvida

91	abominar tal forma de gênio, que dominou a força do tradicional senhor a mulher, não
92	é assim?
93	Não obstante, porém, as injustiças de Ferri contra o sexo feminino, que ele estudou por
94	um falso prisma, sente-se lhe nas palavras a íntima e reta sinceridade, que não exclui,
95	aliás um grande respeito e mesmo uma viva ternura pela mulher, embora encarada
96	como nula, fraca e dependente do homem.
97	Talvez, quem sabe? que aos seus olhos de gigante, nós, de fato apareçamos pequeninas,
98	mais infantis do que realmente somos: mas que importa assim nos julgue um espírito
99	superior? O desaforo é quando algum imbecil se mete nesse papel – mas ele, Ferri, não!
100	Tem toda a competência, tanto mais que se compreende bem elevação das ideias que
101	emite serenamente, na convicção de dizer a verdade.
102	É sempre um sincero, servido por um extraordinário talento, por uma rara erudição. E
103	eis por que, a despeito das alavancas atiradas aos seus passos, ele venceu, acordando
104	entre nós o nobre sentimento da liberdade da consciência; e todos nós o aplaudimos
105	com inteligente fervor, com ânsia, aceitando o livre pensador recriminado porque, atrás
106	da sua sugestiva figura, alguma coisa estava que poucas vezes encaram os nossos olhos
107	afeitos às hipocrisias convencionais – e é branca e refulgente aparição fugitiva, a
108	singela imagem da verdade que se afirma, com tato, mas sem fingimentos, nem
109	artificialismos.
110	E por essa raridade que nos trouxeste, ó Enrico Ferri, sê bendito!

Crônica 5 (C5) / Conversando [*Correio da Manhã*] 27 maio 1909 [2872]

1	Com este lindo tempo, que dá mesmo vontade a gente de ser feliz, imensamente feliz,
2	e criar um luminoso par de asas muito leves, a fim de voar até o infinito azul, andam
3	todos a indagar qual é a melhor carreira para a mulher... É realmente deitar por terra
4	todo o vaporoso edificio dos sonhos e das ilusões. Carreira! Carreira! Mas a única
5	admissível, a única apreciada para a mulher, deusa, rainha, criatura de eleição, é não
6	fazer nada, não servir para nada – e assim pensou distinto colaborador desta folha, que
7	me fez a honra de citar como mulher-homem (porque faço alguma coisa), pondo-me
8	aliás em tão boa companhia, que só posso agradecer a imerecida gentileza.
9	Nomear-me ao lado de George Sand, a mulher genial que mais soube ter coração, ao
10	lado de mme. de Stael e sobretudo da atual e tão doce e carinhosa Carmen Sylvia, é

11	excessiva bondade, que faz engolir o qualificativo talvez menos soante e um pouquinho
12	rude de mulher-homem, espécie de virago, segundo os dicionários.
13	Já uma vez declarou o pensador Helvétius que a mulher só deve ser uma estoica
14	matrona ou, então, sultana, apresentando sérios inconvenientes o meio termo entre os
15	dois gêneros. Eu terei a audácia de ajuntar, ao que escreveu o ilustre amigo de Diderot
16	e de Voltaire, que, sob os nossos climas, ardentes, onde a mulher só vale mesmo como
17	mulher, objeto de apetite, é melhor, deveras, que ela seja exclusivamente sultana. E está
18	indicada a única e possível carreira para a mulher no Brasil, se quiser merecer o
19	sufrágio dos homens: é ser sultana de um ou de muitos sultões; é, como disse o
20	colaborador do <i>Correio</i> , só cuidar do seu <i>embelezamento</i> , para regalo dos olhos
21	masculinos, e não trabalhar, a fim de não perder os encantos que seduzem, e ter uma
22	cútis de leite, uns olhos doces que ponham quebrando, cabelos cor do dia ou da noite
23	que se enrosquem nos corações, dentes belos, boca de volúpia, corpo airoso que saiba
24	amar – e para que mais? A carreira da mulher está traçada em poucas linhas: é ser gozo
25	material do homem. Que quer ela ainda? Não lhe basta ser um animal, um delicioso
26	animal de prazer? Se trabalhar, se for professora, mortificando a paciência com
27	meninos irritantes e malcriados, acabará por perder a beleza, tornar-se-á magra e velha.
28	E o homem não a quer assim. Flor murcha não presta mais.
29	Se a mulher abraçar a profissão de costureira, perderá a maciez das mãos, que devem
30	acariciar os desejos masculinos – e aí dela com os deditos picados de agulha! Ficará
31	sendo um rebotalho.
32	Se for literata, merecerá o nome de pernóstica e cairá no ridículo. Se advogada, médica,
33	pintora, escultora, farmacêutica, enfermeira, qualquer coisa, enfim, que a faça viver
34	com elevação e honestidade, incorrerá do mesmo modo no egoístico desagrado do
35	outro sexo, sendo escarnecida e até vaiada por vozes implacáveis.
36	Resta, pois, à mulher, nesse concurso de profissões, a que misturam missões, resta-lhe
37	ser ama de leite, lavadeira, dançarina, mãe de família, sogra e freira.
38	Que a primeira profissão é uma das mais rendosas que eu conheço, não há dúvida; mas
39	quer a fatalidade, que governa os destinos da mulher, que ela só possa ser exercida
40	intermitentemente. Demais, esse encargo de amamentar, de fazer um seio redondo e
41	branco o manancial de força das boquinhas tenras, mas ávidas, que sugam
42	furiosamente, com a seiva nutritiva, a harmonia formosa da fonte natural em que se
43	abeberam – esse encargo enfeia, cansa, destrói a perfeição das linhas femininas, e o

44	homem não pode admitir tão bárbaro atentado contra o prazer dos seus olhos exigentes.
45	A lavadeira também deforma os dedos e ainda por cima cresta a pele dos braços, que
46	só devem pedir beijos, sob o andor dos sóis ou sob a inclemência das chuvas. Logo, o
47	ofício não serve, porque estraga um animal de gozo. Serviria, talvez, o de dançarina,
48	cujá graça aérea de silfo resguardada a mulher contra a rudeza dos trabalhos
49	deformatórios, que constituem um sacrilégio. O prestígio, aliás, de cena, os jorros da
50	luz elétrica iluminando a apoteose dos bailados, e essa carne, mal velada pelos <i>maillots</i>
51	e saíotes tufados de gaze, que se contorce voluptuosamente, em leves saltos de libélula,
52	que se oferece e recusa em atitudes de amor, braços nus enlaçantes e boca crispada num
53	sorriso de desejo – tudo isso representa a profissão que mereceria o sufrágio unânime
54	dos homens, ofício de sultana de um ou de muitos sultões, que a todos proporciona,
55	pelo menos, uma agradável miragem. Mas... (sempre há um <i>mas</i>) a profissão é árdua
56	sob a aparente elegância, e não se torna fácil ser dançarina.
57	Então, se levantarmos o véu dessa carreira, encontraremos, na realidade, uma outra que
58	não pode entrar decentemente em concurso público... Não! Não! Passemos adiante,
59	chegando à mãe de família, que já obteve dezenove votos. E é curioso observar como
60	há gente que supõe muito seriamente que ser mãe de família é uma profissão!
61	Profissão!... Mas, santo Deus, exercer essa missão não é meio de vida; é apenas cumprir
62	o destino natural da mulher, quando um dia teve a felicidade ou, não raro, a desdita de
63	encontrar um marido e, ao suceder dos meses e dos anos, veio caminhando através de
64	alegrias, poucas, e de dores, muitas, entre dificuldades com filhos, trabalhos,
65	aborrecimentos, gatos de paciência, até o termo da existência. Ser mãe de família é a
66	dedicação, a abnegação, nunca uma profissão. É entrar por uma estrada lisa e risonha,
67	debruada de flores viçosas, e sair numa fuma escura, onde recebe dentadas e vira
68	sogra...
69	Oh! leitores, sabem lá o que é ser sogra, na pluralidade dos casos e ressaltando, como
70	sempre, as exceções honrosas? Como ofício, não traz benefício, não! Ao contrário; e
71	como missão, é bem ingrata e inútil, porque não há boa sogra, por mais que a
72	desgraçada se esforce por sê-lo até com sacrifício de vida. Sei de uma que salvou o
73	genro de afogar-se num rio, onde ele caíra; pois o primeiro cuidado do homem salvo
74	foi morder a mão da sogra com furor, acusando-a de ter-lhe pisado um braço. E que
75	decadência, Santa Bárbara! A mulher que era ontem ainda bonita tem hoje, que se
76	tornou sogra, de esconder os restos da sua beleza, porque o genro ou a nora não lhes

77 perdoam; se era elegante, tem de envergar um saco de burel, para vencer prevenções;
 78 se é rica, tem de abandonar toda a sua fortuna, para ser tolerada, já não digo amada; e
 79 tem de viver sempre sorrindo, sorrindo sempre, e nunca falar de si, e tudo ouvir dos
 80 outros com interesse, e pedir com um beicinho trêmulo de velha mendiga que lhe
 81 permitam, pelo amor de Deus, aturar os netos, se quiser que lhe reconheçam um ligeiro
 82 préstimo...

83 Pois, meus amigos, nem assim a sogra presta – em regra geral, repito ainda. Então,
 84 como querem apresentar esse sacrifício inútil como profissão? Só demência ou gracejo.
 85 É preferível, como ofício, ser freira, cair no ascetismo, viver de rezas e de hóstias, ficar
 86 branca e passiva como um círio de altar que se acende ou apaga sem que a cera proteste.
 87 A freira não se incomoda, não tem aspirações, não assiste a momentos políticos, não
 88 ouve asneiras, não sabe o que é *chaleiras* e, sobretudo, não corre os riscos de virar
 89 sogra...

90 Resumindo, entretanto, todas as opiniões valiosas até agora emitidas sobre o assunto,
 91 e uma vez que estamos no Brasil e devemos consultar a índole e o gosto dos brasileiros,
 92 declaro que o colaborador do *Correio da Manhã* que escreveu o artigo sob o título *De*
 93 *relance* foi o único que falou certo quanto à carreira que deve seguir a mulher em nossa
 94 terra meridional, de verões esbraseados e matas selvagens, onde canta o sabiá, mas
 95 onde também urra a onça em delírios sensuais e temerosos.

96 Magnificência e... ferocidade.

97 Na Inglaterra, na Alemanha, em França, as raparigas louras e formosas, ou mesmo as
 98 mulheres já desbotadas e tristes, podem todas ganhar a sua vida, como se vê, na carreira
 99 das letras, desde que tenham algum talento. Muitas se tornam célebres, conhecidas, e
 100 ficam ricas. Podem também ser médicas, advogadas, dentistas, costureiras, telefonistas,
 101 o que em suma quiserem, porque a beleza e a mocidade não são consideradas lá uma
 102 profissão. Quando muito, esses dois privilégios podem acabar por sugerir
 103 perigosamente a ideia tentadora de uma certa profissão, mas que ninguém indica
 104 claramente como meio de vida, por ser carreira inconfessável, conforme dizem os
 105 princípios de moral.

106 A mulher, nesses países, tem a responsabilidade dos seus passos e precisa de trabalhar
 107 como ente pensante, ativo e orgulhoso da sua independência. Aqui, porém, não é assim;
 108 a única carreira que o conceito masculino consente realmente à mulher é a de ser nova,
 109 bonita, frívola, alegre e não dar para nada.

110	Não canse o cérebro com preocupações sérias, porque fica feia; não pique os dedos
111	com a agulha; não faça trabalho de espécie alguma, não leia, não escreva, não ensine,
112	até não pense, mas seja bonita, que ninguém lhe pede outra coisa.
113	A única profissão para a mulher brasileira? É ser bela e agradar ao homem. Falta-lhe o
114	pai? falta-lhe o marido? faltam-lhe os recursos para viver? Ora, não se incomode: trate
115	de ser formosa, que tem a existência ganha. Uns belos dentes claros, a cútis de leite,
116	bem descansada, sem traços de lágrimas ou vigílias – e aí tem a sua carreira, minha
117	senhora ou senhorita!
118	Está, ao contrário, acabada pelo trabalho, envelhecida pela preocupação, reduzida a
119	uma <i>solteirona conselhativa</i> ? Pois é sumir-se, minha cara senhora, que em nossa terra
120	a única profissão aceita, apontada, preconizada e... rendosa é a de sultana. Não pode
121	sê-lo? É feita ou tem pudores, dignidade, escrúpulos? Então desapareça da circulação.
122	Não faltam barcas de Cantareira para um mergulho de mulheres desanimadas no meio
123	da nossa baía azul, sob este sol de ouro, tão lindo!

Crônica 6 (C6) / Amiguinhas anônimas [*Correio da Manhã*] 03 jun. 1909 [2879]

1	(Carta aberta às concorrentes à questão da carreira feminina)
2	Há muitos dias que nado no mais sério, no mais complicado embaraço da minha vida,
3	sentindo-me apanhada na rede das minhas próprias palavras de quinta-feira última, que
4	tão claras julguei e, no entanto, a malícia de algumas e a ingenuidade de outras das
5	minhas gentis e desconhecidas leitoras interpretaram num sentido de todo o ponto
6	contrário ao que existia no meu pensamento.
7	Amáveis concorrentes, ouvi a minha prece, apresentada nestas linhas de hoje como
8	sobre uma salva de metal barato, que outra comparação não pode ter a minha prosa,
9	mas uma salva tão limpinha, tão branquinha, que brilha com os puros reflexos da
10	verdade. E quer esta verdade que eu vos suplique: emprestai ao meu <i>Conversando</i> da
11	semana passada os desígnios mais ferozes, mais negros e pavorosos; lançai-me a pecha
12	de exagerada e insensata; dai-me o nome de <i>feminista</i> (com que muito embirro, por não
13	o merecer na sua acepção ridícula, vingança da concorrência); declarai-me tola,
14	ignorante, tudo o que houver de pior, de mais deprimente e desanimador para quem
15	escreve para o público – mas nunca, nunca, ó candidatas ao concurso sobre a carreira
16	da mulher! nunca troqueis as minhas inocentes ironias por conselhos de um cinismo
17	que não está, felizmente, em minha índole.

18	Acreditardes ou terdes maliciosamente fingido acreditar que eu escrevi coisas
19	incompatíveis com a dignidade feminina, repetindo as minhas aceradas e claríssimas
20	<i>boutades</i> em vossas respostas a esta folha, como opiniões desta humilde mas sincera
21	escritora, que a mulher não deve fazer nada, nem servir para nada, contentando-se em
22	ser bela e ter uma cútis de leite, mãos finas e olhos brilhantes, para agradar ao homem
23	– isso é desnaturar a intenção da minha crônica inteira e atribuir-me ideias que estão
24	em absoluto desacordo com a lógica de tudo quanto hei dito desde que me sirvo da
25	pena.
26	Venho protestar, amiguinhas anônimas, que me fazeis a honra de citar meu obscuro
27	nome, prestigiado unicamente pela vossa generosa e imerecida admiração. E só uma
28	coisa lastimo: é que a minha ironia, apesar de tão patente, pudesse prestar-se a enganos,
29	exatamente como um ferro que, destinado a ferir, fosse considerado instrumento de
30	carinho ou de regalo, a modo de alguma <i>coçadeira</i> mecânica, mãozinha em forma de
31	garra, tendo por fim aliviar comichões da pele do dorso, região onde não chegam os
32	próprios dedos de quem as sente, e que só por acaso arranhe, às vezes, quando pretende
33	unicamente coçar...
34	Não, não, minhas senhoras! não invertais os meus intentos. Eu não pretendi coçar,
35	regalar, mas sim arranhar, de proposito muito firme. Jamais tive a ideia de acariciar
36	conceitos que me pareceram, ao contrário, dignos de sarcasmo e hoje, aqui, sem mais
37	devaneios de ironia, para que me não torçam ainda a maneira de pensar, declaro
38	positivamente abomináveis. Estais-me ouvindo? <i>abomináveis</i> . A mulher ter como
39	profissão o ócio? não fazer nada? não servir para nada? ser apenas bonita e agradar,
40	como um pequeno animal de luxo? Mas isso é extravagante, simples fantasia de poeta,
41	de cerebral, que foge às realidades da vida séria para buscar apenas a visão que perpassa
42	num efêmero raio de luz, encantando a vista. Nem esse mesmo poeta, esse cerebral, a
43	ter de escolher uma esposa ou de idear um tipo de irmã, iria buscá-las entre as criaturas
44	<i>bibelots</i> , estatuetas lindas e inúteis, todas ocas por dentro dessa fragilidade imprestável,
45	que só servem para a ornamentação das salas e ruas, e não saberiam pregar-lhe um
46	botão às roupas, ensinar as criadas, contribuir com o trabalho do seu cérebro ou das
47	suas mãos para a dignidade do lar, no dia em que a adversidade batesse à porta,
48	diminuindo ou até suprimindo os recursos fornecidos por ele, como marido, irmão,
49	chefe, enfim, da família.

50	É curioso, leitoras, que levem a trocar a mulher que faz alguma coisa, porque sabe fazê-
51	la, tem capacidade, é digna, é ativa e não quer viver de esmolas, quando lhe faltam
52	meios, preferindo trabalhar: é curioso observar essa guerra feita com armas que
53	ridicularizam, arregimentando todas as mulheres independentes pelo seu esforço na
54	mesma fileira escarnecida do feminismo, sem que se separem as capazes das
55	pretenciosas e nulas, quando o homem, entretanto, não apresenta remédio algum para
56	as situações que o ente feminino não pode desatar, sendo só galante, frívolo e ocioso –
57	a menos que não entre para a própria vida da galanteria, no sentido que dão a esta frase
58	os franceses.
59	Não! Palavra, que tenho vontade de segurar pela aba do fraque esses senhores que
60	zombam da mulher inteligente e laboriosa, e dizer-lhes:
61	“Venham cá, meus ilustres amigos, representantes da força, monopolizadores de todos
62	os direitos, e expliquem-me este enigma formidável, que leva a importunar-me a
63	cabeça: que deve fazer uma mulher que não quer só viver da sua beleza, subsistência,
64	mas também não deseja merecer o labéu vergonhoso de feminista? Deve casar?
65	Perfeitamente. É a solução natural. Mas se ela não achar marido e for ficando para tia,
66	embora bem contra a sua vontade? Deve ir ser parasita em alguma casa alheia, onde a
67	recebam, sentando-se ao fim da mesa das refeições, comidas por esmola, disfarçada,
68	não se intrometendo nas conversas da família, sempre humilde e apagada, enchendo a
69	alma de fel – só para não abraçar uma qualquer profissão e cair no ridículo, atirado
70	como lama a mulher que se evade corajosamente da dependência? Ou então deverá
71	essa rapariga formosa, que não encontrou marido, procurar um amante, para não fazer
72	nada, ou mesmo atirar a luva à sociedade, que, nesse caso, a repudiará, buscando em
73	muitos protetores simultâneos o meio de nunca mais servir senão como instrumento
74	bonito, que não estraga as mãos, nem cansa o cérebro de animal de gozo?
75	Ainda outra pergunta, meus senhores: no caso de já não ser nova nem bela a mulher, e
76	de ter perdido todo o apoio na vida, não lhe faltando as faculdades vigorosas para
77	ganhá-la sozinha, qual deve ser a conduta dessa criatura de ânimo forte para fazer face
78	aos seus encargos e sustentar valentemente a família, sem, todavia, incorrer nos apuros
79	que percebem o que chamam <i>feminis</i> , isto é, o tipo feminino que vive por si, sem o
80	socorro do homem? Deve essa mulher esconder seu esforço, o seu trabalho, a sua
81	superioridade, tudo quanto a eleva e dignifica, como uma tara grotesca, para não ser
82	escarnecida?

83	Oh! senhores, mas considerem o que me vão responder, porque não lhes dou trégua,
84	esperando a solução do enigma proposto em palavras claras, sem rodeios...”
85	E aqui, minhas gentis amiguinhas anônimas, eu lhes puxaria por tal forma a aba do
86	fraque, que esses cavalheiros, que fazem leis e opiniões, me haviam de atender, com
87	uma resposta direta, nos moldes das minhas perguntas, sem o vago das fantasias, que
88	só encobrem a incoerência e não raro a maldade.
89	Sou exagerada e injusta?
90	Não, falo com provas.
91	Ainda não há muitos dias, escutai-me, amigas! fui eu mesma visada por uma flecha
92	sarcástica, partindo, sem razão, a propósito de certa emenda do Congresso, mal
93	copiada, dizem, por uma senhorita dos <i>Pequenos Echos</i> , da <i>Notícia</i> , folha a que só
94	tenho dispensado atenções e delicadezas de boa colega. E porquê? Que tinha a ver o
95	meu nome sério com essa emenda do sr. Jesuíno Cardoso, que nem conheço? Pois eu
96	me orgulho, como escritora, de nunca haver dado motivo a debiques, ferindo o
97	feminismo pretencioso, em cuja fileira não me vejo alistada, sempre levantando, ao
98	contrário, o meu nome de brasileira. E se é porque não me apresento na cena jornalística
99	e literária com um empresário ou marido atrás de mim, a proteger-me contra quaisquer
100	motejos levianos, a verdade é que não sou também uma isolada, espécie de membro do
101	exército da Salvação, exposta a ironias: fui, sou e serei sempre mãe de família, que vivo
102	entre os meus, e não entre índios, que escrevo em português gramatical, e não em
103	língua Guarany. Como, de resto, não levo a exhibir-me, nem sou pretenciosa, não
104	dou o direito senão de me criticarem como escritora. Porque não inscreveu a <i>Notícia</i>
105	outros nomes na lista tríplice em que me <i>distinguiu</i> ? Se é por jornalizar e fazer livros
106	que eu sou feminista, digna de troça, venham outras para o meu lado; se é porque fiz
107	conferências, aliás sempre a convite, no tempo delas, outras igualmente as fizeram.
108	Agora, se é porque me falta o tal guarda-costas, pronto a caretas em minha defesa,
109	tenham paciência, que a minha pena o supre; e desvaneço-me de só com ela ter aberto
110	o meu caminho, trilhando-o, de resto, com tanta seriedade, e sendo tão gentil e correta
111	para com todos os meus colegas de ofício, que bem posso usar do direito de não admitir
112	certo gênero de gracejos comigo.
113	Já vedes, minhas queridas amigas, que o homem não é generoso, quando a mulher,
114	privada do seu apoio natural, trata, sozinha, de não pedir esmolas ou de não morrer a

115	fome. Ele se exaspera, por senti-la independente, tomando parte na concorrência com
116	a virilidade de passos que as circunstâncias impõem.
117	Mas que isto não vos desanime, gentis, senhoritas! e caso não vos apareça o sonhado
118	exposto, que no Brasil nunca é um sócio, um companheiro da boa e má fortuna, mas
119	simplesmente o espeque inventado pelos hábitos coloniais, a fim de que a mulher,
120	ininteligente e fútil, não sirva senão para objeto de gozo, lançai-vos numa carreira de
121	acordo com as vossas faculdades, sem temor do ridículo.
122	Ser linda e <i>smart</i> não é dado a todas as senhoras. Viver numa sala, com <i>toilettes</i>
123	registradas pela crônica mundana e ouvindo galanteios doces, entre duas xícaras de chá
124	com <i>petits fours</i> , é realmente encantador. A sociedade do homem que corteja, a flor à
125	lapela e olho incendiado, submisso, rastejante, é o que existe de mais delicioso, de mais
126	irresistível, de mais inefável, de mais inebriante...
127	Mas, sem a linha, sem as <i>toilettes</i> , sem a beleza, sem o prestígio do meio, ide pedir a
128	esse mesmo cavalheiro um socorro, e ele vos dirá rudemente que... os tempos andam
129	bicudos...
130	Assim, minhas amiguinhas, preparai-vos sempre para o que vier no futuro, decididas
131	ao trabalho, se ele preciso for. E, sobretudo, nunca invertei o claro sentido do que
132	obscuramente escrever esta vossa reconhecida
133	Carmen Dolores

ANEXO B – TEXTOS MENCIONADOS NAS CRÔNICAS C5 E C6

Texto de Theotonio Filho na coluna *De relance*, publicada em 21 maio 1909, no *Correio da Manhã* (edição nº 2866, p. 4)

1	Qual a melhor carreira da mulher? A resposta é difícil.
2	Há mulheres que dão para tudo e mulheres que não dão para nada. Prefiro as segundas.
3	As mulheres que dão para tudo tornam-se terríveis, impertinentes, com ares superiores,
4	às vezes mesmo tratando o homem com certo desdém. As mulheres que não dão para
5	nada conservam sempre aquela encantadora serenidade do sexo, aqueles olhos sempre
6	<i>femininos</i> , aqueles gestos arrebatados que perdem os homens.
7	E tenho convicção que as minhas preferidas absorvem por completo as outras. Estas são
8	diminutas, felizmente.
9	Proudhon dizia que a mulher nem ao menos inventou a sua roca.
10	Tal afirmativa alegra-nos. E não seria na verdade uma grande desgraça se acaso amanhã
11	nos víssemos totalmente inúteis, dentro de casa, enquanto a nossa mulher <i>faria pela</i>
12	<i>vida</i> , tratados como <i>bebês</i> , bonequinhos sem valor, uma coisa secundária? Um bom
13	remédio, aliás, para os preguiçosos, que traria graves consequências. Uma mulher, por
14	exemplo, que governasse o Brasil, cercada de ministros do mesmo sexo, o que não faria?
15	Declararia guerra à Argentina, guerra ao Peru e guerra à Bolívia; procuraria tornar o
16	Uruguai uma possessão nossa; venderia a última camisa do país para comprar vasos de
17	guerra; triplicaria o Exército; cujos oficiais seriam jovens gaúchas; faria tanta asneira
18	grossa, que, dentro de cinco anos, o país estaria no mais deplorável dos estados: as
19	finanças arrebentadas, o povo exausto, o Exército esmigalhado e a esquadra submergida.
20	Seriam <i>coisas do belo sexo</i> ...
21	Uma mulher deve ser professora? Não. Entregue diariamente a mortificar a paciência
22	com meninos irritantes e malcriados, acabará por perder a beleza, tornar-se magra,
23	envelhecer. Nós não a queremos assim. Uma mulher feia é uma flor murcha. Pomo-la
24	de lado para não desfolhar.
25	Da mesma maneira que não deve ser professora, não deve ser cigarreira, nem caixeira,
26	nem nada.
27	A instrução? tê-la-á, mas não muito adiantada. É muito bonito uma mulher literata, mas
28	quando não se deixa levar pelos sentimentalismos líricos de seu sexo. Por isso adoramos

29	George Sand, Judith Santhies, de Stael, de Stern, Carmen Sylvia e Carmen Dolores.
30	Estas são mulheres-homens.
31	Diariamente citamos factos de mulheres que têm instrução superior e até <i>filosófica</i> .
32	Lembro-me de uma, muito pernóstica, falando de escritores e de filósofos, que uma vez
33	acendeu forte discussão comigo, a respeito do que era o amor. (Entre parêntesis, peço
34	para não tomarem isso na malícia). Dando conceitos sobre conceitos, ela procurava
35	embaraçar-me. Como mulher que era ia-me embaraçando. Mas, eis que de súbito tomei
36	coragem, e atirei-lhe à queima-roupa, com este nome formidável: Schoupenhauer. Ela
37	empalideceu, cambaleou e não disse mais nada.
38	A única carreira da mulher deve ser a do <i>embelezamento</i> . A mulher precisa ser bela para
39	não perder o prestígio perante os homens. Só fito uma mulher quando é bela; e como eu
40	são todos.
41	Casando-se, naturalmente, virá a ternura pelo filhinho louro, o apreço às coisas do lar e
42	daí o fato de <i>ser dona de casa</i> . Donde se conclui facilmente que ser dona de casa não é
43	uma carreira, pois é o resultante de ser bela, isto é, de agradar. Sê bela e será dona de
44	casa.
45	A beleza é o reinado da mulher. O mundo, a sociedade, todos se curvam perante ela, que
46	faz guerras, conquistas, intrigas e vitórias. A mais formosa das princesas gregas, Helena,
47	devido à sua beleza, ocasionou a célebre guerra de Troia, que tantos males trouxe para
48	os povos do Oriente. Judith, a arquigraciosa heroína hebreia mata Holofernes. Anna
49	d'Áustria sofre as maiores torturas morais, ocasionadas por um amor funesto, inspirado
50	na sua beleza.
51	Uma cútis delicada, de leite, uns olhos doces que põem quebranto, uma boca que sorri,
52	mostrando dentes bem-feitos, uns cabelos da cor da noite ou da cor do dia e mesmo da
53	cor do mar, um corpo airoso, uma voz acariciante — para que mais? Tendo algum
54	espírito, uma mulher assim será perfeita.
55	Mas, se acaso se entregar a trabalhos pesados, a preocupações sérias de mais o seu
56	pequenino cérebro? Perderá a harmonia da curva, o fulgor atraente dos olhos, a maciez
57	das mãos que se tornarão ásperas e duras. Terá a fisionomia rijá e impassível de uma
58	velha, os dentes desordenados de uma solteirona conselhativa, a agudeza nas formas que
59	perderão a plástica e o encanto. Será uma mulher <i>chanluqueira</i> , desgraciosa, com a testa
60	sulcada de vincos, o rosto de pregas, e a alma de nebulosidades.
61	Por estas mulheres eu sinto uma grande piedade, mas nenhuma admiração.

62	Admiro a mulher formosa, a mulher que pisa corações, faz enternecer os olhos e
63	sobressaltar as ilusões. Esta é a soberana que reina sempre. Não tem os dedos picados
64	pela agulha nem a cabecinha entontecida pelo trabalho árduo.
65	Um dia achará um bem amado de olhar piedoso e amá-lo-á. Ele dar-lhe-á então um lar,
66	felicidades e bons filhinhos. Desde esta época, começará a missão da mulher sobre a
67	terra.
68	Antes, nunca.
69	Antes será preciso ser bela...

Resposta da leitora *Borboleta dos Amores*, no concurso feminino “Que deve ser a mulher?”, publicada no jornal *Correio da Manhã*, 29 maio 1909 (edição nº 2874, p. 4)

1	<i>Borboleta dos Amores</i> tem a respeito do concurso estas ideias revolucionárias:
2	<i>“Tenho acompanhado, com interesse, o espirituoso concurso feminino aberto no</i>
3	<i>apreciado Correio da Manhã, e admiram-me extraordinariamente as desacertadas</i>
4	<i>opiniões das senhoritas leitoras assíduas desse jornal.</i>
5	<i>Perguntais: Que deve ser a mulher? Ama seca, freira, professora, costureira, atriz, mãe</i>
6	<i>de família, cartomante, cozinheira, etc., etc., escrevem as gentis missivistas.</i>
7	<i>Pois fiquem convencidas de que estão completamente enganadas. A mulher atual deve</i>
8	<i>ter, unicamente, esta preocupação: ser formosa e agradar; eis tudo. Isto de muito</i>
9	<i>sacrifício, muita abnegação, excessiva austeridade, trabalhar desde pela manhã até à</i>
10	<i>noite, são coisas que estão fora de moda; existiram outrora quando as moças de 20 anos</i>
11	<i>usavam o cabelo liso para trás e brincavam com bonecas. Felizmente este tempo já</i>
12	<i>passou. Hoje estamos no século das luzes e do progresso. Portanto, morram as opiniões</i>
13	<i>de carrancismo.</i>
14	<i>A mulher que é professora torna-se enfezada, por ter de aturar, diariamente, dezenas de</i>
15	<i>crianças, impertinências dos pais e outras coisas que seria fastidioso enumerar. Não</i>
16	<i>pode dispor de si, é uma espécie de escrava. Na maioria das vezes, coitadas, arranjam</i>
17	<i>um casamento que não tem por base uma pequenina partícula de amor, e sim, o interesse</i>
18	<i>puro e sem rodeios. E as pobrezinhas, vão assim constituir um lar infeliz; o marido que</i>
19	<i>só tinha em mira o dinheiro da profissão que a esposa exercia, não tarda em deixar o</i>
20	<i>emprego que ocupava, e ei-lo fazendo parte da “companhia do desvio”. Quando a</i>
21	<i>mulher tem força de vontade e sabe reagir (o que infelizmente é raro encontrar-se),</i>
22	<i>aponta-lhe a porta da rua ou, sem demora, requer o divórcio, que é o anjo salvador da</i>

23	<i>mulher mal-casada. Conheço inúmeros desses casos, e no magistério é raro as</i>
24	<i>professoras serem bem consorciadas. Afirmo esta verdade, e se quiserem certificar-se,</i>
25	<i>percorram as casas das professoras.</i>
26	<i>Portanto, esta profissão, longe de ser um bem, torna-se um mal para a senhora que a</i>
27	<i>exerce. Ainda se elas quisessem conservar solteiras... mas isto é impossível, pois no</i>
28	<i>século atual, forçoso é confessar, que as mulheres, desde que atingem a idade de 15</i>
29	<i>anos, procuram seguir com afã a carreira... matrimonial. Para isto a sua preocupação</i>
30	<i>deve ser agradar, prender, fascinar e por fim... casar.</i>
31	<i>Quanto a certas profissões é rematada tolice. Quem tem obrigação de exercer uma</i>
32	<i>profissão é o homem; a mulher, jamais.</i>
33	<i>Sei que muitas senhoritas não se convencerão desta verdade, parece que estou vendo</i>
34	<i>pairar-lhes nos lábios um sorriso irônico e dizerem que sou uma insensata. Enganam-</i>
35	<i>se. Eu aconselho-as somente ao seguinte: Leiam com atenção o Correio da Manhã do</i>
36	<i>dia 27, e vejam o que a esse respeito diz a cintilante e querida Carmen Dolores. Leiam,</i>
37	<i>meditem e depois convençam-se da verdade, dita pelo talento pujante dessa aplaudida</i>
38	<i>e inimitável escritora, da qual eu sou admiradora entusiasta. Leia também o que diz</i>
39	<i>Theotonio Filho, e deem tréguas às tuas profissões descabidas e sem razão de ser.”</i>
40	<i>Incluiremos o voto de Borboleta dos Amores na classe mãe de família. É o que de sua</i>
41	<i>carta se conclui. Ser bela, agradar... para casar.</i>

Respostas de outras leitoras no concurso feminino “Que deve ser a mulher?”, publicadas no jornal *Correio da Manhã*, 30 maio 1909 (edição nº 2875, p. 7)

1	Carmen Dolores, escrevendo um destes dias sobre o concurso, disse que a mulher devia
2	ser sultana. Duas gentis concorrentes mandaram-nos dizer ontem que estão de perfeito
3	acordo com a colaboradora do <i>Correio</i> . São elas Ninon de Lençoes e Margarida G.

Notícia referenciada na C6, do jornal *A Notícia*, na coluna *Pequenos Echos*, 30 maio 1909 (edição nº 121, p. 1)

1	O feminismo sofreu ontem um lamentável insucesso na Câmara. Chamada a copiar uma
2	emenda, uma gentil senhorita errou escandalosamente nessa cópia que se devia tornar
3	memorável. As senhoras em geral não primam muito pela ortografia, o que é natural em
4	pessoas que primam por tantos outros encantos e merecimentos. Já Swift dizia das
5	senhoras inglesas que elas escrevem em linhas acavaladas numa pouco estética
6	assimetria e a <i>Zazá</i> lamenta-se de não conhecer bem aquelas sábias regras que ensinam

7	a escrever as palavras com as suas raízes latinas ou gregas, aliás muitas vezes de uma
8	origem bem duvidosa.
9	A senhorita da Câmara, agora extraordinariamente agregada ao serviço dos delates, nem
10	sempre edificantes daquela casa, fez mais que esquecer a ortografia da encaiporada
11	emenda: errou também no seu sentido e fez uma emenda pior que um soneto. Se é
12	preciso mais para provar a incapacidade da mulher para os trabalhos parlamentares... Os
13	partidários do feminismo estão derreados e dizem que se não podem julgar os homens
14	de gênio por Sr. Monteiro Lopes, significando com isso que para copiar aquela emenda
15	devia o Sr. Jesuíno Cardoso convidar, por exemplo, a Sra. Carmen Dolores, que é uma
16	senhora de talento, e não uma mocinha anônima em trabalhos de tanta magnitude.
17	Outros lembram que deveria ser chamada a Sra. Leolinda Daltro, que até conhece a
18	ortografia guarani, ou a Sra. Julia Cesar, que, sendo poetisa literata, conferencista e
19	ornitóloga, deve saber escrever pelo menos; ainda outros pensam que talvez a <i>Viuva</i>
20	<i>Alegre</i> se pudesse sair mais brilhantemente do encargo. Seja como for. Aqui como o ovo
21	de Colombo, as soluções salvadoras aparecem tardiamente, depois da lamentável
22	incapacidade caligráfica da desditosa senhorita. Os homens recordam que o Sr. Jesuíno
23	Cardoso deveria ter-se lembrado da frase célebre: “Souvent femme varie” e não confiar
24	cegamente a cópia de tão importante emenda a uma senhora.
25	Pode ser que realmente o ilustre deputado se houvesse esquecido disso, o que aliás não
26	é muito louvável num homem que tem obrigação de ter todos os seus sentidos aplicados
27	ao trato dos negócios públicos. Em todo o caso, a sua situação não é desesperadora e
28	pode encontrar um exemplo ilustre em Ulysses, um de cujos maiores prazeres justamente
29	era atribuir à mulher as tristes consequências dos seus próprios erros. Em todo caso essa
30	ignorada senhorita, que talvez seja a Mme. Mysterio, do “Binóculo”, fica na história da
31	República, como um atestado de incapacidade parlamentar e política das nossas
32	patrícias, que entretanto não se devem desesperar, sendo como são as mais encantadoras
33	e formosas mulheres do mundo. Em compensação o Sr. Monteiro Lopes está jubiloso.